

Sobre a localização temporal adverbial anafórica em português

Ana Teresa Alves

Apresentado à Universidade dos Açores para obtenção do grau de
Doutor em Língua Portuguesa

Orientador: Doutor João Andrade Peres,
Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

Ponta Delgada

2002

A autora deste trabalho recebeu uma bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Bolsa Praxis XXI / BD / 18226 / 98), que lhe permitiu permanecer na Universidade do Texas em Austin durante todo o ano de 1999. Para a reprodução deste trabalho recebeu também um subsídio dessa fundação.

Agradecimentos

O primeiro agradecimento vai para o Prof. João Andrade Peres, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientador desta tese. A minha dívida de gratidão para com ele é imensa e ultrapassa em muito aquilo que lhe fico a dever por ter conseguido chegar ao fim deste trabalho. É a ele, ao seu estímulo constante e à forma generosa como partilha o seu saber que devo quase tudo quanto sei sobre semântica e sobre linguística em geral. Ao longo dos anos, tem constituído para mim o melhor modelo de rigor, de seriedade e de empenhamento no trabalho de investigação.

Em segundo lugar, expresso o meu agradecimento ao Prof. Nicholas Asher, do Departamento de Filosofia da Universidade do Texas em Austin, que gentilmente me recebeu durante todo o ano de 1999. Entre outros privilégios, de inestimável valor para a minha formação, a estada em Austin deu-me a oportunidade de aprofundar os conhecimentos na – simultaneamente fascinante e complexa – área do discurso, em particular na interpretação temporal de sequências discursivas e na sua formalização. A forma generosa e amigável como me acolheu no seu grupo de investigação e no seu ambiente familiar nunca será esquecida.

De seguida, é justo que agradeça aos meus amigos e colegas Telmo Mória, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e Isabel Gómez Txurruka, do Institute for Logic, Cognition, Language and Information, em Donostia, com a investigação dos quais a minha própria investigação acabou beneficentemente por se encadear. O primeiro tem trabalhado sobre o tempo, em particular no domínio da localização temporal, e a presente dissertação em muito beneficiou do estudo por ele realizado. Com ele aprendi não só muito sobre o tempo, mas também a importância dos pequenos pormenores. A segunda tem trabalhado na área do discurso, em particular no quadro da Segmented Discourse Representation Theory, e foi enquanto trabalhei com ela em Austin que me iniciei nesse quadro formal, na altura completamente misterioso para mim.

É chegada a altura de agradecer aos meus colegas e amigos do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores pela forma exemplar como me trataram desde o meu primeiro dia de trabalho. Começo pelas duas pessoas que dirigiram o DLLM desde 1994, o Dr. Carlos Ventura e o Prof. Doutor António Machado Pires. Ao primeiro agradeço o modo paciente e empenhado como me apoiou, sobretudo aquando da dispensa de serviço docente. Ao Prof. Doutor António Machado Pires tenho de agradecer a continuidade que deu a esse apoio e o modo como permitiu que me ausentasse sempre que tive a oportunidade de participar em encontros nacionais ou internacionais.

De igual modo, devo um agradecimento especial às restantes docentes que integram o núcleo de linguística do DLLM, a Prof.^a Doutora Augusta Cavaco, a Prof.^a Doutora Gabriela Funk, a Prof.^a Doutora Clara Rolão Bernardo e a Prof.^a Doutora Helena Mateus Montenegro. Por razões relacionadas com a distribuição de serviço docente, tive a oportunidade de trabalhar em equipa com cada uma delas, e a todas estou reconhecida pela forma como me ajudaram e acompanharam e, não menos relevante, pelo modo como respeitaram o meu trabalho e as minhas opções, mesmo quando estas não coincidiam com as suas.

Fico também grata a todos aqueles que, com o seu exemplo, com a sua amizade ou com uma simples palavra de encorajamento me animaram a prosseguir o meu trabalho. Entre eles estão a Prof.^a Doutora Rosa Goulart, o Prof. Doutor Fernando Vieira Pimentel, o Prof. Doutor Paulo Meneses, a Prof.^a Doutora Margarida Maia Gouveia, a Prof.^a Doutora Adelaide Monteiro de Freitas e a Prof.^a Doutora Maria do Céu Fraga. À Leonor Sampaio, à Madalena Silva, à Paula Carrajana, ao Vítor Ruas, à Catia Benedetti e à Esperança Alves Pereira, bem como às respectivas famílias, tenho de agradecer a sua presença, o seu apoio e a sua amizade constantes. Sem eles, a minha presença nos Açores teria sido certamente mais difícil.

Às pessoas que integraram o grupo de trabalho sobre o discurso coordenado pelo Prof. Nicholas Asher, em particular o Tim Fernando e a Yi Mao, e às que ainda não referi e que fizeram parte da equipa dos projectos de investigação em semântica coordenados pelo Prof. Doutor João Andrade Peres – o doutorando Rui Marques, a Prof. Doutora Fátima Oliveira, e a Prof. Doutora Ana Cristina Macário Lopes – agradeço a possibilidade que me deram de com eles trocar ideias sobre o meu trabalho, as sugestões dadas e o optimismo que sempre me transmitiram.

O último agradecimento, mas não o menos importante, vai para a minha família, para a minha avó, os meus pais e os meus irmãos. Foi com eles, com os seus ensinamentos e com o seu exemplo que aprendi a importância do trabalho. Agradeço-lhes ainda por todo o apoio e incentivo recebido, mesmo quando, por razões profissionais, tive de me deslocar para longe. É por esta razão que este trabalho lhes é dedicado.

Parte I

**Objecto de estudo
quadro teórico
e instrumentos formais**

Índice

Agradecimentos	ix
Parte I – Objecto de estudo, quadro teórico e instrumentos formais	1
Capítulo 1: As questões em estudo – breve introdução descritiva	3
1.1. A localização temporal adverbial anafórica	3
1.2. Motivação inicial	13
Capítulo 2: Instrumentos formais: a DRT e a SDRT	17
2.1. A DRT	17
2.1.1. O processamento do discurso	17
2.1.2. A anáfora	19
2.1.3. O tempo	22
2.1.3.1. Ontologia Temporal	22
2.1.3.2. Tempos utilizados na representação temporal	24
2.1.3.3. Predicados	28
2.2. A SDRT	29
2.2.1. O processamento do discurso	30
2.2.2. A identificação dos pontos em aberto	31
2.2.3. As relações discursivas	35
Capítulo 3: Conceitos básicos de semântica temporal	45
3.1. Aktionsart	45
3.2. O tempo verbal em português – a proposta de Peres 1993	50
3.3. Subdomínios de significação temporal: localização, medição, circunscrição	54
3.3.1. Localização	54
3.3.2. Os localizadores temporais adverbiais – a sua função e a sua estrutura	55
3.3.2.1. A função dos operadores temporais na definição da relação de localização	58
3.3.2.2. A função dos operadores temporais e das cabeças de TDE complexas na definição do intervalo de localização	60
3.3.3. Medição	63
3.3.4. Circunscrição	63

Capítulo 4: Delimitação da localização temporal adverbial anafórica	69
4.1. Anáfora temporal verbal	69
4.1.1. Abordagens clássicas à anáfora temporal: as propostas de Partee 1973 e 1984, Hinrichs 1981 e 1986 e Kamp e Reyle 1993	70
4.1.2. Relações discursivas e anáfora temporal: as propostas de Lascarides e Asher 1991 e 1993	72
4.2. Anáfora temporal argumental	74
4.3. Anáfora temporal adverbial	75
4.3.1. Localização temporal adverbial anafórica	75
4.3.2. Medição temporal adverbial anafórica	77
4.3.3. Circunscrição temporal adverbial anafórica	78
4.4. Estudos anteriores sobre os localizadores temporais adverbiais	79
4.4.1. Categorização dos localizadores temporais adverbiais	80
4.4.1.1. Borillo 1983 [retomada em Bras 1990]	80
4.4.1.2. Kamp e Rohrer 1983	82
4.4.1.3. Asher et al. 1995	84
4.4.2. A interação dos localizadores temporais adverbiais com a estrutura do discurso	85
4.4.2.1. Moens e Steedman 1988	86
4.4.2.2. Glasbey 1993 e 1994	90
4.4.2.1.1. O caso de <i>then</i> final	90
4.4.2.1.2. O caso de <i>at the time vs. at the same time</i>	93
4.4.2.3. Bras et al. 2001a	95
Parte II – Identificação e computação dos localizadores temporais anafóricos	97
Capítulo 5: Localizadores temporais adverbiais anafóricos	101
5.1. Os localizadores anafóricos derivados a partir das expressões que ocorrem no seu complemento	102
5.1.1. Os complementos dos localizadores temporais: as expressões denotadoras de tempo e as expressões supridoras de tempo	104
5.1.2. Expressões denotadoras de tempo absolutas e expressões denotadoras de tempo relativas	109

5.1.3.	TDE absolutas: TDE autónomas e TDE anafóricas	119
5.1.3.1	A estrutura sintáctica das TDE anafóricas	121
5.1.3.2.	Subtipos semânticos das TDE anafóricas	123
5.1.3.3.	Processamento das TDE absolutas anafóricas	137
5.1.4.	TDE relativas a um intervalo de tempo explicitável: TDE autónomas, TDE anafóricas e TDE dêicticas	145
5.1.4.1.	A estrutura sintáctica das TDE anafóricas	151
5.1.4.1.1.	A estrutura sintáctica das TDE ordenadoras e de identidade	151
5.1.4.1.2.	A estrutura sintáctica das TDE de medição e contagem	153
5.1.4.2.	Subtipos semânticos das TDE anafóricas	154
5.1.4.2.1.	Subtipos semânticos de TDE ordenadoras e de identidade	154
5.1.4.2.2.	Subtipos semânticos de TDE de medição e contagem	156
5.1.4.3.	O processamento das TDE anafóricas	159
5.1.4.3.1.	Questões prévias	161
5.1.4.3.2.	Regras de construção das DRS	161
5.1.4.4.	Sobre o valor semântico próprio das expressões relacionais	185
5.1.4.5.	A anáfora envolvendo expressões relacionais como uma instância da anáfora substitutiva	187
5.1.5.	TDE relativas a um tempo implícito: TDE anafóricas e TDE dêicticas	190
5.1.5.1.	A estrutura sintáctica das TDE anafóricas	191
5.1.5.2.	Subtipos semânticos das TDE anafóricas	192
5.1.5.3.	Processamento das TDE anafóricas	194
5.2.	Localizadores anafóricos dependentes de um ponto de perspectiva temporal anafórico	195
5.3.	Conclusões	198

Parte III – Funcionamento discursivo dos localizadores temporais adverbiais anafóricos	201
Capítulo 6: Diversidade da localização temporal adverbial anafórica	203
6.1. Diversidade da localização temporal adverbial anafórica no plano sintáctico	203
6.1.1. Subtipos categoriais de anáforas	203
6.1.2. Subtipos configuracionais de anáforas	204
6.2. Diversidade da localização temporal adverbial anafórica no plano semântico	208
6.2.1. Subtipos de localizadores anafóricos	208
6.2.1.1. Localizadores com conteúdo predicativo e localizadores sem conteúdo predicativo	208
6.2.1.2. Localizadores estritamente temporais, localizadores estritamente situacionais e localizadores mistos	209
6.2.2. Subtipos de relações anafóricas	211
6.2.2.1. Anáfora clássica e anáfora reconstrutiva	211
6.2.2.2.1. Anáfora reconstrutiva situacional	213
6.2.2.1.2. Anáfora reconstrutiva de localizadores de calendário	223
6.2.2.1.3. Anáfora funcional	225
6.2.2.1.4. Anáfora reconstrutiva de intervalos de tempo a partir de fronteiras temporais	225
6.2.2.2. Anáfora entre dois localizadores e anáfora entre um localizador e uma TDE ou EST	238
6.3. Diversidade da localização temporal adverbial anafórica no plano discursivo	242
Capítulo 7: Localização temporal adverbial anafórica e relações discursivas	245
7.1. Tempo adverbial e relações discursivas – quadro geral de interacções	246
7.2. Função das relações discursivas na computação multifactorial de valores temporais	251
7.2.1. Valores temporais implícitos nas relações discursivas	251
7.2.2. Valores temporais implícitos na ordenação textual	260

7.3. Função do tempo na determinação de relações discursivas – os casos de substituição	261
7.4. Extensão do sistema de relações discursivas	265
7.5. Novo quadro geral de interações	281
7.5.1. Os localizadores que envolvem sobreposição temporal	282
7.5.2. Os localizadores que envolvem posterioridade temporal e os que envolvem anterioridade temporal	297
7.6. Conclusões	300
Capítulo 8: Os localizadores com <i>mesmo</i>	301
8.1. A interação de <i>mesmo</i> com a estrutura discursiva	302
8.2. O efeito de <i>mesmo</i>	310
8.3. Trabalhos anteriores sobre <i>mesmo</i>	318
8.4. Conclusões	320
Conclusões principais	321
Referências bibliográficas	329

Capítulo 1

As questões em estudo – breve introdução descritiva

1.1. A localização temporal adverbial anafórica

O tema central desta dissertação é a localização temporal adverbial anafórica cujo estudo será baseado na análise de textos constituídos por dois períodos adjacentes, como a seguir se exemplifica:

- (1) A Ana visitou Paris em [1980]_i. Visitou Londres n[o mesmo ano]_i.
- (2) [O Paulo chegou a casa]_i à [meia-noite]_i. A Ana chegou antes d[isso]_i.
- (3) A Ana chegou a Lisboa n[o dia 12 de Maio]_i. O Paulo chegara na véspera [desse dia]_i.

O que (1), (2) e (3) têm em comum é a presença de um localizador temporal não-argumental referencialmente dependente do contexto linguístico que o precede. Esses localizadores são, respectivamente, *no mesmo ano*, *antes disso* e *na véspera desse dia*, estando assinalada em cada sequência a relação anafórica por eles estabelecida com o contexto linguístico. O tipo de anáfora que envolve a localização temporal adverbial – presente nas sequências acima – será chamado **anáfora temporal adverbial de localização**. Distintos deste, são outros tipos de anáfora temporal, tanto no domínio da localização – cf. (4) – como nos domínios da medição – cf. (5) – e da circunscrição temporal – cf. (6).

- (4) A Ana marcou a viagem para [o dia 1 de Janeiro]_i. O Paulo marcou a dele para [o mesmo dia]_i.
- (5) A Ana esteve em Paris durante [seis semanas]_i. O Paulo esteve lá durante metade d[esse tempo]_i.
- (6) O Paulo publicou três artigos n[o espaço de nove meses]_i. N[o mesmo tempo]_i a Ana publicou apenas um.

A sequência (4), constituindo também uma instância da anáfora no domínio da localização, envolve uma expressão anafórica argumental. Por sua vez, as sequências (5) e (6) ilustram, respectivamente, o que designo **anáfora temporal adverbial de medição** e **anáfora temporal adverbial de circunscrição**. Sobre estes três tipos de anáfora – que estão fora do âmbito deste trabalho – apenas me deterei brevemente no

Capítulo 4, dedicando o essencial do presente trabalho à anáfora temporal adverbial de localização.

A primeira grande questão suscitada pelo estudo da anáfora temporal adverbial de localização – e que será abordada na segunda parte deste trabalho – diz respeito à **identificação** e à **computação semântica** dos localizadores nela intervenientes, a qual, naturalmente, não pode dissociar-se de questões de **tipologia semântico-sintáctica** dos mesmos.

No que respeita à **identificação** dos localizadores temporais adverbiais anafóricos, importa começar por estabelecer uma distinção básica entre aqueles localizadores que podem – ou têm de – ocorrer em contextos de anáfora e os que não ocorrem nunca nesse contexto, por serem ou estritamente **autónomos** (quanto à sua referência) ou estritamente **dêicticos**. Vejam-se (7)-(9) e (10)-(11):

- (7) O Paulo licenciou-se em 1987. Vive em Lisboa desde {então / essa altura}.
- (8) A Ana chegou a Lisboa no dia 11 de Junho. O Paulo chegara na véspera desse dia.
- (9) A Ana chegou a Berlim na véspera do dia da queda do muro.

Os localizadores *desde então* e *desde essa altura*, presentes em (7), são sempre anafóricos, no que se distinguem de localizadores do tipo de *na véspera de [...]*, que podem ocorrer quer como anafóricos – cf. (8) – quer como referencialmente autónomos – cf. (9). Todos eles se distinguem dos localizadores estritamente autónomos de (10) e dos localizadores estritamente dêicticos de (11) e (12):

- (10) O Paulo licenciou-se {em 1987 / no ano em que conheceu a Ana}.
- (11) O Paulo doutorou-se no ano passado.
- (12) A irmã da Ana vai licenciar-se no próximo mês / mês que vem.

Passando a questões de **tipologia semântico-sintáctica** dos localizadores temporais anafóricos em estudo e da sua decorrente **computação semântica**, importa começar por os associar em função do modo de processamento da relação anafórica que estabelecem. Na linha de propostas já existentes na literatura, estes localizadores são agrupados em duas grandes classes: a dos que envolvem o processamento de uma expressão anafórica que ocorre no seu complemento – cf. (13)-(14) – e a dos que envolvem o processamento de uma relação com um ponto de perspectiva temporal fornecido pelo contexto linguístico – cf. (15)-(16).

- (13) A Ana mudou-se para Paris em 1980. Conheceu o Michel nesse ano.
- (14) O Paulo esteve em Londres há dois anos. A Ana esteve lá na mesma altura.
- (15) A Ana mudou-se para Paris em 1980. Vivia em Lisboa desde 1970.
- (16) A Ana mudou-se para Paris em 1980. Permanecerá nessa cidade até 2004.

Como se pode observar, os localizadores *nesse ano* e *na mesma altura*, presentes em (13) e (14), incluem na parte que corresponde ao complemento do operador temporal uma expressão anafórica – respectivamente, *esse ano* e *a mesma altura*. Quanto a (15)-(16), a dependência que os localizadores *desde 1970* e *até 2004*¹ exibem em relação ao contexto linguístico envolve, no primeiro caso, a fronteira final do intervalo representado por *desde 1970* e, no segundo caso, a fronteira inicial do intervalo que *até 2004* representa. A fronteira final e a fronteira inicial destes intervalos são fornecidas por um ponto de perspectiva temporal, concretamente a situação de a Ana se mudar para Paris.

A tipologia relativa à estrutura semântico-sintáctica dos localizadores temporais anafóricos é outro elemento essencial para a sua adequada **computação semântica**, nomeadamente num quadro de composicionalidade. A existência de localizadores como *nesse mês*, *até então*, *antes disso*, *na véspera desse dia*, *no dia seguinte ao desse acontecimento* e *na mesma semana* revela não só a diversidade sintáctica das expressões anafóricas – SN, proformas e anáforas nulas – mas também que essa estrutura pode assumir diversos graus de complexidade. Os mesmos exemplos revelam ainda que a computação de alguns localizadores envolve o processamento de uma relação com outro intervalo de tempo. Essa relação pode ser de anterioridade (cf. *na véspera desse dia*), posterioridade (cf. *no dia seguinte ao desse acontecimento*) ou de identidade (cf. *na mesma semana*). Entre as questões que importa focar a propósito destes localizadores, conta-se a suscitada por exemplos como os seguintes:

- (17) O Paulo licenciou-se em 1987. A Ana licenciou-se no ano seguinte.
- (18) A Ana chegou a Lisboa no dia 12 de Maio. O Paulo chegara na véspera.
- (19) A Ana chegou a casa à meia-noite. O Paulo chegou depois.

Os localizadores anafóricos aqui presentes têm a particularidade, por um lado, de envolverem as expressões relacionais binárias *seguinte*, *véspera* e *depois* e, por outro, de não estar expresso um dos argumentos destas mesmas expressões, ao contrário do que acontece nas sequências seguintes:

¹ De acordo com Mória 2000, os localizadores com *desde* e os localizadores com *até* são elípticos no que respeita à definição, respectivamente, da fronteira final e da fronteira inicial do intervalo que representam. A sua proposta será adoptada neste trabalho.

- (20) O Paulo licenciou-se em 1987. A Ana licenciou-se no ano seguinte a esse (inesquecível) ano.
- (21) A Ana chegou a Lisboa no dia 12 de Maio. O Paulo chegara na véspera desse dia.
- (22) A Ana chegou a casa à meia-noite. O Paulo chegou depois disso.

A questão suscitada por (17)-(19) é a da reconstrução nessas sequências do argumento da expressão relacional (*seguinte*, *véspera* ou *depois*) que não está lexicalmente expresso. Dadas as propriedades de subcategorização das expressões relacionais em causa, faz sentido analisar os localizadores destes exemplos como envolvendo um argumento nulo com propriedades anafóricas. Tal significa que as sequências (17)-(19) teriam representações semânticas idênticas às de (20)-(22), o que se coaduna com as nossas intuições acerca da equivalência semântica desses dois conjuntos de textos. Uma das vantagens dessa análise reside no facto de permitir uniformizar dois tipos diferentes de anáfora propostos na literatura, a anáfora relacional e a anáfora substitutiva (cf. Bras 1990: 100). Atentemos em (23) e (24):

- (23) O Paulo chegou no dia 1 de Janeiro. A Ana também chegou nesse dia.
- (24) a. O Paulo chegou no dia 1 de Janeiro. A Ana chegou no dia seguinte.
 b. O Paulo chegou no dia 1 de Janeiro. A Ana chegou no dia seguinte \emptyset_a esse dia.

De acordo com o que Bras 1990 sugere, (23) é uma instância de anáfora substitutiva, dado que a expressão anafórica substitui o antecedente, neste caso *o dia 1 de Janeiro*. Por seu lado, a sequência (24 a) constituiria uma instância de anáfora relacional, em virtude de, para a sua interpretação, ter de ser computada uma relação binária – representada por *seguinte* – entre a expressão anafórica – *o dia seguinte* – e o seu antecedente (*o dia 1 de Janeiro*). Se, na linha do que acima foi proposto, se assumir que *seguinte* tem aqui um argumento anafórico nulo – representado em (24 b) –, então pode dizer-se que em ambos os casos a anáfora é de tipo substitutivo.

Uma segunda questão relativa à computação dos operadores em análise é motivada por exemplos do tipo de (25):

- (25) A Ana chegou a Lisboa no dia da Revolução. O Paulo chegou na véspera desse acontecimento.

O nome relacional *véspera* denota uma relação entre os intervalos designados pelo predicado *dia*. Neste exemplo, porém, o complemento expresso de *véspera* é uma expressão que não representa um intervalo dessa classe. Na análise que será proposta, estamos perante um ocorrência de elipse, devendo a representação desta sequência ser idêntica à da seguinte:

- (26) A Ana chegou a Lisboa no dia da Revolução. O Paulo chegou na véspera do dia desse acontecimento.

A terceira questão tipológica e computacional acerca dos localizadores em consideração diz respeito à presença ou ausência de conteúdo predicativo. Esta distinção revela-nos que a língua dispõe quer de expressões anafóricas especializadas em referir expressões temporais de um tipo preciso – é o caso das expressões com conteúdo predicativo – quer de expressões anafóricas que podem referir entidades temporais de qualquer tipo – é o caso das expressões sem conteúdo predicativo ou proformas. Veja-se:

- (27) O Paulo visitou Paris em [1980]_i. Visitou Londres n[o mesmo ano]_i.
(28) A Ana chegou n[o dia 1 de Janeiro]_i. O Paulo também chegou n[esse dia]_i.
(29) [O Paulo visitou Paris]_i em [1980]_i. A Ana visitou Londres n[essa altura]_i.
(30) [O Paulo foi a Paris]_i em [1980]_i. A Ana foi [então]_i a Madrid.

Os localizadores presentes em (27)-(28) envolvem anáforas que só retomam antecedentes associados a expressões temporais de um determinado tipo, em particular expressões que denotem intervalos de uma determinada grandeza. Pelo contrário, os localizadores em (29)-(30) contêm anáforas que retomam qualquer tipo de expressão temporal e até mesmo antecedentes supridos por descrições de situações.

Identificados os localizadores que intervêm na anáfora de localização temporal adverbial e propostas as regras que permitem o seu processamento, na Parte II do trabalho, seguir-se-á, na Parte III, a tentativa de dar conta do funcionamento das expressões em estudo. Tal corresponde à identificação e descrição dos subtipos de anáfora em que os diferentes localizadores podem intervir e ainda à apresentação do modo como os localizadores interagem com a estrutura discursiva, mais concretamente com as relações discursivas que se estabelecem entre dois períodos adjacentes.

Na impossibilidade de dar conta de todos os subtipos das anáforas em causa, desenvolverei, a título ilustrativo, dois tipos de anáfora reconstrutiva: a anáfora

reconstrutiva situacional e a anáfora reconstrutiva de intervalos a partir de fronteiras temporais (cf. capítulo 6). Apresento aqui sinteticamente estas variedades das construções em estudo.

Os casos de anáfora situacional são aqueles em que o antecedente da anáfora é apresentado pela descrição de uma situação, como, por exemplo, em (31) e (32).

- (31) [O Paulo fez o jantar]_i no sábado à noite. [Entretanto]_i a Ana pôs a mesa.
(32) [O Paulo escreveu uma carta]_i no domingo à noite. Enquanto [isso]_i a Ana fez um puzzle.

Relativamente a este tipo de anáfora, é importante, antes de mais, identificar os localizadores que nela podem intervir e, seguidamente, dar conta das restrições, em particular restrições de *aktionsart*, que os mesmos impõem sobre as expressões a partir das quais os seus antecedentes são reconstruídos. Vejam-se os exemplos abaixo:

- (33) [O Paulo fez o jantar]*_i no sábado à noite. N[esse dia]_i a Ana pôs a mesa.
(34) [O Paulo escreveu uma carta]*_i no domingo à noite. N[essa noite]_i a Ana fez um puzzle.

Se compararmos (33) e (34) com (31) e (32), verificamos que nem todos os localizadores podem intervir no tipo de anáfora ilustrado por estes últimos textos. Quanto às restrições de *aktionsart* impostas sobre a situação a partir da qual o antecedente da anáfora é construído, exemplos como (35) ilustram que as situações pontuais não fornecem antecedentes adequados.

- (35) *O Paulo recebeu uma carta da mãe na segunda-feira. {Enquanto isso / entretanto} a Ana recebeu uma carta da irmã.

A última questão a abordar no âmbito da anáfora situacional é a da comutação aspectual. Observemos os exemplos (36) e (37):

- (36) a. O treinador Manuel Francisco foi muito elogiado durante o tempo em que o FCP ganhou o Campeonato Nacional de Futebol.
b. *O FCP ganhou o Campeonato Nacional de Futebol. Durante esse tempo o treinador Manuel Francisco foi muito elogiado.

- (37) a. A Monica foi a tenista mais bem paga do mundo durante o tempo em que ganhou o torneio de Wimbledon.
- b. *A Monica ganhou o torneio de Wimbledon. Durante esse tempo foi a tenista mais bem paga do mundo.

Tanto em (36 a) como em (37 a), a situação descrita na frase temporal sofre uma comutação aspectual, que consiste na passagem de uma situação [+ pontual] a uma situação [- pontual]. Como se pode observar, essa comutação aspectual é bloqueada em (36 b) e em (37 b), que são versões anafóricas de (36 a) e (37 a). Este contraste e outros do mesmo tipo levaram à proposta de um princípio segundo o qual, em caso de anáfora, as propriedades internas das expressões que apresentam os antecedentes podem ser lidas mas não podem ser alteradas.

O segundo tipo de anáfora reconstitutiva a tratar, a anáfora reconstitutiva de intervalos de tempo a partir de fronteiras temporais, é a seguir exemplificado:

- (38) A Ana licenciou-se em 1987. Entretanto ganhou a lotaria e abandonou a carreira.
- (39) A escola contratará um novo professor em 2004. Enquanto isso, a Ana dá as aulas à turma A.
- (40) A Ana saiu de casa às 9 h da manhã e regressou às 2 h da tarde. Entretanto assaltaram-lhe a casa.

Em todos estes casos, o intervalo de tempo que o localizador anafórico representa é inferido a partir das suas fronteiras: no primeiro caso a fronteira inicial é apresentada pela descrição da situação de a Ana se licenciar e a fronteira final é dada pelo ponto de perspectiva temporal; no segundo caso, a fronteira final coincide com o ponto de perspectiva temporal, sendo a fronteira final fornecida pela situação de a escola contratar um novo professor; finalmente, no último caso, a situação de a Ana sair de casa dá a fronteira inicial e a situação de ela regressar a casa dá conta da fronteira final.

Além da caracterização dos subtipos desta anáfora – ilustrados nestes exemplos –, é importante identificar as expressões que podem ocorrer em cada um deles. Como se vê pelos exemplos, nem todas as expressões podem ocorrer em todos os casos.

- (41) *A Ana licenciou-se em 1987. Enquanto isso ganhou a lotaria e abandonou a carreira.
- (42) *A escola contratará um novo professor em 2004. Nesse meio tempo, a Ana dá as aulas à turma A.

A questão final a abordar no âmbito do funcionamento dos localizadores temporais adverbiais anafóricos – cf. Capítulos 7 e 8 – é a da sua interacção com as relações discursivas (doravante RD). Entre os exemplos reveladores da pertinência desta questão, contam-se os seguintes:

- (43) a. A Ana esteve em Londres no mês passado. Ficou hospedada no Hilton.
b. A Ana esteve em Londres no mês passado. Ficou então hospedada no Hilton.
c. A Ana esteve em Londres no mês passado. Durante esse tempo ficou hospedada no Hilton.
d. *A Ana esteve em Londres no mês passado. Entretanto ficou hospedada no Hilton.

Seguindo propostas recentes na área do estudos sobre o discurso – cf., por exemplo, Lascarides e Asher 1991 e 1993 –, pode dizer-se, relativamente a (43 a), que o segundo período descreve uma situação que faz parte da descrita no primeiro. Em termos discursivos, tal significa que o segundo período se liga ao primeiro por meio da relação discursiva a que os mesmos autores, entre outros, chamam *Elaboração*. O mesmo se pode dizer acerca de (43 b) e de (43 c), que se distinguem de (43 a) pelo facto de incluírem os localizadores anafóricos *então* e *durante esse tempo*, respectivamente. No entanto, em (43 d), a presença de *entretanto* parece bloquear a relação de acordo com a qual a segunda situação é parte da primeira, impedindo conseqüentemente a ligação dos dois períodos através de *Elaboração*. O que se pode concluir a partir da observação destes exemplos é, em primeiro lugar, que em alguns casos a presença de localizadores explícitos não afecta as relações entre as situações nem a estrutura discursiva – cf. (43 b) e de (43 c) –, mas que outros casos há em que um localizador afecta esses dois elementos – cf. (43 d). Em segundo lugar, pode observar-se ainda que dois localizadores que não se distinguem entre si no que respeita às condições semânticas que lhes estão associadas, como *durante esse tempo* e *entretanto*, podem agir de forma diferente sobre a estrutura discursiva. Tal parece mostrar que, como fora já sugerido na literatura para localizadores com *when / quando* e *then / então*, o valor destas expressões não é estritamente temporal. A observação de exemplos como (43) levou-me a colocar a hipótese de que os localizadores temporais anafóricos interagem sempre com a estrutura discursiva e a distinguir dois tipos possíveis de interacção: compatibilidade e incompatibilidade, o segundo dos quais subdividido ainda nos

subtipos da incoerência e da substituição. Os exemplos (44)-(46) ilustram todos estes tipos de interacção:

- (44) a. O Bafo de Onça assaltou um banco em Novembro de 1999. Foi preso.
b. O Bafo de Onça assaltou um banco em Novembro de 1999. Foi preso no mês seguinte.

Perante sequências como (44 a) e (44 b), o leitor conclui que a prisão do Bafo de Onça, referida no segundo período, se fica a dever ao assalto ao banco por ele praticado, situação descrita no primeiro período. Em termos discursivos, e no âmbito das propostas de Lascarides e Asher 1991 e 1993 para a interpretação temporal de sequências discursivas, pode dizer-se que o segundo período se liga ao primeiro através da relação discursiva de Resultado. Note-se que a presença de *no mesmo mês* em (44 b) não afecta a inferência atrás referida de que a segunda situação se deve à primeira e, consequentemente, não afecta a ligação, através de Resultado, das duas situações. Trata-se, pois, de um caso de compatibilidade entre um localizador e uma relação discursiva.

Este caso contrasta com o seguinte, no qual – veja-se (45 b) – a presença de *entretanto* bloqueia a inferência de uma relação mereológica entre as duas situações, possível em (45 a):

- (45) a. O Paulo foi a Londres no mês passado. Ficou hospedado no Hilton.
b. *O Paulo foi a Londres no mês passado. Entretanto ficou hospedado no Hilton.

O bloqueio da referida relação conduz ao bloqueio em (45 b) da ligação discursiva que em (45 a) associa os dois períodos, a relação discursiva de Elaboração. Há, por conseguinte, uma incompatibilidade entre *entretanto* e Elaboração. Como não é possível inferir outra RD, o discurso é incoerente.

Por último, o exemplo (46) ilustra os casos de substituição:

- (46) a. O Paulo deu uma conferência em Paris no ano passado. Visitou a irmã em Toulouse.
b. O Paulo deu uma conferência em Paris no ano passado. Visitou nessa altura irmã em Toulouse.

Em (46 b), que inclui o localizador anafórico *nessa altura*, é inferida a RD de Elaboração, isto é, concluímos, em termos intuitivos, que as duas situações fazem parte de uma mesma situação, que será uma viagem a França. É difícil inferir esta RD em (46

a), que parece constituir antes um caso de Narração, isto é, um caso de descrição de situações pela ordem segundo a qual ocorreram. A introdução de *nessa altura* em (46 b) leva, pois, à substituição da RD de Narração pela de Elaboração.

Ainda no respeitante à interação dos localizadores com a estrutura discursiva, um caso que interessa estudar é o dos localizadores com *mesmo*, como, por exemplo, *no mesmo ano*, *nesses mesmos dias* ou *na mesma altura* (cf. capítulo 9). Além dos casos em que há uma sistemática compatibilidade ou incompatibilidade com uma determinada relação discursiva – vejam-se, a título de exemplo, (47)-(48), que envolvem Enquadramento² e Elaboração –, interessa explicar as situações em que esses localizadores umas vezes bloqueiam e outras vezes não bloqueiam uma relação discursiva, como se mostra em (49) e (50). Veja-se:

- (47) *O Paulo licenciou-se em 1987. Tinha 22 anos nessa mesma altura.
- (48) *O Paulo foi a Londres em 1987. Visitou o British Museum nessa mesma altura.

- (49) a. O Bafo de Onça assaltou um banco em Novembro de 1999. Foi preso.
b. O Bafo de Onça assaltou um banco em Novembro de 1999. Foi preso no mesmo mês.

- (50) a. A Ana teve um furo na segunda-feira passada. Chegou tarde à faculdade.
b. A Ana teve um furo na segunda-feira passada. Chegou tarde à faculdade. no mesmo dia.

A introdução em (49 b) do localizador *no mesmo mês* não bloqueia onexo causal que em (49 a) inferimos existir entre as duas situações. Consequentemente, não bloqueia também a relação de Resultado que liga o segundo período dessa sequência ao primeiro. Todavia, em (50 b), a presença de *no mesmo dia* bloqueia a inferência de umnexo causal entre as duas situações envolvidas e também a relação da Resultado. Para explicar este contraste e outros do mesmo tipo, e na linha do defendido em Alves e Gómez Txurruka 2001, proponho que o significado de *mesmo* é o de assinalar a existência de alternativas à identidade temporal expressa na relação anafórica. Como em (50 b) a existência dessas alternativas não é compatível com onexo causal entre as duas situações, esse nexo é bloqueado. Tal não sucede em (49 b), onde essa compatibilidade existe.

² Agradeço aos alunos do Prof. João Andrade Peres na cadeira de Semântica II do ano lectivo de 1999-2000, onde apresentei o meu trabalho, a sugestão deste termo para traduzir o original *background*.

Apresentado o quadro geral de interacções dos localizadores em estudo com as RD, importa analisar duas questões: a função das RD na interpretação temporal de sequências discursivas com localizadores anafóricos e a função dos localizadores anafóricos na determinação de RD. Acerca da primeira, os exemplos abaixo ilustram que as RD podem ser determinantes na interpretação temporal mesmo em sequências com localizadores anafóricos explícitos:

- (51) O Paulo teve um furo. Chegou tarde à Faculdade nesse dia.
(52) A Ana soube que tinha passado no exame ontem à tarde. Chorou de alegria na altura.

O avanço temporal que inferimos ao ler (51) e (52) é consequência da inferência de que a segunda situação é um resultado da primeira – cf. (51) – ou é uma reacção a ela – cf. (52). Em termos discursivos, o avanço temporal é consequência, respectivamente, da inferência de Resultado e de Reacção.

Quanto à segunda, consiste na análise dos casos de substituição antes mencionados e exemplificados. Nesses casos, a introdução de um localizador anafórico leva à inferência de uma RD que não é inferida na sua ausência. O estudo destas duas questões leva a uma extensão do sistema de RD de Lascarides e Asher 1991 e 1993.

Os quadros formais a utilizar neste trabalho são a Discourse Representation Theory (doravante DRT) e a Segmented Discourse Representation Theory (doravante SDRT). Recorrerei à SDRT, na versão de Asher 1993, para dar conta da interacção entre os localizadores temporais e a estrutura do discurso. Nos demais casos, recorrerei à DRT na versão de Kamp e Reyle 1993, com algumas alterações devidamente assinaladas.

1.2. Motivação inicial

A investigação apresentada nesta dissertação partiu da reflexão suscitada pelo quadro abaixo, cujo principal objectivo é a classificação dos localizadores temporais adverbiais. Os conteúdos deste quadro integravam o material de apoio a um seminário sobre tempo que o Prof. João Andrade Peres leccionou no âmbito do curso de Mestrado em Linguística Portuguesa no ano lectivo de 1990-1991, resultando a versão aqui apresentada de uma revisão feita pelo seu autor em 1996. Foi a partir dele, em particular da informação que contém sobre a variedade de expressões anafóricas e das questões que suscita acerca da classificação dos localizadores temporais que iniciei a minha investigação. Fui nessa altura capaz de isolar dentro das grandes áreas do tempo

e do discurso as questões mencionadas na secção acima que são o objecto do meu estudo.

LOCALIZADORES TEMPORAIS ADJUNTOS (João Andrade Peres, Maio de 1996)

COMUNS	PRÓPRIOS				INDEPENDENTES
	DO TEMPO DA SIT. DE ENUNCIÇÃO	DEPENDENTES			
		DEPENDÊNCIA SÓ ANAFÓRICA	DO TEMPO DE OUTRAS SITUAÇÕES		
		DEPENDÊNCIA DIRECTA OU ANAFÓRICA	DEPENDÊNCIA SÓ DIRECTA		
	<i>entretanto</i>	<i>ao mesmo tempo que simultaneamente a / com</i>	<i>ao mesmo tempo simultaneamente</i>	<i>quando...(VARIÁVEL)</i>	<i>às 12 horas do dia x antes das 12 horas do dia x no dia 25 de Abril de 1974 cinco dias antes do final do século XX em 1500 cerca de 1500 no ano 2000 perto do ano 2000 entre 1995 e 1999 no século XIX no dia do Armistício (?) no dia D</i>
	"	"	"	<i>enquanto...(COMP. C/ TE) durante...</i>	
<i>hoje presentemente esta semana este mês este ano</i>	<i>então</i>	<i>[no dia em que...]</i>	<i>nesse dia nessa altura / época nessa semana nesse mês nesse ano</i>		
<i>ontem anteontem</i>		<i>antes de... na véspera de / um dia antes de... um mês antes de... a 15 de Agosto do ano anterior no mês anterior a [sn] ...</i>	<i>antes na véspera, um dia antes dois dias antes cinco dias antes um mês antes</i>		
<i>a 15 de Agosto do ano passado (n)o mês passado (n)o ano passado antigamente</i>	<i>[havia quinze dias] [havia pouco (tempo)] [havia tempo(s)]</i>	<i>anteriormente a</i>	<i>anteriormente</i>		
<i>[faz hoje um mês]</i>	<i>[fazia nesse dia um mês]</i>				
<i>a seguir depois daqui a um bocado daqui a pouco logo mais logo logo á noite amanhã de hoje a oito dias de hoje a um mês daqui a um mês a 15 de Agosto do ano passado para a semana</i>	<i>daí a um bocado daí a pouco</i>	<i>posteriormente a... subsequentemente a... a seguir a... depois de...</i>	<i>posteriormente subsequentemente a seguir depois</i>		
<i>para o mês que vem no mês que vem no próximo mês dentro das próximas duas horas durante a próxima semana dentro da próxima semana dentro dos próximos três anos durante os próximos três anos no decurso dos próximos três anos ao longo dos próximos três anos de ora em diante daqui para o futuro</i>	<i>daí a oito dias daí a um mês " daí em / por diante / daí para a frente "</i>	<i>no dia seguinte a... oito dias depois de... um mês depois de... " a 15 de Agosto do ano seguinte a... na semana seguinte / a seguir a / posterior a... no mês seguinte a... no mês seguinte a... no mês seguinte a... dentro das duas horas seguintes a... durante a semana seguinte a... dentro da semana seguinte a... dentro dos três anos seguintes a... durante os três anos seguintes a... no decurso dos três anos seguintes a... ao longo dos três anos seguintes...</i>	<i>no dia seguinte oito dias depois um mês depois " a 15 de Agosto do ano seguinte na semana seguinte / a seguir / posterior no mês seguinte no mês seguinte no mês seguinte dentro das duas horas seguintes durante a semana seguinte dentro da semana seguinte dentro dos três anos seguintes durante os três anos seguintes no decurso dos três anos seguintes ao longo dos três anos seguintes</i>		
<i>noutros tempos, outrora,, recentemente agora, mais tarde, á noite, dentro de uma hora,, dentro de dois a três anos,, dentro de pouco tempo, em breve, no prazo de uma semana [há quinze dias], [há pouco (tempo)], [há tempo(s)]</i>					
<i>às sete da manhã, antes da meia-noite, ao fim da tarde, de noite, em Janeiro, no fim do mês, a 15 de Agosto, no dia de Natal, na véspera de Ano Novo, na Primavera, nos anos bissextos, de Junho a Setembro, entre as três e as cinco horas</i>					

Capítulo 2

Instrumentos formais: a DRT e a SDRT

Os instrumentos formais a que recorrerei neste trabalho são a Discourse Representation Theory (DRT), e uma extensão não-trivial desta teoria que é a Segmented Discourse Representation Theory (SDRT). A DRT, apresentada primeiramente em Kamp 1981, surge da necessidade de dar conta da anáfora interfrásica presente em sequências como *if Pedro owns some donkey, he beats it* (cf. Geach 1962) e da diferença entre o *Passé Simple* e o *Imparfait*, questões que não podiam ser resolvidas no quadro de uma semântica estática e meramente referencial. Utilizarei a DRT, basicamente na versão de Kamp e Reyle 1993, para construir as DRS. A SDRT surge em 1983 para dar conta de situações em que a estrutura discursiva desempenha um papel importante, como, por exemplo, a interpretação temporal do discurso ou a referência anáforica a entidades abstractas. Nesta teoria, as DRS são as estruturas mais elementares. Depois de ligadas entre si por meio de relações discursivas, dão origem a uma SDRS, isto é, uma representação estruturada do discurso. Recorrerei à SDRT para dar conta do modo como os conectores temporais de que me ocupo intervêm na estrutura do discurso. Na apresentação que faço abaixo dos dois quadros formais, limito-me aos aspectos relevantes para este trabalho.

2.1. A DRT

2.1.1. O processamento do discurso

Na DRT, a operação de processamento de uma frase S_n culmina com a adição à representação K_{n-1} do discurso já processado – que vai da frase S_0 até frase S_{n-1} – dos referentes discursivos e das condições semânticas associadas à frase S_n , resultando daqui a DRS K_n . Em termos formais, tal equivale à operação de união de $U_{K_{n-1}}$ com U_{K_n} – em que U_K é um conjunto de referentes discursivos a que se chama universo da DRS K – e à união de $Con_{K_{n-1}}$ com Con_{K_n} – em que Con_K é o conjunto das condições da DRS K . Apresento abaixo o algoritmo de construção das DRS, tal como apresentado em Kamp e Reyle 1993: 86. Para ilustrar o seu funcionamento recorrerei ao discurso (53), que represento em K_0 - K_2 .

(53) O Paulo escreveu uma carta à Ana. Ela respondeu-lhe.

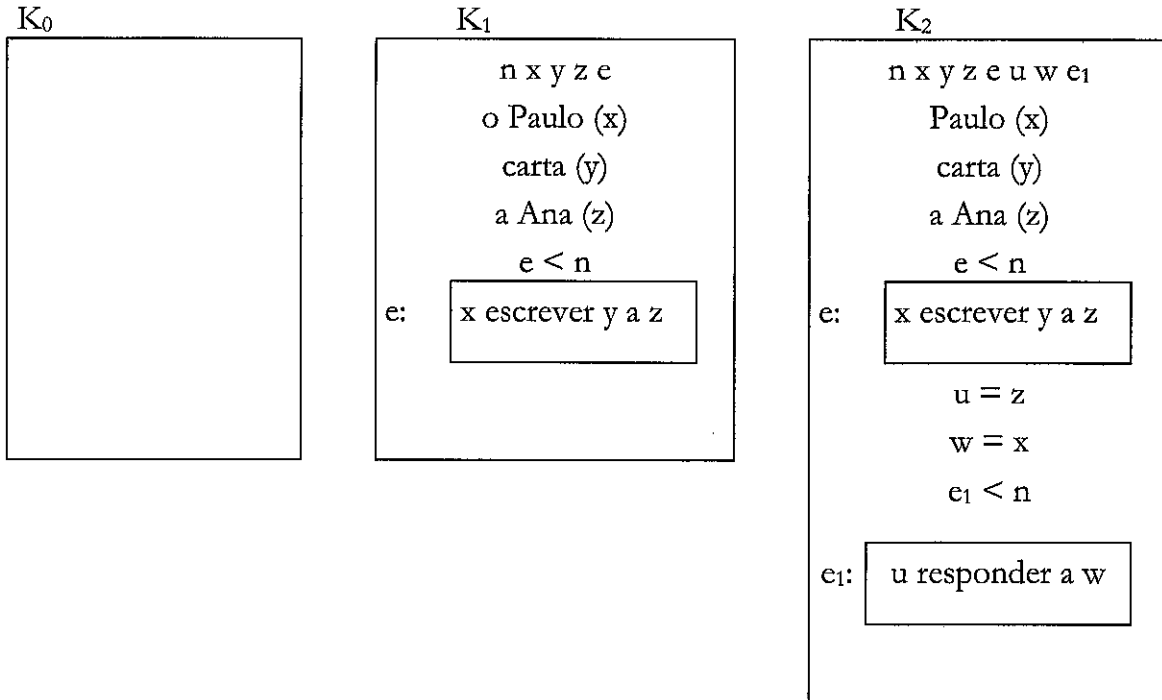
Algoritmo de construção das DRS

Input: um discurso $D = S_1, \dots, S_i, S_{i+1}, \dots, S_n$
 a DRS vazia $DRS K_0$

Repetir para $i = 1, \dots, n$:

- (i) acrescentar a análise sintáctica $[S_i]$ da frase (seguinte) S_i às condições de K_{i-1} ; chame a esta DRS K_i^* . Vá para (ii).
- (ii) **Input:** um conjunto de condições redutíveis de K_i^*
 Aplicar continuamente os princípios de construção a cada condição redutível de K_i^* até obter uma DRS que contenha apenas condições irredutíveis. Vá para (i).

Atentemos agora na representação de (53). A primeira das três DRS abaixo é a DRS vazia K_0 . A segunda – K_1 – é a DRS resultante do processamento da primeira frase. A terceira DRS, ou seja, K_2 , é o resultado do processamento de todo o discurso.



Repare-se que na primeira linha de cada representação temos o universo da DRS, que contém, em K_1 , os referentes discursivos n, x, y, z e e , e depois temos uma série de

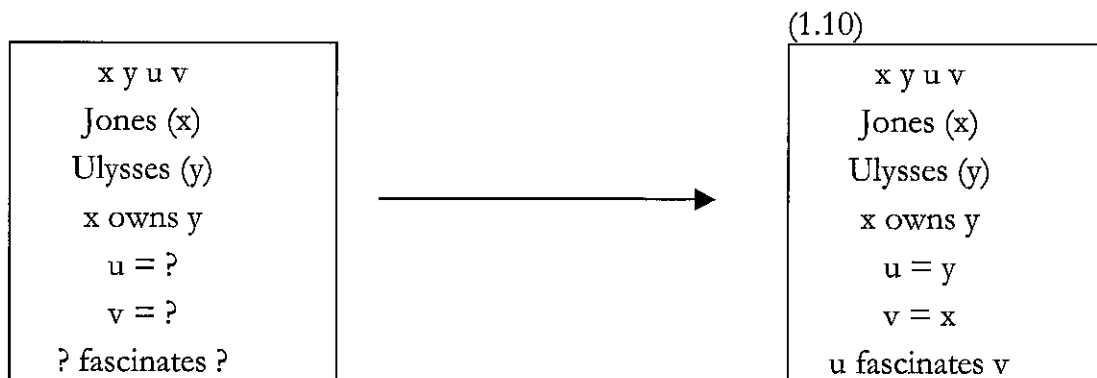
condições, como, por exemplo, [**o Paulo (x)**] e [**carta (y)**]. Os referentes discursivos representam as entidades mencionadas no discurso – por exemplo, **x** representa o Paulo – e as condições dão conta das predicacões acerca dessas entidades – [**e < n**], por exemplo, dá conta de que a situação de o Paulo escrever a carta precede o tempo da enunciação.

2.1.2. A anáfora

Na DRT – cf. Kamp e Reyle 1993: 67 –, a anáfora é entendida como uma relação entre expressões pronominais e referentes discursivos:

"We will analyse anaphora not as relation between pronouns and other NPs, but as one between pronouns and discourse referents that are already present in the semantic representation under construction. Thus, for instance, the problem of interpreting the pronouns *it* and *him* of (1.14) [cf. Jones owns Ulysses. It fascinates him.] we treat as the problem of finding for each of them that discourse referent in the universe of (1.10) which represents the individual to which the pronoun is understood to refer."

Apresento abaixo, à direita, a DRS (1.10). À esquerda, apresento uma representação em que os pronomes ainda não estão identificados com os seus antecedentes.



Neste caso, os antecedentes dos pronomes *it* e *him* – os referentes discursivos **y** e **x** – foram introduzidos na representação directamente pelos nomes próprios Jones e Ulysses – *vide* as condições [**Jones (x)**] e [**Ulysses (y)**] –, expressões presentes no contexto linguístico que precede os pronomes e processadas antes destes.

No entanto, em alguns casos, quando se chega ao processamento da anáfora o universo da DRS não inclui nenhum referente discursivo que possa servir de

anterior³. Tal acontece no domínio temporal – como se verá adiante – e no domínio dos indivíduos, como apresentado em Kamp e Reyle 1993. Vejam-se as frases (54) e (55).

- (54) Fred admires Susan. They are writing a paper on plurals.
O Fred admira a Susan. Eles estão a escrever um artigo sobre plurais.
- (55) Susan has found most books which Bill needs. They are on his desk.
A Susan encontrou a maior parte dos livros de que o Bill precisa. Eles estão em cima da secretária dele.

(Kamp e Reyle 1993: 341 e 343)

Em (54) e em (55), o antecedente do pronome *they* tem de ser um referente discursivo plural que represente uma entidade colectiva. O discurso processado até ao pronome não levou à introdução de nenhum referente desse tipo nas respectivas DRS. Veja-se, por exemplo, a DRS correspondente à primeira frase de (54).

DRS-(54-1)

<p>x y Fred (x) Susan (y) x admires y</p>

Kamp e Reyle explicitamente chamam a atenção para o facto de a DRT poder dar conta de frases com pronomes plurais como (54) e (55). Para resolverem o problema da ausência de antecedente apropriado, recorrem ao conceito de referente discursivo “disponível”. Veja-se abaixo a parte relevante da regra de construção relativa aos pronomes plurais (cf. Kamp e Reyle 1993: 340), em que o sublinhado é meu:

CR.PRO [Num = plur]	
	(...)
Operações:	(...)
	(b) Acrescente a Con_K uma condição com a forma $Z = Y$, em que Y é um referente discursivo plural <u>disponível</u> que está acessível a partir da posição do pronome processado.
	(...)

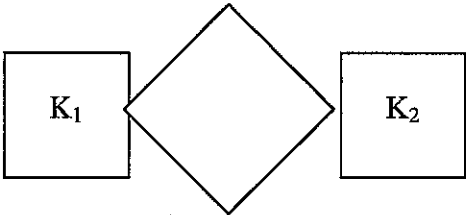
³ Na segunda parte deste trabalho, apresentarei alguns casos do mesmo tipo no domínio anáfora temporal.

Kamp e Reyle 1993: 340-1 explicam o que se entende por referente “disponível” (“available”):

“The word “available” is to indicate that the possible antecedents for the pronoun are in general not only those discourse referents which have already been introduced at the point where the pronoun is interpreted, but that others, to be manufactured out of material already in the DRS, may also serve this capacity.”

A DRT, na versão que aqui apresento, dispõe de dois processos de construção de referentes discursivos novos a partir do material existente, soma (“summation”) e abstracção (“abstraction”). Apresento abaixo as regras que dão conta destes processos, tal como apresentadas em Kamp e Reyle 1993: 341, 344.

Soma	
Configurações desencadeadoras: K' é uma sub-DRS da DRS K (possivelmente a própria K) e v_1, \dots, v_k ($k \geq 2$) são referentes discursivos que ocorrem em K e estão acessíveis a partir de K' .	
Operação:	Introduza um referente discursivo não-individual novo Z em U_K e introduza em Con_K a condição $Z = v_1 \oplus \dots \oplus v_k$

Abstracção	
Configurações desencadeadoras: $\gamma \subseteq \gamma' \in Con_K$	
Operações:	Forme a união $K_0 = K_1 \cup K_2$ das duas DRS componentes desta condição. Escolha um referente discursivo w em U_{K_0} . Introduza em U_K um referente discursivo novo Y e acrescente a Con_K a condição $Y = \Sigma w: K_0$

Como se vê, no primeiro caso através do operador \oplus é possível, a partir das entidades atómicas v_1 e v_2 , criar uma entidade colectiva Z resultante da soma desses átomos. No segundo caso, o operador Σ permite também criar uma entidade colectiva Y tal que ela verifica a condição ou condições presentes nas sub-DRS K_1 e K_2 . Veja-se, a título de exemplo, a representação final de (54).

DRS-(54-2)

x y Z U Fred (x) Susan (y) x admires y $Z = x \oplus y$ $U = Z$ U are writing a paper on plurals
--

Como se pode verificar, ao universo da DRS foram acrescentados dois novos referentes: U , que representa o pronome *they*, e Z , que representa o referente construído retomado pelo pronome – cf. [$U = Z$].

2.1.3. O tempo

2.1.3.1. Ontologia Temporal

Na DRT, tal como apresentada em Kamp e Reyle 1993, as categorias ontológicas mais directamente relacionadas com a representação do tempo são a das situações, a dos tempos e a das quantidades de tempo⁴. Cada uma destas categorias inclui nas DRS referentes discursivos de um dado tipo.

Situações

eventos: e_1, e_2, \dots, e_n

estados: s_1, s_2, \dots, s_n

Tempos

t_1, t_2, \dots, t_n

⁴Além destas três, a DRT só inclui mais uma outra, a que chama a dos indivíduos e que é representada por referentes discursivos do tipo x_1, x_2, \dots, x_n .

Quantidades de tempo

mt_1, mt_2, \dots, mt_n

(i) Situações

A DRT distingue dois tipos de situações básicas: eventos (representados por referentes discursivos de tipo *e*) e estados (representados por referentes discursivos de tipo *s*). A união do conjunto dos estados **S** com o conjunto dos eventos **E** é o conjunto das situações **EV**.

A versão da DRT que aqui apresento inclui no grupo dos eventos situações classificadas, em termos de aktionsart, como actividades. Na linha do proposto em Mória 2000, opto por tratar estas situações como estados, fazendo-as introduzir na DRS referentes discursivos de tipo *s*.

(ii) Tempos

Em Kamp e Reyle 1993, há dois tipos de categorias temporais, a dos instantes – representada na estrutura T – e a dos intervalos – representada na estrutura $Int(T)$. A primeira é básica, irreduzível, e a segunda deriva da primeira. Assim, os intervalos podem ser definidos como “os sub-conjuntos *convexos* dos instantes, isto é, aqueles conjuntos de instantes X tais que se $i_1, i_2 \in X$ e $i_1 < i_3 < i_2$, então $i_3 \in X$ ”

(Kamp e Reyle 1993: 668).

A estrutura derivada é uma estrutura $\langle Int, <_p, O_p \rangle$. **Int** é o conjunto dos instantes. A definição de $<_p$ e O_p é a que se segue:

“Sejam X, Y intervalos de uma estrutura de instantes $T = \langle T, < \rangle$. Então

(i) $X <_p Y$ sse para todo o $i_1 \in X$ e $i_2 \in Y, i_1 < i_2$.

(ii) $X O_p Y$ sse $X \cap Y \neq \{\}$.

(iii) $X \subseteq_p Y$ sse para todo o instante $i \in X, i \in Y$.”

(Kamp e Reyle 1993: 668)

(iii) Quantidades de tempo

A terceira categoria é a das quantidades de tempo. Kamp e Reyle definem as quantidades de tempo como classes de equivalência de intervalos de igual duração. A

relação de equivalência é representada por '≡'. Kamp e Reyle 1993: 675 assumem que em cada modelo M a relação \equiv_M satisfaz os seguintes dois postulados:

(MT₅) Para quaisquer intervalos a , b ou há um intervalo f tal que $a \equiv f \subseteq b$ ou há um intervalo g tal que $b \equiv g \subseteq a$

(MT₆) Se $a \subseteq b \equiv c \subseteq d \equiv a$ então $a \equiv b$

MT₅ revela que para quaisquer dois intervalos a , b ou b tem pelo menos a mesma duração que a e há então um sub-intervalo f de b que dura exactamente o mesmo que a , ou então a dura pelo menos o mesmo que b , e neste caso há um sub-intervalo g de a que dura exactamente o mesmo que b . Segundo MT₆, um intervalo situado entre dois da mesma duração tem essa mesma duração (cf. Kamp e Reyle 1993: 675).

Os autores definem ainda uma função **dur** (*vide* 2.1.3.3. abaixo), que projecta intervalos e situações em quantidades de tempo.

2.1.3.2. Tempos utilizados na representação temporal

(i) Tempo da enunciação

Para dar conta da relação entre uma situação e o tempo da enunciação é necessário um referente que represente este tempo. Para esse efeito, Kamp e Reyle introduzem um referente discursivo especial – n .

“(...) we introduce a special discourse referent n , which shall always refer to the utterance time of the discourse that the DRS is taken to represent.”

(Kamp e Reyle 1993: 511)

Este referente discursivo é o primeiro a ser introduzido em qualquer DRS e é introduzido de forma automática, isto é, a sua inclusão na DRS não depende da presença de qualquer expressão ou configuração sintáctica.

(ii) Tempo de localização

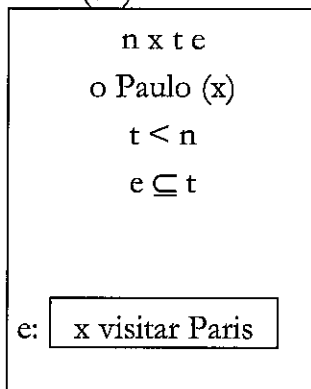
O processamento de qualquer frase envolve a introdução na DRS de um referente discursivo t , que representa o tempo de localização da situação que ela descreve. Este referente ocorre em condições de tipo $[t = n]$ ou $[t < TPpt]$, ou seja, condições em que se relaciona o tempo de localização com o tempo da enunciação ou com outro tempo que constitua o TPpt. Ocorre ainda em condições de tipo $[TADV (t)]$, que dão conta das restrições impostas pela presença na frase a processar de um localizador

temporal adverbial explícito, aqui representado por TADV. Tomemos como exemplo as frases abaixo:

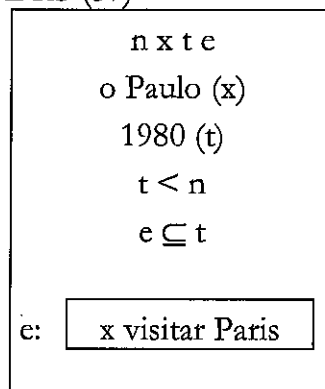
- (56) O Paulo visitou Paris.
 (57) Paulo visitou Paris em 1980.

Vejam-se as DRS que as representam:

DRS-(56)



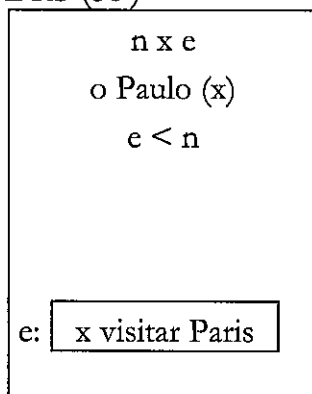
DRS-(57)



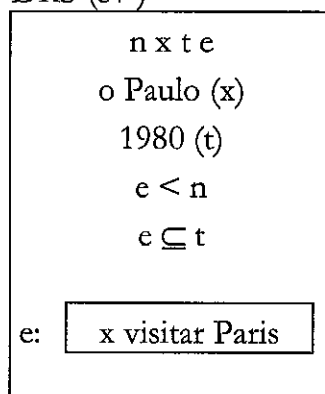
Repare-se que ambas as DRS contêm uma condição $[t < n]$ e que a única diferença existente entre a primeira e a segunda está na presença nesta última da condição $[1980 \ (t)]$, desencadeada pela presença de *1980*.

Móia 2000 relaciona as situações directamente com o TP_{pt} sem recorrer ao tempo de localização. Por isso, na sua análise, as representações de (56) e (57) são as que se mostram abaixo. Nessa representações em vez da condição $[t < n]$ surge $[e < n]$.

DRS-(56')



DRS-(57')



Só nos casos em que existe um localizador explícito, se inclui o tempo de localização t com o qual a situação é também relacionada directamente. Neste trabalho, adoptarei a proposta de Mória 2000.

(iii) Ponto de Referência

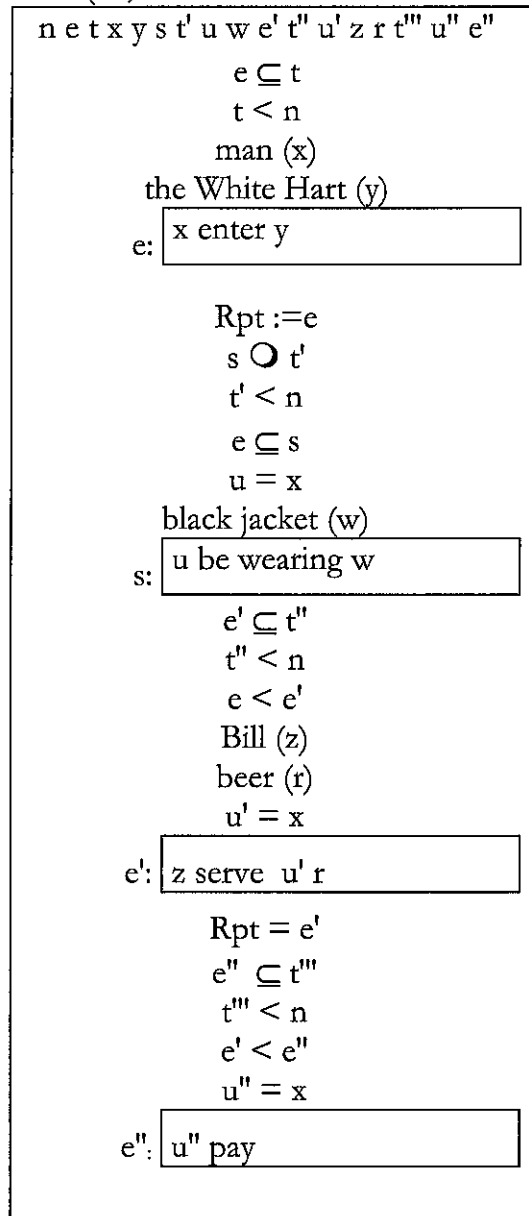
Em Kamp e Reyle 1993, o ponto de referência, ou **Rpt**, é o tempo que dá conta da progressão narrativa, em sequências como, por exemplo, a seguinte:

- (58) A man entered the White Hart. He was wearing a black jacket. Bill served him a beer. The man paid. He drank the beer(...).

(Kamp e Reyle 1993: 526)

Como explicado em Kamp e Reyle 1993: 523, os autores introduzem em cada DRS uma condição [**Rpt** := α], correspondendo α a um tempo ou a uma situação já presentes no universo da DRS. Esse tempo ou essa situação funcionam como ponto de referência para a frase ou frases a processar a seguir. O processamento de uma frase que descreve um evento leva à actualização desse tempo, ao passo que uma frase que descreve um estado o mantém igual. A título de exemplo, veja-se a representação de (58):

DRS-(58)



Para a representação da segunda frase desta sequência, é necessária a identificação de um ponto de referência. Esse ponto de referência representa um tempo que a situação descrita na segunda frase, por ser um estado, inclui. Esse ponto é o do tempo do evento descrito na frase inicial. Isto é indicado pela condição **[Rpt := e]**, que, note-se, será apagada logo que a frase seja processada na íntegra, não constando da DRS final. Repare-se na condição **[e \subseteq s]**, que dá conta da relação do estado com o ponto de referência. Para o processamento da terceira frase, o Rpt é actualizado para o mesmo valor, já que o ponto de referência continua a ser o evento descrito na primeira frase. Por esta frase descrever um evento, é introduzida a condição **[e < e']**. *Mutatis mutandis*,

o mesmo acontece com a quarta frase, com a diferença de que há uma mudança no valor do Rpt, que é actualizado para e' – veja-se a condição [Rpt:=e'].

(iv) Ponto de Perspectiva Temporal

O ponto de perspectiva temporal (TPpt), tal como é utilizado em Kamp e Reyle 1993, recupera o espírito do ponto de referência proposto por Reichenbach 1947 para dar conta de tempos compostos em inglês, como, por exemplo, o "pluperfect" (pretérito mais-que-perfeito).

- (59) Mary arrived at 10. Paul had already left.
A Maria chegou às 10. O Paulo já tinha partido.

No caso deste tempo verbal, a relação entre os três pontos propostos por Reichenbach – E (ponto do evento), R (ponto de referência) e S (ponto da enunciação) é $E < R < S$, ou seja, o "pluperfect" marca uma relação de anterioridade face a um ponto de referência que é anterior ao ponto de enunciação. No sistema de Kamp e Reyle, este tempo verbal marca uma anterioridade relativa ao ponto de perspectiva temporal, o TPpt, que em (59) é representado pela situação de a Maria ter chegado.

2.1.3.3. Predicados

A DRT dispõe dos predicados que apresento em (i) e (ii).

(i) Predicados binários

Os predicados binários que se aplicam a situações (e ou s) e a tempos (t) são os que apresento abaixo. Para todos, dou exemplos de condições em que eles ocorrem.

- < – marca uma relação de anterioridade
[t₁ < t₂], [e₁ < e₂], [e < n]
- – marca uma relação de sobreposição
[s ○ n], [s ○ t]
- ⊃ – marca uma relação de confinamento
[e ⊃ t], [t₁ ⊃ t₂]

\subseteq – marca uma relação de inclusão

$[e \subseteq t], [t \subseteq s]$

(ii) Functores

Os functores unários que se aplicam a situações (**e** ou **s**) e a tempos (**t**) são apresentados de seguida, juntamente com condições ilustrativas do seu uso.

beg – projecta uma situação no evento associado ao seu início ou um intervalo no intervalo de tempo que marca o seu início.

$[\text{beg}(s) = e], [\text{beg}(t') = t]$

end – projecta uma situação no evento associado ao seu fim ou um intervalo no intervalo de tempo que marca o seu fim.

$[\text{end}(s) = e], [\text{end}(t') = t]$

dur – projecta um intervalo de tempo ou uma situação na quantidade de tempo que eles duram.

$[\text{dur}(t') = mt], [\text{dur}(e) = mt]$

Apresento agora o functor unário que se aplica a situações (**e** ou **s**):

loc – projecta uma situação no mais pequeno intervalo de tempo (fechado) que ela ocupa.

$[\text{dur}(e) = mt], [\text{dur}(t') = mt]$

2.2. A SDRT

Nas secções seguintes farei uma breve apresentação da SDRT, limitando-me aos aspectos que são relevantes para este trabalho e nos quais há diferenças importantes relativamente à DRT. Basear-me-ei principalmente em Lascarides e Asher 1991 e 1993 e em Asher 1993.

2.2.1. O processamento do discurso

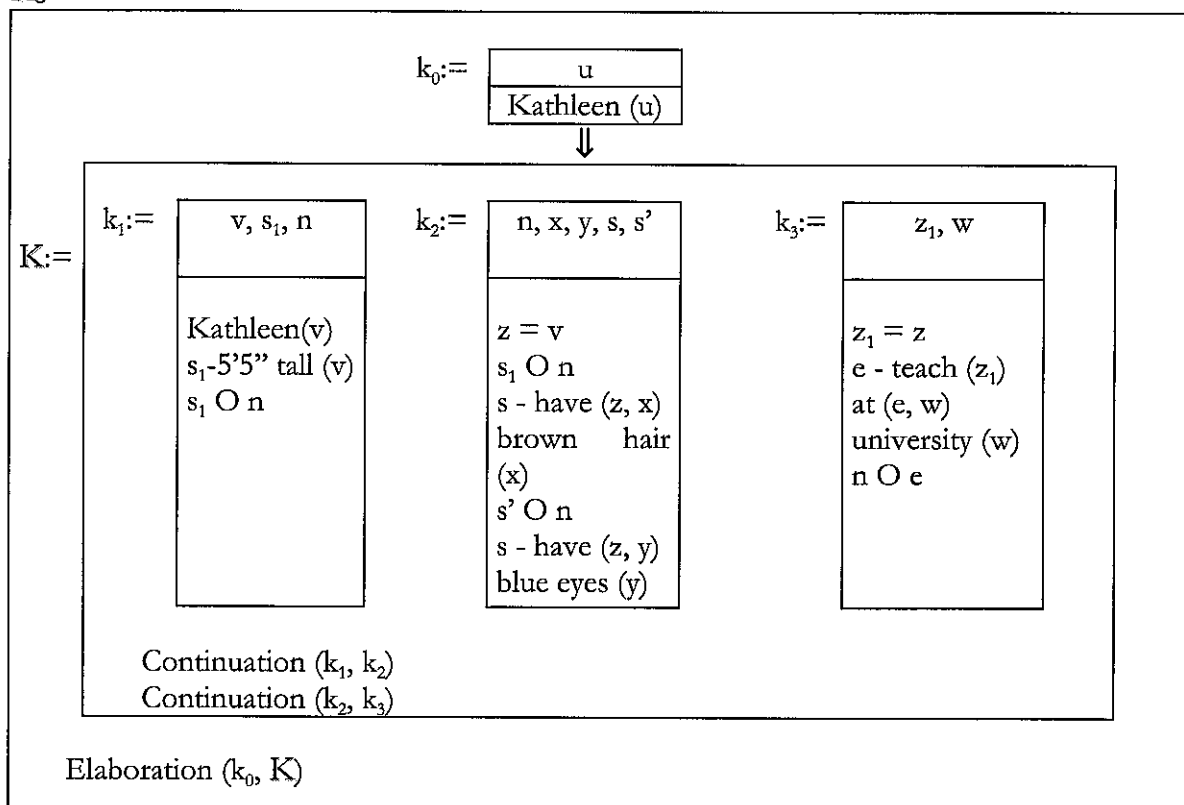
Na Segmented Discourse Representation Theory (cf., p. ex., Asher 1993) as estruturas que representam o discurso são as SDRS, ou seja, as *Segmented DRS*. Uma SDRS é constituída por uma ou mais DRS (as estruturas mais elementares que correspondem às frases isoladas) e por uma ou mais sub-SDRS. Tomemos como exemplo a SDRS K_3 , abaixo, que representa a seguinte seqüência:

- (60) Kathleen is five feet 5 inches tall. She has brown hair and green eyes. She teaches at a university.

(cf. Asher 1993: 276-7)

Na SDRS K_3 , k_0 , k_1 , k_2 , e k_3 são DRS, e K é uma sub-SDRS. São estes elementos que constituem K_3 .

K_3



(cf. Asher 1993: 278)

O aspecto crucial em que a SDRT se distingue da DRT é a operação de processamento de uma nova frase. A simples união de referentes discursivos e de condições semânticas da DRT é aqui substituída por um processo, mais complexo, de ligação do

material novo à estrutura discursiva entretanto construída. É disso que dá conta a Regra da Relevância:

"Regra da Relevância: Dada uma SDRS α para um segmento inicial de um discurso D , qualquer novo constituinte resultante da continuação do processamento de D tem de ser ligado a algum constituinte de α , se D for coerente."
(Asher 1993: 270)

Retomemos o exemplo (60). Na SDRT, quando chegamos à segunda frase, e depois de procedermos à construção da respectiva DRS – cf. k_2 – é necessário ligá-la ao discurso anterior, e o mesmo acontece quando chegamos à terceira e última frase, representada em k_3 . Essa ligação faz-se pelo recurso às relações discursivas, que explicitamente são referidas como "a cola que liga os constituintes simples" uns aos outros. A SDRS K_3 acima contém condições que dão conta dessa ligação: [Continuation (K_1, K_2)] e [Continuation (K_2, K_3)]. O que estas condições significam é que quer K_1 e K_2 quer K_2 e K_3 estão ligadas através da RD de Continuação.

Detenhamo-nos, então, no modo como o material novo é ligado à SDRS entretanto construída. Dada a regra da Relevância acima referida, podemos concluir que ele envolve pelo menos os seguintes dois passos:

- (i) identificação dos pontos em aberto aos quais a nova frase possa ser ligada.
- (ii) a escolha de uma relação discursiva através da qual essa ligação é efectuada.

2.2.2. A identificação dos pontos em aberto

Após a construção de uma DRS ϵ , é necessário (cf. Regra da Relevância) ligá-la à estrutura τ , que dá conta do discurso processado até ϵ . A questão que se coloca é a de saber a que pontos de τ é que ϵ pode ser ligada. Relativamente a esta questão, a SDRT dá uma definição de abertura que está na linha do defendido em Grosz e Sidner 1986, Polanyi 1988 e Webber 1991. Em termos informais, essa definição afirma que constituem pontos abertos (i) a última frase que tiver sido processada ou (ii) uma frase que esta última explique ou desenvolva.

Uma noção fundamental para a definição formal do que constitui um ponto aberto, é a de "subordinação". Vejamos então como essa noção de subordinação e a noção de abertura são formalmente definidas para um par de DRS (representado de forma abreviada por DRP) em Lascarides e Asher 1993: 458:

“DEFINIÇÕES DE DOMINÂNCIA DISCURSIVA

Suponha que um DRP τ contém as DRS α e β . Então:

Subordinação

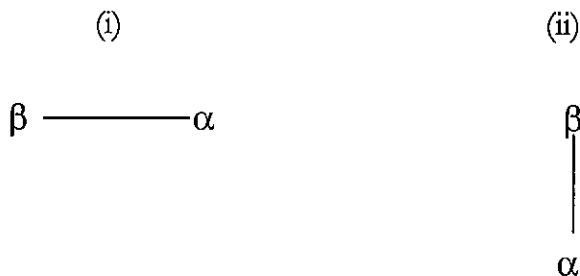
α está *subordinado* a β se:

- (i) se verifica que *Explicação* (β, α) ou *Elaboração* (β, α); ou
- (ii) γ é uma DRS em τ tal que se verifica que *Explicação* (γ, α) ou *Elaboração* (γ, α), e γ está subordinada a β .

Abertura

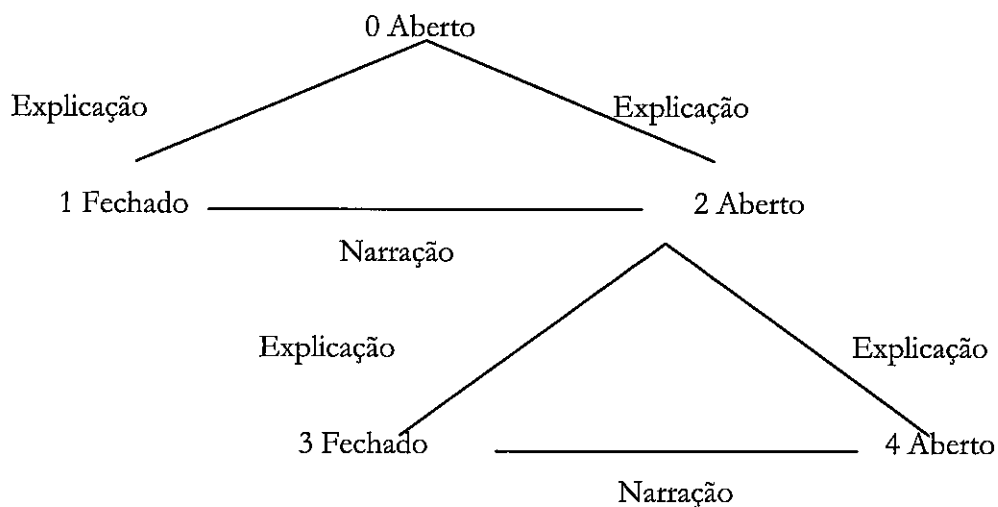
Uma DRS α está aberta no DRP τ se e só se α for a DRS que representa a frase anterior, ou se esta DRS [que representa a frase anterior] estiver subordinada a α .”

De acordo com a noção de subordinação⁵ atrás mencionada, as RD que envolvem subordinação são as relações de Explicação de Elaboração. As RD que não envolvem subordinação são relações de coordenação. Entre estas últimas contam-se Continuação, Narração, Resultado, Paralelismo e Contraste. Numa representação gráfica, as RD de coordenação estão associadas à configuração em (i) e as de subordinação à configuração em (ii).



⁵ Dado que na minha dissertação me concentro sobretudo sobre sequências discursivas que envolvem apenas dois períodos, a questão da identificação de um ponto ao qual a frase seguinte se possa ligar é irrelevante, uma vez que o segundo período se ligará sempre ao anterior. No entanto, como irei propor algumas RD novas, que terei de caracterizar, importa explicar aqui a diferença entre RD de coordenação e RD de subordinação

A partir daqui é possível representar da seguinte forma a noção de Abertura:



(cf. Lascarides e Asher 1993: 459)

Neste diagrama de Lascarides e Asher, que numerei para facilitar a minha explicação, os números 1 2 3 e 4 representam DRS. As DRS 1 e 2 estão subordinadas a 0, do mesmo modo que 3 e 4 estão subordinadas a 2. Além disso, a DRS 2 está coordenada à DRS 1, e a DRS 4 está coordenada à 3. Suponhamos que estamos na situação de ter de ligar ao discurso anterior a DRS 4. Temos duas hipóteses, já que, de acordo com a definição de abertura, temos dois pontos abertos: ou a ligamos à DRS que representa a frase anterior, ou seja, 3. Ou a ligamos a 2, que representa a DRS à qual 3 está subordinada. A primeira hipótese é representada pela ligação entre 3 e 4, através de Narração. A segunda é representada pela ligação entre 2 e 4 através de Explicação. Suponhamos ainda que estamos na situação de ligar ao discurso anterior a DRS 3. O único ponto em aberto é 2, que corresponde à DRS que representa a última frase. Repare-se que a DRS 1 está fechada, porque a última frase, representada na DRS 2, lhe está coordenada e não subordinada.

Vejamos agora alguns exemplos ilustrativos da importância deste noção. Começemos pela sequência (61) abaixo:

- (61) a. A Ana foi ao banco.
 b. A seguir foi comprar o bilhete de avião.
 c. ?Encontrou a Rita à entrada do banco.

Assumamos neste caso e nos seguintes que α é a DRS que representa o primeiro período, que β é DRS que representa o segundo, que γ representa o terceiro, e que,

caso haja um quarto período, ele é representado pela DRS δ . Ao lermos na sequência acima o terceiro período, ou seja, (61 c), inferimos que ele se liga a (61 a), isto é, que deveríamos ligar α e γ por meio de um RD, que, neste caso, seria *Elaboração*, obtendo-se a condição [*Elaboração* (α , γ)]. A estranheza do discurso deve-se ao facto de essa ligação não ser possível. A DRS α está fechada pela DRS β , que se liga a α por *Narração*. Esta é uma RD de coordenação e não de subordinação. Vejamos agora sequência (62):

- (62) a. A Ana foi ao banco.
b. O banco não lhe enviara a declaração para o IRS a tempo.
c. Depois foi lanchar.
d. *O seu gestor de conta tinha-se esquecido de pedir o novo cartão.

Ao chegarmos ao último período, intuímos que ele continua a explicação atrás iniciada por (62 b). Em termos formais, interessava, portanto, poder ligar δ a α e β , da seguinte forma: [*Explicação* (α , δ)], [*Continuação* (β , δ)]. No entanto, isso não é possível porque essas DRS não estão abertas. São fechadas por γ que se liga a α por *Narração*.

Passemos, de seguida, a sequências completamente coerentes, como (63) e (64).

- (63) a. A Ana foi ao banco.
b. Levantou o cartão de crédito.
c. A seguir foi levantar o bilhete de avião.

De acordo com a interpretação mais natural, (63 c) liga-se a (63 a). A presença de (63 b) entre esses dois períodos não impede essa ligação, uma vez que aqui temos *Elaboração* (α , β). Como *Elaboração* é uma RD de subordinação e não de coordenação, α não é fechada e, conseqüentemente, poderíamos incluir na SDRS que dá conta desta sequência a condição *Narração* (α , γ). Por último, atentemos em (64).

- (64) a. A Ana foi ao banco.
b. Depois foi comprar uma mala de viagem.
c. A seguir foi levantar o bilhete de avião.

Estamos perante uma sequência narrativa em que (64 b) se liga a (64 a), e (64 c) se liga (64 b). Intuitivamente, não é natural que estructuremos o discurso de outra forma, ligando o terceiro período ao primeiro. A SDRT dá conta das nossas intuições ao permitir que γ se ligue a β – *Narração* (β , γ) – e ao impedir que se ligue a α . Também aqui a DRS α é trancada por β , que acaba por ser único ponto aberto.

2.2.3. As relações discursivas

Explicado o passo (i), interessa-me agora falar do passo (ii), aquele que diz respeito às relações discursivas. Como disse antes, as RD são definidas como o elemento que cola ou liga os constituintes uns aos outros. Inspirando-se em Hobbs 1979 e 1985 e em Mann e Thompson 1987, entre outros autores, a SDRT propõe um conjunto de RD do qual fazem parte as relações de Paralelismo, Contraste, Generalização, Instância, Continuação, Elaboração, Resultado e Explicação, entre outras. As relações discursivas que sobretudo me interessam neste trabalho são aquelas que têm efeitos directos sobre a interpretação temporal do discurso, como acontece com as RD de Narração, Elaboração, Explicação, Resultado e Enquadramento. As regras que dão conta da sua inferência envolvem o conhecimento do mundo, em particular conhecimento sobre as possíveis relações mereológicas ou de causa-efeito entre as situações. Para dar conta dos diferentes tipos de conhecimento envolvidos na inferência da estrutura discursiva, assim como dos padrões de inferência usados pelo falante, Lascarides e Asher 1991 e 1993 recorrem a uma lógica não-monótona chamada Commonsense Entailment (CE) – apresentada pela primeira vez em Asher e Morreau 1991 – e à Discourse in Commonsense Entailment (DICE) – uma teoria de conexão discursiva que explora uma relação de implicação desfazível ($>$) e uma relação de implicação não-desfazível (\rightarrow).

Apresento abaixo as regras de inferência das relações discursivas com impacte temporal propostas em Lascarides e Asher 1991 e 1993. Apresento, igualmente, os axiomas que dão conta do impacte semântico de cada uma dessas relações. Note-se que as primeiras regras são desfazíveis, enquanto as segundas são não-desfazíveis. Começo pela RD de Narração.

Narração

$$(65) \quad \langle \alpha, \beta \rangle > \text{Narração}(\alpha, \beta)$$

O que esta regra significa é que, a não ser que haja informação em contrário, as frases⁶ α e β que estão relacionadas discursivamente são tais que se verifica *Narração* (α, β). É explicitamente inspirada na máxima Griceana “Sê ordenado” e na ideia de que tipicamente os factos são descritos pela ordem em que acontecem (cf. Dowty 1986).

⁶ Utilizo o termo *frase* para traduzir os termos originais *clause* e *sentence*. Note-se, no entanto, que na versão da SDRT que aqui apresento as RD ligam apenas frases independentes, ou seja, períodos. Por este motivo, o termo *período* parece-me mais adequado, razão pela qual recorro a ele algumas vezes.

Em trabalhos posteriores, houve alterações nas regras que desencadeiam a inferência de Narração. Esta regra, segundo a qual a Narração era a relação inferida por defeito – note-se que no antecedente não figuram nenhuma restrições –, foi substituída por outra, segundo a qual essa RD só é inferida na falta de indícios que permitam a inferência de qualquer outra RD disponível na SDRT excepto Narração. Veja-se a regra (66), apresentada em Bras et al. 2001a: 51, tal é como dada pelos autores:

$$(66) \quad \langle\langle \tau, \alpha, \beta \rangle \wedge \neg \text{Clues_R}_1(\tau, \alpha, \beta) \wedge \neg \text{Clues_R}_2(\tau, \alpha, \beta) \wedge \dots \wedge \neg \text{Clues_R}_n(\tau, \alpha, \beta) \rangle > \text{Narration}(\alpha, \beta)$$

Além disso, introduziu-se ainda uma regra que permite a inferência de Narração a partir da RD de Ocasão (cf. Bras et al. 2001a: 51):

$$(67) \quad \langle\langle \tau, \alpha, \beta \rangle \wedge \text{Ocasão}^7(\alpha, \beta) \rangle > \text{Narração}(\alpha, \beta)$$

A relação de Ocasão é inferida quando as situações relevantes fazem parte de *scripts* (cf. Schank e Abelson 1977), isto é, de de sequências naturais de situações como, por exemplo, *comer e lavar os dentes* ou *lavar às mãos e sentar-se à mesa*. De acordo como o nosso conhecimento do mundo, estas situações ocorrem geralmente por uma ordem fixa, nomeadamente, encadeadas ou em sucessão. Os axiomas associados a esta RD são os axiomas temporais (68) e (69) e o axioma não-temporal (70). Note-se que **me** (α) representa a situação principal (“main eventuality”) descrita em α e que **me** (β) representa a situação principal descrita em β . Começemos por ver (68):

$$(68) \quad \square (\text{Narração}(\alpha, \beta) \rightarrow \text{me}(\alpha) < \text{me}(\beta))$$

Este axioma é o proposto em Lascarides e Asher 1991 e 1993. Como se vê, dá apenas conta de um mera relação de sucessão entre as duas situações. Trabalhos posteriores no domínio da narrativa (cf., p. ex., Caenepeel 1989 e Bras et al. 2001a) vieram mostrar que em alguns casos essa relação é demasiado fraca. Para esses casos, é necessária uma relação mais forte, segundo a qual a intersecção entre o pós-estado do evento descrito em α – post (e_α) – e o pré-estado do descrito em β – pre (e_β) – não é vazia. Veja-se:

$$(69) \quad \text{Narração}(\alpha, \beta) \rightarrow e_\alpha \supseteq (\text{post}(e_\alpha) \cap \text{pre}(e_\beta)) \supseteq e_\beta$$

(cf. Bras et al. 2001a: 51)

⁷ Utilizo o termo *ocasião* para traduzir o original *occasion*.

O axioma (70) abaixo diz o seguinte: se há uma SDRS τ em que as frases α e β estão ligadas por Narração, então necessariamente tem de haver um tópico γ comum a α e a β . A relação do tópico com o material que ele resume é vista como uma RD de subordinação e é representada por \Downarrow . O tópico pode ser dado explicitamente ou inferido.

$$(70) \quad (\langle \tau, \alpha, \beta \rangle \wedge \text{Narração}(\alpha, \beta) \rightarrow \exists \gamma (\text{Contingente}(\gamma) \Downarrow \alpha \wedge (\gamma) \Downarrow \beta)$$

Um dos objectivos deste axioma é dar conta da incoerência de (72) por oposição a (71), por exemplo.

(71) O carro avariou. A Ana telefonou para a garagem.

(72) ?O carro avariou. O sol pôs-se.

(cf. Moens e Steedman 1988)

Entre os exemplos de sequências ligadas por meio de Narração contam-se as seguintes:

(73) A Ana entrou na sala. Cumprimentou a Rita.

(74) A Ana lavou às mãos. Sentou-se à mesa.

Veja-se agora a regra que dá conta da inferência da RD de Elaboração:

Elaboração

$$(75) \quad \langle \alpha, \beta \rangle \wedge \text{prep}(\text{me}(\beta), \text{me}(\alpha)) > \text{Elaboração}(\alpha, \beta)$$

Esta regra pode ser lida do seguinte modo: se as frases α e β estão relacionadas discursivamente e se a situação principal descrita em β está no estado preparatório da descrita em α , então normalmente verifica-se $\text{Elaboração}(\alpha, \beta)$. O axioma temporal associado é apresentado abaixo:

$$(76) \quad \square (\text{Elaboração}(\alpha, \beta) \rightarrow \neg [\text{me}(\alpha) < \text{me}(\beta)])$$

De acordo com (76), se α e β estão relacionadas discursivamente por meio da relação discursiva de Elaboração, então a situação principal descrita em α não precede temporalmente a situação principal descrita em β . As sequências abaixo constituem casos de Elaboração.

(77) A Ana foi a Paris. Visitou o Museu d'Orsay.

(78) O Paulo foi às compras. Comprou dois casacos.

Atentemos agora na relação discursiva de Enquadramento. Vejam-se as regras abaixo:

Enquadramento

- (79) $\langle \alpha, \beta \rangle \wedge \text{estado}(\text{me}(\beta)) > \text{sobreposição}(\text{me}(\alpha), \text{me}(\beta))$
(80) $\langle \alpha, \beta \rangle \wedge \text{sobreposição}(\text{me}(\alpha), \text{me}(\beta)) > \text{Enquadramento}(\alpha, \beta)$

De acordo com (79), numa sequência de duas frases α e β em que a segunda descreva um estado há normalmente sobreposição entre esse estado e a situação da primeira frase. (80) diz que se as frases α e β estão relacionadas discursivamente e se há sobreposição entre a situação principal descrita em α e a situação principal descrita em β , então normalmente verifica-se Enquadramento (α, β). O axioma temporal associado é o que se segue:

- (81) $\square (\text{Enquadramento}(\alpha, \beta) \rightarrow \text{sobreposição}(\text{me}(\alpha), \text{me}(\beta)))$

Segundo este axioma, se α e β estão relacionadas discursivamente por meio da relação discursiva de Enquadramento, então a situação principal descrita em β sobrepõe-se temporalmente à situação principal descrita em α . Vejam-se os seguintes exemplos de sequências que envolvem Enquadramento:

- (82) O Paulo chegou tarde a casa. A Ana estava adoentada.
(83) O Paulo aterrou em Paris às 14 h. Estava a chover.

Em quarto lugar, atente-se nas regras associadas à RD de Explicação:

Explicação

- (84) $\langle \alpha, \beta \rangle \wedge \text{causa}(\text{me}(\beta), \text{me}(\alpha)) > \text{Explicação}(\alpha, \beta)$

De acordo com (84), se as frases α e β estão relacionadas discursivamente e se a situação principal descrita em β causa a situação principal descrita em α , então normalmente verifica-se Explicação(α, β). O axioma temporal associado diz que, em casos de Explicação, a situação principal descrita em α não precede temporalmente a descrita em β .

- (85) $\square (\text{Explicação}(\alpha, \beta) \rightarrow \neg [\text{me}(\alpha) < \text{me}(\beta)])$

As sequências abaixo constituem casos de Explicação:

- (86) A Ana caiu. O Paulo empurrou-a.
(87) A Ana sentiu-se mal. Comeu quatro bolos.

Por último, importa atentar na relação discursiva de Resultado:

Resultado

$$(88) \quad \langle \alpha, \beta \rangle \wedge \text{causa}(\text{me}(\alpha), \text{me}(\beta)) > \text{Resultado}(\alpha, \beta)$$

A leitura da regra é a seguinte: se as frases α e β estão relacionadas discursivamente e se a situação principal descrita em α causa a situação principal descrita em β , então normalmente verifica-se Resultado (α, β) . O axioma temporal associado é dado em (89).

$$(89) \quad \Box (\text{Resultado}(\alpha, \beta) \rightarrow \text{me}(\alpha) < \text{me}(\beta))$$

O que este axioma expressa é que quando β se liga a α através de Resultado, então a situação principal descrita em β segue-se temporalmente à descrita em α . Vejam-se exemplos:

(90) O Paulo assaltou um banco. Foi condenado a dez anos de prisão.

(91) A Maria teve um furo. Chegou atrasada à Faculdade.

O cálculo das relações discursivas e relações temporais atrás mencionadas faz-se no âmbito de uma lógica que suporta cinco padrões de inferência: o Modus Ponens Desfazível, o Princípio do Pinguim e o Diamante de Nixon – que são padrões de inferência não-monótona (cf. $|\approx$) – e o Fechamento à Direita e o Dudley Doorite, que são padrões de inferência monótona (cf. $|\Rightarrow$). Apresento abaixo estes cinco padrões, tal como dados em Lascarides e Asher 1993.

- Modus Ponens desfazível

$$(92) \quad \phi > \psi, \phi |\approx \psi$$

Exemplo: Os pássaros normalmente voam, o Tweety é um pássaro $|\approx$ O Tweety voa.

- Princípio do Pinguim

$$(93) \quad \phi \rightarrow \psi, \phi > \neg\chi, \psi \rightarrow \chi, \phi |\approx \neg\chi$$

Exemplo: Os pinguins são pássaros, os pinguins normalmente não voam, os pássaros normalmente voam, o Tweety é um pinguim $|\approx$ O Tweety não voa.

- Diamante de Nixon⁸

$$(94) \quad \phi > \chi, \psi > \neg\chi, \phi, \psi \not\approx \chi \text{ (ou } \neg\chi)$$

Exemplo: Os Quakers são normalmente pacifistas, os Republicanos são normalmente não-pacifistas, Nixon é um Quaker e um Republicano $\not\approx$ Nixon é um pacifista / Nixon é um não-pacifista.

- Fechamento à Direita

$$(95) \quad \phi > \psi, \psi \rightarrow \chi \mid = \phi > \chi$$

Exemplo: os leões normalmente andam, os leões (não-desfazivelmente) têm pernas $\mid =$ os leões normalmente têm pernas.

- Dudley Doorite

$$(96) \quad \phi > \chi, \psi > \chi \mid = (\phi \vee \psi) > \chi$$

Exemplo: Um Quaker é normalmente um pacifista, um Republicano é normalmente um pacifista $\mid =$ Um Quaker ou um Republicano é normalmente um pacifista.

A título de exemplo, vejamos como se aplicam alguns destes princípios de inferência, nomeadamente o Modus Ponens Desfazível e o Princípio do Pinguim. O primeiro leva à interpretação da sequência abaixo como constituindo um caso de Narração.

$$(97) \quad \text{A Ana entrou na sala. Cumprimentou a Rita.}$$

O antecedente da regra de Narração – $\langle \alpha, \beta \rangle$ – está satisfeito. Logo, é possível concluir o conseqüente. No que respeita ao segundo, o Princípio do Pinguim, é através dele que, no caso de uma sequência como (98) abaixo, se resolve o conflito existente entre as regras de inferência de Narração (cf. versão de Lascarides e Asher 1993) e de Resultado.

$$(98) \quad \text{O Paulo assaltou um banco. Foi preso.}$$

⁸ Este princípio dá conta da impossibilidade de resolução do conflito entre duas regras cujos antecedentes não estejam relacionados.

Como se pode observar, aplicam-se aqui tanto o antecedente da regra de Narração como o da regra de Resultado. O antecedente da regra de Resultado é mais específico do que o da regra de Narração. Portanto, infere-se Resultado.

Das RD de Lascarides e Asher a que recorrerei na tese, falta, no entanto, mencionar a RD de Continuação. É uma relação muito fraca, que é inferida na ausência de informação que permita inferir uma RD mais forte. A regra que dá conta da sua inferência é a seguinte.

$$(99) \quad \langle \alpha, \beta \rangle > \text{Continuação } (\alpha, \beta)$$

É idêntica à de Narração, só que não tem axiomas espaço-temporais associados. Como condição necessária associada tem a existência de um tópico distinto (DT) comum às frases ligadas entre si. Esse tópico pode ser dado explicitamente ou inferido. Suponha-se que temos uma DRS π e uma DRS π' . Então:

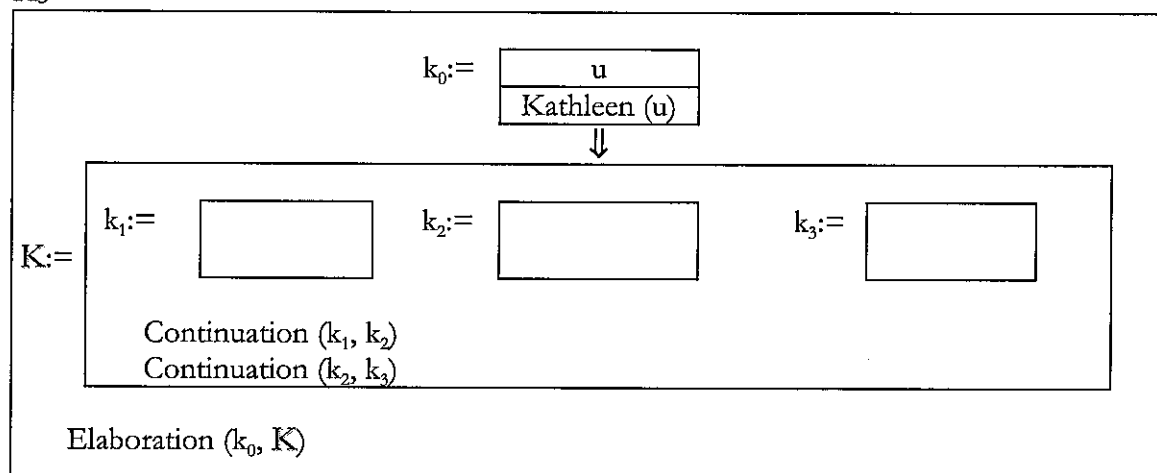
$$(100) \quad \text{Continuação } (\pi, \pi') \rightarrow \exists \gamma (\text{DT } (\gamma, \pi) \ \& \ (\text{DT } (\gamma, \pi') \ \& \ \neg (\text{DT } (\pi, \pi') \ \vee \ (\text{DT } (\pi', \pi))))$$

O que a regra diz é que duas DRS podem estar ligadas por Continuação apenas se há um tópico γ comum às duas DRS e que tem de ser distinto de cada uma dessas DRS. Esse tópico pode ser dado explicitamente ou inferido. Vejamos novamente o exemplo (60) repetido abaixo como (101).

$$(101) \quad \text{Kathleen is five feet 5 inches tall. She has brown hair and green eyes. She teaches at a university.}$$

Como se mostra no esqueleto da SDRS K_3 , é a esta RD que liga a terceira frase à segunda e esta última à primeira. O tópico – Kathleen – é introduzido na DRS k_0 .

K₃



Por fim, importa dar conta de uma particularidade da SDRT ainda não referida que é a possibilidade de uma DRS se ligar ao discurso anterior através de mais do que uma relação discursiva, ponto no qual a SDRT se distingue de teorias afins, como, por exemplo, a Rhetorical Structure Theory ou RST (cf. Mann e Thompson 1987). Consideremos as sequências (102) e (104). Assumamos que k_1, k_2, k_3, k_4 correspondem, respectivamente, às DRS que representam (102 a, b, c, d).

- (102) a. Ontem a Ana chegou tarde à faculdade.
b. Acordou tarde.
c. Perdeu o autocarro.
d. O táxi enganou-se no caminho.

Podemos assumir a estrutura discursiva que descrevo abaixo. De acordo com ela, tanto k_3 como k_4 se ligam ao discurso anterior através de duas relações discursivas.

- (103) Explicação (k_2, k_1)
Explicação (k_3, k_1)
Explicação (k_4, k_1)
Narração (k_3, k_2)
Narração (k_4, k_3)

Atentemos agora na sequência (104):

- (104) a. Alexis fell down.
b. Stephan had pushed her. (...)
c. She told her friend Ev.
d. Ev kicked Stephan.

(cf. Asher 1983: 283)

De acordo com a estrutura discursiva abaixo proposta, a última frase também está ligada ao contexto que a precede através de duas RD. Liga-se à primeira frase por Resultado e à terceira pela mesma RD.

- (105) Explicação (k₂, k₁)
- Narração (k₂, k₃)
- Resultado (k₃, k₄)
- Resultado (k₁, k₄)

Capítulo 3

Conceitos básicos de semântica temporal

Neste terceiro capítulo, farei a apresentação de conceitos fundamentais da semântica temporal e que são relevantes para este trabalho: a aktionsart, o tempo verbal, os domínios de significação temporal. Trata-se quase sempre de conceitos sobre os quais a bibliografia é de tal modo extensa e complexa que seria inviável dar conta dela aqui de forma completa. Limito-me, portanto, à apresentação dos aspectos estritamente necessários para a compreensão deste trabalho. Como o seu tema é a localização temporal adverbial anafórica, darei maior destaque ao domínio da localização e aos seus marcadores adverbiais.

3.1. Aktionsart

Como referido por diversas vezes na literatura (cf., por exemplo, Moens 1987 e Kamp e Reyle 1993), a distinção entre diferentes tipos de situações segundo a sua estrutura interna ou as suas propriedades temporais é fundamental para o estudo da semântica das expressões temporais. De acordo com esses factores, é possível agrupar as situações em diferentes classes aspectuais ou de aktionsart. Entre os exemplos mais evidentes da interacção da aktionsart com o tempo estão os que apresento abaixo, que são do mesmo tipo dos propostos em Dowty 1979:

(106) a. O Paulo dormiu durante duas horas.

b. *O Paulo dormiu em duas horas.

(107) a. *O Paulo acabou o trabalho durante meia hora.

b. O Paulo acabou o trabalho em meia hora.

Na frase (106 a), que envolve a situação de o Paulo dormir, é possível utilizar um sintagma de medição temporal introduzido por *durante*, mas não um introduzido por *em*. Inversamente, em (107), que envolve a situação de o Paulo acabar o trabalho, é possível o uso de um sintagma introduzido por *em*, mas não o uso de um introduzido por *durante*. Se não fosse possível distinguir entre os dois tipos de situações presentes nestas frases, não se poderia dar conta das restrições de co-ocorrência dos sintagmas com *durante* e *em* acima apresentadas. Quanto à classe de aktionsart, a

situação descrita em (106) é de tipo atético, ao passo que a descrita em (107) é de tipo tético. Mais precisamente, a primeira é um processo e a segunda um processo culminado.

Vejamos apenas mais um caso. Comparemos a inferência (108) com (109).

(108) a. O Paulo está (neste momento) a nadar.

b. → O Paulo nadou.

(109) a. O Paulo está (neste momento) a ler o livro.

b. → O Paulo ainda não leu o livro.

No primeiro caso, a situação é de tipo atético, novamente um processo, enquanto no segundo é de tipo tético, mais especificamente um processo culminado. Quando a situação é de tipo atético podemos extrair uma inferência como a apresentada em (108). Quando a situação é tética, não podemos extrair o mesmo tipo de inferência, ou seja, não podemos concluir a partir de (109 a) que o Paulo leu o livro.

Naquilo que ao estudo da localização temporal adverbial anafórica diz respeito, o recurso às classes de aktionsart (aktionsarten) é importante para dar conta de restrições impostas por alguns localizadores sobre as expressões que fornecem os seus antecedentes. Vejam-se os exemplos abaixo, em que as expressões anafóricas retomam intervalos de tempo associados à localização de situações:

(110) O Paulo escreveu uma carta no sábado à noite. Entretanto a Ana fez um puzzle.

(111) O Paulo preparou o jantar ontem à noite. Enquanto isso a Ana deu uma explicação.

(112) A Ana esteve hospitalizada no ano passado. Durante esse tempo dormiu muito mal.

Em casos de anáfora como estes, os localizadores *entretanto*, *enquanto isso* e *durante esse tempo* só retomam antecedentes fornecidos por situações não-pontuais ou alargadas, restrição que se insere no plano das propriedades de aktionsart. Veja-se:

(113) *O Paulo chegou a casa às cinco da tarde. {Entretanto / enquanto isso / durante esse tempo} a Ana chegou do supermercado.

A literatura sobre a aktionsart inclui várias tipologias⁹ de classes de aktionsart, a mais conhecida das quais é a de Vendler 1967, que classifica os verbos¹⁰ em quatro classes, *states*, *activities*, *accomplishments* e *achievements*. Esta tipologia é reformulada em Moens 1987 que, introduz alterações tanto no número de classes – passam a ser cinco – como no nome de cada uma delas. É a tipologia de Moens 1987 (apresentada também em Moens e Steedman 1988) que utilizo neste trabalho e que passo a descrever. Para facilitar a compreensão reproduzo abaixo o quadro apresentado em Moens 1987: 42, conservando o título original.

Quadro 1. As novas designações das cinco categorias Vendlerianas

	EVENTOS		ESTADOS
	atômicos	alargados	
+ conseq	CULMINAÇÃO recognize, spot, win the race	PROCESSO CULMINADO build a house, eat a sandwich	understand, love, know, resemble
– conseq	PONTO hiccough, tap, wink	PROCESSO run, swim, walk play the piano	

Como se pode observar, o autor distingue duas macroclasses de situações, a macroclasse dos eventos e a dos estados. Dentro da classe dos eventos distingue quatro subclasses com base em duas distinções: a distinção entre eventos atômicos e eventos alargados e a distinção entre eventos com estado consequente (+ conseq) e eventos sem estado consequente (– conseq). A distinção entre eventos atômicos e eventos alargados dá conta da diferença entre eventos que nós interpretamos como pontuais e eventos que nós interpretamos como situações que se prolongam no eixo do tempo.

A macroclasse dos eventos contém as situações relativamente às quais é claro que ocupam intervalos de tempo com um princípio e um fim bem definidos, por oposição à dos estados, que inclui situações das quais o início e o fim são mais indefinidos. A distinção entre eventos com estado consequente e eventos sem estado consequente separa eventos que envolvem um ponto particular e bem definido que representa uma

⁹ Outros trabalhos importantes que versam sobre classes de aktionsart são ainda Mourelatos 1978, Carlson 1981, ter Meulen 1983 e Hoeksema 1984.

¹⁰ A literatura mais recente tem mostrado que é no nível da frase que a classificação das situações em termos de aktionsart faz mais sentido. Veja-se, por exemplo, Verkuyl 1993, Swart 1998, e Swart e Verkuyl 1999.

mudança de estado – sendo o novo estado o estado consequente – dos que não envolvem uma mudança de estado (cf. Moens 1987: 43). As situações atômicas e com um estado consequente são as culminações; as situações atômicas e sem estados consequentes são os pontos. Quanto às alargadas, as que têm estado consequente são os processos culminados, enquanto as que não têm estado consequente são os processos. Vejam-se exemplos:

- | | | |
|-------|-----------------------------|----------------------|
| (114) | A Rosa ganhou a corrida. | (Culminação) |
| (115) | O bebé tossiu. | (Ponto) |
| (116) | O Paulo construiu uma casa. | (Processo Culminado) |
| (117) | A Ana tocou piano. | (Processo) |
| (118) | A Ana conhece o Paulo | (Estado) |

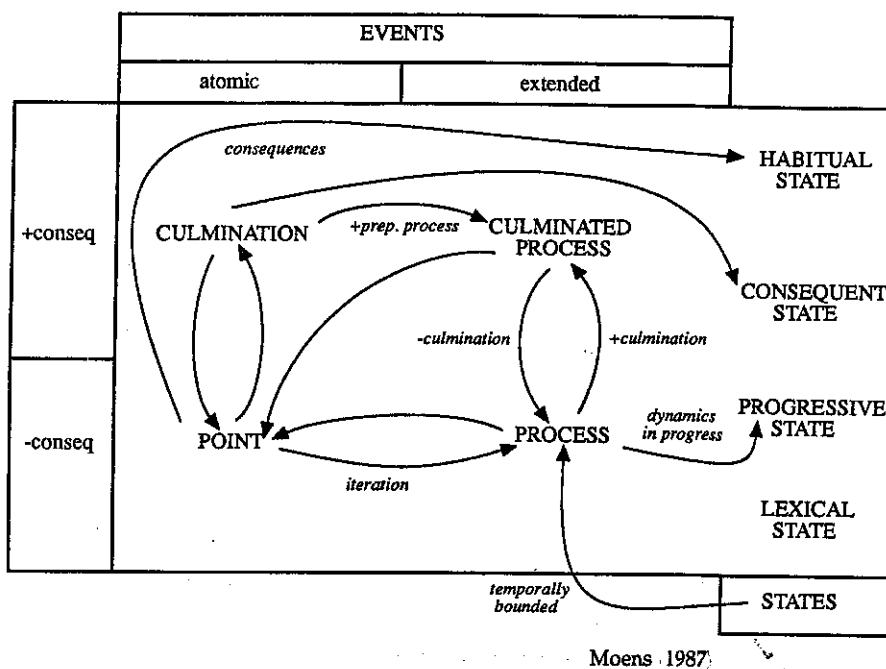
Ainda no domínio da aktionsart, um conceito pertinente é o da comutação aspectual (“aktionsart shift”). Este conceito visa dar conta de casos em que uma determinada expressão muda de uma classe de aktionsart para outra. Seguindo uma prática comum na literatura, utilizarei o termo classe básica e classe derivada, para designar, respectivamente, a classe a que uma expressão pertence antes da comutação e a classe a que a expressão passa a pertencer após a comutação. Em Moens 1987 e em Moens e Steedman 1988, os casos de comutação são analisados através de transições entre classes aspectuais. Vejam-se exemplos:

- (119) a. A Ana leu a *Aparição*.
 b. A Ana leu a *Aparição* durante meia-hora.

Na linha do proposto por Moens 1987, Moens e Steedman 1988 e Swart 1998, entre outros, para os sintagmas com *for*, os sintagmas como *durante*, como o presente em (119 b), têm o efeito de fazer transitar uma expressão da classe de processo culminado para a classe de processo. Quanto ao exemplo seguinte, e também como sugerido na literatura – cf. Moens 1987, Moens e Steedman 1988 e Swart 1998 – para casos similares com o progressivo em inglês, pode considerar-se que a introdução de *estar a* transforma um processo culminado num processo.

- (120) a. A Ana resolveu o problema de matemática.
 b. A Ana está a resolver o problema de matemática.

Veja-se a rede de transições (rede aspectual) apresentada em Moens 1987:



A pertinência do conceito de comutação aspectual para o estudo da localização temporal adverbial anafórica é visível no contraste existente entre os exemplos (121)-(122) e os exemplos (123)-(124). Começemos por observar (121)-(122):

- (121) O treinador Manuel Francisco teve o apoio incondicional dos adeptos enquanto o FCB ganhou o campeonato nacional de futebol.
- (122) A Monica foi a tenista mais bem paga do mundo durante o tempo em que ganhou o torneio de Wimbledon.

As situações em que importa atentar são as descritas em *o FCB ganhou o campeonato nacional de futebol* e *em que (a Monica) ganhou o torneio de Wimbledon*. Trata-se de situações que, na tipologia de Moens 1987, correspondem a pontos. No entanto, nos dois exemplos acima, elas claramente sofreram uma transição aspectual passando, por iteração, a pertencer às expressões que pertencem à categoria de processo. Estas mesmas transições são bloqueadas em caso de anáfora como se pode ver em (123) e (124):

- (123) *O FCB ganhou o Campeonato Nacional de Futebol. Enquanto isso o treinador Manuel Francisco foi muito elogiado.
- (124) *A Monica ganhou o torneio de Wimbledon. Durante esse tempo foi a tenista mais bem paga do mundo.

Este contraste parece mostrar que há uma interação entre a comutação de aktionsart e a anáfora em estudo. Esta questão será retomada no capítulo 6.

3.2. O tempo verbal em português – a proposta de Peres 1993

O tratamento apresentado em Peres 1993 e 1995 para os tempos verbais em português¹¹ é inspirado no de Reichenbach 1947 para o inglês e na adaptação que dele fazem Kamp e Reyle 1993. Reichenbach 1947 dá conta de nove tempos verbais da língua inglesa recorrendo a duas relações que envolvem três pontos, o ponto do evento (E), o ponto do discurso (S) e o ponto da referência (R). A introdução deste último ponto é motivada pela existência de tempos complexos como, por exemplo, o “pluperfect” (pretérito-mais-que-perfeito). Veja-se o seguinte exemplo:

- (125) A Ana arrived at 10. Paul had already left.
A Ana chegou às 10 h. O Paulo já tinha partido.

O “pluperfect” indica uma anterioridade relativamente a um tempo R anterior ao tempo da enunciação S. Nesta sequência esse tempo R é representado pelo momento em que a Ana chegou.

Uma das relações propostas por Reichenbach 1947 envolve o ponto do evento E e o ponto do discurso S: E pode ser anterior a S (E–S), E pode ser posterior a S (S–E), ou pode haver simultaneidade entre E e S (S, E). A outra relação estabelece-se entre o ponto do evento E e o ponto de referência R: E pode ser anterior a R (E–R), E pode ser posterior a R (R–E), ou pode haver simultaneidade entre os dois pontos (R, E).

O quadro 2 – uma adaptação do que é dado em Swart e Verkuyl 1999: 52 – mostra como estas relações permitem dar conta de nove tempos verbais:

¹¹ Para outros trabalhos sobre os tempos verbais em português, veja-se Oliveira 1986 e Oliveira e Lopes 1995.

Quadro 2. A proposta de Reichenbach 1947 para os tempos do inglês

Estrutura	Designação nova	Designação tradicional	Exemplo
E-R-S	anterior past	pluperfect	I had left
E, R-S	simple past	simple past	I left
R-S, E	posterior past	–	I would leave
E- S, R	anterior present	present perfect	I have left
S, R, E	simple present	present	I leave
S, R-E	posterior present	simple future	I will leave
S, E- R	anterior future	future perfect	I will have left
S-R, E	simple future	simple future	I will leave
S-R- E	posterior future	–	I shall be going to leave

A proposta de Kamp e Reyle 1993 segue no essencial mas não na totalidade a de Reichenbach 1947:

“We will follow Reichenbach in what we consider to be the spirit of his proposal, though not in its details (...) In fact, we believe that Reichenbach went astray when he wanted his notion of reference point to do too many things at once.”

(Kamp e Reyle 1993: 594)

Passo a assinalar algumas das diferenças entre as duas propostas. Kamp e Reyle 1993 consideram importante distinguir o papel que o ponto de referência desempenha em sequências com tempos perfeitos – cf. (126) – do que desempenha em sequências narrativas como (127):

(126) Fred arrived at 10. He had got up at 5.

(127) ...He had got up at 5; he had taken a long shower, had got dressed and had eaten a leisurely breakfast...

(cf. Kamp e Reyle 1993: 594)

Em (126) o ponto de referência representa um ponto anterior ao tempo da enunciação no passado do qual a situação descrita na segunda frase é localizada. O mesmo não se aplica a (127). Aí é preciso um ponto de referência que dê conta da progressão narrativa e que é actualizado à medida que uma nova frase vai sendo processada. Distinguem, pois, dois conceitos de ponto de referência. Chamam *ponto de perspectiva temporal* (TPpt) àquele que corresponde ao uso desse ponto em (126); Reservam o

termo *ponto de referência* (Rpt) para o designar o ponto necessário para tratar sequências narrativas como (127).

Para dar conta dos tempos verbais recorrem a dois traços: TP (Temporal Perspective) e Tense (cf. Kamp e Reyle 1993: 598). O primeiro dá conta da relação entre o TPpt e o tempo da enunciação e tem dois valores: +PAST e -PAST; o segundo regista a relação entre o intervalo de localização de uma situação e o TPpt, tendo três valores possíveis: *past*, *pres* e *fut*.

Na linha de Kamp e Reyle 1993, Peres 1993 e 1995 dá conta dos tempos verbais do indicativo recorrendo também a dois traços, a perspectiva temporal e a localização relativa. Cada um destes traços pode ter três valores, como se mostra abaixo.

Perspectiva temporal: passado, presente e futuro

Localização relativa: anterioridade, sobreposição e posterioridade

Note-se a diferença relativamente a Kamp e Reyle nos valores do primeiro destes traços. No Quadro 3, abaixo, apresento a caracterização dos tempos do indicativo do português. Note-se que, seguindo propostas existentes na literatura (cf. p. ex., Cunha e Cintra 1984), incluo nesses tempos *o futuro do pretérito* – p. ex., *estaria* – que segundo outras propostas é classificado como *presente do condicional*.

Quadro 3. Os tempos verbais do Indicativo

		Localização verbal	Designação tradicional	Designação proposta
Ponto de Perspectiva Temporal	passado	anterioridade	pretérito mais-que-perfeito simples pretérito mais-que-perfeito composto	anterior a passado
		sobreposição	pretérito imperfeito	sobreposto a passado
		posterioridade	condicional presente / futuro do pretérito	posterior a passado
	presente	anterioridade	pretérito perfeito simples pretérito perfeito composto	anterior a presente
		sobreposição	presente pretérito perfeito composto	sobreposto a presente
		posterioridade	futuro imperfeito	posterior a presente
	futuro	anterioridade	futuro perfeito	anterior a futuro
		sobreposição	futuro imperfeito	sobreposto a futuro
		posterioridade	–	posterior a futuro

A cada um destes tempos correspondem diferentes condições de DRS. Veja-se o seguinte quadro:

Quadro 4. Condições de DRS associadas aos tempos verbais do Indicativo

Tempo verbal	Exemplos	Condições de DRS
anterior a passado	A Ana {estivera / tinha estado} em Paris.	[TPpt := o] [o < n] [s < o]
sobreposto a passado	A Ana estava em Paris.	[TPpt := o] [o < n] [s ○ o]
posterior a passado	A Ana estaria em Paris.	[TPpt := o] [o < n] [o < s]
anterior a presente	A Ana esteve em Paris.	[TPpt := n] [s < n]
sobreposto a presente	A Ana está em Paris.	[TPpt := n] [s ○ n]
posterior a presente	A Ana estará em Paris.	[TPpt := n] [n < s]
anterior a futuro	A Ana terá estado em Paris.	[TPpt := o] [n < o] [s < o]
sobreposto a futuro	A Ana estará em Paris.	[TPpt := o] [n < o] [s ○ o]
posterior a futuro	–	[TPpt := o] [n < o] [o < s]

3.3. Subdomínios de significação temporal: localização, medição, circunscrição

3.3.1. Localização

De acordo com Kamp e Reyle 1993, dar a localização temporal de uma entidade (p. ex., uma situação ou um intervalo de tempo) ou localizá-la temporalmente consiste

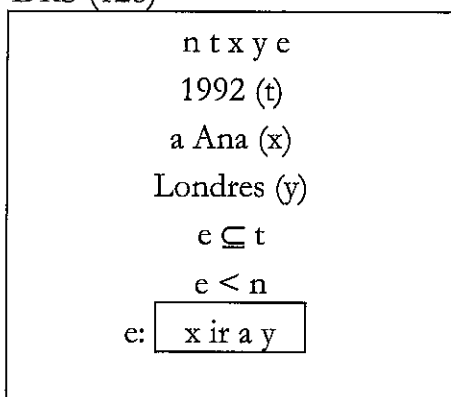
em estabelecer uma relação entre essa entidade e uma parte do eixo do tempo. Envolve, como explicado de forma clara em Mória 2000, pelo menos os três ingredientes seguintes: a entidade a ser localizada **ev**, um intervalo de tempo **t**, e uma relação **R**, que relaciona **ev** com **t**. Vejam-se os seguintes casos:

(128) A Ana foi a Londres em 1992.

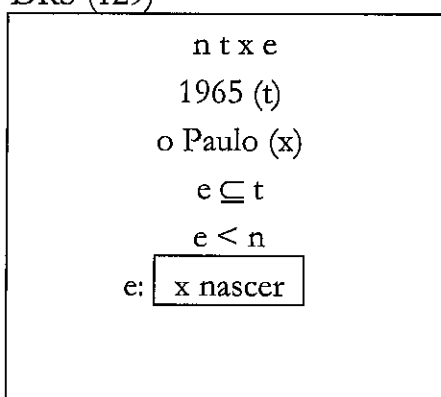
(129) O Paulo nasceu em 1965.

Aqui as situações descritas por *a Ana foi a Londres* e *o Paulo nasceu* constituem a entidade a localizar (**ev**); *1992* e *1965* representam um intervalo de tempo (**t**); e a preposição *em* expressa a relação entre **ev** e **t**, que, neste caso particular, é uma relação de inclusão. Vejam-se as representações destas frases:

DRS-(128)



DRS-(129)



3.3.2. Os localizadores temporais adverbiais – a sua função e a sua estrutura

Os marcadores adverbiais de localização temporal são geralmente designados por localizadores temporais. Tal como se explica em Kamp e Reyle 1993: 611-2, estas expressões são utilizadas como “explicit specifiers of location times, whose presence obviated the need to reconstruct the location time of the described eventuality from the antecedent context.” Compare-se (130 a) com (130 b):

(130) a. A Ana foi a Londres.

b. A Ana foi a Londres em 1992.

Em (130 a), o tempo de localização da situação aí descrita – *a Ana ir a Londres* – tem de ser reconstruído. A única informação que temos acerca desse tempo, obtida através do tempo verbal, é de que ele é anterior ao tempo da enunciação. Pelo contrário, em (130 b), tal reconstrução não é necessária. Além da informação transmitida pelo tempo verbal, a frase contém informação explícita que localiza a situação num dado intervalo de tempo, neste caso o ano de 1992.

O que caracteriza os localizadores temporais adverbiais, como *em 1992*, *até 1990*, ou *enquanto a Maria esteve fora*, e os distingue de outras expressões temporais – por exemplo, expressões de medição (*durante cinco horas*) ou expressões denotadoras de intervalos de tempo (*1992*) – é o seu duplo papel de definirem um intervalo de tempo – o intervalo de localização – e de estabelecerem uma relação entre a entidade a localizar e esse intervalo de tempo – a relação de localização. Nesta secção e nas secções seguintes, explicarei de que modo os elementos que compõem os localizadores temporais contribuem para a definição desse intervalo e dessa relação. Baseio-me essencialmente em Kamp e Reyle 1993 e em Mória 2000.

Muitos dos trabalhos dedicados ao estudo das expressões adverbiais de localização temporal não tratam a questão da estrutura interna destas expressões – p. ex., Borillo 1983 e Kamp e Rohrer 1983 – ou tratam-na apenas de forma geral – é o caso, por exemplo, de Bras 1990 e Asher et al. 1995. Um dos trabalhos em que essa questão é abordada de forma aprofundada é Mória 2000, que põe em evidência que a estrutura sintáctica básica dos adverbiais de localização mais simples é, de forma esquemática, [op. temporal + complemento]. A classe dos operadores temporais integra expressões, tradicionalmente classificadas como preposições ou conjunções, como *em*, *enquanto* e *durante*, entre outras. As expressões que ocorrem como seus complementos são expressões denotadoras de tempo (doravante TDE¹²), subdivididas, na terminologia do autor, em básicas e derivadas¹³. As primeiras são expressões que referem intervalos de tempo – p. ex., *Maio, 1980, o século XX* – e as segundas são descrições de situações – p. ex., *a Maria esteve fora, a reunião do conselho científico*. Os exemplos que se seguem incluem localizadores em que a estrutura sintáctica atrás referida é bastante evidente:

(131) O Paulo visitou Paris em 1980.

(132) A TV foi inventada durante o século XX.

¹² A abreviatura TDE é formada a partir do termo inglês *time-denoting expression* e é introduzida em Mória 2000. Em regra, neste trabalho adoptarei as abreviaturas já existentes na literatura, mesmo que, como acontece aqui, correspondam a designações em inglês.

¹³ Como se verá no capítulo 5, neste trabalho as descrições de situações não são consideradas expressões denotadoras de tempo, mas sim expressões supridoras de tempo.

- (133) O Paulo licenciou-se enquanto a Maria esteve em França.
- (134) A Ana dormiu durante a reunião do conselho científico.
- (135) O Paulo esteve doente até ontem.

Alguns localizadores têm uma estrutura sintáctica mais complexa, envolvendo dois operadores temporais e complementos associados.

- (136) O Paulo esteve em Paris de Janeiro a Junho.
- (137) A Ana esteve em Roma desde Fevereiro até Outubro.

Contudo, como referido por diversas vezes na literatura, em alguns localizadores não é visível a presença de qualquer operador temporal. É o caso, entre outros, dos localizadores presentes nas frases seguintes:

- (138) (Paul est parti) hier. (cf. Asher et al. 1995)
- (139) (John wrote a letter) last Sunday. (cf. Kamp e Reyle 1993)
- (140) (A Ana chega) hoje. (cf. Mória 2000)

Os autores que chamaram a atenção para os casos (138)-(140) avançaram com a hipótese de esses localizadores envolverem um operador nulo, que seria do tipo de *em*. Mória 2000 propõe, para os localizadores que considera nesse trabalho e que não exibem um operador explícito, que estes são encabeçados por um *em* nulo, que representa como \emptyset_{em} . Uma classe importante desses localizadores são os que envolvem as expressões *antes* e *depois* – cf. *antes de Maio, depois disso* –, expressões que, como explicarei na próxima secção, esse autor transfere da classe dos operadores de localização para a classe das expressões a que chama **cabeças de expressões denotadoras de intervalos de tempo (estruturalmente complexas)**. Entre as principais vantagens da solução de se introduzir um operador nulo na estrutura dos localizadores adverbiais sem operador explícito encontra-se a possibilidade de uniformização, no que respeita à estrutura sintáctica, da macroclasse dos localizadores temporais – [op. temp. + compl.] – por oposição à das expressões denotadoras de tempo, caracterizadas pela ausência de um operador de localização. Evita ainda a dupla categorização – expressão denotadora de tempo e localizador temporal – das expressões que ocorrem sem operador explícito. Finalmente, permite ainda dar conta de forma mais simples da relação de inclusão, que claramente existe nos exemplos (138)-(140), entre a situação a localizar e o intervalo de localização. Por estas razões,

generalizarei essa proposta a outros casos, como os localizadores com proformas temporais¹⁴ (p. ex., *entretanto*) e advérbios simples (p. ex., *recentemente*).

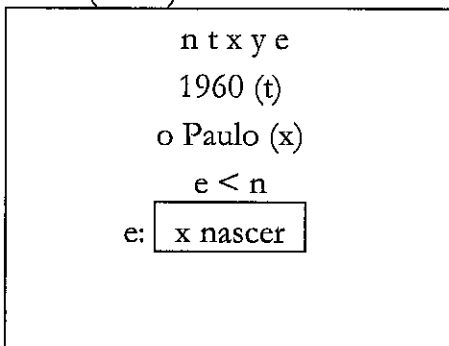
- (141) O Paulo fez o jantar ontem à noite. A Maria pôs a mesa entretanto.
 (142) O Paulo foi a Paris no mês passado. Estivera lá recentemente.

3.3.2.1. A função dos operadores temporais na definição da relação de localização

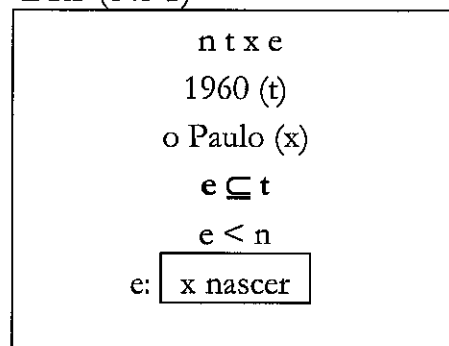
A relação de localização temporal é a relação que se estabelece entre a entidade a localizar e um intervalo de tempo. Segundo proposta de Mória 2000, os operadores temporais são os elementos que estabelecem essa ligação entre a entidade a localizar e o intervalo de localização. Apresento abaixo duas representações em DRT para a frase (143). Na primeira delas, não incluo a condição que dá conta dessa função do operador, que, neste caso, é *em*. Na segunda, destaco essa condição.

- (143) O Paulo nasceu em 1960.

DRS-(143 a)



DRS-(143 b)



Como se pode ver, na DRS da esquerda não há nenhuma condição que estabeleça uma relação entre a entidade a localizar, a situação e, e o intervalo representado por 1960, isto é, t. É como se a frase a representar fosse “*O Paulo nasceu 1960”. Já na DRS da direita a condição [e ⊆ t] dá conta da relação de inclusão da situação descrita no intervalo representado por 1960. Ao fazer intervir o operador temporal na introdução

¹⁴ É interessante assinalar que algumas destas expressões, actualmente simples, resultam visivelmente da fusão do operador temporal com o seu complemento. Veja-se, como exemplo, o caso de *então* (*em tão*) e de *doravante* (*de ora avante*).

da referida condição de DRS, Mória 2000 distingue-se de Kamp e Reyle 1993, que introduzem essa condição com base na aktionsart da situação a localizar. Nestes autores, a relação de localização é calculada da seguinte forma:

- (i) Se a situação a localizar (ev) é [+ estativa], por exemplo, um estado ou uma actividade, então $[ev \circ t]$.
- (ii) Se a situação a localizar (ev) é [- estativa], por exemplo, um evento, então $[ev \subseteq t]$.

Segundo Mória 2000, os operadores temporais, além de relacionarem as duas entidades relevantes – a entidade a localizar e o intervalo de localização–, desempenham também, em conjunto com a aktionsart da situação a localizar, um papel no cálculo do modo de localização. Veja-se o seguinte quadro, adaptado do apresentado por este autor:

Quadro 5. Modos de localização e operadores temporais associados

aktionsart da sit. a localizar	modo de localização	condições de DRS	operadores associados
sit. télica	inclusiva simples	$[ev \subseteq t]$	<i>em</i>
sit. atélica	durativa (estrita)	$[t \subseteq ev]$	<i>desde</i> <i>até</i>
	durativa neutra	$[t \circ ev]$	<i>em</i> <i>durante</i> <i>enquanto</i>

Este quadro dá conta dos três principais modos de localização que o autor distingue e de alguns dos operadores a eles associados. A título de exemplo, comparem-se as frases (144) e (145), em que ocorrem, respectivamente, os operadores *em* e *até*.

- (144) O Paulo esteve doente em Maio.
- (145) O Paulo esteve doente até Maio.

A primeira frase pode ser usada para descrever uma situação em que o Paulo esteve doente apenas durante parte do intervalo de localização – por exemplo, em dois ou três dias do mês de Maio. A segunda frase só pode ser usada para descrever uma

situação em que o Paulo esteve doente durante todo o intervalo de localização, que começou em algum momento antes de Maio e termina nesse mês.

3.3.2.2. A função dos operadores temporais e das cabeças de expressões denotadoras de tempo complexas na definição do intervalo de localização

O intervalo de tempo t no qual uma entidade é localizada é chamado o **intervalo de localização**. Esse intervalo é definido em função da relação entre o operador temporal e a expressão que ocorre como seu complemento, representada por t_c . Por exemplo, no primeiro dos dois casos abaixo, que envolve o operador *em*, esse intervalo t coincide com o intervalo definido pela expressão complemento, ao passo que no segundo caso o complemento fornece apenas a fronteira final do intervalo de localização.

(146) A Ana nasceu em 1965.

(147) O Paulo viveu em Coimbra até 1999.

De acordo com o modo como se relacionam com os seus complementos para definir um intervalo de tempo, e na linha do proposto em Mória 2000, é possível agrupar os operadores em quatro classes. Veja-se o seguinte quadro:

Quadro 6. Subtipos de operadores temporais

classes de operadores	condições de DRS	operadores	exemplos	representação gráfica
directos	$[t = t_c]$	<i>em</i> <i>durante</i> <i>enquanto</i>	<i>em Maio,</i> <i>durante 1999</i> <i>enquanto isso</i>	---- t_c ---- t
de fronteira inicial	$[\text{beg}(t) \subseteq t_c]$	<i>desde</i> <i>de</i>	<i>desde Maio</i> <i>de Maio</i>	---- t_c ---- t
de fronteira final	$[\text{end}(t) \subseteq t_c]$	<i>até</i> <i>a</i>	<i>até Junho</i> <i>a Junho</i>	---- t_c ---- t
de fronteira inicial e de fronteira final	$[\text{beg}(t) \subseteq t_{c1}] \ \& \ [\text{end}(t) \subseteq t_{c2}]$	<i>desde...até</i> <i>de...a</i>	<i>desde Maio</i> <i>até Junho</i> <i>de Maio a Junho</i>	---- t_{c1} ---- t_{c2} ----- t

A definição do intervalo t_c pode ainda estar associada à definição de um outro intervalo de tempo. É o que acontece quando a expressão que representa t_c envolve aquilo que Mória designa por cabeças de expressões denotadoras de tempo estruturalmente complexas. Uma das propostas originais de Mória 2000 foi a reclassificação como cabeças de expressões denotadoras de tempo complexas de expressões tradicionalmente classificadas como operadores temporais¹⁵. Apresento abaixo a classificação proposta:

Quadro 7. Operadores temporais e cabeças de expressões denotadoras de tempo estruturalmente complexas

I operadores de localização temporal	II cabeças de expressões denotadoras de tempo (estruturalmente complexas)
<i>em, a</i> <i>durante</i> <i>enquanto</i> <i>ao longo de,</i> <i>desde, a partir de</i> <i>até</i> <i>de...até / a</i>	<i>antes</i> <i>depois</i> <i>entre</i> <i>quando</i> <i>haver (X-Tempo)</i> <i>de...a (X-Tempo)</i> <i>X-Tempo antes</i> <i>X-Tempo depois</i>

Não pretendo reproduzir toda a argumentação que sustenta esta partição, sublinho apenas que as expressões do lado direito da coluna, ao contrário das do lado esquerdo, encabeçam expressões denotadoras de tempo complexas que não são por si só localizadoras. Assim, não desempenham o papel, atribuído na secção 3.3.2.1. aos operadores, de relacionarem a entidade a localizar com o intervalo de localização. Em comum com os operadores, têm, no entanto o papel de, em interacção com a expressão que ocorre como seu complemento, contribuírem para a definição de um intervalo de tempo. Essas cabeças de TDE caracterizam-se por definir intervalos de tempo, representados por t_c , a partir das expressões que ocorrem como seus

¹⁵ Para uma descrição mais detalhada da proposta do autor para *antes* e *depois*, veja-se ainda Mória 1998.

complementos, expressões representadas por t_{cc} . Mória distingue quatro tipos de cabeças de TDE complexas, de acordo com o modo como essas cabeças de TDE complexas definem intervalos a partir dos seus complementos:

Quadro 8. Subtipos de TDE complexas

operação envolvida na definição de t_c	condições de DRS	cabeças de TDE	exemplos	representação gráfica
definição de uma fronteira	$[t_c \supseteq t_{cc}]$ ----- $[t_{cc} \supseteq t_c]$	<i>antes</i> ----- <i>depois</i>	<i>antes de Maio</i> ----- <i>depois de 1999</i>	$ \text{----} t_{cc}$ $ \text{----} t_c$ ----- $ \text{----} t_{cc}$ $ \text{----} t_c$
definição de duas fronteiras	$[\text{beg}(t_c) \subseteq t_{cc1}]$ $[\text{end}(t_c) \subseteq t_{cc2}]$	<i>entre</i>	<i>entre 1980 e 1990</i>	$ \text{----} t_{cc1} \text{----} t_{cc2}$ $ \text{-----} t_c$
definição de uma relação com uma situação	$[t_c = t_{cc}]$ $[t_{cc} = \text{loc}(ev)]$	<i>quando</i>	<i>quando a Ana esteve fora</i>	$ \text{----} t_{cc}$ $ \text{----} t_c$
¹⁶ medição ou contagem a partir de pontos de ancoragem	$[\text{dur}(t') = mt]$ $[\text{um dia}(mt)]$ $[\text{beg}(t') = t_c]$ $[\text{end}(t') \subseteq t_{cc}]$	<i>um dia antes</i>	<i>um dia antes disso</i>	$ \text{----} t_c \quad \text{----} t_{cc}$ ↑ um dia

¹⁶ Para a caracterização destas expressões, veja-se o capítulo 5.

3.3.3. Medição

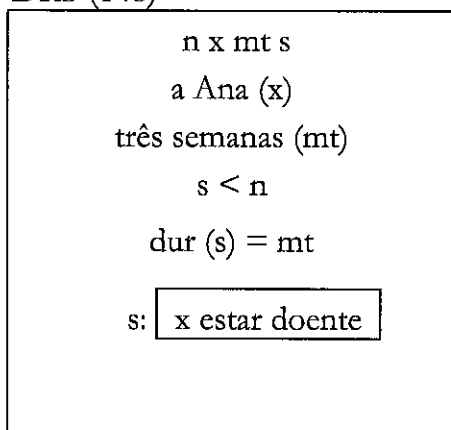
Dar a duração temporal de uma situação ou medir a sua duração temporal consiste em declarar a quantidade de tempo que ela dura. Esta operação é claramente distinta da de localização temporal, na medida em que nesta, ao contrário daquela, não se estabelece uma relação entre uma situação ou outro tipo de entidade e o eixo temporal. Em vez disso, estabelece-se uma relação entre a situação ou intervalo de tempo cuja duração se quer medir e uma quantidade de tempo. Vejam-se as frases abaixo.

(148) A Ana esteve doente durante três semanas.

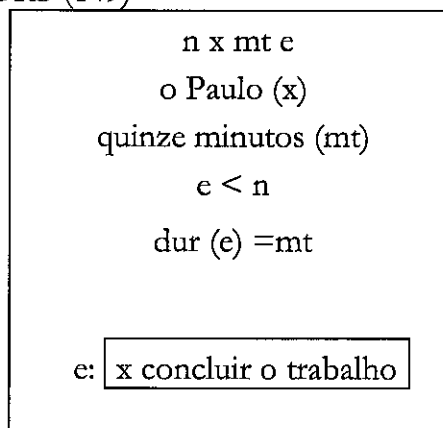
(149) O Paulo concluiu o trabalho em quinze minutos.

Tanto uma frase como a outra fornecem informação explícita sobre a quantidade de tempo que a situação descrita durou – três semanas e quinze minutos, respectivamente – através dos sintagmas *durante três semanas* e *em quinze minutos*. Nesta operação, estão também envolvidos três ingredientes: uma entidade (uma situação ou um intervalo de tempo) a ser medido **ev**, uma quantidade de tempo **mt**, que corresponde à medida temporal da situação ou intervalo, e uma relação **R** que associa **ev** a **mt**. Vejam-se as representações simplificadas das frases (148)-(149):

DRS-(148)



DRS-(149)



3.3.4. Circunscrição

A circunscrição temporal consiste na delimitação temporal de uma operação de medição ou contagem. Esta relação envolve, nos casos aqui apresentados, a definição

de um intervalo de tempo – o **intervalo de circunscrição** – e uma operação de medição ou contagem. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (150) O Paulo leu três romances desde 1999. (cf. Mória 2000)
(151) A Maria escreveu quatro livros no espaço de cinco anos.
(152) O Paulo foi cinco vezes a Paris em Março, Abril e Maio.

Neste primeiro conjunto de frases, as expressões *desde 1999*, *o espaço de cinco anos* e *Março, Abril e Maio* representam um intervalo de tempo no âmbito do qual se conta, respectivamente, o número de romances que o Paulo leu, o número de livros que a Maria escreveu e o número de vezes que o Paulo foi a Paris.

Importa notar que as expressões que circunscrevem operações de contagem ou medição não constituem respostas apropriadas a perguntas-*quando*, o que eu considero ser um argumento importante em favor da separação do domínio da circunscrição, relativamente ao da localização, separação que não é feita em Mória 2000, mas que o autor refere em trabalhos posteriores (cf. Mória 2002).

- (153) a. P: Quando/desde quando é que o Paulo leu três romances?
b. R: *desde 1980.
(154) a. P: Quando é que a Maria escreveu quatro livros?
b. R: *no espaço de cinco anos.
(155) a. P: Quando é que o Paulo foi cinco vezes a Paris?
b. R: *em Março, Abril e Maio.

Interessa também notar que não existe coincidência total entre as expressões adverbiais associadas à localização e as expressões adverbiais associadas à circunscrição, o que considero ser também um argumento a favor de uma análise que distinga a circunscrição temporal da localização temporal. A classe de expressões adverbiais que definem intervalos de tempo para efeitos de contagem e medição parece sobrepor-se à dos localizadores temporais, mas apenas parcialmente: em primeiro lugar porque nem todos os localizadores adverbiais podem ser usados na definição de intervalos de circunscrição. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (156) *O Paulo esteve doente três vezes desde antes de se mudar para Paris.
(157) *O Paulo escreveu três romances até depois de regressar a Lisboa.

As expressões do tipo de *desde antes de se mudar para Paris e até depois de regressar a Lisboa* não ocorrem, como se vê, em contextos de circunscrição. No entanto, ocorrem claramente em contextos de localização. Veja-se:

- (158) (Desde quando é que o Paulo namora a Ana ?) O Paulo namora a Ana desde antes de se mudar para Paris.
- (159) (Até quando é que o Paulo namorou a Ana ?) O Paulo namorou a Ana até depois de regressar a Lisboa.

Em segundo lugar, porque algumas expressões usadas na definição de intervalos de circunscrição não podem ser usadas para definir intervalos de localização. Entre essas, contam-se expressões encabeçadas por predicados de quantidade de tempo não definidas, como *em cinco anos*, e expressões – tanto quanto é do meu conhecimento, não mencionadas antes na literatura – como, por exemplo, *em Março, Abril e Maio* e *ontem e anteontem*. Trata-se de expressões que envolvem a coordenação de nomes e que permitem uma leitura a que se poderá chamar leitura cumulativa¹⁷, que é aquela que aqui interessa. Vejam-se os exemplos abaixo:

- (160) A Maria escreveu quatro livros em cinco anos.
- (161) O Paulo foi cinco vezes a Paris em Março, Abril e Maio
- (162) O Paulo telefonou à Maria mais de dez vezes ontem e anteontem.

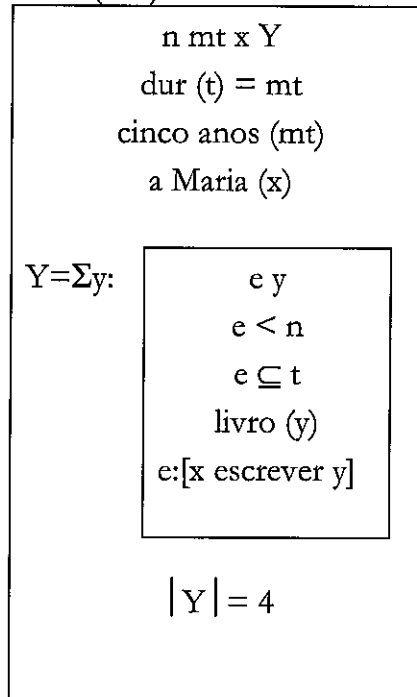
Quanto a (162), a leitura cumulativa é aquela em que o SN *Março, Abril e Maio* representa um intervalo de tempo único que corresponde à soma dos três intervalos, Março, Abril e Maio. *Mutatis mutandis*, o mesmo se aplica a *ontem e anteontem*. Nessa leitura, estas expressões não podem ser usadas para definir intervalos de localização de eventos. Repare-se na estranheza das seguintes frases:

- (163) *O Paulo foi a Paris em Março, Abril e Maio
- (164) *O Paulo telefonou à Maria ontem e anteontem.

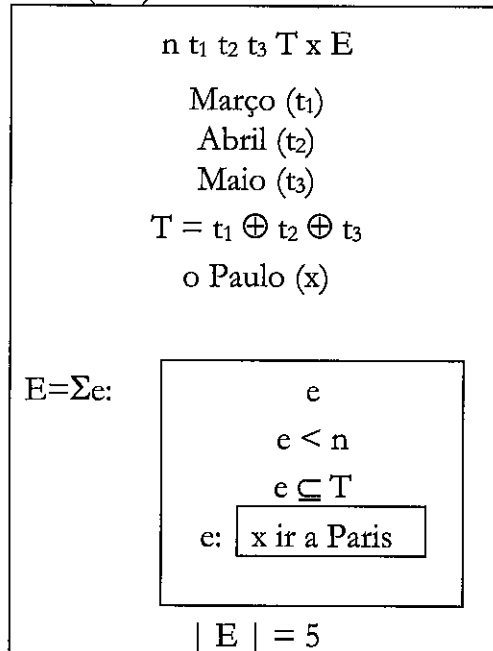
A título de ilustração vejam-se abaixo as representações (simplificadas) das frases (160)-(162):

¹⁷ O conceito de leitura cumulativa aqui usado corresponde ao mencionado em Scha 1982 para SN não temporais.

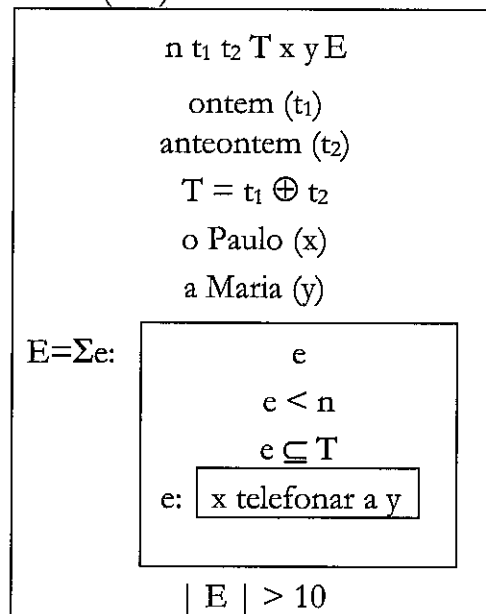
DRS-(160)



DRS-(161)



DRS-(162)



Capítulo 4

Delimitação da localização temporal adverbial anafórica

Considero que o tipo de anáfora em estudo neste trabalho é apenas um dos subtipos da anáfora temporal. Assim, em primeiro lugar procurarei explicitar aquilo que distingue o tipo de anáfora de que me vou ocupar de outros tipos de anáfora, nomeadamente da anáfora no sistema do tempo verbal e da anáfora argumental. Em segundo lugar, mostrarei que, contrariamente ao que a literatura existente, pela falta de referência ao tema, nos pode levar a concluir, a anáfora temporal adverbial não se restringe ao domínio da localização temporal. Conforme se verá, este tipo de anáfora estende-se pelo menos quer ao domínio da medição temporal quer ao domínio da circunscrição temporal.

4.1. Anáfora temporal verbal

A localização temporal adverbial anafórica será estudada, como se disse já, em sequências discursivas como (165 a) abaixo:

- (165) a. O Paulo assaltou um banco. Foi preso no mesmo dia.
- b. O Paulo assaltou um banco. Foi preso.

Note-se que, em termos de interpretação temporal, essa sequência está muito próxima de (165 b), que não contém qualquer localizador. Em ambos os casos, inferimos que a segunda situação descrita se segue temporalmente à primeira e não é a presença do localizador que desencadeia esta inferência. Por causa da proximidade existente em muitos casos entre as sequências com localizadores anafóricos e sequências sem localizadores – proximidade que será tida em conta neste trabalho – e por causa da relevância dos estudos existentes sobre a matéria, não posso deixar de apresentar aqui – e de forma relativamente detalhada – as principais propostas sobre o estudo da interpretação temporal de sequências sem localizadores anafóricos. Numa primeira fase, a abordagem dessas sequências fez-se no âmbito do estudo das propriedades anafóricas dos tempos verbais (cf., por exemplo, Partee 1973 e 1984). Numa segunda fase (cf. por exemplo, Lascarides e Asher 1991 e 1993), passou a ser feita no quadro de uma teoria que integra relações discursivas. Nas secções que se seguem, farei uma apresentação breve destes dois tipos de abordagens.

4.1.1. Abordagens clássicas à anáfora temporal: as propostas de Partee 1973 e 1984, Hinrichs 1981 e 1986 e Kamp e Reyle 1993

Tanto quanto sei, a ideia de que o tempo verbal tem propriedades anafóricas surge pela primeira vez na literatura em McCawley 1971: 110:

"the tense morpheme does not just express the time relationship between the clause that it is in, and the next higher clause — it also refers to the time of the clause that it is in, and indeed, refers to it in a way in which personal pronouns refer to what they stand for".

O autor defende que o "past tense" requer um antecedente, sem o qual a frase (62) abaixo é tão estranha quanto a frase (63), quando esta é produzida num contexto que não inclua uma menção prévia da pessoa que o pronome "he" refere anaforicamente.

- (62) *The farmer killed the duckling.
(63) *He resembles Mike. (cf. McCawley 1971: 110)

Esta ideia de que os tempos verbais e os pronomes pessoais são, de certo modo, semelhantes é desenvolvida em Partee 1973 e parcialmente reformulada em Partee 1984. A autora propõe que se estabeleça um paralelo entre os tempos verbais — no caso, o "Past tense" e o "Present tense" — e os pronomes, uma vez que parece haver dados que sugerem que os primeiros se comportam como os segundos. Nomeadamente, e entre outras semelhanças¹⁸, tantos uns como os outros podem ser usados quer como expressões dêicticas – veja-se (166) – quer como expressões anafóricas – veja-se (167).

- (166) a. I didn't turn off the stove.
b. She left me. (cf. Partee 1984: 244)

- (167) a. Sam is married. Her has three children.
b. Sheila had a party last Friday and Sam got drunk. (cf. Partee 1984: 245)

¹⁸ Partee (1984) refere cinco contextos diferentes que sustentam a sua proposta de paralelismo entre a anáfora temporal e a anáfora nominal: (i) tanto os tempos como os pronomes podem ter antecedentes não linguísticos; (ii) tanto os tempos como os pronomes podem ocorrer como anáforas definidas com antecedentes definidos; (iii) quer os tempos quer os pronomes podem ter antecedentes indefinidos; quer os tempos e os pronomes podem ocorrer como variáveis ligadas; (v) quer uns quer outros podem ocorrer em 'donkey sentences'.

De acordo com Partee, a frase (166 a), mesmo isolada, refere-se a um intervalo de tempo em particular. Se for dita no início de uma viagem, por exemplo, refere-se ao intervalo de tempo que precede a saída de casa. É esse intervalo de tempo particular – por oposição a toda a parte do eixo do tempo que precede o tempo da enunciação – que se afirma não incluir a situação de o forno ser desligado. Para dar conta desse intervalo de tempo particular que a frase refere, a autora recorre à noção de tempo de referência. Esta noção é inspirada no "ponto de referência" de Reichenbach 1947¹⁹, em particular no que respeita a frases com o "past tense".

(168) a. John left. E, R-S

Nestes casos, o tempo do evento coincide com o tempo de referência (cf. E, R). Partee recupera o espírito do "ponto de referência" introduzido por Reichenbach 1947, mas converte o ponto de Reichenbach num intervalo de tempo não forçosamente singular, de forma a que possa servir de intervalo de localização a eventos não pontuais.

(169) "past tense": $R < S$, $E = R$ (cf. Reichenbach 1947)

(170) "past tense": $R < S$, $E \subseteq R$ (cf. Partee 1973, 1984)

Hinrichs 1981 e Partee 1984 recorrem à mesma noção de tempo de referência para dar conta de sequências narrativas no "past tense", como a seguinte:

(171) "Jameson entered the room, shut the door carefully, and switched off the light. It was pitch dark around him, because the Venetian blinds were closed." (Exemplo de Hinrichs 1981: 66, *apud* Partee 1984: 54)

Hinrichs propõe que o tempo de referência inicial, relativamente ao qual a primeira frase é interpretada, seja actualizado sempre que for processada uma nova frase descrevendo um evento. Por outras palavras, ao processar-se uma frase descrevendo um evento E_n , esse evento é interpretado como estando incluído no tempo de referência introduzido pela frase anterior R_{n-1} , e simultaneamente é introduzido um novo tempo de referência posterior a esse R_{n+1} :

(172) a. Jameson entered the room: $E_1 \subseteq R_0$, e R_0 é actualizado para R_1

b. shut the door carefully: $E_2 \subseteq R_1$, e R_1 é actualizado para R_2

c. and switched off the light: $E_3 \subseteq R_2$, e R_2 é actualizado para R_3

¹⁹ Veja-se a secção 3.2 para uma descrição mais detalhada de Reichenbach 1947.

Quando a frase processada descreve um estado ou um processo, estas situações são interpretadas como incluindo o tempo de referência corrente, não levando a uma actualização desse tempo:

(172) d. The room was pitch dark: $R_3 \subseteq S_4$, e R_3 não é actualizado

Nesta abordagem, a progressão temporal é tratada como um tipo de anáfora, já que o intervalo de localização da situação descrita pela frase a ser processada está representado no contexto linguístico que a precede.

A forma como Kamp e Reyle 1993 tratam sequências narrativas baseia-se também na noção de ponto de referência de Reichenbach, mais precisamente no modo como esse ponto é usado no tempos simples. Como explicado no capítulo 2 e no capítulo 3, estes autores introduzem na representação semântica um ponto de referência α – [Rpt := α] –, sendo α um referente discursivo que representa um tempo ou um evento já presente na representação (cf. Kamp e Reyle 1993: 523). O Rpt vai sendo actualizado à medida que uma frase que descreve um evento é processada e permanece por actualizar quando a frase processada descreve um estado.

4.1.2. Relações discursivas e anáfora temporal: as propostas de Lascarides e Asher 1991 e 1993

As abordagens ao tempo no discurso de Partee 1973 e 1984, Hinrichs 1981 e 1986, e Kamp e Reyle 1993 baseiam-se nas noções de tempo de referência e de actualização do tempo de referência. A actualização ou não desse tempo é decidida em função do tempo verbal da frase a processar e das propriedades de Aktionsart da situação nela descrita – as descrições de eventos (cf. (173)) levam a uma actualização do tempo de referência, as descrições de estados não (cf. (174)).

(173) O Paulo entrou no quarto. Acendeu a luz.

(174) A Ana entrou na sala. Os alunos estavam a discutir.

Contudo, como reconhecido pelos próprios autores, essas propostas falham no que respeita à interpretação de sequências como as seguintes:

(175) John switched off the light. The room was pitch dark. (Hinrichs 1981)
O John apagou a luz. O quarto estava escuro.

(176) Max fell. John pushed him.
O Max caiu. O John empurrou-o. (cf. Lascarides e Asher 1993)

(177) (A man entered the White Hart. He was wearing a black jacket. Bill served him a beer. The man paid.) He drank the beer. (He liked it.) Some of it ran down his chin.

(Kamp e Reyle 1993)

Um homem entrou no White Hart. Vestia um casaco preto. O Bill serviu-lhe uma cerveja. O homem pagou. Bebeu a cerveja. Gostou dela. Uma parte (da cerveja) escorreu-lhe pelo queixo abaixo.

O primeiro caso revela que nem sempre uma sequência “evento – estado” está associada à sobreposição temporal, já que aqui a interpretação mais natural é aquela em que o estado que a segunda frase representa se segue ao evento da primeira frase. O segundo e o terceiro casos põem em evidência o facto de que às sequências “evento – evento” nem sempre está associada uma relação de sucessão temporal: em (176), na interpretação mais natural, a segunda situação descrita precede temporalmente a primeira, ou seja, há uma inversão; em (177), há claramente uma sobreposição temporal entre as duas situações descritas nos dois últimos períodos. Kamp e Reyle 1993 reconhecem explicitamente que a adição de *some of it ran down his chin* a (177) é problemática para a sua teoria, já que, de acordo com as suas regras, a situação aí descrita é interpretada como seguindo-se temporalmente à primeira, resultado que não se deseja. Os autores justificam-se do seguinte modo:

“At the present time, no theory of discourse relations that we are familiar with has been worked out in sufficient formal detail to be readily incorporated into a theory of discourse interpretation such as we are pursuing here. Lacking a suitably explicit theory of discourse relations, we are in no position to articulate how the temporal relations between events and states correlate with the rhetorical relations between them. We will therefore have to settle for a compromise. So we shall oversimplify and assume that the principles we stated above hold generally: Events always follow their reference point, states always include it.”

(Kamp and Reyle 1993: 528)

Tanto quanto sei, a única proposta que visa dar conta de todos estes casos – isto é, de inversões, enquadramentos e elaborações – e que tem orientação formal foi

elaborada por Lascarides e Asher. Estes autores – cf., p. ex., Lascarides e Asher 1991 e 1993 – apresentam uma proposta de tratamento da interpretação temporal do discurso que tem em conta as relações discursivas existentes entre os vários segmentos discursivos, sendo este o ponto em que a sua abordagem se distingue crucialmente das anteriores, às vezes referidas já como as “abordagens clássicas”. No cálculo da interpretação temporal de sequências textuais, Lascarides e Asher 1991 e 1993 recorrem a outros factores além da sintaxe. Esses factores incluem o conhecimento do mundo, em particular no que respeita a relações mereológicas e de causalidade entre situações, e o conhecimento dos princípios e máximas conversacionais que regem os discursos (cf. o Princípio Cooperativo de Grice). De certo modo, na sua proposta, este tipo de informação e conhecimento substitui os conceitos de tempo de referência e actualização do tempo de referência: ao fazer uso do conhecimento existente na sua “Base de Conhecimento”, o falante infere que duas frases estão ligadas entre si por meio de uma certa relação discursiva. Se esta RD tiver impacte temporal, então ele será capaz de inferir o modo como as duas situações em causa se relacionam temporalmente. Se não, e se não houver outras pistas baseadas em conhecimento sintáctico ou conhecimento do mundo, o falante concluirá que a ordem textual reflecte a ordem pela qual as situações descritas aconteceram. Voltemos aos exemplos (175)-(177) acima: as regras de inferência de Enquadramento, no primeiro caso, de Explicação, no segundo, e de Elaboração, no terceiro, – apresentadas em Lascarides e Asher 1991 e 1993 e reproduzidas no Capítulo 2 – permitem dar conta destas sequências e do modo como as interpretamos temporalmente.

4.2. Anáfora temporal argumental

A anáfora temporal argumental envolve expressões temporais anafóricas que, na frase em que ocorrem, têm uma função argumental. É o caso de *o mesmo ano*, *essa altura* e *esse dia*, nos exemplos abaixo:

- (178) A IV Cimeira Ibérica foi adiada para 2003. A reunião dos primeiros-ministros europeus foi adiada para o mesmo ano.
- (179) Os vitrais datam de 1940. As figuras também datam dessa altura
- (180) O presidente antecipou a reunião para dia 11. O Paulo antecipou a viagem para esse dia.

Aqui as expressões temporais anafóricas são argumentos dos predicados verbais *adiar* (*para*), *datar* (*de*) e *antecipar* (*para*), que também podem ser classificados como predicados

de localização. É através do conjunto predicado e argumento que se expressa uma relação de localização. Considero que estamos perante casos de localização temporal argumental anafórica. O mesmo tipo de anáfora existe noutros domínios temporais. Vejam-se (181) e (182), que constituem exemplos de medição temporal argumental anafórica e circunscrição temporal argumental anafórica, respectivamente.

- (181) a. O exame da Ana durou uma hora. O do Paulo durou o mesmo tempo.
b. O treino do Paulo durou duas horas. O treino da Ana durou metade desse tempo.
- (182) a. A contagem de baixas fraudulentas efectuada {limita-se / circunscreve-se} ao primeiro trimestre deste ano. A contagem de contratações ilegais {limita-se / circunscreve-se} ao mesmo período.
b. O cálculo dos lucros {limita-se / circunscreve-se} ao período entre o Natal e a Páscoa. O cálculo das despesas {limita-se / circunscreve-se} ao mesmo intervalo de tempo.

4.3. A anáfora adverbial

4.3.1. Localização temporal adverbial anafórica

Recorro à designação localização temporal adverbial anafórica ou anáfora temporal adverbial no domínio da localização para dar conta do tipo de anáfora presente nas sequências seguintes:

- (183) A Ana visitou Paris em 1980. O Paulo visitou Londres nesse ano.
(184) O Paulo licenciou-se em 1980. Vive em Coimbra desde essa altura.
(185) O Paulo mudou-se para Coimbra em 1980. Não o vejo desde então.
(186) A Ana licenciou-se em Maio de 1987. O Paulo licenciou-se na mesma altura.

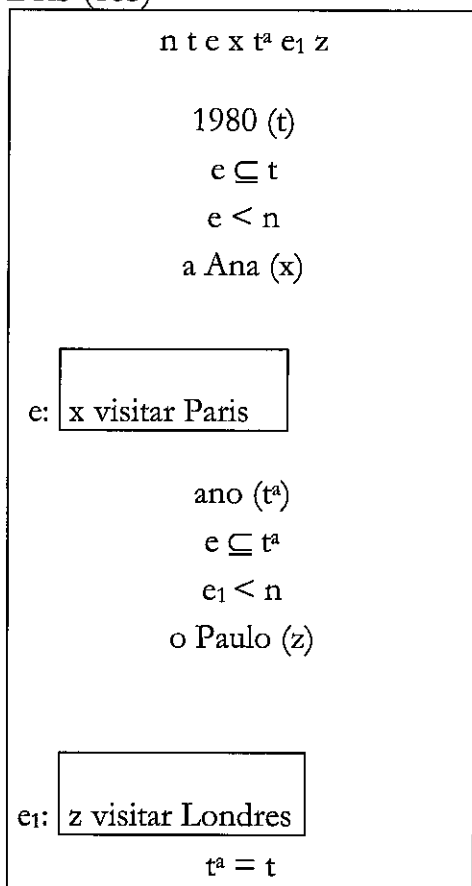
Nestes casos, o localizador temporal adverbial anafórico não desempenha na frase em que ocorre qualquer papel argumental. Este tipo de localização corresponde àquele que em Asher et al. 1995: 108 é descrito como envolvendo expressões que modificam frases (adjuntos de F).

"From a syntactic point of view, we consider adverbials modifying sentences (S-adjoins) as opposed to adverbials which constitute real arguments of a verb (complements) or which modify the verb phrase (VP-adjoins). An

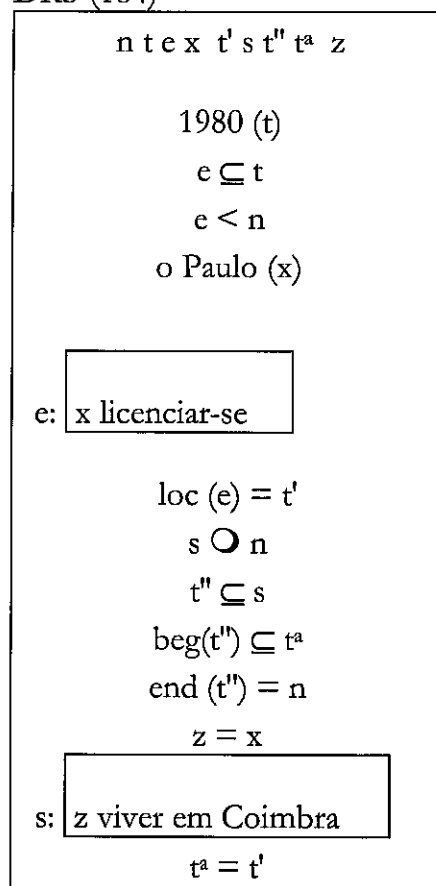
important characteristic of these sentential adverbials relies on the fact that, contrarily to verbal adverbials, their position in the whole sentence can be modified."

Em termos de DRT, a anáfora no domínio da localização temporal envolve sempre uma identidade entre referentes discursivos associados a intervalos de tempo, ou seja, referentes de tipo t , como se mostra nas representações (simplificadas) de (183) e (184), abaixo. O que caracteriza este tipo de anáfora temporal e o distingue da da anáfora noutros domínios temporais (p. ex., circunscrição) é o facto de o t associado à expressão anafórica intervir na definição de um intervalo de localização. Vejam-se as DRS seguintes:

DRS-(183)



DRS-(184)



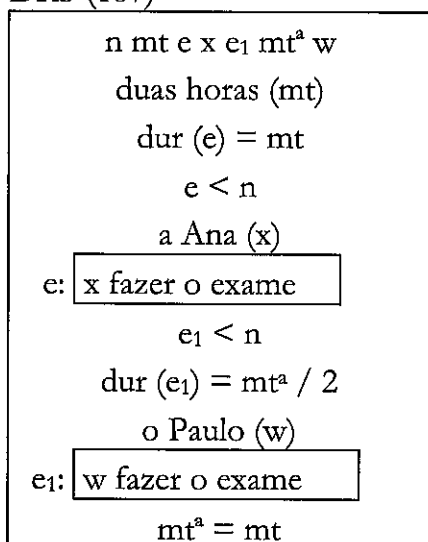
4.3.2. Medição temporal adverbial anafórica

Também no domínio da medição é pertinente falar de anáfora adverbial. Vejam-se, a título de exemplo, as sequências (187) e (188):

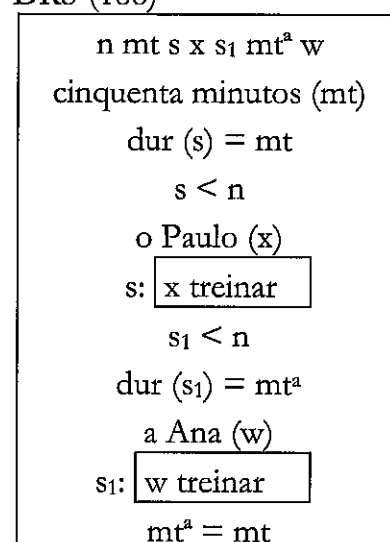
- (187) A Ana fez o exame em duas horas. O Paulo fê-lo em metade desse tempo.
 (188) O Paulo treinou durante cinquenta minutos. A Ana treinou durante o mesmo tempo.

Estas sequências exibem um tipo particular de anáfora, até agora e tanto quanto é do meu conhecimento não referido na literatura. Esta anáfora envolve claramente, creio, medição temporal e não localização. As expressões não-anafóricas *duas horas* e *cinquenta minutos* e as anafóricas *esse tempo* e *o mesmo tempo* representam aqui quantidades de tempo. Estão as quatro no interior de sintagmas preposicionais que transmitem informação sobre a duração temporal da situação descrita na frase em que ocorrem. Designarei, então, este tipo de anáfora por medição temporal adverbial anafórica ou anáfora temporal adverbial de medição. Em termos de DRT, os antecedentes possíveis das expressões anafóricas *esse tempo* e *o mesmo tempo* são referentes discursivos de tipo **mt**, introduzidos na DRS por expressões denotadoras de quantidade de tempo como *duas horas* e *nove meses*, entre outras. A anáfora neste domínio envolve, pois, uma relação de identidade entre referentes discursivos desse tipo. Vejam-se, a título de ilustração, as DRS simplificadas correspondentes às frases (187) e (188) acima.

DRS-(187)



DRS-(188)



Dado que nesta tese me restringirei a casos de anáfora no domínio da localização, não aprofundarei aqui o estudo deste tipo de anáfora.

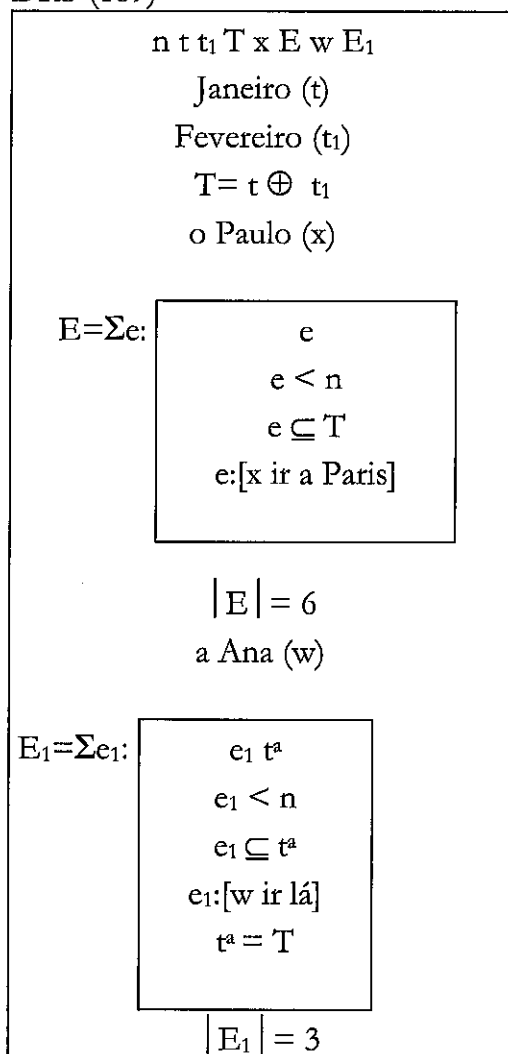
4.2.3. Circunscrição temporal adverbial anafórica

As expressões adverbiais que definem períodos de tempo para efeitos de contagem ou medição podem também ser referencialmente dependentes do contexto linguístico prévio, ou seja, anafóricas. É o caso de *o mesmo período* e *esse período de tempo* nas sequências (189) e (190), as quais constituem instâncias daquilo a que chamo circunscrição temporal adverbial anafórica ou anáfora adverbial no domínio da circunscrição temporal. Tanto quanto é do meu conhecimento, é também a primeira vez que a existência deste tipo de anáfora é mencionada.

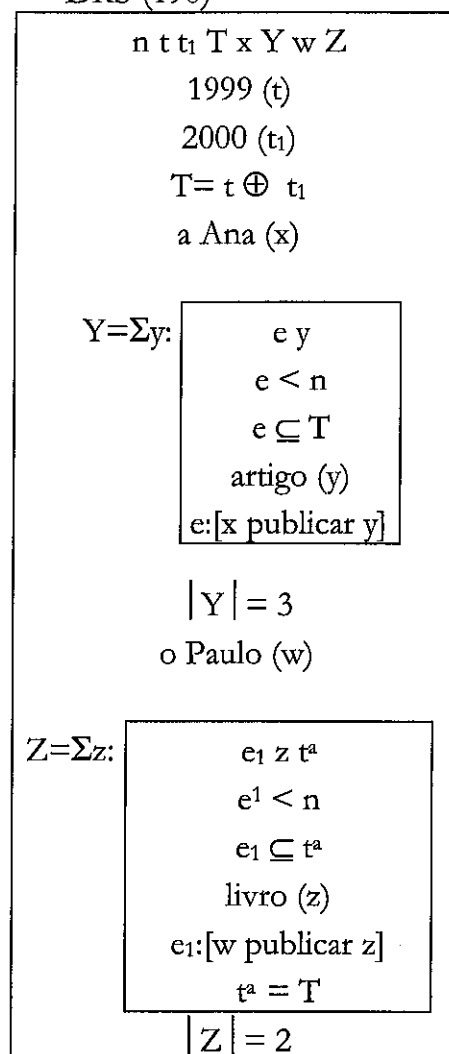
- (189) Em Janeiro e Fevereiro o Paulo foi a Paris seis vezes. No mesmo período a Ana foi lá três vezes.
- (190) Em 1999 e 2000 a Ana publicou três artigos. Nesse período de tempo o Paulo publicou dois livros.

As expressões *o mesmo período* e *esse período de tempo* retomam anaforicamente as entidades representadas pelas expressões *Janeiro e Fevereiro* e *1999 e 2000*, respectivamente. Em termos de DRT, a relação anafórica presente nestas sequências traduz-se numa condição de identidade entre referentes discursivos de tipo **t**. A título de exemplo, vejam-se as representações simplificadas das sequências dadas:

DRS-(189)



DRS-(190)



4.4. Estudos anteriores sobre os localizadores temporais adverbiais

Darei conta na subsecção seguinte de algumas das propostas mais completas de categorização dos localizadores temporais de que tenho conhecimento, remetendo para a secção 4.4.2. a descrição de trabalhos, mais recentes, em que é abordada a questão da interacção dos localizadores temporais com a estrutura do discurso.

4.4.1. Categorização dos localizadores temporais adverbiais

A literatura sobre tempo inclui diversos trabalhos que versam sobre a categorização das expressões adverbiais de tempo²⁰. Entre esses, interessam-me particularmente os que dizem respeito às expressões de localização como Smith 1978, Lo Cascio 1981, Hinrichs 1981, Borillo 1983, Kamp e Rohrer 1983, Bras 1990 e Asher et al. 1995, alguns dos quais incluem reflexões sobre os localizadores anafóricos. Na impossibilidade de fazer uma apresentação de todos eles, apresento apenas os de Borillo 1983, Kamp e Rohrer 1983 e Asher et al. 1995.

4.4.1.1. Borillo 1983 [retomada em Bras 1990]

Borillo 1983 divide os advérbios de localização temporal em quatro classes no que respeita à dependência ou independência que exibem relativamente ao contexto da enunciação ou ao contexto linguístico:

Quadro 9. Subtipos de localizadores temporais segundo Borillo 1983

Adverbes	Ponctuels	Inclusifs	Duratifs
autonomes	à sa naissance	en 1980	depuis 1980
déictiques	à l'instant	cette semaine	depuis hier
anaphoriques	à ce moment-là	ce matin-là	depuis la veille
polyvalents	à huit heures	dans la soirée	depuis l'été

A primeira classe contém os autónomos, ou independentes do contexto da enunciação e do contexto linguístico; a segunda contém os dêicticos, ou dependentes do contexto da enunciação; a terceira os anafóricos, ou dependentes do contexto linguístico e a quarta os polivalentes, que podem ocorrer quer como dêicticos quer como anafóricos. No que respeita aos anafóricos – os que aqui interessam –, afirma a autora o seguinte:

²⁰ Outros três trabalhos em que se procede à categorização das expressões adverbiais de tempo são Bennet e Partee 1978, Smith 1991 e Vlach 1993. Mória 2000 faz a apresentação crítica destes trabalhos.

« Ils ne sont interprétables que si une référence temporelle a été déjà établie, sur laquelle un calcul chronologique peut être effectué en termes d'antériorité, de simultanéité ou de postériorité.»

(cf. Borillo 1983: 111)

Além dos exemplos no quadro acima, apresenta ainda os seguintes: *la veille / na véspera, dix ans plus tôt / dez anos mais cedo, le jour même / no mesmo dia, le lendemain / no dia seguinte, le mois suivant / no mês seguinte, trois jours après / três dias depois*, e os sequenciais *puis / depois, ensuite / em seguida e auparavant / antes*.

Comentarei em primeiro lugar a afirmação de Borillo 1983 de que as expressões anafóricas se relacionam com uma referência temporal previamente estabelecida através de uma relação de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade. Conforme explicarei na segunda parte da tese, considero que a relação entre a anáfora e o seu antecedente é sempre uma relação de identidade. A afirmação é válida também para casos como *trois jours après* e *la veille*, que analisarei como envolvendo um argumento anafórico nulo, representado abaixo por $\emptyset_{de \text{ } t}$ / \emptyset_{t} – onde t indica que esse argumento nulo corresponde a uma expressão temporal anafórica e onde de marca a preposição seleccionada por *veille*, *véspera* e *depuis*. É entre esse argumento nulo e o antecedente que se estabelece a relação anafórica.

- (191) Ana est arrivé le 15 Juin. Paul est arrivé {trois jours après \emptyset_{t} / la veille $\emptyset_{de \text{ } t}$ }.
A Ana chegou no dia 15 de Junho. O Paulo chegou {três dias depois $\emptyset_{de \text{ } t}$ / na véspera $\emptyset_{de \text{ } t}$ }.

Em relação com o que precede, importa agora referir a introdução dos localizadores do tipo de *la veille*, *trois jours après*, e *le mois suivant* na classe das expressões anafóricas – e não na classe das polivalentes, que o quadro também inclui. A minha proposta – que explicarei mais em detalhe na parte II desta tese – é que os localizadores que envolvem expressões relacionais como *veille*, *après* e *suivant* são polivalentes, dependendo a sua classificação, como autónomos ou anafóricos (e em alguns casos como dêicticos), das propriedades referenciais do segundo argumento destas expressões relacionais. Considere-se a sequência abaixo:

- (192) Paulo est arrivé à Paris {trois jours après / la veille de} mon départ.
O Paulo chegou a Paris {três dias depois / na véspera} da minha partida.

Aqui o complemento de *trois jours après / três dias depois* e *la veille de / na véspera de* é constituído por uma expressão referencialmente autónoma. Em (191), acima, é, hipoteticamente, constituído por uma expressão anafórica nula. Assim sendo, em (191) o localizador funciona anaforicamente e em (192) autonomamente, o que significa que expressões do tipo de *la veille de ... / na véspera de...* e *trois jours après... / três dias depois de...* devem ser classificadas como polivalentes e não como anafóricas apenas.

4.4.1.2. Kamp e Rohrer 1983

Kamp e Rohrer 1983 distinguem quatro grupos de localizadores temporais adverbiais:

- (193) *hier, aujourd'hui, demain*
ontem, hoje, amanhã
- (194) *maintenant, dans 2 heures, jusqu'ici, en ce moment*
agora, dentro de 2 horas, até aqui, neste momento
- (195) *deux jours après, un an plus tard, à ce moment, alors*
dois dias depois, um ano mais tarde, nessa altura, então
- (196) *depuis deux jours, à partir de deux heures*
desde há dois dias, a partir das duas horas

Dos quatro grupos de expressões apresentados, os autores destacam como “anaphoric expressions *par excellence*” as expressões do grupo (195). Acerca delas, afirmam o seguinte:

"These adverbs are anaphoric expressions *par excellence*. The principles according to which the context determines the relevant denotations for such adverbs appear to be very similar to those which govern the reference of anaphoric third person personal pronouns."

(Kamp e Rohrer 1983: 263)

Distinguem-nas explicitamente das expressões presentes no grupo (196), que também dependem referencialmente do contexto linguístico que as precede. Os seguintes contrastes põem em evidência a diferença entre os dois grupos de expressões

- (197) Kissinger arriva au Caire le 6 juillet.
Deux jours après il partit pour Jérusalem.
*Dans deux jours il partit pour Jérusalem.

(Kamp e Rohrer 1983: 263)

Kissinger chegou ao Cairo no dia 6 de Julho
Dois dias depois partiu para Jersusalém.
*Dentro de dois dias partiu para Jerusalém.

Como se vê, apenas *deux jours après* / *dois dias depois*, que representam aqui as “expressões anafóricas por excelência”, podem ocorrer com o *passé simple* ou, no caso do português, com o pretérito perfeito simples. As expressões *dans deux jours* e *dentro de dois dias* com os mesmos tempos verbais dão origem a frases agramaticais. Perante este contraste, os autores explicam que o tempo *t* que *deux jours après* representa deve estar situado dois dias depois de um *t'* presente no contexto. Esse *t'* pode ser qualquer tempo ou evento saliente. Relativamente a *dans deux jours*, o intervalo de tempo que esta expressão convoca situa-se dois dias depois do ponto da enunciação ou do ponto de referência – no exemplo dado, o ponto de referência é apresentado pela chegada de Kissinger ao Cairo. Além disso, trata-se de uma expressão prospectiva relativamente a qualquer um desses pontos, razão pela qual só é compatível com tempos verbais com essa mesma propriedade, que não é o caso do *passé simple* (cf. Kamp e Rohrer (1983: 263). Vejam-se os seguintes exemplos:

- (198) Kissinger arriva au Caire le 6 juillet.
Il {partait / partirait / allait partir} pour Jérusalem dans deux jours.
(Kamp e Rohrer 1983: 263)

Kissinger chegou ao Cairo no dia 6 de Julho
{?Partia / partiria / ia partir} para Jerusalém dentro de dois dias.

Entre os tempos compatíveis, estão os que ocorrem em (198). *Deux jours après*, que não apresenta restrições quanto a tempos verbais, é naturalmente compatível com estes três tempos.

- (199) Kissinger arriva au Caire le 6 juillet.
Il {partait / partirait / allait partir} pour Jérusalem deux jours après.
(Kamp e Rohrer 1983: 263)

Kissinger chegou ao Cairo no dia 6 de Julho.
{?Partia / partiria / ia partir} para Jerusalém dois dias depois.

Para concluir, importa chamar a atenção para uma diferença entre a classificação das expressões temporais feita em Borillo 1983 e em Kamp e Rohrer 1983. A primeira é omissa quanto à classificação das expressões dependentes de um ponto de perspectiva

presente no contexto linguístico. Em contrapartida, Kamp e Rohrer 1983 propõem que estas, apesar de poderem exibir uma dependência do contexto linguístico prévio, sejam distinguidas das anafóricas por excelência, o que me leva a concluir que fazem uma distinção entre a anáfora dependente do ponto de perspectiva temporal e anáfora do tipo pronominal.

4.4.1.3. Asher et al. 1995

Asher et al. 1995 concentra-se no estudo dos localizadores espaciais, temporais e espaço-temporais no discurso. Das ideias aí apresentadas, darei conta daquelas que dizem respeito aos localizadores temporais, deixando de lado os espaciais e os que permitem uma interpretação espaço-temporal.

De acordo com Asher et al. 1995, os localizadores temporais adverbiais agrupam-se em cinco classes. Uma primeira classe (C0) inclui expressões anafóricas simples como *puis*, *après* e *auparavant*, acerca das quais afirmam os autores:

“their semantics is purely intersentential and thus anaphoric, for they introduce a temporal relation between the eventualities of the sentences they relate.”

(cf. Asher et al. 1995 : 109)

As restantes quatro classes (C1-C4) baseiam-se nas seguintes duas distinções: (i) a identificação do intervalo referido é feita ou não a partir da identificação de pelo menos uma das suas fronteiras; (ii) a identificação do intervalo referido envolve ou não a projecção de uma medida de tempo a partir de um dado ponto do eixo temporal. Veja-se, no quadro abaixo, a categorização dos localizadores feita com base nestas distinções:

Quadro 10. Subtipos de localizadores temporais segundo Asher et al. 1995

	identificação de pelo menos uma fronteira.	projecção de uma medida de tempo	Exemplos
C1	-	-	<i>à 8 heures / às 8 horas hier / ontem</i>
C2	+	-	<i>jusqu'à 3 heures / até às 3 horas à partir du 22 Février / a partir de 22 de Fevereiro</i>
C3	-	+	<i>trois jours avant / três dias antes trois jours avant Noël / três dias antes do Natal</i>
C4	+	+	<i>depuis trois jours / desde há três dias</i>

Este trabalho inclui ainda uma secção dedicada aos efeitos discursivos dos localizadores que não apresento aqui por a proposta nela apresentada estar no seu essencial contida em Bras et al 2001 que apresento em 4.4.2.3. .

4.4.2. A interacção dos localizadores temporais adverbiais com a estrutura do discurso

A ideia de que os localizadores temporais veiculam, além de informação considerada estritamente temporal, informação de outro tipo não é nova. Entre os exemplos ilustrativos desta ideia apresentados na literatura contam-se os seguintes:

- (200) Everybody laughed when John was trying to climb a palm tree.
(cf. Heinämäki 1974)
- (201) When I told him he was being stupid he hung up on me.
(cf. Sandström 1993)

- (202) When they built the 39th Street bridge, they solved most of their traffic problems. (cf. Moens e Steedman 1988)

Como a autora do exemplo refere, no caso de (200), a sequência expressa não só que há uma sobreposição temporal entre as duas situações, mas também que a tentativa de o John subir a uma palmeira é o motivo pelo qual todos riram. A frase (201) é apresentada em Sandström 1993 para ilustrar a hipótese de em estruturas com *when* um evento se poder ligar a outro através da relação entre eventos a que chama *Response*. O que isto significa é que, ao lermos esta frase, concluímos não só que o segundo evento descrito se segue temporalmente ao primeiro mas também que ele surge como uma resposta a esse primeiro evento. Por último, (202) é apresentado em Moens e Steedman 1988 para ilustrar o valor não-temporal que a conjunção *when* pode ter. Um dos trabalhos mais importantes sobre o valor não temporal de um conector tradicionalmente classificado como temporal é precisamente Moens e Steedman 1988, que apresento em 4.4.2.1.. Além deste, faço ainda a apresentação de Glasbey 1993 e 1994, que estuda a interacção com discurso das expressões *then*, *at the time* e *at the same time* e de Bras et al. 2001a dedicado ao papel que as expressões *puis* e *un peu plus tard* desempenham na estrutura temporal e discursiva de sequências narrativas. As ideias contidas nestes trabalhos serão retomadas nos capítulos 7 e 8.

4.4.2.1. Moens e Steedman 1988

Moens e Steedman 1988 concentram-se no estudo de *when* (*quando*) e propõem que a relação que *when* estabelece entre duas frases não é primariamente temporal, mas sim uma relação a que chamam contingente ou causal. Dois dos exemplos que apresentam para justificar tal proposta são apresentados em (203) e (204), abaixo:

- (203) #When my car broke down, the sun set.
- (204) When they built the 39th Street Bridge...
- a. ... a local architect drew up the plans.
 - b. ... they used the best materials.
 - c. ... they solved most of their traffic problems.

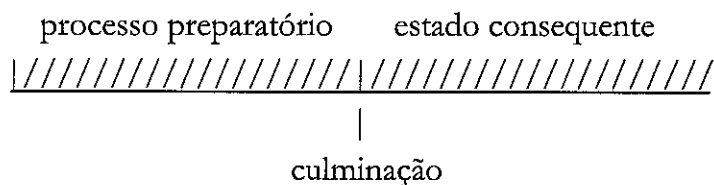
A estranheza do primeiro exemplo parece mostrar que *when* expressa algo mais do que uma relação temporal entre duas situações. A estranheza decorre de não se conseguir imaginar facilmente uma relação plausível entre a situação descrita na frase subordinada

e a descrita na frase principal. O segundo exemplo, (204), suscita a questão da diversidade de relações temporais entre a frase subordinada e frase principal. Para dar conta dessa diversidade de relações temporais – respectivamente, anterioridade, simultaneidade e posterioridade – sem ter de dizer que *when* é ambíguo ou vago, os autores fazem a seguinte proposta:

“A *when*-clause does not require a previously established temporal focus, but rather brings into focus a novel temporal referent whose unique identifiability in the hearer’s memory is presupposed. Again, the focused temporal referent is associated with an entire nucleus, and again an event main clause can refer to any part of this structure conditional on support from general or discourse specific knowledge.”

(cf. Moens e Steedman 1988: 23)

O “nucleus” é uma estrutura tripartida que contém um processo preparatório, uma culminação e um estado conseqüente. Veja-se a figura que os autores apresentam para a representar:



Retomemos o exemplo (204) para ilustrar a afirmação dos autores de que “uma frase principal que descreva um evento pode fazer referência a qualquer parte dessa estrutura desde que o conhecimento geral ou específico do discurso o permita” (cf. Moens e Steedman 1988: 17). Em (204 a), a frase principal faz referência à fase preparatória de um “nucleus”, em (204 b), também, e em (204 c) essa frase faz referência ao estado conseqüente. Aplicando a este exemplo a teoria de Lascarides e Asher para sequências de frases independentes, podemos dizer que em (204 a) e (204 b) a frase principal mantém com a frase-*when* uma relação discursiva de Elaboração e que em (204 c) mantém com essa frase uma relação de Resultado.

Moens e Steedman esclarecem ainda que esta sua proposta de tratamento de *quando* se aplica somente a casos em que a frase principal descreve eventos. Quando essa frase descreve um estado, de acordo com os autores, a interpretação, meramente temporal, é apenas a de que o estado se verifica na altura da culminação,

presumivelmente porque a relação de contingência antes mencionada se estabelece apenas entre eventos. Vejam-se exemplos envolvendo situações estativas:

- (205) When they built that bridge
... I was still a young lad.
... my grandfather had been dead for several years
... my aunt was having an affair with milkman.
... my father used to lay squash.

(cf. Moens e Steedman 1988: 24)

A referência a Moens e Steedman 1988 é relevante não só pela proposta que faz para dar conta da estrutura das situações, mas também por pôr em evidência aspectos não estritamente temporais do significado da conjunção *quando*. *Quando*, em exemplos como o da construção da ponte da Rua 39, bem como algumas outras expressões a explicitar adiante em exemplos similares, mais do que conectores temporais, são operadores que actuam sobre descrições de situações permitindo que se faça referência às situações que a constituem. Repare-se que as frases de (204) são equivalentes às que se seguem, nas quais a frase subordinada temporal é substituída pela referência directa a uma situação:

- (204')a. Na construção da ponte da R. 39 um arquitecto local desenhou os planos.
b. Na construção da ponte da R. 39 usaram-se os melhores materiais.
c. Com a construção da ponte da R. 39, resolveram-se a maior parte dos problemas de trânsito.

A referência a este estudo sobre *when* é também importante para se estabelecer uma comparação entre *when* / *quando* e outros conectores temporais. Moens e Steedman referem que outras conjunções ou locuções conjuncionais como *while*, *just after* ou *approximately at the same time as* têm, por contraste com *when*, um significado meramente temporal. Contudo, não desenvolvem a questão suscitada pela evidência de que a generalidade dos conectores temporais não podem ocorrer em todos os contextos em que *when* pode. Com efeito, a generalidade dos conectores não admitem que a frase principal mantenha uma tão grande diversidade de relações retóricas – e subsequentemente de relações temporais – relativamente à frase subordinada. A título de exemplo, estabeleçamos uma comparação entre sequências com *quando* e sequências envolvendo *na altura em que...* e *na mesma altura em que...* Começemos por ver sequências com *quando*.

- (206) a. Quando fui ao Brasil, tratei do visto seis meses antes.
 b. Quando fui ao Brasil, cheguei a Lisboa e o meu carro tinha sido roubado.
 c. Quando fui ao Brasil, fiquei hospedada em casa de uma amiga.
 d. Quando remodelei a minha casa, os fogões de sala estavam na moda.

Comparemo-las com as seguintes, que envolvem, *na altura em que...* e *na mesma altura em que...*, respectivamente:

- (207) a. *Na altura em que fui ao Brasil, tratei do visto seis meses antes.
 b. *Na altura em que fui ao Brasil, cheguei a Lisboa e o meu carro tinha sido roubado.
 c. *Na altura em que fui ao Brasil, fiquei hospedada em casa de uma amiga.
 d. Na altura em que remodelei a minha casa, os fogões de sala estavam na moda.
- (208) a. *Na mesma altura em que fui ao Brasil, tratei do visto seis meses antes.
 b. *Na mesma altura em que fui ao Brasil, cheguei a Lisboa e o meu carro tinha sido roubado.
 c. *Na mesma altura em que fui ao Brasil, fiquei hospedada em casa de uma amiga.
 d. *Na mesma altura em que remodelei a minha casa, os fogões de sala estavam na moda.

Segundo se pode observar, nestes exemplos só num caso é que *na altura em que...* pode ocorrer no mesmo contexto que *quando*. É em (207 d), que envolve Enquadramento. Quanto a *na mesma altura em que...*, em nenhum caso esta expressão pode ocorrer no mesmo contexto que *quando*. Uma das principais motivações para a proposta de Moens e Steedman é a polivalência de relações temporais associada a *quando*. Poder-se-ia apontar o facto de *na altura* e *na mesma altura* envolverem, apenas, uma relação temporal de sobreposição – no que contrastariam com a polivalência de *when* – para justificar a inaceitabilidade de (207 a-b) e de (208 a-b). Mas fica por explicar a inaceitabilidade de (207 c) e de (208 c-d). Se existe sobreposição temporal entre as duas situações, a que deve ser atribuída a inaceitabilidade destas sequências? Se o significado destas expressões for meramente temporal, igualmente difícil, é explicar a inaceitabilidade de (208 d) por contraste com a aceitabilidade de (207 d), já que os localizadores presentes nessas frases não se distinguem em termos de relações temporais. Por outro lado, se atentarmos nos exemplos abaixo, verificamos que há contextos em que *enquanto* e

quando são perfeitamente intersubstituíveis, ou seja, que *enquanto* não tem também um significado estritamente temporal

(209) {Enquanto / quando} estive no Brasil partilhei um apartamento com a Rita.

(210) {Enquanto / quando} estive doente faltei à escola.

De acordo com estes exemplos, tanto em sequências com *quando* como naquelas com *enquanto* é possível fazer referência a partes da situação descrita na frase subordinada ou a situações que resultam da situação descrita na frase subordinada.

A minha proposta é que se tome o contraste existente entre as sequências com *quando* e as outras como um indício de que localizadores temporais se distinguem entre si por permitirem ou não a existência de relações mereológicas ou denexo causal entre as situações. Os localizadores encabeçados por *quando* permitem essas relações. Outros como, por exemplo, *na mesma altura em que...* nem sempre o permitem. Dito de outra forma, a minha hipótese é que a generalidade dos localizadores temporais, incluindo aqueles que são encabeçados por *quando* tem, pelo menos em alguns contextos, determinadas propriedades de índole não estritamente temporal que se tornam visíveis no modo como os localizadores interagem com a estrutura das situações e com a estrutura do discurso. Esta questão será retomada nos capítulos 7 e 8.

4.4.2.2. Glasbey 1993 e 1994

4.4.2.2.1. O caso de *then* final

Entre os (poucos) trabalhos que abordam a questão da interacção entre os localizadores temporais e o discurso contam-se os de Glasbey 1993 e 1994. Ainda que eu discorde da sua proposta em vários aspectos, a verdade é que a autora apresenta alguns dados interessantes que evidenciam o modo como alguns localizadores temporais interagem com a estrutura do discurso. Nesta subsecção, centrar-me-ei nos que dizem respeito à expressão *then* / *então* cotemporal.

Embora o principal objectivo da autora não seja o estudo de *then*, uma parte considerável de Glasbey 1993, incorporado depois em Glasbey 1994, é dedicada ao estudo desta expressão anafórica, em particular quando ela ocorre em final de frase ("sentence-final *then*"). A descrição do comportamento desta expressão é apresentada como uma justificação para a necessidade de distinguir entre eventos e tempos

("events" e "times"). A autora toma como principal ponto de partida exemplos como os seguintes:

- (211) a. Daniel climbed Ben Nevis.
b. *Gareth climbed Snowdon then. [cf. Glasbey 1994: 5]
- (212) a. Daniel climbed Ben Nevis in July.
b. Gareth climbed Snowdon then. [cf. Glasbey 1994: 5]

A autora chama a atenção para a existência de um contraste entre (211) e (212). Segundo ela, a inaceitabilidade da sequência (211) deve-se ao facto de a expressão anafórica *then* não encontrar um antecedente apropriado no contexto linguístico que a precede. Tal antecedente existe explicitamente em (212) – é o adverbial *in July* – o que torna a sequência aceitável.

Além deste contraste, Glasbey refere ainda o que existe entre as sequências (212) e (213).

- (213) a. Daniel climbed Ben Nevis.
b. Gareth was a boy then. [cf. Glasbey 1994: 4]

Tal como acontece em (211), em (213) *then* não tem um antecedente temporal explícito. Contudo, este facto não provoca a inaceitabilidade da sequência. Em (213 b), mas não em (211 b), o que é descrito é um estado, interpretado como servindo de enquadramento para a situação descrita em (213 a). A autora defende que as situações descritas em frases com uma relação discursiva de enquadramento ou de elaboração estão ligadas por uma relação de PARTE-DE às situações descritas nas frases com as quais elas mantêm essa relação discursiva (cf. Barwise and Perry 1983). Nestes casos, *then* estabelece uma relação com um evento atrás referido e não com um tempo. Por isso, ao contrário do que acontece em (212), não depende referencialmente de um tempo presente no contexto linguístico que o precede.

A partir destes contrastes, a autora propõe uma distinção entre dois usos de *then*: (i) o uso de *then* como uma anáfora que retoma um referente temporal explícito (ETR), e (ii) o uso de *then* como um meio de expressar relações entre situações, umas vezes referidas como temporais, outras vezes como discursivas. Acerca dos casos de (i), e ao contrário dos de (ii), a autora afirma ainda o seguinte:

«there need be no connection between the events – it is enough that both events are linked to the common time, 'July'. »

(cf. Glasbey 1994: 292)

Para dar conta dos dois tipos de *then*, Glasbey apresenta representações em DRT do tipo das apresentadas abaixo para as sequências (212) e (213). A da esquerda diz respeito ao primeiro tipo de *then*; a da direita diz respeito ao segundo tipo:

DRS-(212)

e_1 t_1 u v e_2 w x Daniel (u) Ben Nevis (v) e_1 : [u climb v] $e_1 \subseteq t_1$ july (t_1) Gareth (w) Snowdon (x) e_2 : [w climb x] $e_2 \subseteq t_1$

DRS-(213)

u v e_1 w s_2 Daniel (u) Ben Nevis (v) e_1 : [u climb v] Gareth (w) s_2 : [boy (w)] s_2 PART-OF e_1
--

Para evitar sobregeração, ou seja, para impedir que a expressão anafórica em (212) tome como antecedente o tempo associado ao evento, a autora limita a introdução de referentes discursivos de tipo t às expressões denotadoras de tempo, o que significa que os tempos associados à localização das situações não aparecem na representação.

Ao contrário do afirmado por Glasbey 1993 e 1994, considero que em qualquer um dos contextos apresentados pela autora a expressão *then* / *então* é uma expressão anafórica. A diferença entre os casos (i) e (ii) está em que no primeiro o seu antecedente é fornecido por uma TDE, enquanto no segundo caso ele é fornecido por uma expressão situacional, que só de forma derivada inclui referentes de tipo t nas DRS. Creio também que em ambos os casos apresentados a expressão tem primeiramente um valor temporal, ainda que esse valor possa ser, como nos casos de enquadramento e elaboração, redundante relativamente à informação temporal extraída através das relações discursivas. Esta questão será retomada no Capítulo 7, dedicado à interacção dos localizadores temporais adverbiais anafóricos com as relações discursivas.

4.4.2.2.2. O caso de *at the time* vs. *at the same time*

Glasbey 1993 e 1994 apresenta dados interessantes acerca da distribuição de *at the time* / *at the same time* em sequências de dois períodos, nomeadamente dados que mostram que *at the same time*, ao contrário de *at the time*, não pode ser usado em casos de enquadramento (cf. (214)). O mesmo acontece com as contrapartidas portuguesas dessas expressões (cf. (214')).

- (214) a. Emily climbed Ben Nevis.
b. Fiona was a girl at the time.
c. *Fiona was a girl at the same time.
- (214') a. A Emily escalou o Ben Nevis.
b. A Fiona era uma rapariga na altura.
c. *A Fiona era uma rapariga na mesma altura.

Glasbey analisa estes exemplos, em particular a diferente distribuição de *at the time* e *at the same time*, recorrendo ao conceito de papel temporal / "time role", que importa da Semântica de Situações. Essa noção pode ser vista como uma relação entre uma situação e o intervalo de tempo que corresponde à sua localização, ou seja, corresponde à função *loc* de Kamp e Reyle 1993. Trata-se, assim, de um tempo que é inferido a partir da descrição de uma situação. Os "time roles" opõem-se então aos intervalos de tempo associados aos ETR, isto é, expressões como *1999*, ou *o ano passado*. Cada nova situação introduz na representação semântica um TIME-OF Role. No entanto, segundo a autora, há descrições de situações, neste caso, frases, que não introduzem um TIME-OF Role, porque não introduzem uma situação nova. É o caso de frases que mantêm com a frase anterior uma relação discursiva de enquadramento. Vejamos a definição de enquadramento / background proposta pela autora:

"An eventuality e_2 backgrounds a previously described eventuality e_1 iff e_2 introduces no new situation into the discourse context but rather adds further information to the situation corresponding to e_1 ." (Glasbey 1994: 219)

Segundo a autora, a distribuição de *at the time* e *at the same time* correlaciona-se com os TIME-OF Roles da seguinte forma: *at the time* é usado quando há só um TIME-OF Role e *at the same time* é usado quando há dois TIME-OF Roles. Em sequências como (214), dado que as situações introduzidas por frases que têm uma relação de *background* não introduzem um TIME-OF Role, o uso de *at the same time* não é possível.

Glasbey considera ainda sequências de frases que descrevem eventos. Quanto a estas, importa explicar o contraste entre a aceitabilidade de (215) e a inaceitabilidade de (216) e (217).

- (215) a. Emily climbed Ben Nevis.
b. Fiona climbed Snowdon at the same time.

- (215') a. A Emily subiu o Ben Nevis.
b. A Fiona subiu o Snowdon na mesma altura.

A possibilidade de se usar *at the same time* em (215) é justificada pela existência de dois TIME-OF Roles. É necessário, então, explicar a razão por que nas sequências seguintes – que constituem casos de Elaboração – os mesmos dois TIME-OF Roles não legitimam o uso da mesma expressão adverbial. Note-se que, segundo a autora, embora em casos de elaboração a segunda situação mantenha com a primeira uma relação de PART-OF, são necessários dois TIME-OF Roles, pois o facto de uma situação ser parte da outra não significa que sejam idênticas e logo que tenham o mesmo tempo.

- (216) a. Emily climbed Ben Nevis.
b. *She achieved her ambition at the same time.

- (216')a. A Emily escalou o Ben Nevis.
b. Realizou a sua ambição na mesma altura.

- (217) a. Emily reached the top of Ben Nevis.
b. *She achieved her ambition at the same time.

- (217')a. A Emily atingiu o topo do Ben Nevis.
b. Realizou a sua ambição na mesma altura.

Para justificar a inaceitabilidade de (216) e (217) a autora refere apenas a necessidade de estipular que os dois eventos têm de ser distintos, ou conceptualmente distintos (CD), para se poder usar *at the same time*, explicitamente remetendo para investigação posterior a explicação do que se entende por CONCEPTUALMENTE-DISTINTO (cf. Glasbey 1994: 223).

Como defendido no Capítulo 8, as restrições aqui apresentadas quanto ao uso de *at the same time* inserem-se num conjunto mais amplo de interações dos localizadores com *mesmo* e as RD. Se alargarmos o conjunto de dados, verificamos que não são só as relações de PARTE-DE ou mereológicas que não são compatíveis com *mesmo*. A sequência seguinte ilustra que *mesmo* não é compatível com a existência de uma relação de causa-efeito entre as situações aí descritas.

- (218) O Paulo teve um furo na segunda-feira. Foi a pé para a faculdade no mesmo dia.

Esta sequência permite-nos ainda concluir que restrições dos localizadores com *mesmo* relativamente a casos de elaboração e enquadramento existem também em casos de anáfora que envolvem ETR, e não apenas "time roles", pelo que casos como (219) devem também ser tidos em conta numa proposta de análise. Veja-se:

- (219) *O Paulo visitou Londres em 1980. Visitou o British Museum no mesmo ano.

Não é possível aqui uma leitura em que a segunda frase constitua um desenvolvimento da primeira, ou seja, não estamos perante um caso de elaboração. Estas questões serão retomadas no capítulo 8.

4.4.2.3. Bras et al. 2001a

Bras et al. 2001a²¹ concentra-se no estudo do papel que as expressões *puis* e *un peu plus tard* desempenham na estrutura temporal e discursiva de sequências narrativas. Recorre ao quadro formal da SDRT para dar conta das diferenças existentes estas duas expressões.

No que respeita à relação temporal que expressam, não há diferença entre *puis* e *un peu plus tard*, dado que ambos exprimem uma relação de sucessão. Já quanto à sua interacção com a estrutura discursiva, distinguem-se entre si em sequências que envolvem Narração e revelam efeito idêntico em sequências que envolvem Resultado. Entre os exemplos deste efeito contam-se os seguintes:

- (220) a. Marie écrivit une longue lettre à son cousin. Elle alla la poster au village voisin. *Entretemps, elle l'avait retouchée à plusieurs reprises.
- b. Marie écrivit une longue lettre à son cousin. **Puis** elle alla la poster au village voisin. *Entretemps, elle l'avait retouchée à plusieurs reprises.

²¹ Bras et al. 2001b desenvolve também a questão da caracterização temporo-discursiva de *puis*.

- c. Marie écrivit une longue lettre à son cousin. **Un peu plus tard**, elle alla la poster au village voisin. Entretemps, elle l'avait retouchée à plusieurs reprises.

O nosso conhecimento do mundo inclui um "script" que envolve as situações de escrever uma carta e ir pô-la no correio, que conduz à inferência de Narração em (220 a). Essa mesma relação é aquela que é introduzida em (220 b) por *puis*, expressão considerada um conector discursivo narrativo. Além da sucessão temporal característica desta RD, e que é veiculada tanto por *puis* como por *un peu plus tard*, também a caracterizam outros dois axiomas – que apresento, novamente, a seguir – o primeiro dos quais não é respeitado em (220). Esses axiomas – explicados no capítulo 2 – são os seguintes:

$$(221) \quad \text{Narração } (\alpha, \beta) \rightarrow e_\alpha \supset \supset (\text{post } (e_\alpha) \cap \text{pre } (e_\beta)) \supset \supset e_\beta$$

$$(222) \quad (\langle \tau, \alpha, \beta \rangle \wedge \text{Narração } (\alpha, \beta) \rightarrow \exists \gamma (\text{Contingente } (\gamma) \Downarrow \alpha \wedge (\gamma) \Downarrow \beta)$$

De acordo com o primeiro axioma, uma condição necessária à inferência de Narração é a de que os eventos se liguem de forma consistente e sem que ocorram entre eles lacunas espaço-temporais significativas. Como explicado pelas autoras, embora possam ocorrer intervalos entre os eventos e_α e e_β , não pode ocorrer nesse intervalo nenhum acontecimento relevante. O segundo axioma dá conta do facto de que só há Narração se existir ou puder ser construído um tópico a partir de α e β . Voltemos agora aos exemplos (220). A introdução de um evento significativo entre as duas situações – incompatível com o axioma (221) – explica o bloqueio de Narração, tal como ela fora definida. No entanto, o discurso (220 c), com *un peu plus tard*, é coerente. A questão que se coloca é a de saber qual é, nesse caso, a RD que liga as duas frases. Segundo as autoras, essa RD é uma Narração-Fraca, que tem como único axioma associado o da sucessão temporal:

$$(223) \quad \text{Narração-Fraca } (\alpha, \beta) \rightarrow e_\alpha < e_\beta$$

Esta RD distinguir-se-ia assim da relação inicial de Narração, com todos os seus axiomas, que passaria a ser Narração-Forte. Esta proposta significa que as autoras concebem a Narração como “uma relação gradual que normalmente ocorre na versão forte, mas sempre pelo menos na versão fraca” (cf. Bras et al. 2001a: 54).

$$(224) \quad \text{Narração } (\alpha, \beta) > \text{Narração-Forte } (\alpha, \beta)$$

$$(225) \quad \text{Narração } (\alpha, \beta) \rightarrow \text{Narração-Fraca } (\alpha, \beta)$$

Retomemos os exemplos em (220), nomeadamente o contraste entre (220 b) e (220 c). *Puis* respeita todos os axiomas da anterior RD de Narração, pelo que é considerado um marcador de Narração-Forte. A respectiva regra deve estar de acordo com isso:

$$(226) \quad (<\tau, \alpha, \beta> \wedge [\text{puis}]\beta) \rightarrow \text{Narração-Forte}(\alpha, \beta)$$

Quanto a *un peu plus tard*, é compatível com a Narração-Fraca e bloqueia apenas a Narração-Forte, quer quando essa relação é inferida por defeito quer quando na sua inferência está envolvido um "script", caso em que primeiro é inferida a RD de Ocasão. As duas regras seguintes dão conta do referido bloqueio:

$$(227) \quad (<\tau, \alpha, \beta> \wedge [\text{un peu plus tard}]\beta \wedge \text{Narração}(\alpha, \beta)) > \\ \neg \text{Narração-Forte}(\alpha, \beta)$$

$$(228) \quad (<\tau, \alpha, \beta> \wedge [\text{un peu plus tard}]\beta \wedge \text{Ocasão}(\alpha, \beta)) > \\ \neg \text{Narração-Forte}(\alpha, \beta)$$

De acordo com as autoras, os conectores em estudo têm ainda um outro efeito sobre a estrutura discursiva, que é o de poderem bloquear a inferência de Resultado entre as duas proposições por eles ligadas. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (229) a. L'acide tomba dans le mélange. Une explosion se produisit.
 b. L'acide tomba dans le mélange. **Puis** une explosion se produisit.
 c. L'acide tomba dans le mélange. **Un peu plus tard** une explosion se produisit.

Em (229 a) somos capazes de inferir que a explosão resulta da queda do ácido na mistura antes referida, o que leva à inferência de Resultado. Em (229 b), essa inferência é bloqueada. No que respeita a (229 c), a impressão que temos é de que aqui o narrador não se quer comprometer quanto à existência de uma relação entre as duas situações, limitando-se a narrar os factos. A partir destes dados, podemos concluir que *puis*, mas não *un peu plus tard*, bloqueia a inferência de Resultado.

Vejam agora as sequências abaixo, que parecem indicar que também *un peu plus tard* pode interferir com esta RD:

- (230) a. Max trébucha. Il tomba et se cassa la jambe.
 b. Max trébucha. **Puis** il tomba et se cassa la jambe.
 c. Max trébucha. **Un peu plus tard**, il tomba et se cassa la jambe.

Em (230 a) inferimos que entre a primeira situação descrita e a seguinte há um nexo causal. Tal supõe, em termos temporais, que as duas situações são contíguas. Em (230 b) e em (230 c), explicam as autoras, ao contrário do que acontece em (230 a), concluímos que a situação de o Max tropeçar não está relacionada com a queda que se seguiu, ou seja, que se trata de duas situações separadas. Tal acontece porque *puis* e *un peu plus tard* indicam que há um intervalo não-nulo entre essas situações, o que não é compatível com a existência de um nexo causal entre elas. Aqui ambos os conectores bloqueiam a inferência de Resultado e, além disso, a possibilidade de um nexo causal entre os dois eventos. Recorde-se que em (229 c) era apenas bloqueada a inferência da relação retórica, já que a impressão era a de que o autor não se queria comprometer com a indicação de um nexo causal entre as situações, mas que esse nexo era possível.

Em conclusão, a proposta de Bras et al. 2001a é que *puis* bloqueia sempre a RD de Resultado, do que se dá conta no axioma abaixo.

$$(231) \quad (\langle \tau, \alpha, \beta \rangle \wedge [\textit{puis}]\beta) \rightarrow \neg \text{Resultado}(\alpha, \beta)$$

No que respeita ao conector *un peu plus tard*, não é apresentada nenhuma explicação para o facto de este umas vezes interferir e outras não com a RD de Resultado.

Parte II

Identificação e computação dos localizadores temporais adverbiais anafóricos

Capítulo 5

Localizadores temporais anafóricos

No que respeita à forma de resolução da anáfora dos localizadores temporais, podemos agrupá-los em duas grandes subclasses: a daqueles que são anafóricos por envolverem o processamento de uma expressão anafórica no seu complemento (cf. (232)-(234)) e a daqueles que, podendo não ter um complemento anafórico, dependem de um TPpt presente no contexto linguístico precedente (cf.(235) e (236)):

- (232) A Ana licenciou-se em 1988. Começou a trabalhar nesse ano.
- (233) O Paulo nasceu a 11 de Maio de 1965. A Ana nasceu no mesmo dia.
- (234) A Ana foi a Paris no ano passado. Conheceu o Michel nessa altura.

- (235) A Ana mudou-se para Paris em Junho de 1980. Vivia em Londres desde 1970.
- (236) A Ana mudou-se para Paris em Junho de 1980. Viveria lá até 1988.

Em (232)-(234), são as expressões *esse ano*, *o mesmo dia* e *essa altura* que conferem aos localizadores *nesse ano*, *no mesmo dia* e *nessa altura*, respectivamente, o seu carácter anafórico. Em (235) e (236), os localizadores *desde 1970* e *até 1988* têm complementos autónomos, que marcam, respectivamente, a fronteira inicial e a fronteira final do intervalo que representam. Na linha do proposto em Mória 2000, trata-se de localizadores elípticos, ou seja, de localizadores que implicitamente definem também uma segunda fronteira, respectivamente, a fronteira final e a fronteira inicial do intervalo por eles representado. Essa segunda fronteira é geralmente dada por um TPpt. Estes localizadores são anafóricos quando esse TPpt está presente no contexto linguístico que os precede, como em (235) e (236). Aqui é a situação *a Ana mudou-se para Paris* que funciona como o TPpt com o qual coincidem a fronteira final de *desde 1970* e a fronteira inicial de *até 1988*. Note-se que as duas subclasses de localizadores apresentadas não se excluem mutuamente. Por exemplo, o localizador *até daí por cinco anos* envolve quer o processamento de uma anáfora no seu complemento quer uma dependência do TPpt na definição da fronteira inicial do intervalo representado:

- (237) A Ana mudou-se para Paris em Junho de 1980. Viveria lá até daí por cinco anos.

Neste quinto capítulo, procederei à identificação e à representação formal de ambas as subclasses de localizadores referidas.

Como referi na parte I, apesar de a literatura existente conter trabalhos que versam sobre localizadores temporais adverbiais anafóricos, em nenhum deles, tanto quanto pude verificar, foi considerada uma tão grande variedade de expressões nem as expressões consideradas foram objecto de um tratamento composicional como aquele que aqui apresento. No que respeita à identificação das expressões anafóricas, um dos principais aspectos que o tratamento composicional põe em evidência é que muitas das expressões classificadas na literatura como (estritamente) anafóricas devem ser antes consideradas mistas, uma vez que podem ocorrer quer como anafóricas quer como autónomas. Um outro aspecto importante resultante desse tratamento é a possibilidade de se tratar uniformemente como instâncias de anáfora substitutiva casos até aqui considerados como de anáfora relacional.

5.1. Os localizadores anafóricos derivados a partir das expressões que ocorrem no seu complemento

Tal como descrito no capítulo 3, os localizadores temporais são tipicamente compostos por um operador temporal e um complemento. Nos casos a analisar nesta secção, o complemento – que é uma expressão denotadora de tempo ou uma expressão que supre tempo (EST), isto é, uma expressão que descreve uma situação – desempenha um papel fundamental na determinação da dependência ou independência referencial de um dado localizador, já que as propriedades referenciais dessa expressão passam para o localizador temporal no seu todo. Se como complemento do operador temporal ocorre uma expressão anafórica, então ele é anafórico (cf. ((238)-(239)). Se o complemento corresponder a uma expressão dêictica, então ele é dêictico (cf. (240)-(241)) e, por último, se o complemento corresponder a uma expressão autónoma, então ele é autónomo (cf. (242)-(243)). Vejam-se os exemplos abaixo:

TDE / EST anafóricas

- (238) a. o mesmo ano
b. nesse século
c. então
d. esse feito histórico

Localizadores anafóricos

- (239) a. A Ana nasceu em 1960. O Paulo nasceu *no mesmo ano*.
b. A conquista do espaço iniciou-se no século XX. O Homem chegou à lua *nesse século*.
c. O Homem desembarcou na lua em 1969. Não voltou lá *desde então*.
d. O Homem desembarcou na lua em 1969. Não voltou lá *depois desse feito histórico*²².

TDE / EST dêicticas

- (240) a. o próximo ano
b. o século passado
c. hoje
d. este voo

Localizadores dêicticos

- (241) a. A Ana vai a Paris *no próximo ano*.
b. O Homem desembarcou na lua *no século passado*.
c. O Paulo chega *hoje*.
d. Não é permitido fumar *durante este voo*.

TDE / EST autónomas

- (242) a. 1960
b. o século XX
c. o dia em que o Homem desembarcou na lua
d. a reunião em que o treinador do Sporting se demitiu

²² Na linha do proposto em Mória 2000, assumo que o localizador *depois desse feito histórico* é encabeçado por um operador nulo do tipo de *em*.

Localizadores autónomos

- (243) a. A Ana nasceu *em 1960*.
b. O Homem chegou à lua *no século XX*.
c. O Paulo nasceu *no dia em que o Homem desembarcou na lua*.
d. O Paulo foi nomeado treinador adjunto *na reunião em que o treinador do Sporting se demitiu*.

Verifica-se, pois, que, tal como é sugerido em Molinés 1989 e em Mória 2000, a distinção entre expressões temporais anafóricas e não anafóricas pertence em primeiro lugar ao plano da referência temporal, e só depois ao plano dos localizadores. Sendo assim, justifica-se que se tome a questão da identificação e computação das TDE anafóricas como central para a identificação e computação dos localizadores anafóricos. Identificadas e computadas estas TDE, resta processar a relação de localização. Não me deterei no processamento dessa relação. Trata-se de uma questão estudada de forma detalhada em Mória 2000 e referida no capítulo 3 deste trabalho.

5.1.1. Os complementos dos localizadores temporais: as expressões denotadoras de tempo e as expressões supridoras de tempo

As expressões a que podemos recorrer para fazer menção a partes do eixo do tempo são de diversos tipos, tanto sintáctica quanto semanticamente. Vejamos os seguintes exemplos:

- (244) O Paulo acabou a tese de mestrado em 2001.
(245) O Paulo acabou a tese de mestrado no mesmo ano em que a irmã se licenciou.
(246) O Paulo acabou a tese de mestrado no ano a seguir àquele em que esteve em Paris.
(247) O Paulo acabou a tese de mestrado no ano em que o Boavista ganhou o campeonato nacional de futebol da I Liga

Nestes quatro exemplos, o modo como fazemos menção ao ano em que o Paulo acabou a tese varia de caso para caso. Podemos dizer que no primeiro exemplo – em que recorremos a um cronónimo²³, ou seja, um nome de um intervalo de tempo –

²³ O termo *cronónimo* é introduzido em Peres 1996. O seu significado torna-se particularmente evidente se tivermos em conta a sua analogia com o termo *topónimo* pertencente ao domínio espacial.

fazemos menção a esse intervalo de forma directa e nos restantes três de forma indirecta. Em (245) e (246) identificamos esse intervalo através do estabelecimento de uma relação com outro intervalo. Em (247) identificamos o mesmo intervalo através da referência a uma propriedade que o caracteriza, a de incluir um dado acontecimento. A diferença entre os casos a que poderemos chamar de referência directa, como (244), e os casos que podemos considerar de referência indirecta, como (245)-(247), relaciona-se com o tipo de TDE utilizada. Do grupo que associa à referência temporal directa fazem parte os nomes de intervalos de tempo e substitutos anafóricos de expressões temporais, ou seja, proformas. No grupo das expressões de referência temporal indirecta, além das expressões do tipo das que ocorrem em (245)-(247) incluem aquelas que definem intervalos através da identificação de uma distância de tempo a partir de um ponto de ancoragem temporal. Em termos de condições de DRS, as expressões de referência directa levam à introdução ou de um referente discursivo de tipo *t* apenas – é o caso das proformas – ou, no caso das que têm conteúdo predicativo, um referente do mesmo tipo juntamente com uma condição de tipo [PRED-TPO(*t*)]. Estas condições são irreduzíveis. Quanto às expressões indirectas, envolvem sempre a introdução de uma condição redutível que se desdobra numa pluralidade de condições que variam de acordo com o subtipo de expressão.

A referência temporal, seja ela directa ou indirecta, envolve o recurso às expressões que apresento em (i)-(vi) abaixo divididas em dois grandes grupos: o grupo das expressões denotadoras de tempo (cf. A) e o grupo das expressões supridoras de tempo (cf. B). Limito-me aqui a uma apresentação sucinta dos diversos tipos, que ilustro com exemplos, adiando para secções posteriores a questão da sua estrutura interna e a das diferenças semânticas existentes entre as várias classes de expressões. Note-se que em todos os exemplos as expressões a ser apresentadas ocorrem integradas em localizadores temporais, que são as expressões sobre as quais este trabalho incide.

A – Expressões denotadoras de tempo

(i) nomes de intervalos de tempo (cronónimos) e descrições definidas

Expressões como *1990*, *12 de Abril de 1970* ou *25 de Abril de 1974*, apropriadamente classificadas em Peres 1996 como cronónimos, constituem nomes de intervalos de tempo e, como tal, identificam partes únicas no eixo do tempo. Vejam-se as frases abaixo.

(248) O Paulo conheceu a Ana em 1990.

(249) A Ana nasceu em 12 de Abril de 1970.

Outras expressões com a mesma propriedade de identificar intervalos únicos são as descrições definidas como *o dia em que o Homem desembarcou na lua*, *o ano da queda do muro de Berlim* ou *o último ano do século XX*. Vejam-se as seguintes frases:

- (250) O Paulo nasceu no dia em que o Homem desembarcou na lua.
(251) A Ana visitou a Alemanha no ano da queda do muro de Berlim.

(ii) sintagmas nominais com predicados de tempo por núcleo

Uma outra classe de expressões associadas à denotação temporal é constituída pelos predicados de tempo (expressões que denotam conjuntos de intervalos de tempo) como *segunda-feira*, *ano*, *dia*, *mês*, *século*, *milénio*, *Janeiro*. Vejam-se (252) e (253).

- (252) O Paulo partiu na segunda-feira.
(253) A Ana regressou a Portugal em 1999. O Paulo regressou no mesmo ano.

(iii) sintagmas nominais com predicados de quantidade de tempo por núcleo

Como foi já notado na literatura (cf., por exemplo, Mória 2000), as expressões denotadoras de quantidades de tempo como *duas horas*, *três meses*, *noventa minutos* ou *três dias* podem também estar envolvidas na denotação de intervalos de tempo, em particular quando integradas em descrições definidas e em SN introduzidos por demonstrativos, como acontece nos exemplos que apresento de seguida:

- (254) A Ana dormiu durante as duas horas em que esperou pelo Paulo.
(255) A Ana esteve fora três meses. A mãe tomou-lhe conta da casa durante esses três meses.

(iv) sintagmas nominais com expressões de referência vaga por núcleo (proformas temporais complexas)

Os SN denotadores de tempo podem ter por núcleo expressões de referência vaga como, por exemplo, os nomes *tempo*, *altura*, *época*, *período*, *intervalo*, *época*. É o caso de *o tempo em que as casas em Lisboa eram baratas*, *essa altura*, *essa época*, *o intervalo de tempo entre as duas guerras mundiais*, entre outros.

- (256) A Ana comprou o andar no tempo em que as casas em Lisboa eram baratas.
(257) O Paulo foi a Londres em 1990. A Ana foi a Viena nessa altura

A relação existente entre estas expressões de referência vaga e predicados de tempo como *ano* ou *mês*, por exemplo, pode ser comparada com a que existe entre *coisa* e *livro*, entre *facto* e *queda da ponte*, *situação* e *atraso do comboio*, ou ainda entre *lugar* e *biblioteca*. As expressões de referência vaga contrastam com as que foram referidas em (i)-(iii), por, ao contrário daquelas, não terem conteúdo predicativo. Veja-se a este propósito o comentário de Kamp e Reyle 1993: 266 acerca de expressões afins:

“the second predicating function of a natural language predicate can in some cases be virtually devoid of content. This is true of nouns like **thing**, **individual** and **entity**, and of the dummy noun **one** as found in NPs like **that one**. Noun phrases which have such nouns as heads typically serve the purpose of introducing an argument without saying much about what sort of entity it is.”

(v) sintagmas adverbiais

Advérbios como, por exemplo, *antigamente*, *ultimamente*, *recentemente* denotam também intervalos de tempo.

(258) A vida era menos difícil antigamente.

(259) O Paulo tem andado muito ocupado ultimamente.

(260) A Ana visitou Londres em 2001. A nova Tate fora inaugurada recentemente.

(261) A filha da Rita acreditou no pai Natal até muito recentemente.

(vi) proformas temporais simples

Além das expressões atrás referidas, a menção a intervalos de tempo pode ainda envolver o recurso a expressões a que chamarei proformas temporais simples. Estas expressões, à semelhança do que acontece com os pronomes pessoais, não têm qualquer autonomia referencial. Dependem referencialmente ou do contexto da enunciação (casos de dêixis) ou do contexto linguístico prévio (casos de anáfora). Exemplos deste tipo de expressões são *então*, *lá*, *aqui*, *ali*, *ai*, *entretanto* e *isso*. Como explicarei adiante, algumas destas proformas têm a particularidade de só poderem ocorrer em contextos de localização. Vejam-se as sequências abaixo:

(262) O Paulo veio para Lisboa em 1990. Não vê a Ana desde então.

(263) A Ana mudou-se para Coimbra em 1998. Vivia em Lisboa até lá.

B – Expressões supridoras de tempo

(vii) descrições de situações

As descrições de situações como, por exemplo, *o Paulo veio de França*, *o Paulo regressou a Lisboa*, *o Paulo visitou Paris*, *a Ana fez o jantar*, e *a assembleia geral do BBV*, têm sido apontadas na literatura como podendo representar, se bem que indirectamente, períodos de tempo (cf., p. ex., Kamp e Reyle 1993). Distinguem-se crucialmente das apresentadas na secção anterior por não denotarem directamente tempo. Em termos de DRT, introduzem referentes discursivos característicos de situações – referentes discursivos de tipo *e* ou *s* – e não referentes discursivos de tipo *t*. Para extrair um intervalo de tempo a partir de descrições de situações, Kamp e Reyle 1993 introduziram a função *loc*. Esta função (cf. Kamp and Reyle 1993: 608, 654, 671-672) projecta cada situação no mais pequeno intervalo de tempo que ela ocupa. A este intervalo, que pode ser definido como o mais pequeno intervalo fechado que inclui temporalmente *e* ou *s*, chamam os autores a localização temporal de uma situação. Kamp e Reyle 1993 recorrem a *loc* para dar conta das frases subordinadas temporais (cf. (264)) e dos casos em que o TP_{pt} é fixado a partir de uma situação (cf. (265)).

(264) O Paulo conheceu a Ana depois que veio de França.

(265) O Paulo regressou a Lisboa em Maio. A Maria já tinha partido.

Nos exemplos abaixo (de um tipo que, tanto quanto sei, não foi invocado antes na literatura a este propósito) parece também bastante claro que as descrições de situações são elementos supridores de tempo.

(266) O Paulo visitou Paris o ano passado. A mãe tomou-lhe conta da casa durante esse tempo.

(267) A Ana fez o jantar ontem à noite. Enquanto isso o Paulo pôs a mesa.

Aqui, as expressões anafóricas representam indirectamente os intervalos de tempo associados à localização das situações²⁴ descritas no primeiro período de cada sequência, respectivamente, *o Paulo visitou Paris* e *a Ana fez o jantar*, e não os intervalos de tempo associados a *o ano passado* e *ontem à noite*.

²⁴ Como apontado em Mória 2000: 113, nem sempre a totalidade do intervalo obtido através da função da *loc* é relevante para a localização de situações. Questões de ordem pragmática bem como o tipo de operador envolvido podem fazer com que, por exemplo, só o início ou o fim sejam relevantes. Não desenvolverei esta questão.

Ao considerar as descrições de situações expressões supridoras de tempo e não expressões denotadoras de tempo afastado-me de Mória 2000, que as classifica como TDE derivadas. Considero que o processo segundo o qual elas "contribuem com tempo" se situa mais no plano da inferência, como sugerido, por exemplo, em Glasbey 1994, e deve ser claramente distinguido da denotação temporal directa característica das TDE, ou, na terminologia de Mória 2000, TDE básicas.

5.1.2. Expressões denotadoras de tempo absolutas e expressões denotadoras de tempo relativas

Relativamente ao modo como se opera a denotação temporal e aos ingredientes que ela envolve, podemos dividir as TDE em diferentes subclasses tal como se mostra no quadro 11:

Quadro 11. Subtipos de expressões denotadoras de tempo

TDE absolutas	TDE relativas	
	TDE relativas a um intervalo de tempo implícito	TDE relativas a um intervalo de tempo explicitável
o século XX 1965 a Idade da Pedra o ano em que a Ana esteve em França essa altura esse ano então isso	hoje ontem amanhã recentemente ultimamente o próximo ano o mês passado há duas semanas havia duas semanas dentro de quinze dias	o ano seguinte ao da queda do muro de Berlim o mês anterior ao da defesa da tese a véspera desse dia o mesmo dia três meses depois quinze dias mais tarde de hoje a quinze dias
TDE mistas este ano estes três dias		

Em I e II, abaixo, procedo à apresentação de cada uma das subclasses propostas. Descreverei de forma mais detalhada (incluindo condições de DRS) as TDE anafóricas, que são aquelas que me interessam neste trabalho.

I – TDE absolutas

A classe das TDE absolutas contém expressões autónomas, como os cronónimos – p. ex., *1965, 12 de Maio de 1965, a Idade da Pedra* – e as descrições definidas – p. ex., *o ano em que a Ana esteve em França, o dia da queda do muro de Berlim* –, e ainda expressões de natureza pronominal – p. ex., *essa altura, esse ano, então, isso* – que utilizamos para referir entidades temporais mencionadas no contexto linguístico que as precede. Vejam-se exemplos:

- (268) A Ana nasceu em 1965.
- (269) O Paulo conheceu a Rita no ano em que a Ana esteve em França.
- (270) O Paulo foi a Paris em Maio de 1980. A Rita também lá foi nessa altura.
- (271) A Ana nasceu em 1965. O Paulo também nasceu nesse ano.

Trata-se, em todos os casos, de expressões na computação das quais não está envolvido nenhum outro intervalo de tempo além daquele que a própria expressão denota. Vejam-se abaixo as condições de DRS associadas a algumas destas expressões. Tenha-se em atenção que em (273 a), (274 a) e (275 a) apresento as condições redutíveis, e em (273 b), (274 b) e (275 b) as condições irredutíveis.

- (272) *1965*
 - a. [1965 (t_c)]
- (273) *o ano em que a Ana esteve em França*
 - a. [o ano em que a Ana esteve em França (t_c)]
 - b. [ano (t_c), [s: x estar em França], [s \circ t_c]]
- (274) *essa altura*
 - a. [essa altura (t_c^a)]
 - b. [$t_c^a = ?$]]
- (275) *esse ano*
 - a. [esse ano (t_c^a)]
 - b. [ano (t_c^a), [$t_c^a = ?$]]

II – TDE relativas

As TDE que classifico como relativas são expressões em cuja computação intervém, para além do intervalo de tempo denotado pela própria expressão, pelo

menos mais um intervalo de tempo. Distingo os casos em que este segundo intervalo de tempo pode ser explicitado (cf. (276)-(278)) dos casos em que não pode (cf. (279)-(281)). Vejam-se os exemplos:

- (276) A Ana chegou a Lisboa no dia 11 de Maio. O Paulo chegou *na véspera (desse dia)*.
- (277) O Paulo chegou a casa à meia-noite. A Ana chegou *depois (disso)*.
- (278) O Paulo chegou a casa à meia-noite. A Ana chegou muito *antes (disso)*.
- (279) O Paulo vai a Paris *no próximo ano*.
- (280) A Ana esteve em Londres *recentemente*.
- (281) O Paulo partiu para Paris na segunda-feira. Tinha chegado de Londres *há dois dias*.

Repare-se que nos três primeiros exemplos o segundo intervalo de tempo que a computação das TDE em itálico envolve pode ser explicitado. No primeiro, é explicitado através da expressão *esse dia* que ocorre no complemento de *véspera*. No segundo e terceiro casos, é explicitado através de *isso*, que ocorre como complemento das expressões *depois de* e *antes de*, respectivamente. Pelo contrário, nos últimos três exemplos não é possível explicitar o segundo intervalo de tempo envolvido na computação das EDT italicizadas. Atente-se na agramaticalidade das frases abaixo.

- (282) *O Paulo vai a Paris no próximo ano deste.
- (283) *A Ana esteve em Londres recentemente de agora.
- (284) *O Paulo partiu para Paris na segunda-feira. Tinha chegado de Londres há nesse dia dois dias.

A – TDE relativas a um tempo implícito

À subclasse das expressões relativas a um tempo implícito pertencem expressões que ocorrem em contextos de dêixis, ou seja, que dependem referencialmente do tempo da enunciação (p. ex., *anteontem, hoje, o ano passado*), e ainda as que são computadas relativamente a um tempo previamente introduzido no contexto linguístico (p. ex., *havia dois dias*), ou seja, que envolvem uma dependência anafórica. Note-se que algumas expressões (p. ex., *recentemente, ultimamente*) podem ocorrer nos dois tipos de contextos. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (285) A Ana visitou Paris o ano passado.
- (286) A Ana vai para Paris amanhã.
- (287) A Ana foi a Paris recentemente.
- (288) Ana voltou a Paris o mês passado. Tinha estado lá recentemente.

Há a considerar três subclasses de TDE relativas a um intervalo de tempo implícito: a subclasse das TDE simples, das TDE ordenadoras e das TDE envolvendo medição e contagem.

(i) TDE simples

A esta classe de expressões pertencem aquelas TDE que designam directamente intervalos de tempo, como é o caso de *ontem* e *amanhã*, por exemplo.

- (289) O Paulo chegou ontem.
- (290) A Ana parte amanhã.

As TDE em (289) e (290) funcionam como nomes que utilizamos para designar, respectivamente, o dia anterior e o dia seguinte ao dia que contém o tempo da enunciação.

(ii) TDE ordenadoras

Na classe das TDE ordenadoras incluem-se expressões que designam um intervalo de tempo através da explicitação de uma ordenação relativamente a outro intervalo de tempo, a que chamo intervalo de referência. É o caso, por exemplo, de *o próximo ano* e de *a semana passada*, em que *ano* e *semana* são nomes de calendário e não nomes que designam quantidades de tempo. Vejam-se (291) e (292):

- (291) A Ana vai a Paris no próximo ano.
- (292) A Rita chegou a semana passada.

A expressão *o próximo ano* denota o intervalo de tipo ano que se segue ao intervalo de referência, que é dado de forma implícita, e que corresponde ao intervalo da mesma grandeza (ano) no qual o tempo da enunciação está contido. A expressão *a semana passada* denota o intervalo do tipo semana que precede o intervalo de referência, também dado de forma implícita, e que coincide com semana na qual se inclui o tempo da enunciação. Repare-se que em ambos os casos a TDE contém uma expressão

relacional, respectivamente, *próximo* e *passada*, que expressa a ordenação do intervalo denotado pela TDE relativamente ao intervalo de referência.

(iii) TDE de medição e contagem

De entre as expressões dependentes de um tempo implícito, há ainda que distinguir a subclasse das expressões que envolvem medição ou contagem a partir de um TPpt não-marcado lexicalmente (cf. Mória 2000). Cabem nessa subclasse as expressões *havia dois dias* e *dentro de quinze dias*, por exemplo.

(293) O Paulo chegou de Paris no dia 12 de Maio. A Ana partira {há / havia} dois dias.

(294) O Paulo chegou de Paris no dia 12 de Maio. A Ana ia chegar dentro de quinze dias.

Estas expressões são, por sua vez, um subgrupo da macroclasse das TDE que envolvem medição e contagem a partir de um ponto de ancoragem temporal. De forma sucinta, reproduzo abaixo os parâmetros que, segundo o referido autor, permitem dar conta de tais expressões (cf. Mória 2000: 224-225). As condições de DRS que apresento para representar estas expressões são também as de Mória 2000.

(i) tipo de operação

- medição temporal (p. ex., *há dois meses*) ou contagem de entidades ordenadas temporalmente (p. ex., *há cinco sessões*).

(ii) direcção da operação

- retrocesso temporal (p. ex., *há dois meses*) ou progresso temporal (p. ex., *dentro de dois meses*).

(iii) tipo de ponto de ancoragem

- TPpt não-marcado lexicalmente (p. ex., *há dois meses*, *dentro de dois meses*) ou tempo explicitamente marcado por um complemento, que pode ser nulo (p. ex., *dois meses depois disso*, *duas semanas antes*).

(iv) tipo de intervalo designado

- Contíguo ao ponto de ancoragem (p. ex., *os últimos dois meses*) ou não-contíguo ao ponto de ancoragem (p. ex., *há dois meses*).

Vejam-se agora as condições semânticas correspondentes a duas expressões deste tipo, nomeadamente *havia dois dias* (cf. sequência (293)) e *dentro de quinze dias* (cf. sequência (294)).

(295) *havia dois dias*

- a. [havia dois dias (t_c)]
- b. [dois dias (mt)], [dur (t') = mt], [beg (t') $\subseteq t_c$], [end (t') \subseteq TPpt].

(296) *dentro de quinze dias*

- a. [dentro de quinze dias (t)]
- b. [quinze dias (mt)], [dur (t') = mt], [end(t') $\subseteq t_c$], [beg (t') \subseteq TPpt].

B – TDE relativas a um intervalo de tempo explicitável

Considerarei neste trabalho três subclasses de TDE relativas a um intervalo de tempo explicitável: a subclasse das expressões ordenadoras, a subclasse das expressões de identidade, e a subclasse das TDE que envolvem medição e contagem a partir de pontos de ancoragem temporal marcados por um complemento (cf. Mória 2000). Limito-me aqui a uma breve apresentação de cada uma destas subclasses. Mais à frente neste capítulo, tratá-las-ei de forma mais detalhada tanto no plano sintático como no plano semântico.

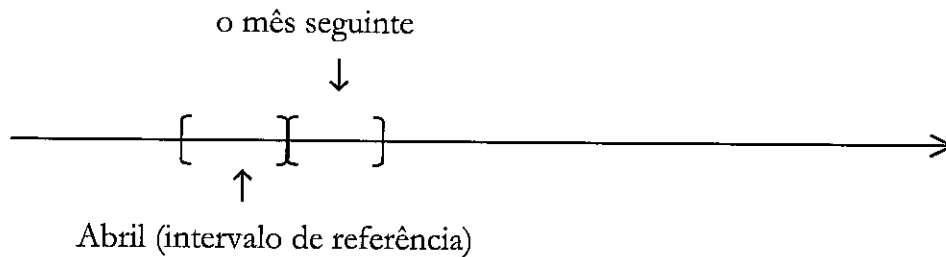
(i) TDE ordenadoras

Uma classe particular de TDE dependentes é a que contém as expressões que envolvem aquilo a que chamo ordenador – nos casos que interessam nesta tese, de intervalos de tempo – como, por exemplo, *seguinte*, *anterior*, *antes* e *véspera*. As TDE com ordenadores – p. ex., *o mês seguinte*, *o mês anterior*, *o dia antes da defesa da tese* e *a véspera do dia 25 de Abril* – caracterizam-se por representar um intervalo de tempo cuja identificação é feita através da explicitação da sua posição relativamente a outro intervalo, a que chamo intervalo de referência. Vejam-se os exemplos abaixo:

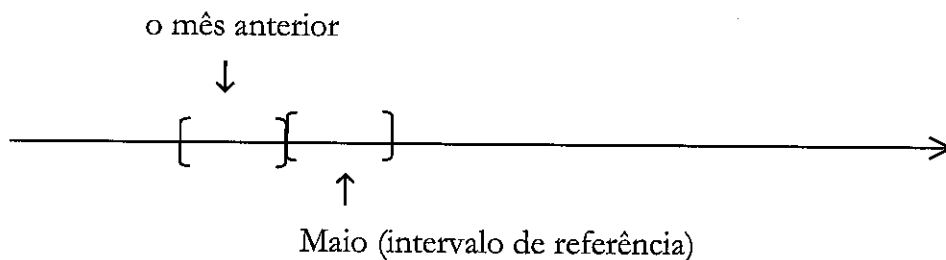
- (297) O Paulo chegou de Paris em Abril. Partiu para Londres no mês seguinte.
- (298) O Paulo partiu para Londres em Maio. Chegara de Paris no mês anterior.
- (299) A Ana chegou de Itália no dia antes do da defesa da tese.

Apresento, de seguida, as representações esquemáticas das TDE ordenadoras que ocorrem nas frases (297) e (298).

(300)



(301)



Nas sequências (297) e (298), os intervalos de referência são representados pelas expressões *Abril* e *Maio*, respectivamente. Como se pode ver, no primeiro caso, o intervalo que a TDE anafórica denota segue-se ao intervalo de referência, enquanto no segundo caso o intervalo denotado pela TDE anafórica precede esse intervalo. As duas expressões *o mês seguinte* e *o mês anterior* ilustram, respectivamente, a subclasse das expressões de posterioridade e a subclasse das expressões de anterioridade, representadas no quadro 12.

Quadro 12. Subtipos de TDE ordenadoras

TDE ordenadoras	
anterioridade	posterioridade
<i>a semana anterior (a essa)</i> <i>a semana antes (dessa)</i> <i>anteriormente (a isso)</i> <i>antes (disso)</i> <i>a véspera (desse dia)</i>	<i>o dia seguinte / a seguir / subsequente (a esse)</i> <i>a semana depois (dessa)</i> <i>posteriormente (a isso)</i> <i>depois (disso)</i>

Apresento, de seguida, e como ilustração, as condições de DRS associadas às TDE em (297) e (298), ou seja, *o ano seguinte (a esse)* e *o mês anterior (a esse)*. Apresento na segunda linha as condições redutíveis e na terceira as condições irredutíveis. Repare-se que

recorro aqui aos parênteses angulares para assinalar as expressões opcionais, mantendo os parênteses curvos nos argumentos dos predicados.

- (302) *o mês seguinte* $\langle a \text{ esse} \rangle$
 a. [o mês seguinte $\langle a \text{ esse } \emptyset_{\text{mês}} \rangle (t_c^a)$]
 b. [mês (t_c^a)], [mês (t_{cc}^a)], [$t_{cc}^a \supset \subset t_c^a$], [$t_{cc}^a = ?$]

- (303) *o mês anterior* $\langle a \text{ esse} \rangle$
 a. [o mês anterior $\langle a \text{ esse } \emptyset_{\text{mês}} \rangle (t_c^a)$]
 b. [mês (t_c^a)], [mês (t_{cc}^a)], [$t_c^a \supset \subset t_{cc}^a$], [$t_{cc}^a = ?$]

Repare-se que o segundo intervalo de tempo de que estas expressões dependem está representado nas condições de DRS pelo referente discursivo t_{cc}^a . Este referente é introduzido na DRS pelo complemento da expressão relacional que, nestes exemplos, é, de acordo com a análise que proporei adiante, um SN anafórico com um nome nulo. Esse nome é representado acima por $\emptyset_{\text{mês}}$.

(ii) TDE de identidade

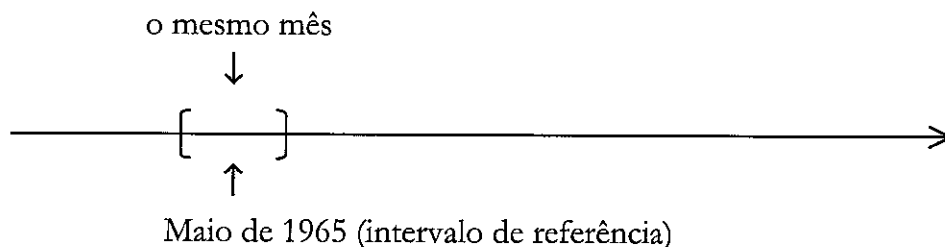
As expressões a que chamo TDE de identidade são sintagmas nominais e sintagmas adverbiais que envolvem, respectivamente, o adjetivo *mesmo* ou os advérbios *paralelamente* e *simultaneamente*, possivelmente entre outras expressões. Repare-se que, ao contrário dos SN ordenadores, os SN de identidade podem ter por núcleo expressões de referência vaga (cf. (304)). As TDE de identidade – p. ex., *a mesma altura*, *o mesmo mês* e *paralelamente (a isso)* – são expressões que definem um intervalo de tempo através do estabelecimento de uma relação de identidade com o intervalo de referência.

- (304) A Ana visitou Londres em 1980. Visitou Paris na mesma altura.
 (305) A Ana nasceu em Maio de 1965. O Paulo nasceu no mesmo mês.
 (306) O Paulo licenciou-se em Economia na década de oitenta. Paralelamente (a isso) tirou o curso superior de órgão.

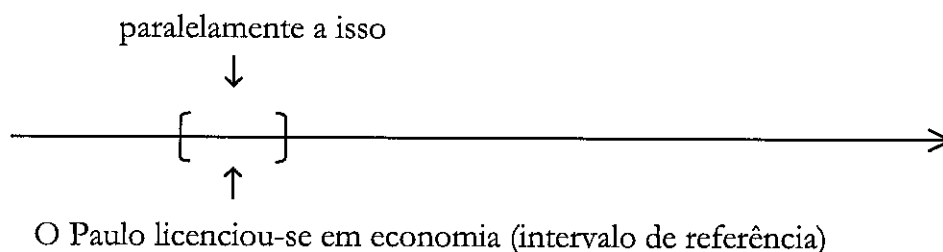
No primeiro esquema abaixo represento a relação de identidade entre o intervalo denotado pela expressão *o mesmo mês* e o intervalo de referência denotado por *Maio de 1965* (cf. sequência (305)). No segundo, apresento a relação de identidade entre o

intervalo denotado por *paralelamente (a isso)* e o intervalo de referência, que corresponde à localização da situação *o Paulo licenciou-se em Economia* (cf. sequência (306)).

(307)



(308)



Tomando como exemplo das TDE de identidade as expressões *o mesmo mês* e *paralelamente a isso*, apresento em (309) e (310) as condições de DRS que lhe correspondem:

(309) *o mesmo mês*

- a. [o mesmo mês $\emptyset_{\text{que esse mês}} (t_c^a)$]
- b. [mês (t_c^a)], [mês (t_{cc}^a)], [$t_c^a = t_{cc}^a$], [$t_{cc}^a = ?$]

(310) *paralelamente (a isso)*

- a. [paralelamente (a isso) (t_c^a)]
- b. [$t_c^a = t_{cc}^a$], [$t_{cc}^a = ?$]

O tempo de que as TDE dependem, que neste caso é dado pelo contexto linguístico que as precede, está representado pelo referente t_{cc}^a . No que respeita a (309 a), assumo que *mesmo* tem um argumento nulo anafórico, que represento por $\emptyset_{\text{que esse mês}}$. A representação no plano sintático desse argumento nulo é certamente complexa. Por

considerar que a estrutura sintáctica das expressões com *mesmo* ultrapassa claramente o âmbito deste trabalho, não procurei dar conta dela.

(iii) TDE de medição e contagem

A terceira subclasse de TDE relativas a um intervalo de tempo explicitável contém as TDE envolvendo medição e contagem a partir de pontos de ancoragem temporais. As expressões que integram esta subclasse – p. ex., *três dias depois*, *quinze dias antes* e *meia hora mais tarde* – distinguem-se das suas análogas relativas a um intervalo de tempo implícito apenas no que diz respeito ao tipo de ponto de ancoragem. No caso das TDE consideradas acima, o ponto de ancoragem é apresentado pelo TPpt, ao passo que nestas o ponto de ancoragem é apresentado por um outro intervalo de tempo que é introduzido pelo complemento de uma expressão relacional, o qual, em alguns casos, pode ser nulo. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (311) O Paulo chegou a Paris no dia 10. Partiu para Londres três dias depois disso.
- (312) A Ana acabou o artigo no dia 20 de Maio. O Paulo acabou quinze dias antes disso.
- (313) O Paulo entregou o teste às 17 h. A Ana entregou o dela cinco minutos mais tarde.

As condições semânticas associadas às TDE do tipo que aqui interessa presentes nas sequências (311) e (312) são as que se seguem:

- (314) *três dias depois* <disso>
- [três dias depois <disso> (t_c^a)]
 - [três dias (mt)], [dur (t') = mt], [beg (t') = end(t_{cc}^a)], [t_{cc}^a = ?]
- (315) *quinze dias antes* <disso>
- [quinze dias antes disso (t_c^a)]
 - [quinze dias (mt)], [dur (t') = mt], [end (t') = beg(t_{cc}^a)], [t_{cc}^a = ?]

O referente t_{cc}^a , que é introduzido pelo complemento anafórico das expressões relacionais *antes* e *depois*, representa o intervalo de tempo relativamente ao qual a TDE é computada.

III - Expressões mistas

O último grupo de TDE apresentado no quadro 9 contém as expressões a que chamo mistas, isto é, que podem ocorrer quer como expressões absolutas quer como expressões relativas ao tempo da enunciação. É o que acontece com os SN encabeçados pelo demonstrativo *este*. Vejam-se os exemplos abaixo:

- (316) A Ana mudou-se para Paris em 1990. Foi neste ano que conheceu o Michel.
- (317) A Ana foi passar três dias ao Algarve na semana passada. Trabalhou muito pouco durante estes três dias.
- (318) O Paulo vai a Itália este ano.
- (319) A Ana tem trabalhado muito pouco estes (três) dias.

Em (316)-(317), estas expressões são absolutas; em (318)-(319), são relativas. No primeiro caso, integram-se no grupo das expressões anafóricas e, no segundo caso, no grupo das dêicticas.

5.1.3. TDE absolutas: TDE autónomas e TDE anafóricas

Nesta secção, concentrar-me-ei na classificação das expressões denotadoras de tempo absolutas no que respeita à oposição entre anafóricas e autónomas. Veja-se o quadro 13:

Quadro 13. Classificação das TDE absolutas quanto à sua natureza referencial

TDE absolutas	
AUTÓNOMAS	ANAFÓRICAS
1969 o ano 2000 o século XX o Renascimento a Idade da Pedra a semana em que a mãe da Ana esteve em Paris o ano em que o Paulo começou a escrever a tese de doutoramento	a altura a época esse ano essa altura, esses seis meses aquela semana, então aí lá ali entretanto isto isso

Centremo-nos agora em cada uma destas classes em particular e nos dados que justificam a classificação das expressões proposta.

I – Expressões autónomas

De acordo com o quadro, as expressões autónomas são de pelo menos dois tipos: nomes de intervalos de tempo ou cronónimos (já referidos na secção 5.1.1.) e descrições de definidas.

- (320) O homem aterrou na lua em 1969.
- (321) Os pintores italianos foram apadrinhados por mecenas durante o Renascimento.
- (322) A Ana dormiu em casa da avó na semana em que a mãe esteve em Paris.
- (323) O Paulo esteve na Alemanha no ano em que começou a escrever a tese de doutoramento.

Estas expressões revelam uma clara autonomia do ponto de vista referencial, não podendo depender nem do contexto linguístico prévio nem do contexto da enunciação.

II – Expressões anafóricas

Incluo na coluna das expressões estritamente anafóricas os SN encabeçados pelos demonstrativos *esse* e *aquela*, SN definidos tendo por núcleo expressões de referência

vaga não modificadas, e algumas proformas temporais simples. Vejam-se os dados abaixo, que justificam a classificação feita:

- (324) *A Ana viveu em Lisboa até {esse ano / essa altura}.
- (325) *A Ana vivia em Lisboa na altura.
- (326) *A Ana viveu em Lisboa até {lá / aí / ali / então}.
- (327) *A Ana pôs a mesa entretanto.
- (328) *O Paulo arrumou a casa antes disso.

Estas frases são inaceitáveis porque as expressões anafóricas que exibem não têm antecedente. São, porém, aceitáveis em (329)-(333), já que encontram um antecedente adequado no contexto linguístico que as precede.

- (329) A Ana mudou-se para Paris em 1980. Viveu em Lisboa até {esse ano / essa altura}.
- (330) A Ana licenciou-se em 1987. Vivia em Lisboa na altura.
- (331) A Ana mudou-se para Paris em 1980. Viveu em Lisboa até {lá / aí / ali / então}.
- (332) O Paulo fez o jantar ontem à noite. A Ana pôs a mesa entretanto.
- (333) O Paulo fez o jantar ontem à noite. Arrumou a casa antes disso.

5.1.3.1. A estrutura sintáctica das TDE anafóricas

As expressões denotadoras de tempo absolutas que podem ocorrer em contexto de anáfora são de pelo menos dois tipos principais no que respeita à sua estrutura interna: expressões pronominais simples, a que chamarei proformas²⁵ – cf. (334) e (335) – e sintagmas nominais tendo por núcleo um predicado de tempo ou uma expressão de referência vaga a que se aplica um determinante com valor anafórico – cf. (336) e (337). Vejam-se os exemplos seguintes:

- (334) A Ana escreveu ao Paulo ontem à noite. Enquanto isto a Maria viu televisão.
- (335) A Maria licenciou-se em 1987. Vive em Paris desde então.
- (336) A Ana nasceu em 1965. O Paulo também nasceu nesse ano.
- (337) A Ana foi a Paris em Maio. Conheceu o Michel nessa altura.

²⁵ A lista das expressões a que chamo proformas temporais simples inclui ainda a proforma *aqui*. Não aparece no quadro 13, porque não ocorre em contextos de anáfora.

Note-se que, no caso das expressões de referência vaga, esse determinante pode ser quer o artigo definido quer um demonstrativo (cf. (338)-(339)), e no caso dos predicados de tempo esse determinante é sempre um demonstrativo (cf. (340)-(341)).

- (338) A Ana acabou o curso em 1987. Era fácil conseguir emprego n{*a altura / a época*}.
- (339) A Ana acabou o curso em 1987. Era fácil conseguir emprego n{*essa altura / essa época*}.
- (340) *A Ana acabou o curso em 1987. Era fácil conseguir emprego *no ano*.
- (341) A Ana acabou o curso em 1987. Era fácil conseguir emprego *nesse ano*.

Considero que, qualquer que seja o seu tipo, as expressões temporais anafóricas envolvem sempre um elemento anafórico. No caso das TDE constituídas por proformas simples, esse elemento é a própria expressão. No caso das TDE correspondentes a SN, esse elemento é um determinante demonstrativo ou o artigo definido. São estes determinantes que conferem às expressões temporais no seu todo o seu carácter anafórico.

Quadro 14. Subtipos sintácticos de TDE anafóricas

Subtipos de TDE	Estrutura sintáctica das TDE	Exemplos de TDE
Expressões simples	proformas	<i>então</i> <i>aí</i> <i>ali</i> <i>lá</i> <i>entretanto</i> <i>isso</i> <i>isto</i>
	pro	
Expressões complexas	SN com demonstrativos dem N'	<i>esse tempo</i> <i>aquela semana</i> <i>este mês</i>
	SN definidos def N	<i>a altura</i> <i>a época</i>

[Utilizo "pro" para designar abreviadamente a categoria "proforma", "dem" para designar a categoria "demonstrativo", e "def" para designar "artigo definido".]

Tanto o valor anafórico dos SN com demonstrativos quanto o das descrições definidas se encontra sobejamente atestado na literatura. Não entrarei em detalhes acerca das eventuais diferenças entre esses dois tipos de expressões, dado que se trata de uma questão complexa, que ultrapassa claramente o âmbito da localização temporal anafórica. A este propósito, leia-se abaixo o comentário de Kamp e Reyle 1993 acerca das descrições definidas, que vem na sequência dos exemplos (342) e (343) que apresento a seguir.

(342) A man and a woman entered The Golden Eagle. The man was wearing a brown overcoat. [Kamp e Reyle 1993: 253]

(343) My car isn't working. The carburator malfunctions. [Kamp e Reyle 1993: 253]

"This is not meant to be an exhaustive list of all the anaphoric ways in which definite descriptions can be used. Indeed, we consider it a non-trivial task to identify and describe all the different purposes to which singular **the**-phrases can be put." [Kamp and Reyle 1993: 253]

5.1.3.2. Subtipos semânticos das TDE anafóricas

Passo agora à subclassificação das expressões denotadoras de tempo anafóricas no que respeita à sua representação semântica. Veja-se o quadro 15, abaixo, no qual apresento para cada classe de expressões proposta as correspondentes condições de DRS.

Quadro 15. Subtipos semânticos de TDE anafóricas

Subtipos de TDE	Condições de DRS finais para TDE (t_c^a)	Exemplos de TDE
com conteúdo predicativo	[PRED (t_c^a)], [$t_c^a = ?$] ----- [dur (t_c^a) = mt], [PRED-QTPO (mt)], [$t_c^a = ?$]	<i>aquele dia</i> <i>esse mês</i> ----- <i>essas duas horas</i> <i>aqueles três dias</i>
sem conteúdo predicativo / proformas	[$t_c^a = ?$]	<i>então</i> <i>entretanto</i> ----- <i>essa ocasião</i> <i>esse período</i> <i>essa altura</i> <i>a altura</i>

[“PRED” representa um predicado de intervalos de tempo como *dia* ou *mês*; “PRED-QTPO” representa um predicado de quantidades de tempo como *duas horas* ou *três dias*.]

De acordo com o quadro, distingo duas macroclasses de expressões denotadoras de tempo anafóricas: a macroclasse das expressões com conteúdo predicativo e a das expressões sem conteúdo predicativo ou proformas temporais. As primeiras estão associadas à introdução de pelo menos uma condição de tipo predicativo; as segundas introduzem uma mera condição de identidade não resolvida característica das anáforas. Conforme se verá adiante, uma característica que distingue estes dois grupos de expressões é a impossibilidade de as primeiras, ao contrário do que sucede com a maior parte das segundas, poderem retomar antecedentes fornecidos tanto por expressões denotadoras de tempo como por descrições de situações.

Nas subsecções seguintes, comentarei de forma mais detalhada a informação apresentada no quadro.

I – TDE com conteúdo predicativo

Relativamente às expressões com conteúdo predicativo, distingi os SN com predicados de tempo – a representação dos quais envolve uma condição do tipo [PRED (t_c^a)] – dos SN com predicados de quantidades de tempo – a cuja representação estão associadas as condições [dur (t_c^a) = mt], [PRED-QTPO (mt)]. Quanto aos primeiros, as condições de DRS que lhes estão associadas são, creio,

absolutamente transparentes. O N introduz a condição de tipo predicativo e o demonstrativo a de identidade, como se mostra a seguir em (344 b):

- (344) *esse ano*
a. esse ano (t_c^a)
b. esse: [$t_c^a = ?$], ano: [ano (t_c^a)]

Quanto aos segundos, as condições que lhes estão associadas tornam-se particularmente evidentes se pensarmos em seqüências do tipo de (345 a) como uma forma abreviada de (345 b).

- (345) a. O Paulo foi ao futebol ontem à tarde. A mãe tomou-lhe conta do filho durante *essas duas horas*.
b. O Paulo foi ao futebol ontem à tarde. A mãe tomou-lhe conta do filho durante *esse intervalo de duas horas*.

Em termos intuitivos, pode-se dizer que em frases como as de (345) identificamos um dado intervalo de tempo através de uma das suas propriedades, que, neste caso, é a da sua duração.

- (346) *essas duas horas*
a. essas duas horas (t_c^a)
b. essas: [$t_c^a = ?$], duas horas: [dur (t_c^a) = mt], [duas horas (mt)]

Uma diferença importante entre as expressões com predicados de intervalos de tempo e as expressões com predicados de quantidades de tempo diz respeito ao tipo de antecedente que retomam. As primeiras retomam apenas referentes discursivos introduzidos por outros predicados de intervalos de tempo (p. ex., *ano, mês, dia, século*), enquanto as segundas retomam quer referentes supridos por descrições de situações (p. ex., *a Ana esteve em Paris, o Paulo esteve doente* ou *a Ana tocou piano durante meia hora*) quer referentes introduzidos por predicados de tempo. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (347) A Ana esteve em Paris durante dez dias no mês passado. Manteve o telemóvel desligado durante esses dez dias.
(348) A carta das finanças foi enviada no período entre 1 e 10 de Agosto. A Ana esteve fora durante esses dez dias. (Por isso, a carta foi devolvida.)

Em (347), e em termos de DRT, *esses dez dias* retoma o referente discursivo associado à localização da situação *a Ana esteve em Paris*. No entanto, em (348) a mesma expressão

anáforica retoma o referente introduzido pela TDE *o período entre 1 e 10 de Agosto*. Esta questão será retomada no capítulo 6.

II – TDE sem conteúdo predicativo (proformas)

A segunda macroclasse de expressões que apresento no quadro 15 é a das expressões sem conteúdo predicativo ou proformas. No que respeita às condições de DRS, tal como acontece com os pronomes, e ao contrário dos SN com conteúdo predicativo considerados na secção anterior, introduzem apenas um referente discursivo – t^a – e uma condição de igualdade não resolvida do tipo [$t^a = ?$]. As proformas simples (isto é, compostas por uma única expressão) que em português podem ter um valor temporal e que podem ocorrer em contextos de anáfora são *então*, *aí*, *lá*, *ali*, *isso*, *isto* e *entretanto*; as proformas complexas são SN tendo por núcleo expressões de referência vaga como *período*, *altura* ou *ocasião*, entre outras. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (349) O Paulo mudou-se para Paris em 1980. Vivia em Londres até então.
- (350) O Paulo mudou-se para Paris em 1980. Vivia em Londres até aí.
- (351) O Paulo mudou-se para Paris em 1980. A vida dele mudou por completo a partir dali.
- (352) O Paulo muda-se para Paris em 2005. Fica em Londres até essa altura.
- (353) O Paulo mudou-se para Paris em 1980. Vivia em Paris antes disso.
- (354) O Paulo fez o jantar ontem à noite. A Ana arrumou a sala entretanto.

Relativamente às proformas simples, importa notar, que nem todas elas estão sempre associadas à introdução de referentes discursivos de tipo t . Se atentarmos no funcionamento destas expressões verificamos que, por um lado, há expressões que têm um valor estritamente temporal – ou seja, que estão sempre associadas à introdução de referentes discursivos de tipo t – e que, por outro lado, há expressões que podem designar também outro tipo de entidades. Pertencem ao primeiro grupo as expressões *entretanto* e *então*. Pertencem ao segundo grupo todas as outras, ou seja, *lá*, *ali*, *aí*, *isto* e *isso*. As proformas *lá*, *aí* e *ali* podem também referir entidades espaciais. Mais rigorosamente, *lá* e *ali* não representam entidades temporais quando ocorrem sem um operador temporal explícito. Vejam-se (355) e (356).

- (355) A Ana foi a Paris em 1988. O Paulo foi ao Brasil {**lá* / **ali* / **aí*}.
- (356) A Ana chega da Faculdade às 7 da tarde. {**Lá* / **ali* / *aí*} saberemos como lhe correu o exame.

Em (356), a ocorrência da expressão *aí* parece ser aceitável. Note-se, todavia, que a anáfora parece incidir sobre a situação, como acontece, por exemplo, em casos de anáfora envolvendo o conector conclusivo *daí que*. A haver anáfora sobre tempo em (356), ela situa-se no plano da inferência. No contexto de um operador temporal explícito, como abaixo, as expressões *lá*, *ali* e *aí* já retomam entidades temporais:

- (357) O Paulo muda-se para Espanha em 2001. Permanece em Portugal até lá.
- (358) O Paulo mudou-se para Coimbra quando acabou o curso. Até ali vivera sempre em Lisboa.
- (359) O Paulo preside à comissão até Maio. A Ana preside daí até ao final do ano.

As proformas *isto* e *isso* também pertencem ao grupo das expressões não exclusivamente temporais. Comparem-se os exemplos (360) e (361) – em que essas expressões se referem a intervalos de tempo – com (362) e (363) – em que se referem a outro tipo de entidades.

- (360) A reunião estava marcada para [as 12 horas]_i. A Ana chegou muito depois d[isso]_i.
- (361) [O Paulo fez o jantar]_i ontem à noite. Enquanto [isto]_i a Ana pôs a mesa.
- (362) Galileu acreditava que [a terra gira em torno do sol]_i. Mas os seus contemporâneos consideravam [isso]_i uma heresia.
- (363) [O Paulo foi promovido]_i a semana passada. [Isto]_i irritou a Ana.

A – Proformas [- referencial] e [+ locativo]

(i) *então*, *aí*, *lá* e *ali*

Uma diferença importante entre as proformas simples em estudo e os sintagmas nominais anafóricos é que as primeiras expressões, ao contrário dos segundos, não ocorrem facilmente em todos os quatro contextos apresentados em Mória 2000 como característicos das expressões denotadoras de intervalos de tempo por oposição aos localizadores temporais. Esses contextos são os seguintes: (i) argumentos de predicados nominais de tempo, como, por exemplo, *ano* ou *mês*; (ii) argumentos de *ser* equativo em casos em que o outro argumento da equação é um SN temporal tendo por núcleo um predicado como *ano* ou *mês*, entre outros; (iii) complemento de predicados temporais como *marcar (para)*, *datar (de)*, entre outros; (iv) complementos de operadores

temporais, como *desde* e *até*. Os exemplos dados em (364) ilustram os contextos propostos em Mória 2000:

- (364) O dia 1 de Janeiro de 2001 foi o primeiro dia do século XXI.
- a. Esse dia foi um dia de festa em quase todo o mundo. (i)
 - b. Esse dia foi o dia em que o Paulo partiu para Roma. (ii)
 - c. A partida da Ana também estava marcada para esse dia, mas ela desistiu da viagem. (iii)
 - d. O Paulo viveu em Paris até esse dia. (iv)

As sequências abaixo mostram como os SN anafóricos com nomes de referência vaga (proformas complexas) ocorrem sem problemas nesses contextos. Veja-se:

- (365) O Paulo esteve desempregado em 1998.
- a. {Esse período / essa altura} foi {um período / uma altura} muito difícil.
 - b. {Esse período / essa altura} foi {o período / a altura} mais difícil da sua vida.
 - c. O hábito de não se levantar antes do meio-dia data de {esse período / essa altura}.
 - d. Nunca tinha tido problemas de dinheiro até {esse período / essa altura}.

As proformas simples contrastam com as expressões presentes em (364) e (365). Vejam-se os exemplos que dizem respeito aos contextos (i) e (ii), respectivamente, (366)-(367) e (368)-(369):

- (366) O dia 1 de Janeiro 2001 foi o primeiro dia do século XIX.
- a. *{Então / aí / lá / ali} foi {um dia / uma altura} de festa em quase todo o mundo.
- (367) O Paulo foi despedido em 1996.
- a. {??Então / ??aí / *lá / *ali} foi um momento muito difícil para ele.
- (368) O dia 1 de Janeiro de 2001 foi o primeiro dia do século XIX.
- a. *{Então / aí / lá / ali} foi {o dia / a altura} em que o Paulo partiu para Roma.
- (369) O Paulo foi despedido em 1996.
- a. {??Então / ??aí / *lá / *aí} foi o momento mais difícil da sua vida.

De acordo com estes dados, nenhuma das proformas em estudo ocorre como argumento de um predicado de tempo nominal ou como argumento numa construção de ser equativo. No entanto, como se viu antes, *aí*, *ali* e *lá* só referem entidades temporais no contexto de um operador temporal explícito, o que pode justificar a sua inaceitabilidade em (366)-(369). Vejamos, então, o que acontece em casos de anáfora espacial, em que o requisito de presença de um operador explícito não se aplica, e que aqui se assume que, no que interessa, são *mutatis mutandis* aproximáveis dos de anáfora temporal.

- (370) A Ana gosta muito do Japão.
a. *{Aí / lá / ali} é um país com uma indústria muito desenvolvida.
- (371) A Ana gosta muito de Sintra.
a. *{Aí / lá / ali} é uma cidade de grande interesse histórico.

De acordo com os dados de (370) e (371), em casos de anáfora espacial, as proformas em estudo também não ocorrem em contextos do tipo (i). Obtemos resultados idênticos quando testamos a possibilidade de estas proformas ocorrerem no segundo dos contextos identificados por Mória 2000, exemplificado nas sequências (372) e (373):

- (372) A Ana gosta muito do Japão.
a. *{Aí / lá / ali} é o país mais rico da Ásia.
- (373) A Ana gosta muito de Sintra.
a. *{Aí / lá / ali} é a cidade de maior interesse histórico dos arredores de Lisboa.

Passemos agora ao contexto (iii), e vejamos se as mesmas expressões podem ocorrer como complemento dos predicados temporais como *marcar (para)*, *datar (de)*.

- (374) O Paulo partiu para Roma no dia 1 de Janeiro de 2001.
a. A partida da Ana também estava marcada para {então / *aí / *ali / *lá}, mas ela desistiu da viagem.
- (375) O Paulo visitou o Japão em 1999.
a. O seu interesse pela comida oriental data de {então / aí / *ali / *lá}.

Uma vez mais, estabeleçamos um paralelismo com os casos de anáfora espacial. Veja-se (376):

(376) O Paulo foi ao Japão em 1999.

- a. A reunião anual dos directores dos aeroportos foi marcada para {*aí* / *ali* / *lá*} a pedido do director do aeroporto de Tóquio.

De acordo com estes dados, apenas *então* e *aí* (com restrições) podem ocorrer em casos de anáfora temporal. Em casos de anáfora espacial podem ocorrer as três proformas *aí*, *lá* e *ali*.

Passo agora ao quarto contexto característico das TDE que é o da ocorrência como complemento de um operador temporal. No entanto, antes da apresentação dos dados relevantes, é importante fazer uma nota introdutória. A questão das restrições de combinação entre operadores temporais e seus complementos ultrapassa a questão das restrições que afectam a combinação destes com as proformas. Recorde-se que, independentemente da natureza referencial dos seus complementos, os operadores temporais impõem sobre eles restrições de ordem sintáctico-semântica, algumas das quais já referidas na literatura: por exemplo, *enquanto* e *quando* só aceitam complementos frásicos e *durante* e *enquanto* só se combinam com expressões que denotam intervalos de tempo não-pontuais. Veja-se o quadro 16, em que os conectores temporais – ou seja, os operadores de localização e as expressões a que Mória 2000 chama cabeças denotadoras de TDE complexas – são caracterizados quanto à natureza sintáctica do seu complemento (cf. segunda e terceira colunas), e quanto a uma das propriedades de aktionsart desse complemento, a duratividade ou não-pontualidade (cf. quarta coluna).

Quadro 16. Algumas restrições dos conectores temporais sobre os seus complementos

Conectores temporais	sintaxe		semântica
	Frase	SN	[durativo]
desde / até antes / depois	+	+	±
em, a a partir de entre de...a	-	+	±
durante ao longo de	-	+	+
enquanto	+	-	+
quando	+	-	±

Vejam-se os dados abaixo, que dizem respeito ao preenchimento do quadro.

- (377) O Paulo vive em Berlim desde {que acabou o curso / 1988}.
- (378) O Paulo viveu em Berlim até {acabar o curso / 1988}.
- (379) O Paulo mudou-se para Berlim (muito) {antes / depois} de {acabar o curso / 1988}.
- (380) O Paulo conheceu a Maria em {*a Ana apresentou o seu último livro / 1988} .
- (381) O Paulo conheceu a Maria a {*a Ana apresentou o seu último livro / as três da tarde do dia 10 de Janeiro}.
- (382) Os preços aumentam a partir de {*que o novo tabuleiro da ponte for inaugurado / Junho}.
- (383) O Paulo visitou Berlim entre {*que a I Guerra acabou e a II Guerra começou / 1920 e 1939}.
- (384) O Paulo viveu em Berlim de {*que a I Guerra acabou / 1920} a {*que a {*que a II Guerra começou / 1939}.

- (385) O Paulo conversou com a Maria durante {*a Ana apresentou o seu último livro / a tarde de ontem / *as três da tarde}.
- (386) O Paulo melhorou ao longo de {*que construiu a casa / a semana / *as três da tarde}.
- (387) O Paulo conversou com a Maria enquanto {a Ana apresentava o seu último livro / *a apresentação do último livro da Ana / *a Ana cortou a meta}.
- (388) O Paulo conversou com a Maria quando {a Ana apresentava o seu último livro / *a apresentação do último livro da Ana / a Ana cortou a meta}.

Respeitadas, é claro, as restrições impostas pelos conectores atrás referidas e outras que ignorei por questões de simplificação – cf. p. ex., **em as 5 h. vs. às 5 horas* – as proformas que correspondem sintacticamente a SN combinam-se com a generalidade dos operadores temporais. Por outras palavras, cada expressão temporal é combinável com operadores de todas as classes (directos, de fronteira inicial, e de fronteira final, na terminologia de Mória 2000). Não há, neste aspecto, diferenças entre as expressões denotadoras de intervalos tratadas em Mória 2000 e estas expressões anafóricas.

- (389) O Paulo ... desde {esse ano / essa altura}.
- (390) O Paulo ... até {esse ano / essa altura}.
- (391) O Paulo ... {antes / depois} de {esse ano / essa altura}.
- (392) O Paulo ... {nesse ano / nessa altura}.
- (393) O Paulo ...durante {esse mês / esse tempo}.
- (394) O Paulo ...ao longo {desse mês / esse tempo}.
- (395) O Paulo ...de {esse mês / essa altura} a {esse mês / essa altura} .
- (396) O Paulo ... a partir de {esse mês / essa altura}.
- (397) O Paulo ...entre {esse mês / essa altura} e a queda do muro.

Importa agora ver para cada uma das proformas em estudo nesta secção se ela pode ou não ocorrer como complemento de cada operador de localização ou cabeça de expressão denotadora de intervalo de tempo complexa. Atente-se no seguinte quadro.

Quadro 17. Restrições de coocorrência de conectores temporais e proformas simples

conectores temporais	proformas simples				
	então	ái	ali	lá	isso / isto
em, a	-	-	-	-	-
durante	-	-	-	-	-
ao longo de	-	-	-	-	-
enquanto	-	-	-	-	+
quando	-	-	-	-	-
entre	-	-	-	-	+
desde a partir de	+	+	+	-	-
até	+	+	+	+	-
de...a	+...-	+...-	+...-	+...-	-
antes / depois	-	-	-	-	+

De acordo com o quadro, nenhuma das expressões em estudo se combina com operadores directos explícitos. Repare-se nas seguintes combinações: **em então*, **durante então*, **ao longo de então*, **durante aí*, **enquanto lá*. O operador directo com que podem co-ocorrer é obrigatoriamente nulo.

- (398) Na semana passada, o Paulo foi visitar o Liceu Camões. Encontrou \emptyset_{em} *então* com o seu antigo professor de Matemática.

Note-se que, neste aspecto, se distinguem das proformas *isso* e *isto*, que se combinam com um operador directo explícito – *enquanto isto*, *enquanto isso*.

Analisada a possibilidade de as proformas simples *então*, *ái*, *lá* e *ali* ocorrerem nos contextos característicos de TDE apontados em Mória 2000, julgo pertinente comparar ainda estas proformas com as demais no que respeita à possibilidade de ocorrerem como complementos de expressões que não seleccionam complementos locativos. Vejam-se os conjuntos de sequências abaixo. Repare-se que as frases (399 a) e (400 a) exibem proformas complexas e as frases (399 b) e (400 b) exibem proformas simples:

- (399) A Ana é uma apaixonada pelo período dos Descobrimentos.
- a. Recolheu muita informação na Internet acerca desse período.
 - b. * Recolheu muita informação na Internet acerca de então.
- (400) A Ana é uma apaixonada pela *Belle Époque*.
- a. Lê muitos livros sobre esse período.
 - b. *Lê muitos livros sobre então.

Como se vê, nas frases (399 a) e (400 a) é claramente possível para o SN *esse período* ocorrer como complemento de *informação* e *livro*. No entanto, de acordo com as frases (399 b) e (400 b), *então* não pode ocorrer no mesmo contexto. Paralelamente, como se mostra a seguir, *esse país* pode ocorrer no mesmo contexto mas *lá* não pode.

- (401) A Ana é uma apaixonada pelo Japão
- a. Recolheu muita informação na Internet acerca desse país.
 - b. *Recolheu muita informação na Internet acerca de lá.
- (402) A Ana vai muitas vezes ao Japão.
- a. Leu muitos livros sobre esse país antes da primeira visita.
 - b. * Leu muitos livros sobre lá antes da primeira visita.

Relativamente aos quatro contextos característicos das TDE propostos em Mória 2000, os dados apresentados indicam que as expressões *então*, *aí*, *ali* e *lá* não podem ocorrer nem como argumentos de predicados nominais de tempo nem como argumentos de *ser* equativo em casos em que o outro argumento da equação é um SN temporal tendo por núcleo um predicado de tempo. Não podem também ocorrer em contextos paralelos a estes no domínio espacial. No entanto, podem ocorrer, se bem que com algumas restrições, como complemento de predicados temporais como *datar (de)* ou predicados temporais e espaciais como *marcar (para)*. Podem também ocorrer, com restrições, como complementos de operadores temporais e espaciais de fronteira inicial e fronteira final explícitos. Além disso, ao contrário do que acontece com os demais SN temporais, sejam eles anafóricos ou não, as proformas em estudo aqui não podem ocorrer como complementos de expressões não temporais (p. ex., *livro (sobre)*, *informação (acerca de)*, *falar (de)*). Isto significa que estas proformas ocorrem apenas em contextos de localização, seja ela localização argumental seja ela localização adverbial.

Estas restrições levam-me a considerar conveniente distinguir entre referência de intervalos de tempo enquanto objectos do universo de discurso sem mais e envolvimento do tempo em situações de localização temporal. Por simplificação,

podemos dizer que as expressões temporais podem ter uma função meramente referencial, que contempla o primeiro tipo de valor, e uma função locativa, que contempla o segundo. Em conformidade, podemos atribuir os traços [\pm referencial] e [\pm locativo] às expressões temporais anafóricas, obtendo, no que respeita às proformas *então*, *aí*, *lá* e *ali* a seguinte classificação: [- referencial] e [+ locativo]. Tal dá conta do facto de que estas expressões não podem ser usadas com uma função meramente referencial.

(ii) *entretanto*

A proforma *entretanto* distingue-se das expressões denotadoras de intervalos de tempo do tipo das de Mória 2000 e das proformas *então*, *aí*, *lá* e *ali*, já que claramente não ocorre em nenhum dos quatro contextos característicos das TDE propostos pelo autor referido.

- (403) Na segunda-feira à noite o Paulo fez o jantar.
- *Entretanto foi um período muito agradável para a Ana, que aproveitou para ver um filme.
 - *Entretanto foi o único período do dia em que a Ana descansou.
 - *A Ana aproveitou a folga, e marcou uma explicação para *entretanto*.
 - *Até *entretanto* nunca tinha cozinhado uma refeição completa / *O jantar saiu-lhe tão bem que desde *entretanto* a Ana não voltou a cozinhar.

Importa chamar a atenção para as sequências (403 d), ilustrativas de que *entretanto* não se combina com nenhum operador de fronteira inicial nem de fronteira final, no que se afasta das proformas vistas antes. No que respeita à sua ocorrência com um operador directo, a única possibilidade no português escrito actual parece ser a combinação com um operador nulo do tipo *em*. Contudo, encontra-se atestada em autores clássicos a sua ocorrência precedida de *em* e do definido *o*. Veja-se:

- (404) “Depois tomou a filha pela mão e, encaminhando-a para a porta do quarto, disse-lhe: - Berta, vai aprontar as tuas coisas, que eu espero por ti... e **no entretanto** conversarei com o fidalgo.” (Corpus Clássicos da Literatura Portuguesa / Porto Editora v. 1.1, par.: 500572)

- (405) “Deixemos as coisas nos termos ajustados. Estimemo-nos e seremos felizes. - Nem todos podem ter a frieza do teu ânimo, filha - disse Maurício a meia voz. - Não é tempo agora de discutirmos isso. Sabes? O pai não pode por enquanto ouvir longas conversas. Acordou há pouco e precisa de poupar a atenção. Se tu fosses com Jorge dar ordem a essas coisas que os criados trouxeram... Eu ficaria **no entretanto** aqui.” (Corpus Clássicos da Literatura Portuguesa / Porto Editora v. 1.1, par.: 504552)

Relativamente ao discurso oral de hoje em dia também se encontra, se bem que raramente, esta mesma forma *no entretanto*.

Atentemos agora nos contextos em que *entretanto* pode ocorrer. Vejam-se os exemplos abaixo:

- (406) Ontem à noite o Paulo fez o jantar. A Maria pôs a mesa entretanto.
(407) No próximo ano a escola contratará um novo professor. A Maria dá as aulas à turma A entretanto.
(408) A Ana telefonou-me há cerca de um mês. Fui para Roma entretanto, e não voltei a receber notícias dela.

Como se pode ver, em todos os casos esta expressão contribui para a localização temporal da situação descrita na frase em que ocorre.

Considerando os dados de (403) e de (406)-(407), parece-me também apropriado incluir *entretanto* no subgrupo das expressões anafóricas marcadas com os traços [- referencial] e [+ locativo]. É, todavia, de uso mais restrito do que as proformas vistas na secção anterior, uma vez que não ocorre em casos de localização argumental. Não desenvolverei aqui a questão das diferenças entre expressões anafóricas exclusivamente adverbiais e expressões anafóricas argumentais e adverbiais.

B – Proformas [+ referencial] e [+ locativo]

Às proformas apresentadas em A, opõem-se as marcadas com os traços [+ referencial] e [+ locativo]. Deste último grupo fazem parte as proformas complexas, ou seja, os SN tendo por núcleo expressões de referência vaga. Estas expressões não só podem ocorrer na generalidade dos contextos típicos de TDE, como se mostrara

antes, como também podem ocorrer no papel de complemento de um operador directo explícito como, por exemplo, *em* (cf. (410)).

- (409) O Paulo esteve desempregado em 1998.
- {Esse período / essa altura} foi {um período / uma altura} muito difícil.
 - {Esse período / essa altura} foi {o período / a altura} mais difícil da sua vida.
 - O hábito de não se levantar antes do meio-dia data de {esse período / essa altura}.
 - Nunca tinha tido problemas de dinheiro até {esse período / essa altura}.
- (410) A Ana foi a Londres no Verão passado. O Paulo também lá foi em {essa altura / nesse período}.

Do mesmo modo fazem parte deste grupo, as proformas *isto* e *isso*. Estas ocorrem quer em contextos que não estão associados à localização, como se mostra em (411) e (412), quer em contextos de localização e como complemento de um operador temporal directo, como se pode ver em (413):

- (411) A reunião está marcada para o dia 30 de Janeiro. Isso é demasiado tarde.
- (412) O trabalho só pode ser entregue no dia 30 de Janeiro. Isso é o mais cedo que a gráfica consegue.
- (413) O Paulo fez o jantar ontem à noite. Enquanto {isso / isto} a Ana trabalhou na tese.

5.1.3.3. Processamento das TDE absolutas anafóricas

Passo agora ao processamento formal dos subtipos de expressões anafóricas vistas acima. Seguindo o modelo de Kamp e Reyle 1993, divido as regras respeitantes a este processamento em três grupos: regras de inserção lexical, regras sintagmáticas e regras de construção de DRS.

(i) Regras de inserção lexical

PRO_[tempo = +] → então, lá, aí, ali, entretanto, isto, isso, Ø.

$N_{[\text{tempo} = +, \text{ref-vaga} = -]} \rightarrow \text{século, ano, mês, semana, dia, ...}$

$N_{[\text{tempo} = +, \text{ref-vaga} = +]} \rightarrow \text{altura, época, ocasião, período, intervalo, momento, tempo, ...}$

$N_{[\text{quant-tempo} = +]} \rightarrow \text{segundo, minuto, hora, ano, mês, semana, dia, tempo, ...}$

$Dem_{[\text{pro} = +]} \rightarrow \text{este, esse, aquele.}$

$Def \rightarrow \text{o.}$

$Quant \rightarrow \text{um, dois, três, ..., muito, pouco, algum, ...}$

(ii) Regras sintagmáticas

$N_{[\text{quant-tempo} = +]} \rightarrow Quant N_{[\text{quant-tempo} = +]}$

$SN_{[\text{pro} = +, \text{tempo} = +]} \rightarrow Pro_{[\text{tempo} = +]}$

$SN_{[\text{pro} = +, \text{tempo} = +, \text{ref-vaga} = \alpha]} \rightarrow Dem N_{[\text{tempo} = +, \text{ref-vaga} = \alpha]}$

$SN_{[\text{pro} = +, \text{tempo} = +, \text{ref-vaga} = +]} \rightarrow Def N_{[\text{tempo} = +, \text{ref-vaga} = +]}$

$SN_{[\text{quant-tempo} = +]} \rightarrow Dem N_{[\text{quant-tempo} = +]}$

(iii) Regras de construção das DRS

Apresento nesta secção quatro regras de construção de DRS, destinadas a dar conta, respectivamente, dos SN com predicados de intervalos de tempo, dos SN com predicados de quantidades de tempo, dos SN com nomes de referência vaga e dos SN com proformas simples.

RC_DRS 1. SN com predicados de tempo

RC-SN [pro = +, tempo = +, ref-vaga = -]

Configuração

desencadeadora: SN (t^a) [pro = +, tempo = +, ref-vaga = -]

$\gamma \subseteq \gamma' \in \text{Con}_k$:



Operações:

Escolher um antecedente adequado t .

Introduzir no Con_k : a condição $[N (t^a)]$

a condição $t^a = t$.

Substituir γ por: t^a .

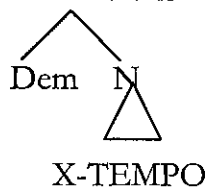
RC_DRS 2. SN com predicados de quantidade de tempo²⁶

RC-SN [quant-tempo = +]

Configuração

desencadeadora: SN (t^a) [quant-tempo = +]

$\gamma \in \text{Con}_k$:



Operações:

Escolher um antecedente adequado t .

Introduzir no Con_k : a condição $[X\text{-TEMPO} (mt)]$

a condição $[dur (t^a) = mt]$

a condição $[t^a = t]$.

Substituir γ por: t^a .

Acerca destas duas regras, interessa chamar a atenção para as condições que dão conta do conteúdo predicativo das expressões a processar. No primeiro caso a condição $[N (t^a)]$ e no segundo a condição $[X\text{-TEMPO} (mt)]$. Como se pode ver

²⁶ As condições de DRS aqui apresentadas são retiradas de Mória 2000.

abaixo, nas regras relativas às expressões sem conteúdo predicativo apenas se introduz a condição típica da relação anafórica [$t^a = t$].

RC_DRS 3. SN com nomes de referência vaga

RC-SN [ref-vaga = +]

Configuração

desencadeadora: SN(t^a) [tempo = +, ref-vaga = +]

$\gamma \subseteq \gamma' \in \text{Con}_k$:
 $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \{ \text{Dem} / \text{Def} \quad \text{N}_{[\text{tempo} = +]} \end{array}$

Operações:

Escolher um antecedente adequado t .

Introduzir no U_k : referente discursivo novo t^a .

Introduzir no Con_k : a condição $t^a = t$.

Substituir γ por: t^a .

RC_DRS 4. SN com proformas simples

CR-PRO

Configuração

desencadeadora: SN (t^a) [tempo = +, pro = +]

$\gamma \in \text{Con}_k$:
 $\begin{array}{c} | \\ \text{Pro} \\ | \\ \alpha \end{array}$

Operações:

Escolher um antecedente adequado t .

Introduzir no Con_k : a condição $t^a = t$.

Substituir γ por: t^a .

A questão mais importante que a leitura das regras pode suscitar relaciona-se com a vagueza da designação “o antecedente adequado”. Todas as regras atrás apresentadas levam à introdução na DRS de uma condição de identidade entre o referente t^a introduzido pela expressão anafórica e um referente t já presente no

universo da DRS e que é apenas designado como "antecedente adequado". A questão que se coloca é a de saber em que consiste um antecedente adequado. Em A – C, abaixo, apresento exemplos que ilustram a existência de restrições sobre os antecedentes adequados às expressões temporais anafóricas.

A – Os SN com predicados de tempo

Vejam os exemplos (414)-(417), nos quais são assinaladas as relações anafóricas aceitáveis e inaceitáveis.

(414) [O Paulo foi a França]_{*i} em [1980]_i. A Ana foi a Londres n[esse ano]_i.

(415) [O Paulo foi a França]_{*i} em [Janeiro de [1980]_{*i}]_i. A Ana foi a Londres n[esse mês]_i.

(416) [O Paulo foi a França]_{*i} em [Janeiro de [1980]_i]_{*i}. A Ana foi a Londres n[esse ano]_i.

(417) *[O Paulo foi a França]_{*i} em [1980]_{*i}. A Ana foi a Londres n[esse mês]_i.

Em (414), quando se chega ao processamento da anáfora o universo da DRS contém dois referentes discursivos de tipo *t*, nomeadamente os associados às expressões entre parênteses rectos. Porém, apenas o associado a *1980* é adequado. Em (415), dos três referentes temporais presentes na DRS só um deles, o associado a *Janeiro de 1980*, é adequado. O mesmo se passa em (416), com a diferença de que aqui o referente adequado é o associado a *1980*. Por fim, em (417), a sequência não é aceitável precisamente porque não há nenhum referente discursivo que funcione adequadamente como antecedente de *t^a*. Podemos concluir que, no caso dos SN com predicados de tempo, em particular nomes de calendário, como os que estão a ser considerados aqui, os antecedentes adequados são os referentes associados a predicados que denotem intervalos da mesma grandeza, por exemplo, meses como no par *Janeiro* e *esse mês*, ou séculos como em *o século XX* e *esse século*. Para dar conta deste tipo de restrições, seria preciso alargar o sistema de traços. A título de exemplo, vejam-se as regras abaixo:

$N_{[tipo = século]} \rightarrow século$

$N_{[tipo = ano]} \rightarrow ano$

$N_{[tipo = mês]} \rightarrow mês$

$N_{[tipo = semana]} \rightarrow dia$

N-Próprio [tempo = +, ref-vaga = -, tipo = século] → I, II, ... XIX, XX, XXI,

N-Próprio [tempo = +, ref-vaga = -, tipo = ano] → 1980, 1981, 1982, ...

N-Próprio [tempo = +, ref-vaga = -, tipo = mês] → Janeiro, Fevereiro, Março,

N-Próprio [tempo = +, ref-vaga = -, tipo = dia] → 12-de-Maio-de-1965, 1 de Janeiro de 1980,

... .

Se estas regras fossem construídas, seria possível completar a regra RC_DRS 1 do modo como se mostra a seguir:

RC DRS 1.' SN com predicados de tempo

RC-SN [pro = +, tempo = +, ref-vaga = -]
...
Operações:
Escolher um antecedente adequado t, tal que tipo (t) = tipo (t^a) .
...

B – Os SN com predicados de quantidades de tempo

Passo agora à segunda regra, relativa aos SN anafóricos com predicados de quantidades de tempo. Quando estes SN ocorrem como complementos de localizadores temporais, como nos casos em estudo neste trabalho, podem funcionar como seus antecedentes tanto os referentes discursivos associados a TDE (cf. (418)-(419)) como referentes discursivos que representam a localização das situações (cf. (420)-(421)).

(418) O vidro do carro foi partido entre as 2 h e as 5 h da tarde. A Ana esteve no cinema durante essas três horas. (Por isso, só se deu conta do sucedido ao fim do dia.)

(419) O incêndio começou entre 15 h e as 15 h 30. A Ana esteve ao telefone durante essa meia hora e não se deu conta da situação.

(420) A Ana esteve internada duas semanas no ano passado. A mãe tomou-lhe conta da casa durante esses quinze dias.

(421) A Ana foi a Itália na semana passada. A mãe tomou-lhe conta da casa durante esse tempo.

Uma restrição que incide sobre os antecedentes é que os intervalos de tempo que estes representam tenham duração idêntica à do intervalo representado pela expressão anafórica. Veja-se:

- (422) *O incêndio começou entre 15 h e as 16 h 30. A Ana esteve ao telefone durante essa meia hora e não se seu conta da situação.
- (423) *A semana esteve internada dois meses no ano passado. A mãe tomou-lhe conta da casa durante esses quinze dias.

Em ambos os casos, e em termos intuitivos, o que os falantes sentem é que as sequências são estranhas por não ser possível encontrar um antecedente para as expressões anafóricas. Para dar conta de tal restrição, é necessário adicionar à regra uma condição que garanta que os dois intervalos ligados pela relação anafórica têm a mesma duração. Veja-se a formulação dessa condição abaixo:

RC_DRS 2'. SNs com predicados de quantidade de tempo

<p>RC-SN _[quant-tempo = +]</p> <p>...</p> <p>Operações:</p> <p>Escolher um antecedente adequado t, tal que $\text{dur}(t) = \text{dur}(t^a)$.</p> <p>...</p>

Não desenvolverei mais aqui a questão das restrições que os SN com predicados de quantidades de tempo impõem sobre os seus antecedentes. Os localizadores com este tipo de expressões incluem-se na classe de localizadores que podem ocorrer em contexto de anáfora situacional, que será estudada no capítulo 6. Aí abordarei de forma mais desenvolvida essa questão.

C – Os SN com nomes de referência vaga e as proformas simples

Passo agora às regras respeitantes às expressões sem conteúdo predicativo. Trata-se de expressões que se caracterizam por poder retomar anaforicamente tanto intervalos de tempo fornecidos por TDE (cf. (424)-(425)) como intervalos de tempo supridos por descrições de situações (cf. (426)-(427)), pelo que qualquer um destes tipos de expressões pode constituir um antecedente adequado.

- (424) A Ana foi a Paris em [Março de 1980]_i. O Paulo também lá foi {n[essa altura]_i / n[esse período]_i}.
- (425) O Paulo marcou a viagem para [o dia 15 de Dezembro]_i. Terá o trabalho pronto até [então]_i.

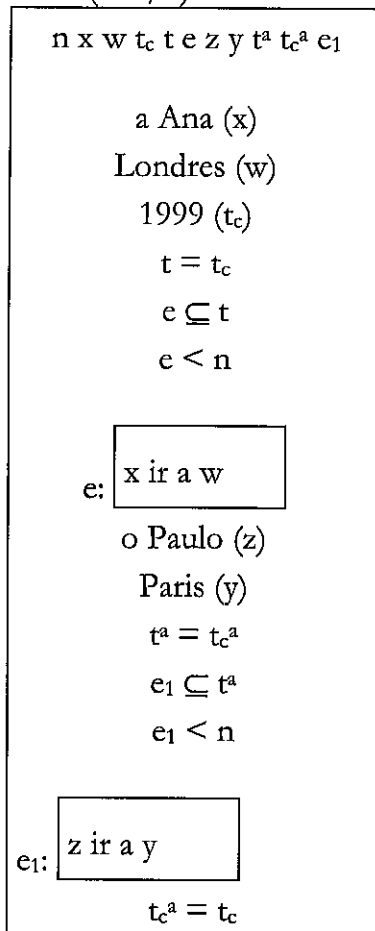
- (426) [A Ana viveu em França]_i durante seis meses. Conheceu o Paulo
 {[nessa altura]_i / [nesse período]_i}.
- (427) [O Paulo comprou um apartamento em Lisboa]_i há dois anos. Vivia
 em Sintra até [então]_i.

Esta polivalência pode gerar casos de ambiguidade. Repare-se que para cada uma das sequências abaixo podem ser dadas duas representações diferentes no que respeita ao antecedente da anáfora.

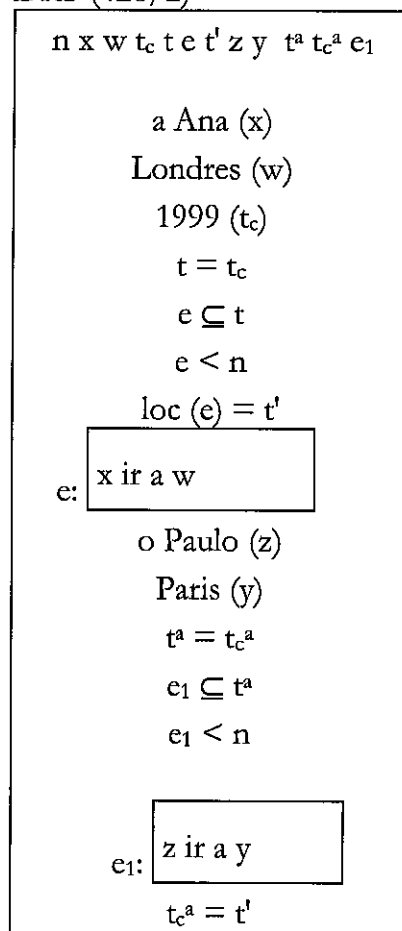
- (428) A Ana foi a Londres em 1999. O Paulo foi a Paris nessa altura.
- (429) A Ana esteve em Roma no Verão passado. O Paulo estava então internado no hospital.

A título de ilustração, apresento abaixo a representação semântica correspondente a cada uma das interpretações da primeira sequência:

DRS-(428/1)



DRS-(428/2)



Como se pode verificar, na primeira DRS a anáfora retoma o referente discursivo associado a 1999, ao passo que na da direita retoma o referente associado à

localização da situação descrita na frase inicial da sequência. Na preferência por uma outra interpretação interferem certamente questões relacionadas com questões de foco, de que não cabe tratar aqui.

É importante esclarecer que nem sempre há esta ambiguidade relativamente ao antecedente da expressão anafórica. Outros casos há em que claramente há uma preferência por um antecedente ou pelo outro. Vejam-se os exemplos seguintes:

(430) A Ana foi a Londres em 1999. O Paulo também lá foi nessa altura.

(431) A Ana foi a Londres em 1999. Visitou então o British Museum.

No primeiro caso, parece haver uma preferência pela interpretação em que *essa altura* se refere a *1999*. Já no segundo caso, *então* claramente se refere ao intervalo de tempo correspondente à duração da estada da Ana em Londres. Aquilo que influi na preferência por um ou outro antecedente parece ser a estrutura do discurso, no primeiro caso, e a estrutura do discurso associada ao conhecimento do mundo no segundo caso. Em (430) A presença de *também*, que segundo Lascarides e Asher 1998 introduz a relação discursiva de Paralelismo, favorece a interpretação assinalada. Em (431), o conhecimento que temos acerca da estrutura das situações, nomeadamente de que uma visita ao British Museum faz parte de uma típica estada em Londres, leva-nos a inferir que a segunda situação faz parte da primeira e logo que está temporalmente incluída nela. A DRT na versão de Kamp e Reyle 1993 não tem em conta a estrutura do discurso, pelo que não é possível dar conta, em regras como as apresentadas nesta secção, de restrições com ela relacionadas.

5.1.4. TDE relativas a um intervalo de tempo explicitável: TDE autónomas, TDE anafóricas e TDE dêicticas

Passo agora às TDE na computação das quais intervém um segundo intervalo de tempo explicitável. Em conformidade com a secção 5.1.2., subdivido estas expressões em três grupos: o grupo das TDE ordenadoras (que se subdivide ainda em TDE de posterioridade e de anterioridade), o grupo das TDE de identidade e o grupo das expressões envolvendo medição e contagem. Como disse já, o que caracteriza as TDE dos dois primeiros subgrupos é o facto de identificarem um intervalo de tempo através da explicitação de uma ordenação deste intervalo e de um outro, a que chamei intervalo de referência. A classificação destas expressões como dêicticas, autónomas ou anafóricas diz respeito ao modo como é apresentado esse intervalo de referência: se ele é apresentado por uma expressão autónoma, está-

-se perante uma TDE autónoma (cf. *a véspera do dia 25 de Abril de 1974, o dia seguinte à queda do muro de Berlim*), se é dado pelo contexto linguístico prévio, a TDE é anafórica (cf. *antes disso, a semana seguinte*), se é dado por uma expressão dêictica, a TDE é dêictica (cf. *depois de amanhã, antes do meio dia*). O que caracteriza as TDE do terceiro grupo é o facto de identificarem um intervalo de tempo através da explicitação da distância a que ele se situa de um outro intervalo, chamado, conforme proposta de Móia 2000, ponto de ancoragem. A classificação destas expressões como autónomas, anafóricas ou dêicticas diz respeito ao tipo de ponto de ancoragem. Se o ponto de ancoragem estiver associado a uma expressão autónoma, a TDE é também autónoma; se estiver associado a uma expressão anafórica, a TDE é anafórica; se estiver associado a uma expressão dêictica, a TDE é dêictica.

Apresento abaixo o quadro 18, respeitante à possibilidade de nas TDE em estudo o intervalo de tempo interveniente na sua computação ser representado por uma expressão autónoma, uma expressão anafórica ou uma expressão dêictica²⁷. Os dados que acompanham o quadro motivam a classificação das expressões proposta. Nesses dados, as TDE ocorrem sempre integradas em localizadores temporais.

²⁷ Note-se que este quadro não pretende constituir uma lista exaustiva de todas as TDE relativas a um intervalo de tempo explicitável. O seu objectivo é ilustrar os principais tipos de expressões detectados.

Quadro 18. Classificação das TDE quanto à sua natureza referencial

Expressões denotadoras de tempo relativas a um intervalo de tempo explicitável					
	autónomas	anafóricas			dêicticas
ORDENADORAS	o mês seguinte (a...) o mês depois (de...) o mês subsequente (a ...) o mês anterior (a ...) o mês antes (de ...) a véspera (de...) a antevéspera (de...) após ... mais tarde (de...) posteriormente a (...) anteriormente (a ...)				
	depois (de ...) antes (de ...)				
DE IDENTIDADE	o mesmo ano (que ... / f.rel) paralelamente (a ...) simultaneamente (com ...)				
DE MEDIÇÃO E CONTAGEM A PARTIR DE UM PONTO DE ANCORAGEM	dois dias depois (de...) dois dias mais tarde (do que ...) dois dias após ... dois dias antes (de...) dois dias mais cedo (do que...) a dois dias de...			de ... a dois dias de ... por dois dias	

I – TDE autónomas

TDE ordenadoras

- (432) O Paulo viajou para os EUA no mês seguinte ao (mês) da chegada do Homem à lua.
- (433) O Paulo viajou para os EUA no mês depois (do) da chegada do Homem à lua.
- (434) O Paulo viajou para os EUA no mês subsequente ao (mês) da chegada do Homem à lua.

- (435) O Paulo viajou para os EUA no mês anterior ao (mês) da chegada do Homem à lua.
- (436) O Paulo viajou para os EUA no mês antes (do) da chegada do Homem à lua.
- (437) O Paulo viajou para os EUA na {véspera / antevéspera} da chegada do Homem à lua.
- (438) O Paulo viajou para os EUA após a chegada do Homem à lua.
- (439) O Paulo viajou para os EUA mais tarde do que o previsto inicialmente.
- (440) O Paulo viajou para os EUA posteriormente à chegada do Homem à lua.
- (441) O Paulo viajou para os EUA anteriormente à chegada do Homem à lua.
- (442) O Paulo viajou para os EUA depois da chegada do Homem à lua.
- (443) O Paulo viajou para os EUA antes da chegada do Homem à lua.

TDE de identidade

- (444) O Paulo licenciou-se em Economia no mesmo ano {que a Ana / em que a Ana concluiu o doutoramento}.
- (445) Paralelamente à licenciatura em Economia, o Paulo tirou o curso superior de órgão.
- (446) Simultaneamente com licenciatura em Economia, o Paulo tirou o curso superior de órgão.

TDE de medição e contagem

- (447) O Paulo chegou a Berlim dois dias depois do dia da queda do muro.
- (448) O Paulo chegou a Lisboa dois dias mais tarde do que a data prevista inicialmente.
- (449) O Paulo chegou a Berlim dois dias após a queda do muro.
- (450) O Paulo chegou a Berlim dois dias antes do dia da queda do muro.
- (451) O Paulo chegou a Lisboa dois dias mais cedo do que a data prevista inicialmente.
- (452) O Paulo chegou a Berlim a dois dias da queda do muro.

II – TDE anafóricas

Vejam os agora as TDE que podem ocorrer em contextos de anáfora, também subdivididas em TDE ordenadoras, TDE de identidade e TDE de medição e contagem.

TDE ordenadoras

- O Homem chegou à lua a 24 de Julho de 1969.
- (453) O Paulo viajou para os EUA no mês seguinte (a esse)
 - (454) O Paulo viajou para os EUA no mês depois (desse).
 - (455) O Paulo viajou para os EUA no mês subsequente (a esse).
 - (456) O Paulo viajou para os EUA no mês anterior a (esse).
 - (457) O Paulo viajou para os EUA no mês antes (desse).
 - (458) O Paulo viajou para os EUA na {véspera / antevéspera} (desse dia).
 - (459) O Paulo viajou para os EUA após essa data.
 - (460) O Paulo viajou para os EUA mais tarde.
 - (461) O Paulo viajou para os EUA posteriormente (a isso).
 - (462) O Paulo viajou para os EUA anteriormente (a isso).
 - (463) O Paulo viajou para os EUA depois (disso).
 - (464) O Paulo viajou para os EUA antes (disso).

TDE de identidade

- O Paulo licenciou-se em Economia em 1988.
- (465) A Ana licenciou-se no mesmo ano.
 - (466) Paralelamente (a isso) tirou o curso superior de órgão.
 - (467) Simultaneamente (com essa licenciatura) tirou o curso superior de órgão.

TDE de medição e contagem

- A Ana chegou a Berlim no dia da queda do muro
- (468) O Paulo chegou dois dias depois.
 - (469) O Paulo chegou dois dias mais tarde.
 - (470) O Paulo chegou dois dias após essa data.
 - (471) O Paulo chegou uma hora antes.
 - (472) O Paulo chegou dois dias mais cedo.
 - (473) Fora enviado para a Alemanha a dois dias desse acontecimento.

- (474) O Paulo chegou daí a dois dias.
(475) O Paulo chegou daí por dois dias

III – TDE dêicticas

Por fim, apresento as TDE que podem ocorrer em contextos de dêixis, subdivididas em TDE ordenadoras e TDE de medição e contagem:

TDE ordenadoras

- (476) O Paulo fica em Lisboa até depois do próximo domingo.
(477) O Paulo chegou entregou o trabalho antes de segunda-feira passada²⁸.

TDE de medição e contagem

- (478) O Paulo chega a Lisboa de hoje a quinze dias²⁹
(479) O Paulo chega a Lisboa de aqui por quinze dias.

No que respeita às expressões ordenadoras e de identidade, a inclusão de uma TDE num ou noutra grupo depende em última análise da expressão relacional envolvida e do tipo de complemento por ela seleccionado (dêictico, anafórico ou autónomo). Para que se torne mais claro que expressões seleccionam que tipo de complemento, procedo abaixo à classificação das expressões relacionais quanto ao tipo de complemento que aceitam.

²⁸ Recorde-se que adopto a proposta de Mória 2000 de que *antes* é a cabeça de uma TDE complexa e não um operador temporal. O operador presente neste localizador é um operador de tipo *em nulo*.

²⁹ Ao considerar que *de hoje a quinze dias* é uma TDE estou também a seguir uma proposta de Mória 2000. Em contexto de localização, esta TDE é igualmente precedida de um operador de tipo *em nulo*. O mesmo aplica-se a *de aqui por quinze dias*, na frase abaixo.

Quadro 19. Classificação das expressões relacionais quanto à natureza referencial do seu complemento

expressões relacionais que aceitam complementos autónomos	expressões relacionais que aceitam complementos anafóricos		expressões relacionais que aceitam complementos dêicticos
seguinte depois (cf. a semana depois) após mais tarde subsequente posteriormente anterior antes (cf. o mês antes) a véspera a antevéspera mais cedo anteriormente mesmo paralelamente simultaneamente			
depois (cf. depois disso) antes (cf. antes disso)			

5.1.4.1. A estrutura sintáctica das TDE anafóricas

5.1.4.1.1. A estrutura sintáctica das TDE ordenadoras e de identidade

O que caracteriza em termos de estrutura sintáctica as TDE ordenadoras e as de identidade é naturalmente a presença de uma expressão relacional, respectivamente, de ordenação e de identidade. Essa expressão pode ser de diferentes categorias sintácticas, como o quadro 20 indica. A proposta que apresento segue no geral a

classificação tradicional. Quanto a *mesmo*, que em pelo menos uma gramática³⁰ é classificado como pronome indefinido e em diversos dicionários³¹ é dado como adjectivo, aparece aqui classificado como adjectivo.

Quadro 20. Subtipos sintácticos das expressões relacionais que ocorrem nas TDE anafóricas

Expressões relacionais	
Nomes	<i>véspera</i> <i>antevéspera</i>
Adjectivos	<i>subsequente</i> <i>seguinte</i> <i>anterior</i> <i>mesmo</i>
Locuções Prepositivas / Locuções Conjuncionais	<i>antes de</i> <i>depois de</i>
Preposição / Conjunção	<i>após</i>
Advérbios	<i>anteriormente</i> <i>posteriormente</i> <i>paralelamente</i> <i>simultaneamente</i>

As TDE em que estas expressões ocorrem são de diversas categorias sintácticas também. No caso das ordenadoras, e como se indica no quadro 21 que apresento abaixo, podem ser sintagmas nominais, sintagmas preposicionais e sintagmas adverbiais. Os sintagmas nominais podem envolver um nome modificado por um adjectivo ordenador (Adj-Ord) ou um nome relacional ordenador (N-Ord). Note-se que tanto no caso dos SN como no caso dos SP e dos SAdv, o complemento da expressão relacional pode ser um SN lexicalmente realizado ou pode ser nulo (\emptyset). As TDE de identidade são ou SN com um adjectivo de identidade (Adj-Ident) ou SAdv com um advérbio de identidade (Adv-Ident).

³⁰ cf. Vázquez Cuesta 1971 .

³¹ cf. Ferreira 1975 e Machado 1991.

Quadro 21. Subtipos sintácticos das TDE ordenadoras e de identidade

TDE ordenadoras e de identidade			
TDE ordenadoras	Sintagmas Nominais	Def N Adj-Ord {SP / Ø} Def N-Ord {SP / Ø}	<i>o dia seguinte (a esse)</i> <i>o mês anterior (a esse)</i> <i>a véspera (desse dia)</i>
	Sintagmas Preposicionais	Loc-Prep {SN / Ø}	<i>antes (disso)</i> <i>depois (de essa altura)</i>
	Sintagmas Adverbiais	Adv {SN / Ø}	<i>anteriormente (a isso)</i> <i>posteriormente (a isso)</i>
TDE de identidade	Sintagmas Nominais	Def N Adj-Ident Ø	<i>o mesmo dia</i> <i>a mesma altura</i>
	Sintagmas Adverbiais	Adv {SP / Ø}	<i>paralelamente (a isso)</i> <i>simultaneamente (a isso)</i>

5.1.4.1.2. A estrutura sintáctica das TDE de medição e contagem

Apresento no quadro 22 a estrutura sintáctica das TDE de medição e contagem em estudo nesta secção. Algumas delas envolvem também expressões relacionais, que podem ser locuções prepositivas (Loc-Prep), preposições simples (Prep), ou advérbios (SAdv).

Quadro 22. Subtipos sintácticos das TDE de medição e contagem

TDE de medição e contagem			
TDE de medição e contagem	Sintagmas Nominais	SN Loc-Prep SN SN Prep SN SN SAdv	<i>quinze dias depois disso</i> <i>dois meses após essa data</i> <i>duas horas mais tarde</i>
	Sintagmas Preposicionais	Prep Pro Prep SN	<i>daí a quinze dias</i> <i>daí por duas horas</i>

5.1.4.2. Subtipos semânticos das TDE anafóricas

5.1.4.2.1. Subtipos semânticos de TDE ordenadoras e de identidade

Concentro-me nesta secção na representação semântica das TDE ordenadoras e de identidade, restringindo-me, dado o tema da dissertação, às que podem ocorrer em casos de anáfora. No quadro 23 abaixo, apresento as condições de DRS associadas a cada tipo de expressão. Note-se que PRED representa um predicado de tempo como *ano*, *mês* ou *dia*. Na secção 5.1.4.5., apresento as regras de processamento das expressões que levam à introdução na DRS das condições assinaladas.

Quadro 23. Subtipos semânticos das TDE ordenadoras e de identidade

Subtipos de expressões		Condições de DRS para TDE (t_c^a)	Exemplos de expressões
COM CONTEÚDO PREDICATIVO	Posterioridade	[$\text{PRED}(t_c^a)$] [$t_{cc}^a \supset t_c^a$] [$\text{PRED}(t_{cc}^a)$] [$t_{cc}^a = ?$]	o ano seguinte (a esse) a semana depois (dessa) a semana subsequente (a essa)
	Anterioridade	[$\text{PRED}(t_c^a)$] [$t_c^a \supset t_{cc}^a$] [$\text{PRED}(t_{cc}^a)$] [$t_{cc}^a = ?$] [a véspera (t_c^a, t_{cc}^a)] [dia (t_{cc}^a)] [$t_{cc}^a = ?$]	o mês anterior (a esse) o dia antes (desse) a semana precedente a véspera (desse dia)
	Identidade	[$\text{PRED}(t_c^a)$], [$t_c^a = t_{cc}^a$], [$\text{PRED}(t_{cc}^a)$] [$t_{cc}^a = ?$]	o mesmo dia
SEM CONTEÚDO PREDICATIVO	Posterioridade	[$t_{cc}^a \supset t_c^a$] [$t_{cc}^a = ?$]	depois (disso) após essa data mais tarde posteriormente
	Anterioridade	[$t_c^a \supset t_{cc}^a$] [$t_{cc}^a = ?$]	antes (disso) anteriormente
	Identidade	[$t_c^a = t_{cc}^a$] [$t_{cc}^a = ?$]	a mesma altura paralelamente (a isso) simultaneamente (com isso)

I – TDE com conteúdo predicativo e TDE sem conteúdo predicativo

Tal como acontece com as expressões absolutas, uma primeira distinção que se afigura relevante no que respeita à representação formal é a distinção entre expressões com conteúdo predicativo e expressões sem conteúdo predicativo. Recorde-se que as primeiras estão associadas à introdução na DRS de pelo menos

uma condição irredutível do tipo [PRED (x)], que as expressões sem conteúdo predicativo, naturalmente, não introduzem. Os SN que envolvem predicados de tempo incluem-se no primeiro grupo ao passo que SN com nomes de referência vaga se incluem no segundo. Atente-se, a título de exemplo, nas condições de DRS que representam *o mesmo dia* e *a mesma altura*³².

(480) *o mesmo dia*

- a. o mesmo dia (t_c^a)
- b. [dia (t_c^a)], [$t_c^a = t_{cc}^a$], [$t_{cc}^a = ?$]

(481) *a mesma altura*

- a. a mesma altura (t_c^a)
- b. [$t_c^a = t_{cc}^a$], [$t_{cc}^a = ?$]

Como se pode ver, no segundo caso não há uma condição análoga a [dia (t_c^a)]. No que respeita às TDEs antes classificadas como SP ou SAdv, estas são expressões sem conteúdo predicativo. Veja-se o caso de *antes desse dia* e de *antes dessa altura*.

(482) *antes desse dia*

- a. antes desse ano (t_c^a)
- b. [$t_c^a \supset t_{cc}^a$], [ano (t_{cc}^a)], [$t_{cc}^a = ?$]

(483) *antes dessa altura*

- a. antes dessa altura (t_c^a)
- b. [$t_c^a \supset t_{cc}^a$], [$t_{cc}^a = ?$]

Repare-se que o referente discursivo associado à TDE *antes desse ano* é t_c^a , e que não há nenhuma condição de tipo predicativo que envolva esse referente, isto é, que seja do tipo [Pred(t_c^a)]. Claramente, a expressão no seu todo não veicula qualquer informação acerca do tipo de intervalo – dia, mês ou ano – que denota. A diferença entre as expressões de tipo predicativo e estas de que acabei de falar torna-se particularmente evidente se compararmos as sequências (484) e (485) com (486) e (487) abaixo:

(484) A Ana licenciou-se em Junho de 1990. O Paulo licenciou-se no mês antes.

(485) A Ana partiu para Paris no dia 1 de Janeiro. O Paulo partiu no dia seguinte.

³² Como explicado antes, assumo que as expressões relacionais têm aqui um argumento anafórico nulo que, por uma questão de simplificação, não represento.

- (486) A Ana licenciou-se em Junho de 1990. O Paulo licenciou-se antes desse mês.
- (487) A Ana partiu para Paris no dia 1 de Janeiro. O Paulo partiu depois desse dia.

Enquanto *o mês antes* e *o dia seguinte* representam um intervalo de tipo mês e dia, respectivamente, as expressões *antes desse mês* e *depois desse dia* representam um intervalo vago que não corresponde à denotação de um predicado de tempo em particular.

II – TDE de posterioridade, TDE de anterioridade e TDE de identidade

As TDE em estudo distinguem-se entre si no que respeita à relação existente entre o intervalo denotado pela expressão no seu todo e o intervalo denotado pela expressão que ocorre como complemento da expressão relacional, ou seja, o intervalo de referência. No caso das TDE ordenadoras, as possibilidades são duas: o intervalo principal, que é o intervalo associado à TDE no seu todo, segue-se ao intervalo de referência, ou então o intervalo principal precede o intervalo de referência. A existência de uma ou outra relação depende do tipo de expressão relacional que a TDE exhibe. Expressões como, por exemplo, *depois* e *seguinte* descrevem uma relação do primeiro tipo – são expressões de posterioridade – e expressões como *antes* ou *anterior* descrevem uma relação do segundo tipo – expressam uma relação de anterioridade. No referente às TDE de identidade, a relação entre o intervalo principal e o intervalo de referência é de identidade. É uma relação desse tipo que as expressões relacionais que intervêm nessas TDE expressam.

Apresento no quadro 24 abaixo a classificação das expressões relacionais quanto ao tipo de relação que estabelecem entre o intervalo principal e o intervalo de referência.

Quadro 24. Subtipos semânticos das expressões relacionais que ocorrem nas TDE

Tipo de relação	Exemplos de expressões
posterioridade	<i>subsequentemente (a)</i> <i>seguinte (a)</i> <i>depois (de)</i> <i>posteriormente (a)</i>
anterioridade	<i>véspera (de)</i> <i>antevéspera (de)</i> <i>anterior (a)</i> <i>antes (de)</i> <i>anteriormente (a)</i>
identidade	<i>mesmo</i> <i>simultaneamente (com)</i> <i>paralelamente (a)</i>

Para dar conta na DRT das condições semânticas associadas às expressões de ordenação, e seguindo o proposto em Mória 2000 para *depois* e *antes*, opto, nos casos em que a relação envolve intervalos de tempo contínuos (p. ex., meses ou anos), por introduzir uma condição de confinamento ($\supset\subset$). No caso de intervalos não contínuos (p. ex., fins-de-semana), introduzo uma condição de anterioridade ($<$). Compare-se (488) com (489):

(488) *o ano seguinte a esse*

- a. o ano seguinte (t_c^a)
- b. [ano (t_c^a)], [ano (t_{cc}^a)], [$t_{cc}^a \supset\subset t_c^a$], [$t_{cc}^a = ?$]

(489) *o fim-de-semana seguinte a esse*

- a. o fim-de-semana seguinte (t_c^a)
- b. [fim-de-semana (t_c^a)], [fim-de-semana (t_{cc}^a)], [$t_{cc}^a < t_c^a$], [$t_{cc}^a = ?$]

No caso das expressões a que chamei de identidade, a relação entre o intervalo denotado pela expressão no seu todo e o intervalo de referência é de identidade. Consequentemente, as expressões com *mesmo* introduzem na DRS uma condição de identidade, isto é, [$t_{cc}^a = t_c^a$]:

(490) *o mesmo ano*

a. o mesmo ano (t_c^a)

b. [ano (t_c^a)], [ano (t_{cc}^a)], [$t_{cc}^a = t_c^a$], [$t_{cc}^a = ?$]

5.1.4.2.2. Subtipos semânticos de TDE de medição e contagem

Não introduzo nesta secção nada de original, limitando-me a reproduzir a proposta apresentada em Mória 2000. De acordo com esse autor, é possível distinguir os seguintes subtipos de TDE de medição e contagem:

Quadro 25. Subtipos semânticos das TDE de medição e contagem

Subtipos de expressões		Condições de DRS para TDE (t_c^a)	Exemplos de expressões
MEDIÇÃO	Prospectivas	$QT-TPO(mt)$ $[dur(t') = mt]$ $[end(t') \subseteq t_c^a]$ $[beg(t') = end(t_{cc}^a)]$ $[t_{cc}^a = ?]$	<i>quinze dias depois (disso)</i>
	Retrospectivas	$[QT-TPO(mt)]$ $[dur(t') = mt]$ $[beg(t') \subseteq t_c^a]$ $[end(t') = beg(t_{cc}^a)]$ $[t_{cc}^a = ?]$	<i>quinze dias antes (disso)</i>
CONTAGEM	Prospectivas	$[T = Q]$ $[T = \Sigma t''[[PERÍODO(t'')]$ \wedge $[t'' \subseteq t']K1]$ $[t_c \in T]$ $[end(t') = end(t_c)]$ $[beg(t') = end(t_{cc}^a)]$ $[COMPL(t_{cc}^a)]$	<i>dois sábados depois (desse)</i>
	Retrospectivas	$[T = Q]$ $[T = \Sigma t''[[PERÍODO(t'')]$ \wedge $[t'' \subseteq t']K1]$ $[t_c \in T]$ $[beg(t') = beg(t_c)]$ $[end(t') = beg(t_{cc}^a)]$ $[COMPL(t_{cc}^a)]$	<i>dois sábados antes (desse)</i>

I – TDE de medição e TDE de contagem

A primeira oposição distingue as TDE de medição das de contagem. O intervalo que as TDE de medição denotam é construído através da explicitação de uma medida temporal a partir do ponto de ancoragem. Em contrapartida, o intervalo denotado pelas expressões de contagem é definido através de uma

operação de contagem de entidades de um dado tipo a partir do ponto de ancoragem.

II – TDE prospectivas e TDE retrospectivas

As TDE prospectivas denotam um intervalo de tempo que se segue temporalmente ao que está associado ao ponto de ancoragem. As TDE retrospectivas, pelo contrário, denotam intervalos de tempo que precedem o intervalo de tempo representado pelo ponto de ancoragem.

5.1.4.3. O processamento das TDE anafóricas

5.1.4.3.1. Questões prévias

(i) TDE com complemento expresso e TDE sem complemento expresso

A maior parte das expressões relacionais envolvidas nas TDE em estudo caracterizam-se por, em contexto de anáfora, poder ocorrer sem complemento lexicalmente expresso. Vejam-se, por exemplo, as sequências abaixo:

- (491) A Ana chegou a Lisboa no dia 11 de Maio. A Ana chegou na véspera.
- (492) O Paulo chegou a Paris no dia 2 de Abril. A Ana chegou antes.

Estes dois conjuntos de sequências distinguem-se das seguintes em que o mesmo complemento da expressão relacional está lexicalmente realizado:

- (493) A Ana chegou a Lisboa no dia 11 de Maio. A Ana chegou na véspera desse dia.
- (494) O Paulo chegou a Paris no dia 2 de Abril. A Ana chegou antes disso.

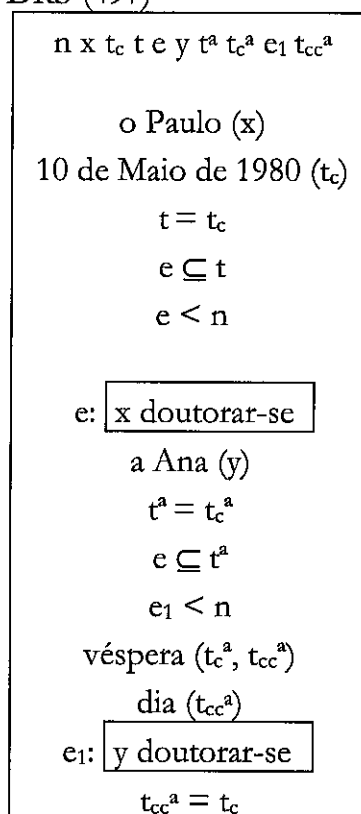
Em alguns casos, o complemento está expresso, mas é elíptico. Vejam-se as sequências seguintes:

- (495) A Ana chegou a Lisboa no dia 11 de Maio. A Ana chegou no dia seguinte a esse.
- (496) O Paulo chegou a Paris no dia 2 de Abril. A Ana chegou no dia anterior a esse.

A questão que se coloca relativamente às expressões sem complemento lexicalmente realizado é a de saber como introduzir na DRS o referente discursivo anafórico, do tipo t^a , presente na condição típica da anáfora [$t^a = ?$] que, nas expressões com complemento lexical, é introduzido por esse complemento. Atente-se, a título de exemplo, na representação da frase abaixo:

- (497) O Paulo doutorou-se a 10 de Maio de 1980. A Ana doutorou-se na véspera desse dia.

DRS-(497)



Nesta DRS, o complemento de *véspera*, ou seja, *esse dia*, está representado pelo referente discursivo t_{cc}^a . Repare-se que é ele que desencadeia a anáfora, pois é ele que surge na condição típica da anáfora, [$t_{cc}^a = t_c$], em que t_c é o seu antecedente.

Em (ii), a seguir, abordarei a questão da reconstrução do complemento da expressão relacional nos casos em que esse complemento ou não está lexicalmente realizado ou está apenas em parte.

(ii) Reconstrução do complemento anafórico nas TDE sem complemento expresso

No que respeita ao tipo de complemento que as diferentes expressões relacionais aceitam, é pertinente distinguir dois tipos de casos: (i) casos em que é possível escolher entre a realização lexical do complemento da expressão relacional e a sua não realização; (ii) casos em que é obrigatório o mesmo complemento não estar lexicalmente realizado.

Exemplos dos casos em (i) são as sequências (498)-(499) e (500)-(501). Repare-se que os dois conjuntos de sequências são em tudo iguais excepto no facto de nas primeiras, mas não nas outras, o complemento da expressão relacional não estar expresso (o que é indicado por \emptyset).

- (498) O Paulo nasceu no dia 25 de Dezembro de 1980. A Ana nasceu na {véspera / antevéspera} \emptyset .
- (499) O Paulo acabou o trabalho às 8 horas. A Ana acabou o dela {depois / antes} \emptyset .
- (500) O Paulo nasceu no dia 25 de Dezembro de 1980. A Ana nasceu na {véspera / antevéspera} desse dia.
- (501) O Paulo acabou o trabalho às 8 horas. A Ana acabou o dela {depois / antes} de {essa hora / isso}.

São ainda exemplos do tipo (i) as sequências (502)-(504) e (505)-(507).

- (502) A Ana chegou no dia 1 de Janeiro. O Paulo chegou no dia {seguinte / anterior} \emptyset .
- (503) A Ana partiu na terceira semana de Janeiro. O Paulo partiu na semana {antes / depois} \emptyset .
- (504) A Ana partiu na terceira semana de Janeiro. O Paulo partiu na semana subsequente \emptyset .
- (505) A Ana chegou no dia 1 de Janeiro. O Paulo chegou no dia {seguinte / anterior} a esse.
- (506) A Ana partiu na terceira semana de Janeiro. O Paulo partiu na semana {antes / depois} dessa.
- (507) A Ana partiu na terceira semana de Janeiro. O Paulo partiu na semana subsequente a essa.

Neste tipo de frases, e por razões que certamente têm a ver com a economia da linguagem, a hipótese de um complemento lexicalmente realizado completo é marginal ou estranha, a não ser que o nome que constitui o núcleo desse complemento esteja modificado:

- (508) ??/*A Ana chegou no dia 1 de Janeiro. O Paulo chegou no dia {seguinte / anterior} a esse dia.
- (509) ??/*A Ana partiu na terceira semana de Janeiro. O Paulo partiu na semana {antes / depois} dessa semana.
- (510) ??/*A Ana partiu na terceira semana de Janeiro. O Paulo partiu na semana subsequente a essa semana.

A estranheza destes exemplos desaparece nos casos seguintes:

- (511) A Ana chegou no dia 1 de Janeiro. O Paulo chegou no dia {seguinte / anterior} a esse primeiro dia do ano.
- (512) Ana partiu na terceira semana de Janeiro. O Paulo partiu na semana {antes / depois} dessa tão importante semana.

A sequência (513) constitui um exemplo do segundo tipo de casos. Repare-se que a sua contrapartida com complemento expresso é bastante estranha:

- (513) A Ana marcou o almoço para o meio dia. O Paulo chegou mais tarde \emptyset .
- (514) *A Ana marcou o almoço meio dia. O Paulo chegou mais tarde do que isso.

Considero, para todas as frases sem complemento expresso – como os aqui apresentados e outros envolvendo expressões afins – e para salvaguardar as propriedades de subcategorização das expressões relacionais envolvidas, que se justifica uma análise segundo a qual essas frases são elípticas, correspondendo o material elidido ao complemento da expressão relacional. Sendo bastante claro que quando o complemento da expressão relacional não está lexicalmente expresso ele é fornecido pelo contexto linguístico prévio, parece-me igualmente defensável a hipótese de que o material elidido inclui uma expressão de natureza anafórica. Por exemplo, em sequências como (515) e (516) esse material elidido seria do tipo do que aparece entre parênteses angulares. Veja-se:

- (515) O Paulo regressou a Lisboa no dia das eleições. A Maria regressou na véspera ⟨desse dia⟩.

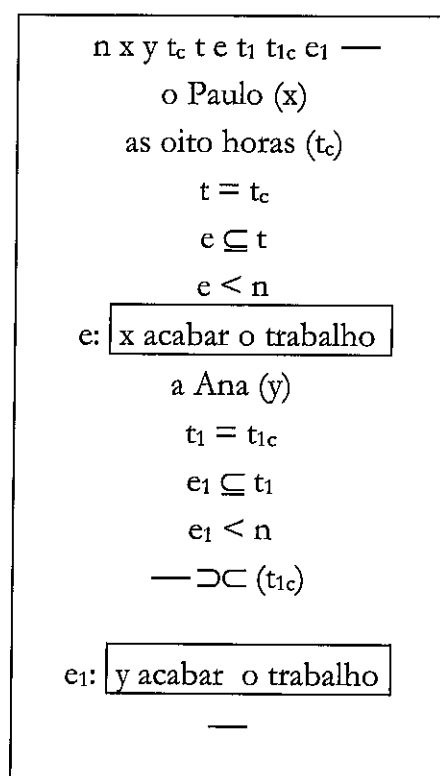
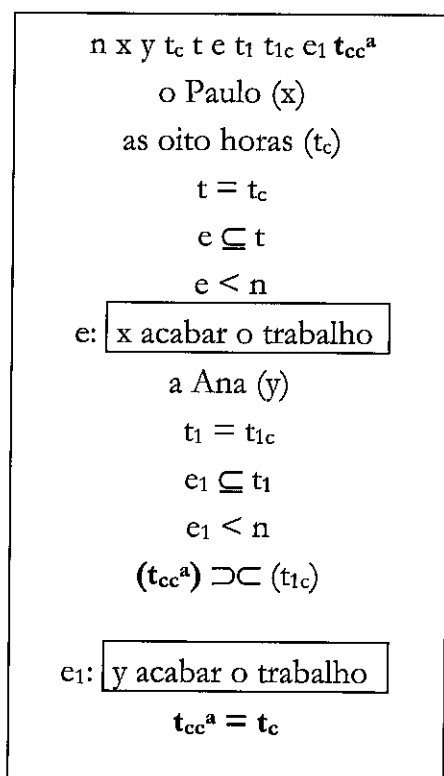
- (516) O Paulo acabou o trabalho às oito horas. A Ana acabou-o depois <disso>.

Esta hipótese de que estamos perante frases elípticas e a conseqüente reconstrução na representação sintáctica do complemento anafórico permite dar às frases (515) e (516) uma representação idêntica à das frases (517) e (518), respectivamente, o que parece estar de acordo com as nossas intuições acerca do modo como interpretamos as duas sequências.

- (517) O Paulo regressou a Lisboa no dia das eleições. A Maria regressou na véspera desse dia.

- (518) O Paulo acabou o trabalho às oito horas. A Ana acabou-o depois disso.

A título de exemplo, veja-se abaixo a representação (simplificada) da sequência (516), na assunção de que estamos perante uma sequência elíptica. Apresento ao lado a DRS que corresponderia à representação da mesma sequência sem a análise segundo a qual ela exhibe um complemento nulo. Para facilitar a comparação, destaco na primeira DRS o referente discursivo associado a *isso* e a condição a ele associada, e na segunda DRS recorro ao “—” para assinalar aquilo que fica em branco devido à ausência do complemento anafórico.



Em conclusão, a minha proposta para todos os casos que envolvem expressões relacionais sem complementos explícitos é que estas sejam analisadas como tendo um complemento anafórico nulo. Esta hipótese não só se justifica pelas propriedades de sub-categorização das expressões relacionais envolvidas como também é necessária para que se possa introduzir na DRS o referente discursivo anafórico e a condição ou condições a ele associada(s). Tal garantirá, parece-me, que as frases com um complemento anafórico nulo têm a mesma interpretação que as suas contrapartidas com um complemento anafórico explícito, que é o que se deseja.

(iii) Restrições sobre o complemento das expressões relacionais

Interessa agora reflectir sobre as restrições que incidem sobre o complemento da expressão relacional. Naquilo que a esta questão diz respeito, parece-me importante separar as TDE com conteúdo predicativo, ou seja, os SN tendo por núcleo predicados de tempo como *a véspera* e *o ano seguinte*, por exemplo, das TDE sem conteúdo predicativo, como *antes disso* e *depois disso*, ou *posteriormente*.

A – TDE com conteúdo predicativo

(i) SN com nomes temporais relacionais

Os nomes *véspera* e *antevéspera* denotam uma relação entre intervalos de tempo. Claramente, os intervalos de tempo envolvidos na relação que estes nomes denotam são do tipo de dia, e não do tipo de ano ou mês, por exemplo. Veja.-se (519):

- (519) *O Paulo partiu para Paris na véspera de {1980 / Janeiro / das seis da tarde do dia 15}.

Por esta razão, faz sentido assumir, creio, que o segundo argumento da relação que esses nomes descrevem denota em todos os casos um intervalo de tempo desse tipo. Os exemplos (520) e (521) abaixo constituem casos que me parecem transparentes no que respeita ao tipo de intervalo de tempo envolvido.

- (520) O Paulo partiu para Paris na véspera do dia de Natal.
(521) A Ana regressou a Lisboa na antevéspera do dia da defesa da tese.

Em (520) e (521), o complemento do nome temporal relacional é uma expressão que descreve directamente um intervalo de tempo do tipo relevante. Contudo, nem sempre tal acontece. Por exemplo, nos casos que se seguem esse complemento é uma expressão que descreve uma situação:

- (522) O Paulo partiu para Paris na véspera de {Natal / as eleições}.
(523) A Ana regressou a Lisboa na antevéspera de {a defesa da tese / a partida para Londres}.
(524) A Ana regressou a Lisboa na antevéspera de {defender a tese / de partir para Londres}.

Considero que estes enunciados são, de algum modo, formas abreviadas ou simplificadas dos seguintes:

- (525) O Paulo partiu para Paris na véspera do dia de {Natal / as eleições}.
(526) A Ana regressou a Lisboa na antevéspera do dia de {a defesa da tese / a partida para Londres}.
(527) A Ana regressou a Lisboa na antevéspera do dia {em que defendeu a tese / em que partiu para Londres}.

Repare-se que, de acordo com o conhecimento que temos do mundo, as situações descritas no complemento de *véspera* e de *antevéspera* devem “caber” no espaço de um

dia, e que se assim não for não podem ocorrer nesse contexto. Comparem-se as situações descritas no complemento desses nomes em (522)-(524) com as que ocorrem em (528)-(529).

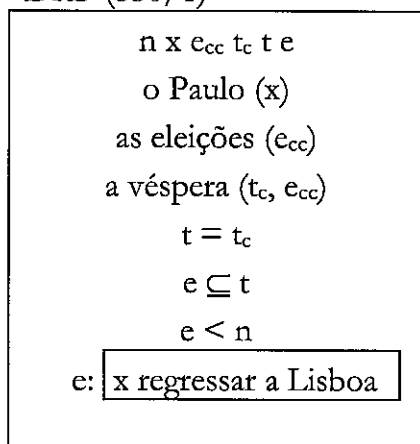
(528) #O Paulo partiu para Paris na véspera de {a construção da casa / a realização do último filme}.

(529) #A Ana regressou a Lisboa na antevéspera de {a redacção da tese / a escrita do último romance}.

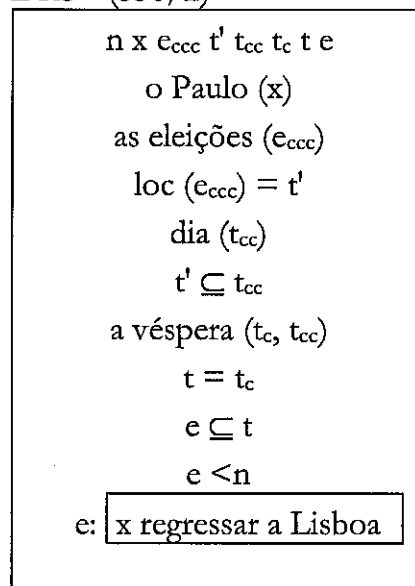
Julgo que a inviabilidade destes exemplos é atribuível ao facto de, tipicamente, a construção de uma casa, a realização de um filme, a redacção de uma tese e a escrita de um romance se prolongarem por mais de um dia. Consequentemente, não se pode falar de *o dia em que o Paulo construiu a casa, o dia em que o Paulo produziu o filme, o dia em que a Ana redigiu a tese, o dia em que a Ana escreveu o último romance*. Assim, e de acordo com a análise proposta para os casos em que o complemento do nome temporal é uma expressão que descreve uma situação, a representação formal que me parece mais adequada para uma frase como (530) é a que apresento abaixo à direita e não a que se encontra à esquerda.

(530) O Paulo regressou a Lisboa na véspera das eleições.

DRS- (530/1)



DRS- (530/2)



Mutatis mutandis, o mesmo é válido para os casos de anáfora. Também nesses casos, o complemento dos nomes em estudo pode representar quer um intervalo de tempo do tipo de dia quer uma situação. Vejam-se as seguintes sequências:

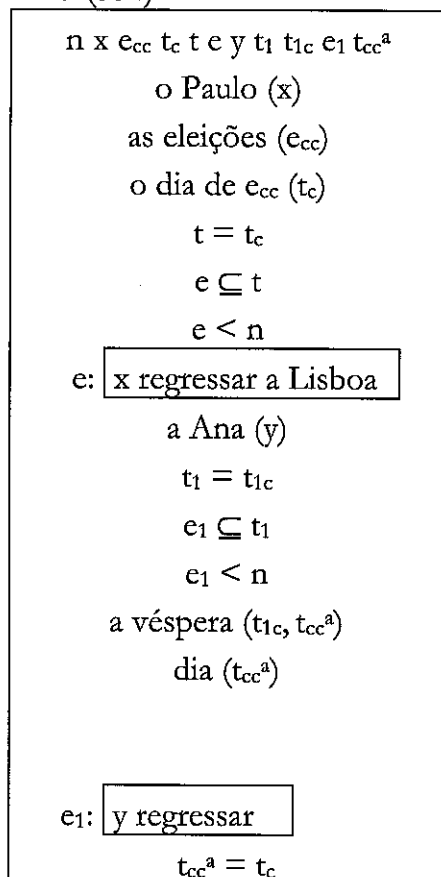
- (531) O Paulo regressou a Lisboa no dia das eleições. A Ana regressou na véspera desse dia.
- (532) O Paulo regressou a Lisboa no dia das eleições. A Ana regressou na véspera desse acontecimento.

Naturalmente, considero que também aqui os casos em que o complemento é situacional envolvem uma simplificação relativamente à presença de um complemento que representa um intervalo do tipo de dia, e que a sequência (532) é uma forma abreviada daquela que se segue (ou de algo equivalente):

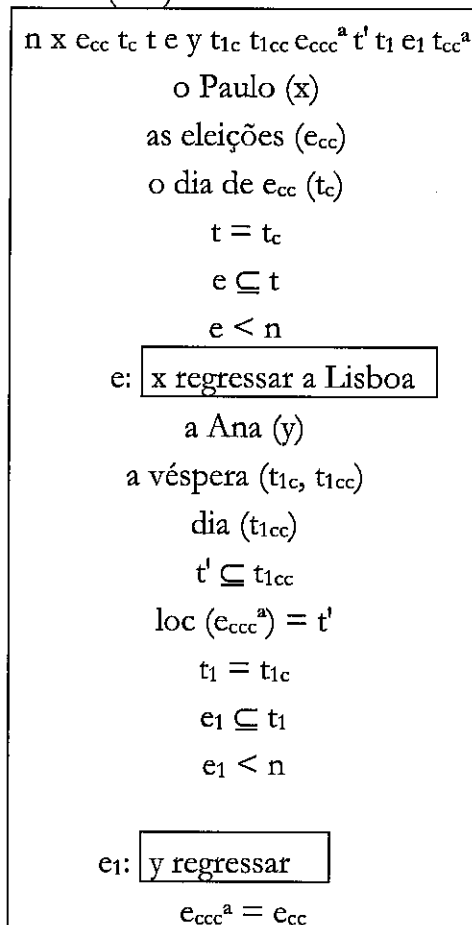
- (533) O Paulo regressou a Lisboa no dia das eleições. A Ana regressou na véspera do dia desse acontecimento.

As sequências (531) e (532) são representadas formalmente abaixo:

DRS-(531)



DRS-(532)



Atente-se, na DRS-(532), nas condições que reconstroem o referente que representa o intervalo de tipo dia associado ao complemento de *véspera*: [dia (t_{1cc})], [$t' \subseteq t_{1cc}$] e [$\text{loc} (e_{ccc}^a) = t'$].

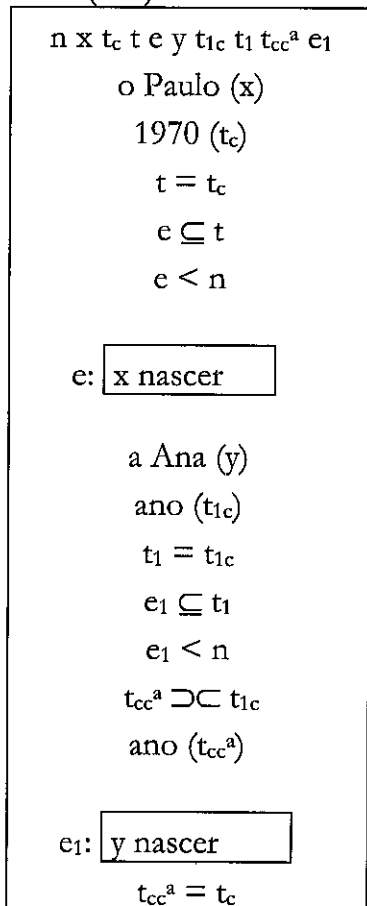
(ii) SN com adjetivos relacionais

Passo agora aos SN do tipo de *o N Adj-Ord* como, por exemplo, *o ano seguinte, a semana subsequente* ou *o dia anterior*. Estes SN têm por núcleo nomes que denotam intervalos de tempo, designados na terminologia de Kamp e Reyle 1993 e Kamp e Schiehlen 1998 nomes de calendário. Viu-se já que, a não ser em casos em que complemento do adjetivo é um SN complexo – cf. (534)-(535) –, os adjetivos relacionais ocorrem ou com um complemento nulo ou com um complemento em que o núcleo nominal está elidido – cf. (536)-(538).

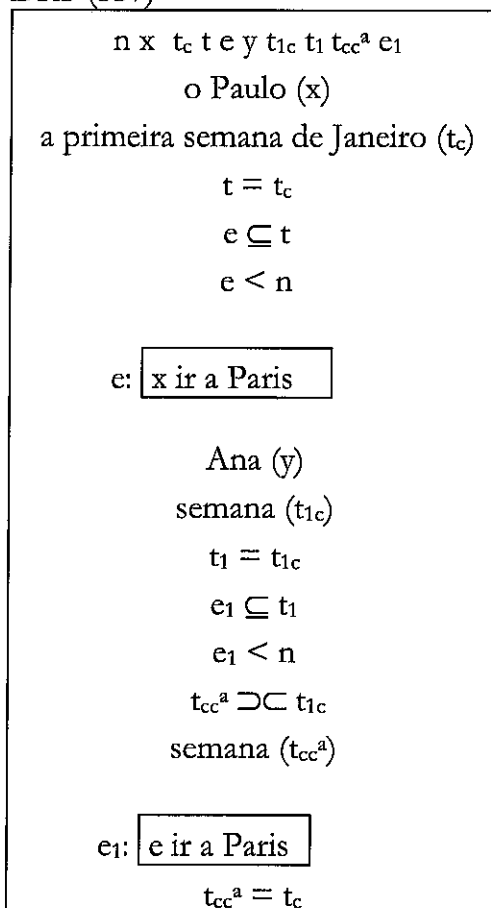
- (534) A revolução dos cravos aconteceu a 25 de Abril de 1974. O Paulo regressou a Portugal no dia seguinte a esse dia inesquecível.
- (535) O Paulo partiu para os EUA na semana do atentado. A Ana partiu para os EUA na semana anterior a essa fatídica semana.
- (536) O Paulo nasceu em 1970. A Ana nasceu no ano seguinte $\{\emptyset / \text{a esse } \emptyset\}$.
- (537) O Paulo foi a Paris na primeira semana de Janeiro. A Ana foi lá na semana subsequente $\{\emptyset / \text{a essa } \emptyset\}$.
- (538) A Ana regressou de Paris no dia 15 de Janeiro. O Paulo regressou no dia anterior $\{\emptyset / \text{a esse } \emptyset\}$.

Também relativamente a estes exemplos, a questão que se coloca é a de saber quais as restrições que estão associadas ao segundo argumento da expressão ordenadora, em particular nos casos em que ele é nulo ou está parcialmente elidido. À semelhança do defendido para os nomes relacionais, julgo que também aqui faz sentido a hipótese de que esse complemento representa um intervalo de tempo do mesmo tipo do representado pelo primeiro argumento. Recorde-se que a ordenação só faz sentido se as entidades ordenadas forem do mesmo tipo. Por isso, para representar as sequências (536) e (537) proponho as DRS abaixo.

DRS-(536)



DRS-(537)



Importa acentuar a presença das condições [ano (t_{cc^a})], no primeiro caso, e [semana (t_{cc^a})], no segundo caso. Tais condições explicitam que o intervalo associado ao complemento da expressão relacional é da mesma grandeza do associado ao N no núcleo da TDE.

Esta análise de que o complemento do adjectivo relacional representa uma expressão do mesmo tipo que o nome que constitui o núcleo do SN é naturalmente extensiva a casos com complementos lexicalmente realizados como os das frases de (539)-(542). Nestas frases, os complementos dos adjectivos *seguinte* e *anterior* são expressões – anafóricas em (539)-(540) e autónomas em (541)-(542) – que descrevem situações. Na sequência da análise proposta, considero que as sequências (539 a), (540 a), (541 a) e (542 a) (539 a) são, de algum modo, sequências abreviadas

das versões apresentadas em (539 b), (540 b), (541 b) e (542 b). Vejam-se os exemplos:

- (539) a. A revolução dos cravos aconteceu a 25 de Abril de 1974. O Paulo regressou a Portugal no dia seguinte a esse evento.
- b. A revolução dos cravos aconteceu a 25 de Abril de 1974. O Paulo regressou a Portugal no dia seguinte ao dia desse evento.
- (540) a. O Paulo partiu para os EUA na semana do atentado. A Ana partiu para os EUA na semana anterior a esse terrível acontecimento.
- b. O Paulo partiu para os EUA na semana do atentado. A Ana partiu para os EUA na semana anterior à semana desse terrível acontecimento.

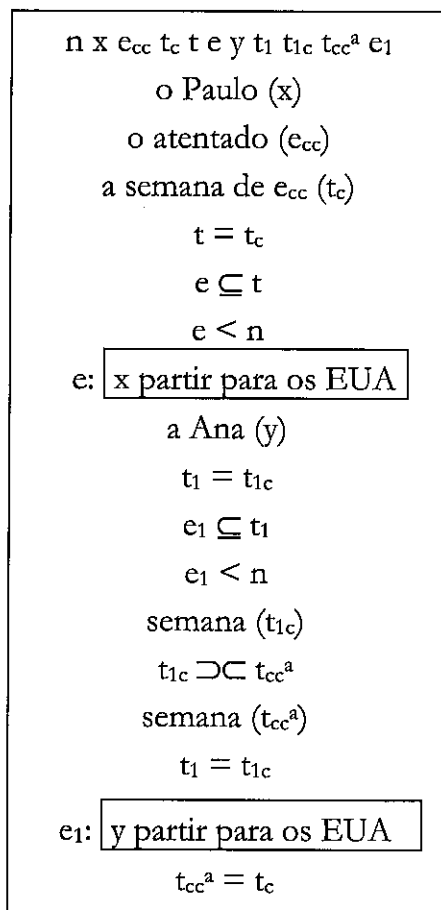
- (541) a. O Paulo chegou a Lisboa no dia anterior à defesa da tese.
- b. O Paulo chegou a Lisboa no dia anterior ao dia da defesa da tese.
- (542) a. A Ana regressou a Lisboa no dia seguinte à apresentação da comunicação.
- b. A Ana regressou a Lisboa no dia seguinte ao dia da apresentação da comunicação

A título de exemplo, apresento abaixo as DRS que representam as sequências (543) e (544). Na primeira delas, o complemento de *anterior* é um SN temporal e na segunda um SN situacional.

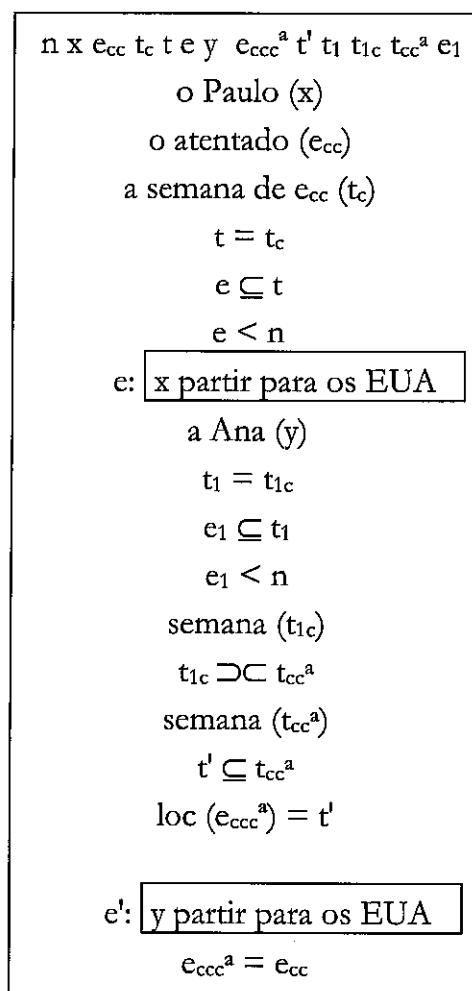
- (543) O Paulo partiu para os EUA na semana do atentado. A Ana partiu para os EUA na semana anterior a essa.
- (544) O Paulo partiu para os EUA na semana do atentado. A Ana partiu para os EUA na semana anterior a esse acontecimento.

O objectivo é mostrar que, à semelhança do que acontece na primeira sequência, na segunda o referente – aqui, reconstruído – que representa o complemento de *anterior* corresponde também um intervalo de tipo semana.

DRS-(543)



DRS-(544)



B – TDE sem conteúdo predicativo

As expressões como, p. ex., *antes (disso)*, *depois (disso)*, *anteriormente (a essa data)* e *posteriormente (a essa data)*, não têm, como se viu antes, conteúdo predicativo. Como tal, não restringem os intervalos de tempo que ordenam a ser de uma unidade de tempo específica. Veja-se a sequência seguinte:

- (545) A Ana chegou a Paris a 10 de Junho de 1980. O Paulo chegou {antes / depois} de {isso / essa data / dia / ano}.

Quando ocorrem com complementos situacionais explícitos, como na sequência abaixo, o referente de tipo t associado a esse complemento resulta da aplicação da função **loc** à situação que esse complemento descreve.

- (546) O Paulo partiu para os EUA na semana do atentado. A Ana partiu antes desse acontecimento.

DRS-(546)

$n \times e_{cc} \ t_c \ t \ e \ y \ t' \ t_1 \ t_{1c} \ e_{ccc}^a \ e_1$ Paulo (x) o atentado (e_{cc}) a semana de e_{cc} (t_c) $t = t_c$ $e \subseteq t$ $e < n$ e: x partir para os EUA Ana (y) $t_1 = t_{1c}$ $e_1 \subseteq t_1$ $e_1 < n$ $t_{1c} \supset \supset t'$ $loc(e_{ccc}^a) = t'$ e1: y partir para os EUA $e_{ccc}^a = e_{cc}$
--

5.1.4.3.2. Regras de construção das DRS

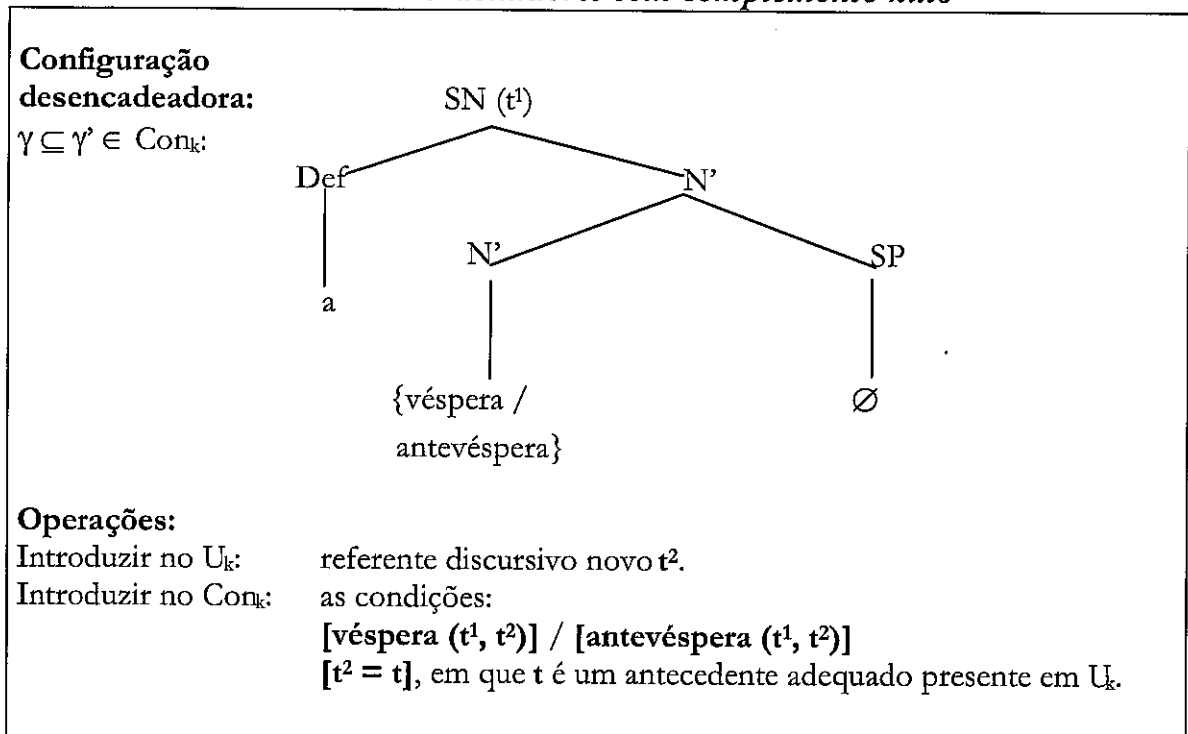
Apresento nesta secção as regras de construção de DRS subdivididas em dois grupos principais: A – TDE ordenadoras; B – TDE de identidade; Não apresento as regras relativas às TDE de medição de medição e contagem, pois seriam idênticas às de Mória 2000.

A – TDE ordenadoras

(i) SN com nomes ordenadores

As regras de construção de DRS utilizadas para gerar as representações dos SN com os nomes *véspera* e *antevéspera* são apresentadas de seguida. A primeira regra aplica-se aos casos em que o complemento desses nomes não está lexicalmente realizado. A segunda aplica-se aos casos em que esse complemento está lexicalmente expresso.

RC-DRS 5. SN com nomes ordenadores com complemento nulo



Repare-se que nesta regra não há nenhuma condição a restringir o tipo de intervalo associado ao complemento de *véspera* ou *antevéspera*. Assumo que a informação de que se deve tratar de um intervalo de tipo *dia* está guardada no léxico. Esta regra aplica-se a TDE como as presentes nas sequências seguintes:

- (547) A Ana chegou de Paris no dia 10 de Maio. O Paulo chegou na véspera.
 (548) A Ana chegou de Paris no dia 10 de Maio. O Paulo partira para Coimbra na antevéspera.

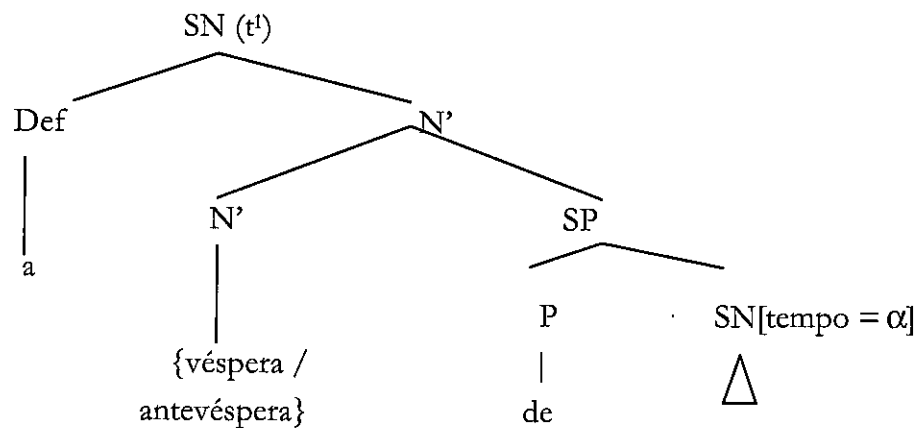
Veja-se agora a regra relativa aos nomes com complemento expreso:

RC-DRS 6. SN com nomes ordenadores com complemento expreso

Configuração

desencadeadora:

$\gamma \subseteq \gamma' \in \text{Con}_k$:



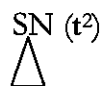
Operações:

Introduzir no U_k : referente discursivo novo t^2 .

Introduzir no Con_k : condições novas:
 $[\text{véspera } (t^1, t^2)] / [\text{antevéspera } (t^1, t^2)].$

Se $\alpha = +$,

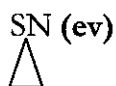
Substituir γ por:



Se $\alpha = -$,

Introduzir no Con_k : condições novas:
 $[\text{dia } (t^2)],$
 $[t^2 \subseteq t^2]$ e
 $[\text{loc } (ev) = t^2].$

Substituir γ por:



Quanto a esta última regra, é importante chamar a atenção para a distinção entre os casos em que o complemento de *véspera* / *antevéspera* é um SN com um nome de tempo, ou seja, [tempo = +], como (549), dos casos em que esse SN tem um nome situacional, isto é, [tempo = -], como (550).

(549) O Paulo regressou a Lisboa no dia das eleições. A Ana regressou na *véspera* desse dia.

(550) O Paulo regressou a Lisboa no dia das eleições. A Ana regressou na *véspera* desse acontecimento.

Como se pode ver na regra, em sequências como esta última é reconstruído o intervalo de tipo dia que inclui a situação que o nome, neste caso *acontecimento*, descreve. Esta reconstrução é do tipo daquela que se propõe no Capítulo 6, na secção relativa à anafóra reconstrutiva de localizadores de calendário.

(ii) SN com adjectivos relacionais

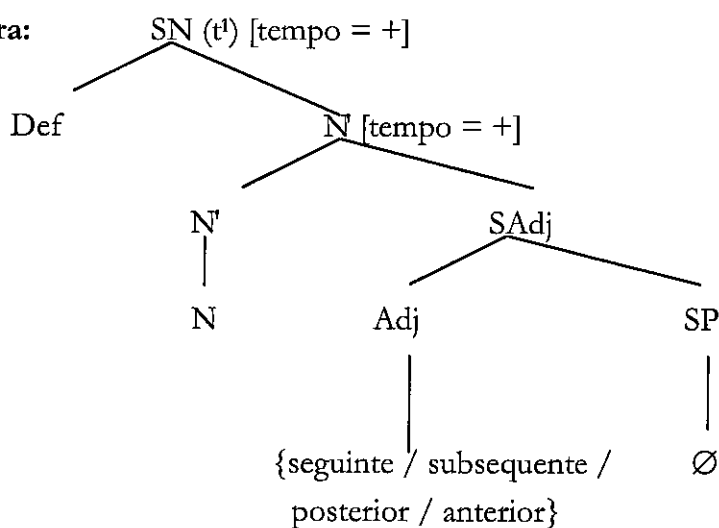
À semelhança do proposto para os SN com nomes relacionais, também apresento aqui duas regras de reconstrução de DRS, uma para os casos em que o complemento do adjectivo é nulo, outra para os casos em que ele está expresso. *Mutatis mutandis*, o processamento dos SN com a locução prepositiva *depois de*, como *o dia depois desse* e *a semana depois disso*, por exemplo, é idêntico ao dos SN com os adjectivos *seguinte*, *posterior* e *subsequente*. O processamento dos SN com a locução prepositiva *antes de*, como *o dia antes desse* e *a semana antes dessa*, por exemplo, é idêntico ao dos SN com o adjectivo *anterior*.

RC-DRS 7. SN com adjectivos ordenadores com complemento nulo

Configuração

desencadeadora:

$\gamma \subseteq \gamma' \in \text{Con}_k$:



Operações:

Introduzir no U_k : referente discursivo novo t^2 .

Introduzir no Con_k : as condições:

$[t^2 \supseteq t^1]$ (para *seguinte / subsequente / posterior*),

$[t^1 \supseteq t^2]$ (para *anterior*), onde, em ambos os casos, t^1 e t^2 representam o mesmo tipo π de intervalo (dia, ano, ...),

$[\pi(t^2)]$,

$[t^2 = t]$, em que t é um antecedente adequado presente em U_k .

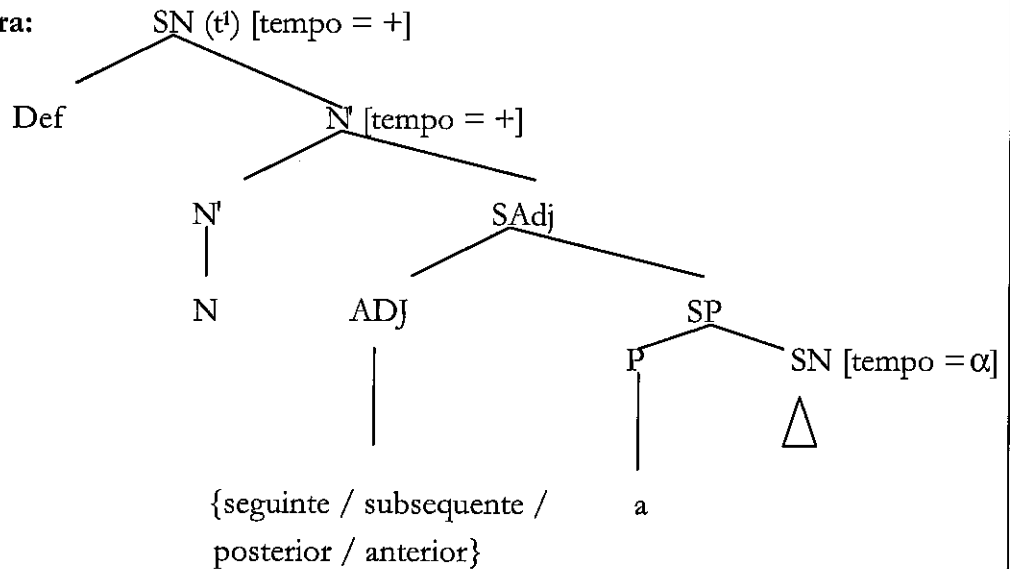
Veja-se agora a regra para os casos em que os adjectivos relacionais têm complemento expresso:

RC-DRS 8. SN com adjetivos ordenadores com complemento expresso

Configuração

desencadeadora:

$\gamma \subseteq \gamma' \in \text{Con}_k$:



Operações:

Introduzir no U_k : referente discursivo novo t^2 .

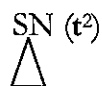
Introduzir no Con_k : as condições:

$[t^2 \supset C t^1]$ (para *seguinte / subsequente / posterior*),

$[t^1 \supset C t^2]$ (para *anterior*), onde, em ambos os casos, t^1 e t^2 representam o mesmo tipo π de intervalo (dia, ano, ...).

Se $\alpha = +$,

Substituir γ por:



Se $\alpha = -$,

Introduzir no Con_k : condições novas:

$[\pi(t^2)]$,

$[t^2' \subseteq t^2]$,

$[\text{loc}(\text{ev}) = t^2']$.

Substituir γ por:



O primeiro comentário que interessa fazer, que se aplica às duas regras, diz respeito à restrição – explicada e justificada acima – de que os dois argumentos destes adjectivos relacionais devem representar intervalos do mesmo tipo. As regras dão conta dessa restrição ao introduzirem a condição $[\pi(t^2)]$, que dá conta do facto de que o tipo do intervalo de t^2 deve ser idêntico ao de t^1 . Em segundo lugar, repare-se que também aqui a regra relativa aos SN com complemento expreso inclui condições que reconstroem, no caso dos complementos situacionais, o intervalo de tempo que contém a situação descrita. Entre os SN que podem ser processadas pelo recurso a estas regras contam-se os das sequências seguintes:

- (551) A Ana nasceu em 1965. O Paulo nasceu no ano seguinte.
- (552) A Ana nasceu em 1965. A Maria nasceu no ano anterior a esse.

(iii) SAdv e SP

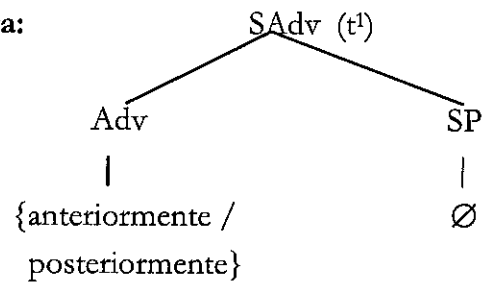
Apresento de seguida as regras para processamento das TDE com *posteriormente* e *anteriormente*. *Mutatis mutandis*, as regras que apresento a seguir aplicam-se também aos sintagmas com a locução prepositiva *depois de* – p. ex., *depois (disso)*, *depois (desse acontecimento)* – ou *antes de* – p. ex., *antes (disso)*, *antes (desse acontecimento)*. Aos primeiros, aplicam-se as condições relativas a *posteriormente* e aos segundos as condições relativas a *anteriormente*. Aplicam-se ainda, com as devidas alterações nas representações sintácticas, a *mais tarde* (cf. condições apresentadas para *posteriormente*).

RC-DRS 9. SAdv com Adv ordenadores com complemento nulo

Configuração

desencadeadora:

$\gamma \subseteq \gamma' \in \text{Con}_k$:



Operações:

Introduzir no U_k : referente discursivo novo t^2 .

Introduzir no Con_k : as condições:

$[t^2 \supset C t^1]$ (para *posteriormente*),

$[t^1 \supset C t^2]$ (para *anteriormente*),

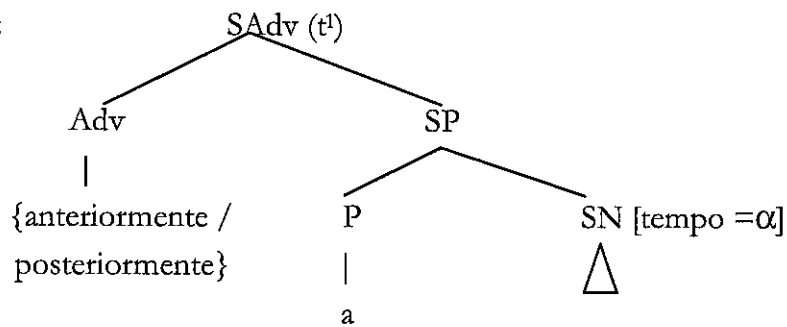
$[t^2 = t]$, em que t é um antecedente adequado presente em U_k .

RC-DRS 10. SAdv com Adv ordenadores com complemento expreso

Configuração

desencadeadora:

$\gamma \sqsubseteq \gamma' \in \text{Con}_k$:



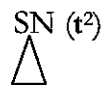
Operações:

Introduzir no U_k : referente discursivo novo t^2 .

Introduzir no Con_k : as condições:
 $[t^2 \supset \subset t^1]$ (para *posteriormente*),
 $[t^1 \supset \subset t^2]$ (para *anteriormente*).

Se $\alpha = +$,

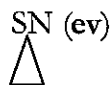
Substituir γ por:



Se $\alpha = -$,

Introduzir no Con_k : condições novas:
 $[\text{loc}(\text{ev}) = t^2]$

Substituir γ por:



As TDE que estas regras processam são do tipo das que ocorrem em (553) e (554):

- (553) O Paulo foi para Paris na semana do atentado. A Ana foi para lá posteriormente.
- (554) O Paulo doutorou-se em 1999. A Ana doutorou-se anteriormente a isso.

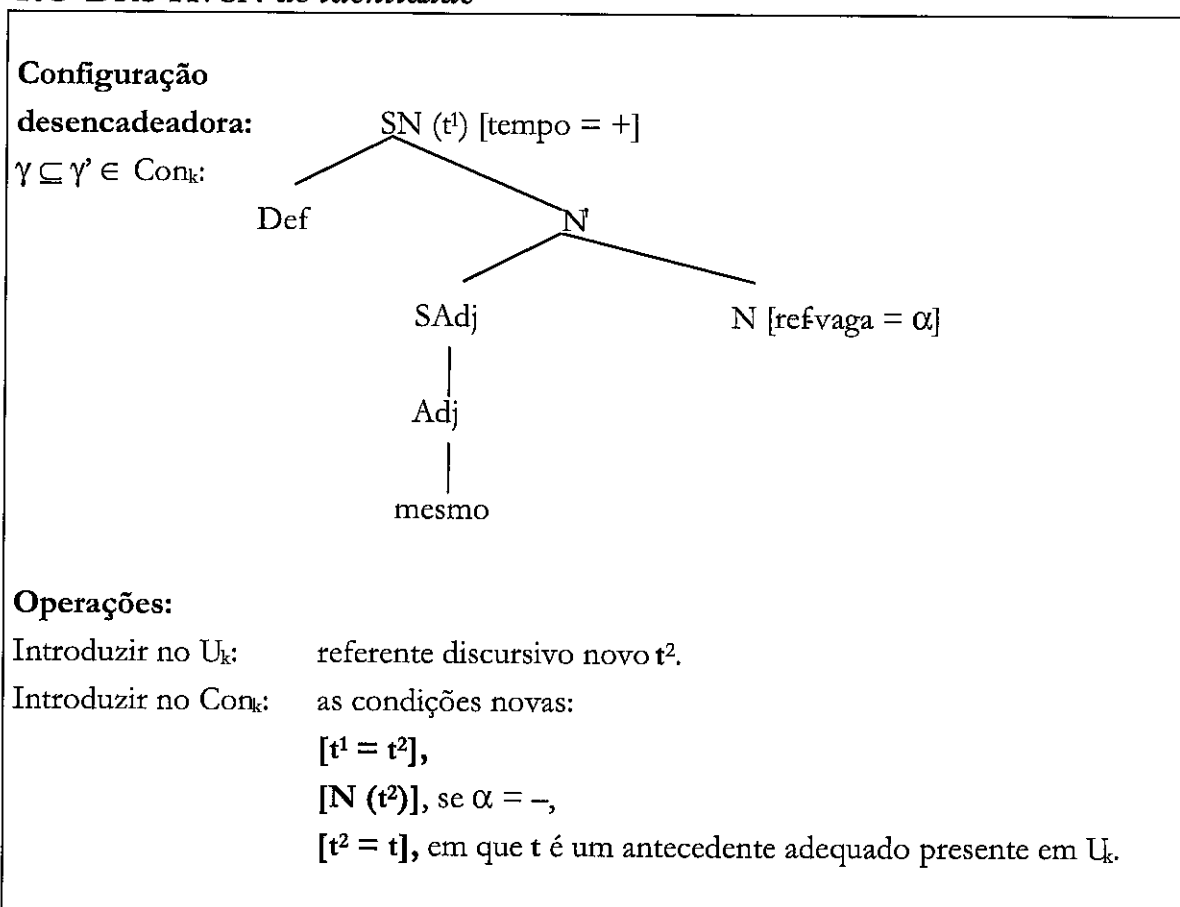
B – TDE de identidade

Apresento nesta secção as regras para os SN e para os SADV com expressões de identidade, como *o mesmo ano* e *paralelamente a isso*, por exemplo.

(i) SN

Veja-se abaixo a regra destinada ao processamento dos SN com *mesmo*:

RC-DRS 11. SN de identidade



Como expliquei antes, assumo que *mesmo* tem em seqüências como as que apresento abaixo um complemento nulo. Contudo, a questão da representação sintáctica deste tipo de SN é complexa e ultrapassa o âmbito deste trabalho, pelo que não me comprometo na regra acima com nenhuma representação em que esse argumento apareça assinalado. As TDE anafóricas presentes em (555) e (556) ilustram as que são processadas por esta regra:

(555) A Ana nasceu em 1965. O Paulo nasceu no mesmo ano.

(556) A nasceu em 1965. O Paulo nasceu na mesma altura.

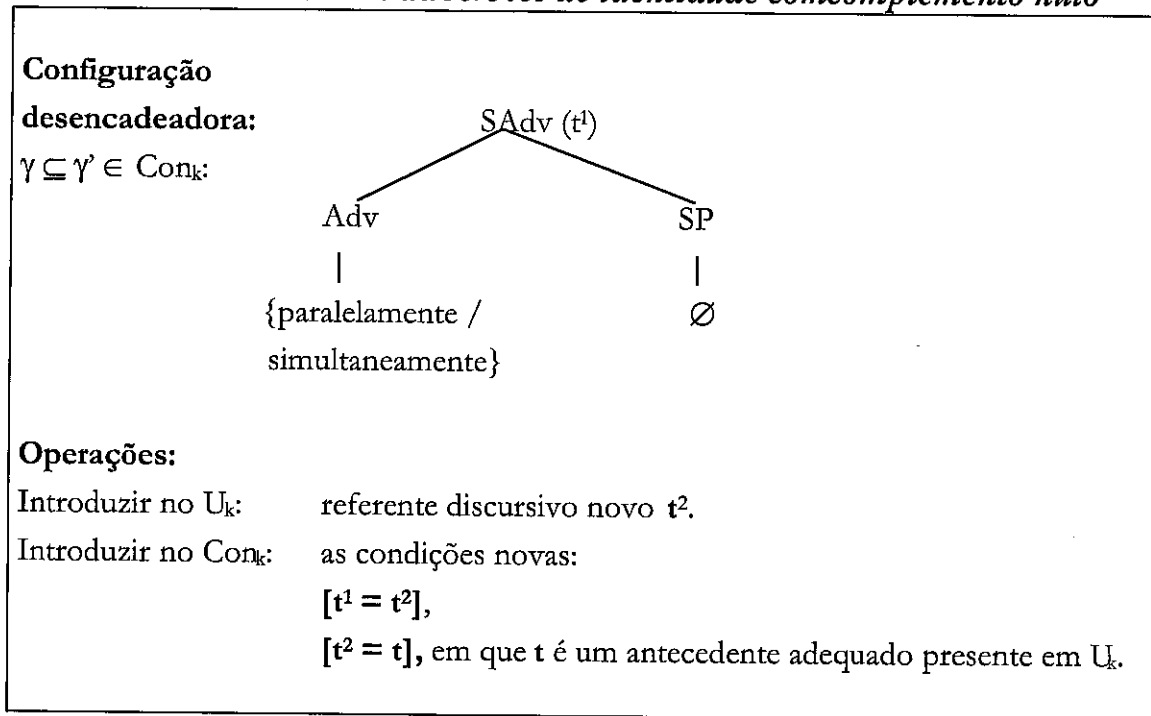
(ii) Sadv

Veja-se agora a regra para a computação de TDE com *simultaneamente* e *paralelamente*, como as presentes nas sequências seguintes:

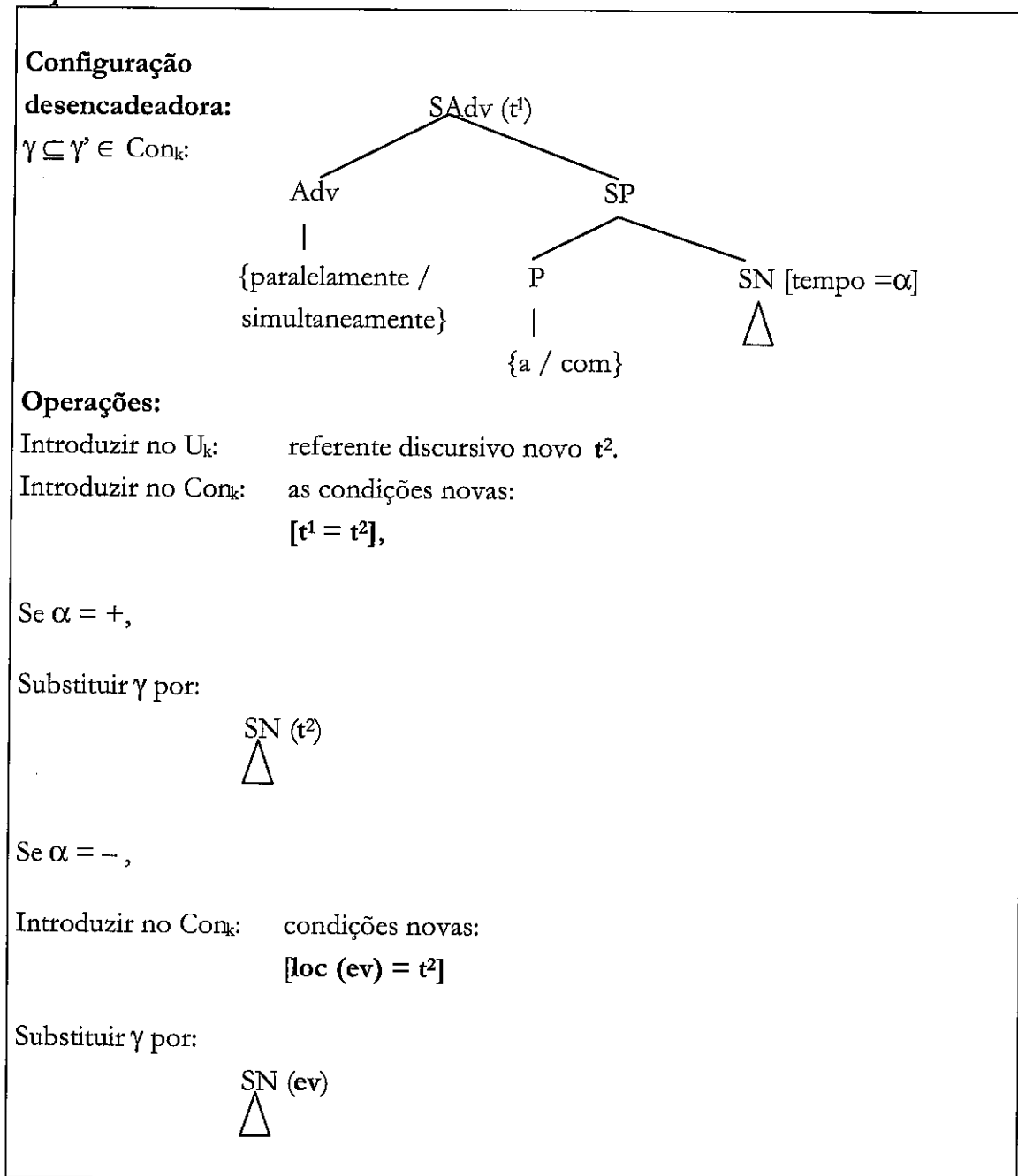
- (557) O Paulo licenciou-se em Economia. Paralelamente (a isso) tirou um curso de hotelaria.
- (558) O Paulo fez o jantar ontem. Simultaneamente (com essa tarefa) adiantou o almoço do dia seguinte.

A primeira regra destina-se a casos em que o complemento da expressão relacional não está expresso; a segunda destina-se a casos em que esse complemento está expresso.

RC-DRS 12. SADV com advérbios de identidade com complemento nulo



RC-DRS 13. SAdv com com advérbios de identidade com complemento expreso



5.1.4.4. Sobre o valor semântico próprio das expressões relacionais

As expressões relacionais ordenadoras e de identidade presentes nas TDE acima estudadas denotam, como o modo como as estou a designar indica, uma relação entre

(pelo menos) duas entidades. É o caso, nas frases que se seguem, das expressões *seguinte, véspera e mesma*.

- (559) a. O treinador do Benfica foi demitido no dia seguinte à derrota com o Sporting.
b. O Paulo chegou de Londres na véspera da defesa da tese.
c. O Paulo visitou Paris no mesmo ano em que a Ana visitou Londres.

Em qualquer destes casos, um dos argumentos dessa relação é dado por uma expressão referencialmente autónoma: *a derrota com o Sporting, a defesa da tese e o ano que a Ana visitou Londres*. São estas expressões que conferem às expressões denotadoras de tempo *o dia seguinte à derrota com o Sporting, a véspera da defesa da tese e o mesmo ano em que a Ana visitou Londres* a autonomia referencial que as caracteriza. Se atentarmos agora nos exemplos (560), reparamos que esse mesmo argumento é agora fornecido pelo contexto linguístico anterior, o que significa que estamos perante uma caso de anáfora.

- (560) a. O Benfica perdeu com o Sporting no dia 11 de Janeiro. O treinador foi demitido no dia seguinte.
b. O Paulo defendeu a tese na segunda semana de Maio. Chegou de Londres na véspera.
c. Ana visitou Londres em 1980. O Paulo visitou Paris no mesmo ano.

A existência de casos como os apresentados em (560) tem levado a que adjectivos como *anterior* e *seguinte* sejam referidos como sendo anafóricos (cf. Mória 2000: 139) e a que expressões como, por exemplo, as contrapartidas em francês de *a véspera* e *o ano seguinte*, respectivamente *la veille* e *l'année suivante*, sejam incluídas nos grupos das expressões temporais anafóricas (cf. Borillo 1983 e Bras 1990). Note-se, porém, que exemplos como os que apresento antes em (559) não são tidos em conta. Assim sendo, chamo a atenção para o facto de que as expressões ordenadoras e de identidade não são em si mesmas classificáveis como dêicticas, anafóricas ou autónomas, pelo que a designação de adjectivos anafóricos só pode ser entendida como querendo significar que os mesmos se combinam com complementos anafóricos. O que tem real valor anafórico (ou dêictico ou autónomo) é apenas o complemento da expressão ordenadora, apenas se podendo considerar, no que respeita ao localizador no seu todo, que ele recebe um traço de dependência anafórica (ou de dependência dêictica ou de autonomia referencial) a partir do seu constituinte relevante. Nas frases (559), em que o complemento da expressão relacional está lexicalmente realizado, isto é particularmente evidente. No que respeita a casos como (560), em que o mesmo complemento não está expresso, e tal como explicado na secção anterior, considero

que as expressões relacionais têm aí um complemento anafórico nulo, representado abaixo de forma simplificada por \emptyset_{tcc}^a .

- (561) a. O Benfica perdeu com o Sporting no dia 11 de Janeiro. O treinador foi demitido no dia seguinte a \emptyset_{tcc}^a .
b. O Paulo defendeu a tese na segunda semana de Maio. Chegou de Londres na véspera de \emptyset_{tcc}^a .
c. Ana visitou Londres em 1980. O Paulo visitou Paris no mesmo ano que \emptyset_{tcc}^a .

5.1.4.5. A anáfora envolvendo expressões relacionais como uma instância da anáfora substitutiva

Molinés 1988: 14 apud Bras 1990: 100 distingue três tipos de anáfora no que respeita à relação que a expressão anafórica mantém com o antecedente:

“Le repère nécessaire à l’interprétation des adverbes anaphoriques, appelé antécédent anaphorique, est en général déterminé par le discours précédent. On peu distinguer plusieurs types d’anaphores en étudiant les liens entre l’antécédent et l’objet de l’anaphore :

- anaphore substitutive : *le 1er janvier ...ce jour là,*
- anaphore relationelle: *le 1er janvier ...le lendemain,*
- anaphore méronomique : *ce jour là ...le matin“.*

Centremo-nos na oposição entre a anáfora relacional e a anáfora substitutiva. Tanto quanto podemos concluir a partir da citação acima, as autoras consideram como anáfora substitutiva casos em que há co-referência entre a expressão anafórica e o seu antecedente (cf. *le 1er janvier ...ce jour là*) e anáfora relacional aqueles casos em que a expressão anafórica e o seu antecedente estão ligados por uma uma relação que não envolve co-referência (cf. *le 1er janvier ...le lendemain*). Vejamos agora as sequências (562) abaixo, que, segundo a tipologia cima, são casos de anáfora relacional.

- (562) a. O Paulo foi a Londres em 1990. A Maria foi lá no ano seguinte.
b. O Paulo fez o jantar ontem à noite. A Maria tinha cozinhado na véspera.
c. O Paulo licenciou-se em 1988. A Ana licenciou-se no ano anterior.

De acordo com a análise exposta na secção anterior, em todos estes casos a expressão relacional (seja ela ordenadora ou de identidade) tem um complemento nulo anafórico, que é o elemento que introduz na representação semântica o referente discursivo anafórico, representado abaixo por \emptyset_{tcc^a} .

- (563) a. O Paulo foi a Londres em 1990. A Maria foi lá no ano seguinte \emptyset_{tcc^a} .
- b. O Paulo fez o jantar ontem à noite. A Maria tinha cozinhado na véspera \emptyset_{tcc^a} .
- c. O Paulo licenciou-se em 1988. A Ana licenciou-se no ano anterior \emptyset_{tcc^a} .

Tal significa que a relação existente entre a anáfora e o seu antecedente é idêntica à que existe entre a anáfora e o respectivo antecedente nas sequências seguintes:

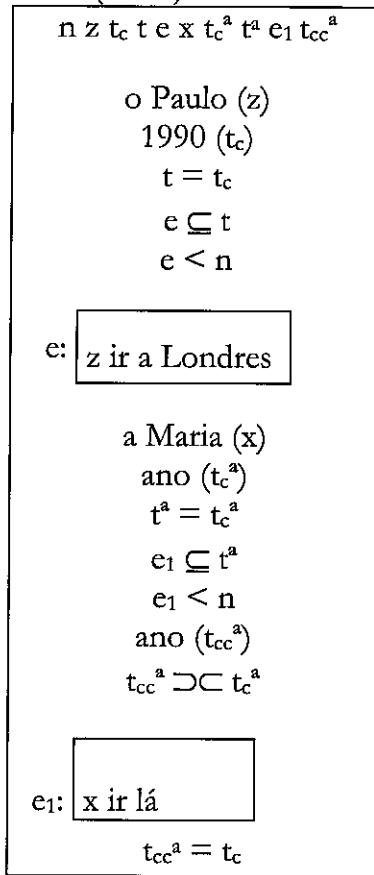
- (564) a. O Paulo foi a Londres em 1990. A Maria foi lá no ano seguinte a esse fantástico ano.
- b. O Paulo fez o jantar ontem à noite. A Maria tinha cozinhado na véspera desse dia.
- c. O Paulo licenciou-se em 1988. A Ana licenciou-se no ano anterior a esse cansativo ano.

Segundo me parece, a relação existente entre a anáfora nula e o seu antecedente em (562) assim como a existente entre a anáfora lexical e o seu antecedente em (564) não é diferente da existente entre a anáfora e o seu antecedente em (565), apesar de nos dois primeiros casos a TDE anafórica conter uma expressão relacional e no terceiro não.

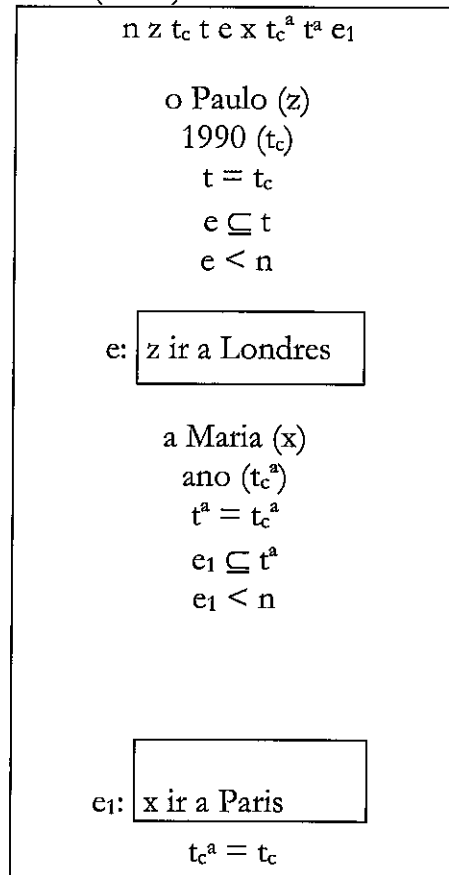
- (565) a. O Paulo foi a Londres em 1990. A Maria foi a Paris nesse ano.
- b. O Paulo fez o jantar ontem à noite. A Maria pôs a mesa entretanto.
- c. O Paulo licenciou-se em 1988. Vive em Lisboa desde então.

Em (563), em (564) e em (565), a relação entre expressão anafórica e seu antecedente envolve co-referência, o que significa que se trata sempre de anáfora substitutiva. A título de exemplo, compare-se a representação simplificada da frase (562 a) com a de (565 a), que também contém simplificações:

DRS-(562 a)



DRS-(565 a)



Repare-se que em qualquer dos casos acontece que o referente anafórico, respectivamente, t_{cc}^a e t_c^a , está numa relação de co-referência com o seu antecedente, representado aqui por t_c .

A minha proposta de análise dos casos de anáfora envolvendo expressões relacionais diverge, pois, da de Molinés 1988 e Bras 1990, já que considero que o conceito de anáfora relacional não faz sentido. A anáfora, como a etimologia da palavra documenta, é sempre remissão para algo mencionado antes. Considero que a anáfora é sempre substitutiva, mesmo nos casos que envolvem expressões relacionais, como *posteriormente*, *anteriormente*, *antes*, *depois*, entre outras. A principal consequência positiva desta análise é a uniformização do tipo de anáfora associada a TDE com expressões relacionais e a anáfora associada a TDE a que chamei absolutas.

5.1.5. TDE relativas a um intervalo de tempo implícito: TDE anafóricas e TDE dêicticas

No que respeita ao intervalo de tempo relativamente ao qual são computadas, podemos dividir as TDE relativas a um intervalo de tempo implícito em dois grupos: o grupo das dêicticas, que contém as TDE relativas ao tempo da enunciação, e o grupo das anafóricas que contém as TDE relativas a um intervalo fornecido pelo contexto linguístico. Algumas expressões são mistas, ou seja, podem ocorrer na dependência de qualquer um desses tempos. Veja-se o quadro seguinte:

Quadro 26. Classificação das TDE quanto à sua natureza referencial

Expressões denotadoras de tempo relativas a um intervalo de tempo implícito				
	autónomas	anafóricas		dêicticas
SIMPLES				amanhã hoje ontem
ORDENADORAS			ultimamente recentemente	o próximo ano o mês passado proximamente futuramente
DE MEDIÇÃO E CONTAGEM		havia duas semanas havia dois sábados	há duas semanas há dois sábados	dentro de dois dias

Apresento abaixo os dados relativos à classificação das expressões presentes no quadro:

TDE anafóricas

- (566) Uma tia-avó da Ana morreu subitamente o mês passado. Sentia-se muito deprimida ultimamente.
- (567) A Ana foi a Londres em 2001. A nova Tate fora inaugurada recentemente.
- (568) A Ana foi a Londres em 2001. A nova Tate fora inaugurada havia {duas semanas / dois sábados}.
- (569) A Ana foi a Londres em 2001. A nova Tate fora inaugurada há {duas semanas / dois sábados}.

TDE dêicticas

- (570) A Ana parte para Paris amanhã.
- (571) A Ana chega de Londres hoje.
- (572) A Ana chegou de Londres ontem.
- (573) A Ana vai a Londres no próximo ano.
- (574) A Ana esteve em Londres no mês passado.
- (575) A Ana vai a Londres proximamente.
- (576) A Ana irá a pé para a o trabalho futuramente.
- (577) A Ana parte para Londres dentro de dois dias.
- (578) A Ana tem viajado muito ultimamente.
- (579) A Ana foi a Londres recentemente.
- (580) A Ana esteve em Londres há {duas semanas / dois sábados}.

Limito-me a chamar a atenção para os dados relativos a *ultimamente*, *recentemente* e *há {duas semanas / dois sábados}*, que mostram que estas expressões podem ocorrer quer na dependência de um intervalo de tempo representado no contexto linguístico (cf. (566), (567) e (569)) quer na dependência de um tempo da enunciação (cf. (578), (579) e (580)).

5.1.5.1. A estrutura sintáctica das TDE anafóricas

No que diz respeito à categoria sintáctica, as TDE anafóricas consideradas são da categoria SAdv ou da categoria F, como se pode ver no quadro 27:

Quadro 2. Subtipos sintácticos de TDE anafóricas

TDE relativas a um intervalo de tempo implícito		
simples	Sintagmas Adverbiais	<i>ultimamente</i> <i>recentemente</i>
de medição e contagem	Frases	<i>há duas semanas</i> <i>havia duas semanas</i> <i>há dois sábados</i> <i>havia dois sábados</i>

A classificação sintáctica das TDE do tipo de *há duas semanas* é uma questão difícil de resolver, e sobre a qual não entrarei aqui em detalhes Como mencionado antes na

literatura (cf., p. ex., Mória 2000), têm possivelmente um estatuto de frase, claramente visível através da presença da forma verbal *há*. Repare-se que essa forma verbal flexiona e que é possível introduzir na TDE um advérbio como, por exemplo, *talvez*:

- (581) O Paulo chegou no dia 20. A Maria tinha chegado havia duas semanas.
 (582) O Paulo chegou de Paris há talvez duas semanas.

5.1.5.2. Subtipos semânticos das TDE anafóricas

No que respeita ao tipo de condições que introduzem na representação semântica, as TDE anafóricas repartem-se por dois grupos, tal como se indica no quadro que segue:

Quadro 28. Subtipos semânticos de TDE anafóricas

Subtipos de expressões		Condições de DRS para TDE (t_c)	Exemplos de expressões
ORDENADORAS	POSTERIORIDADE	$[TP_{pt} \supset c t_c]$?
	ANTERIORIDADE	$[t_c \supset c TP_{pt}]$	<i>recentemente</i>
DE MEDIÇÃO		$[QT-TPO (mt)]$ $[dur (t') = mt]$ $[beg (t') \subseteq t_c]$ $[end (t') = TP_{pt}]$	<i>há duas semanas</i> <i>havia duas semanas</i>
DE CONTAGEM		$[T = Q]$ $[T = \Sigma t'' [[PERÍODO (t'')] \wedge [t'' \subseteq t']] K1]$ $[t_c \in T]$ $[beg (t') = beg (t_c)]$ $[end (t') = TP_{pt}]$	<i>há dois sábados</i>

De acordo com o quadro, estas expressões subdividem-se em TDE ordenadoras e TDE de medição e contagem. Relativamente às expressões ordenadoras, é importante fazer dois comentários. O primeiro diz respeito a ausência de exemplos ilustrativos das

TDE ordenadoras de posterioridade anafóricas. Com efeito, não encontrei exemplos de tais expressões. Note-se que *futuramente* e *proximamente* podem ocorrer em casos de discurso indirecto livre (cf. (583)), que considero semelhantes aos de "shifted deixis" apontados em Smith 1991: 142, mas não em contexto de anáfora (cf. (584)).

(583) O Paulo demorou uma hora a arranjar lugar para o carro. Futuramente iria de metro para o trabalho, pensou ele.

(584) *O Paulo presidiu à companhia até 1988. A Ana presidiria futuramente.

O segundo comentário relaciona-se com o facto de as condições que representam as TDE ordenadoras de anterioridade não incluírem uma condição relativa à fronteira inicial do intervalo por elas representado. Na linha do defendido por vários autores (cf., p. ex., Heinämäki 1974, Kamp e Reyle 1993 e Móia 2000) para as TDE com *antes* e *depois*, considero que também no caso das que envolvem *recentemente* a fronteira não marcada do intervalo que essas expressões representam não é completamente arbitrária. No caso desta última, o seu conteúdo lexical revela-nos que essa fronteira não pode situar-se a uma grande distância da primeira fronteira, isto é, da fronteira final. O intervalo que essa TDE denota corresponde a um passado recente. Outras restrições que permitam localizar essa fronteira de forma menos vaga advirão, como notado nos referidos autores, da sua interacção com outras expressões temporais e do tipo de situação envolvido nas sequências em que ocorrem (cf. (585) e (586)):

(585) A Ana foi a Londres em 2000. A nova Tate fora inaugurada recentemente.

(586) A Maria foi a casa da Ana na semana passada. A mãe dela tinha lá estado recentemente. A casa estava muito arrumada.

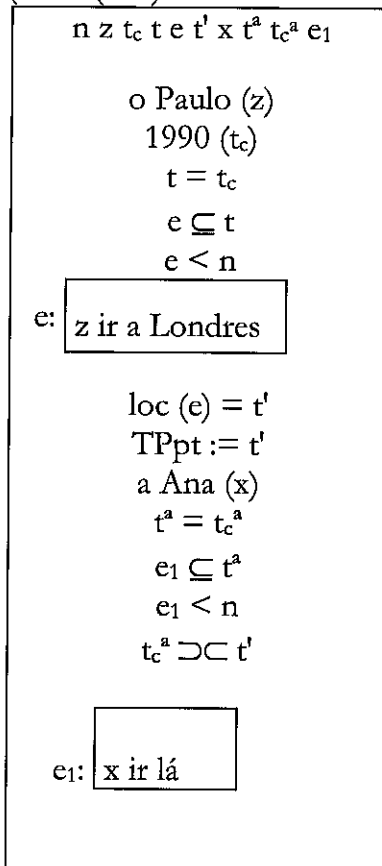
Quanto às TDE de medição e contagem, a sua representação envolve as condições de DRS apresentadas em Móia 2000: 243 (casos de medição) Móia 2000: 250 (casos de contagem).

Apresento abaixo as DRS correspondentes às frases (587) e (588), ilustrando, respectivamente a representação de TDE de ordenação e de TDE de medição anafóricas. Veja-se:

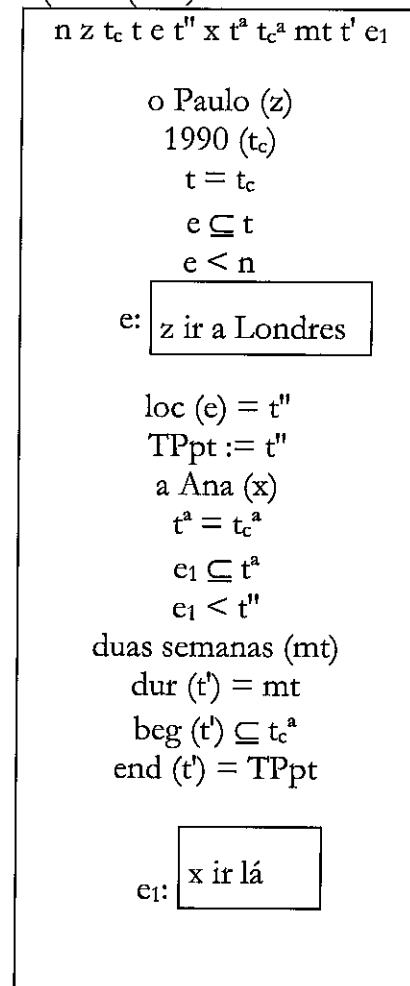
(587) O Paulo foi a Londres em 1990. A Ana fora lá recentemente.

(588) O Paulo foi a Londres em 1990. A Ana fora lá havia duas semanas.

(DRS-(587))



(DRS-(588))



5.1.5.3. O processamento das TDE anafóricas

Nesta secção apresento a regra de reconstrução de DRS respeitante ao processamento das expressões ordenadoras anafóricas em estudo. As regras de representação das TDE de medição e contagem foram dadas em Mória 2000, pelo que não as repetirei aqui.

RC-DRS 14. TDE ordenadoras

Configuração	
desencadeadora:	SAdv (t^1)
$\gamma \subseteq \gamma' \in \text{Con}_k$:	
	Adv
	{ultimamente / recentemente}
Operações:	
Introduzir no Con_k :	a condição:
	$[t^1 \supset \subset \text{TPpt}]$
Substituir γ por:	t^1

5.2. Localizadores anafóricos dependentes de um ponto de perspectiva temporal anafórico

Os casos que apresento nesta secção distinguem-se dos abordados antes, já que aqui a natureza anafórica do localizador não deriva da TDE que ocorre no seu complemento. Relembremos a comparação apresentada na introdução deste capítulo entre os localizadores anafóricos de (589) e (590) e os de (591) e (592).

- (589) A Ana nasceu em Maio de 1965. O Paulo nasceu no mesmo mês.
(590) A Ana visitou Paris em 1980. O Paulo visitou Londres nesse ano.

Aqui os localizadores *no mesmo mês* e *nesse ano* são anafóricos porque no seu complemento ocorrem, respectivamente, as TDE anafóricas *o mesmo mês* e *esse ano*. Nos casos seguintes, verifica-se que os localizadores *até 2001* e *desde 1980* têm complementos autónomos e, no entanto, exibem uma dependência relativamente ao contexto linguístico que os precede:

- (591) O Paulo mudou-se para Nova Iorque em 1992. Ficaria nos EUA até 2001.
(592) O Paulo mudou-se para Nova Iorque em 1992. Vivia em Austin desde 1980.

A dependência que estas expressões exibem é relativa ao ponto de perspectiva temporal – TPpt. Os casos que interessam neste trabalho são aqueles em que, como aqui, o TPpt é fornecido pelo contexto linguístico anterior, isto é, os casos em que há uma dependência anafórica. É dessa dependência que tratarei nas secções seguintes.

Esta secção 5.2. é bastante mais reduzida do que a secção 5.1. Note-se que aqui me concentrarei apenas sobre dois tipos de localizadores, já estudados na literatura, ao passo que na secção anterior os localizadores em estudo eram em número bastante superior, e, tanto quanto sei, na maior parte dos casos não tinham ainda sido objecto de um estudo integrado e composicional. Além disso, não me deterei na questão da sua representação formal, dado que tanto Kamp e Reyle 1993 como Mória 2000 propõem representações e, no caso do último autor, regras de construção de DRS, relativamente às quais não tenho alterações a sugerir.

Como referido na literatura (p. ex., Asher et al. 1995 e Mória 2000), as expressões temporais introduzidas por *desde* e *até* representam intervalos de que apenas uma fronteira é explicitamente referida. Essa fronteira, representada pelo complemento dos operadores, é, no caso de *desde*, a fronteira inicial e, no caso de *até*, a fronteira final. A fronteira que não é explicitamente referida é definida a partir do ponto de perspectiva temporal, que, como se sabe, depende do tempo verbal usado. Repare-se nos exemplos que seguem, em que o complemento do operador temporal é uma expressão referencialmente autónoma³³.

(593) O Paulo vivia em Lisboa desde 1980.

(594) O Paulo ficaria em nos EUA até 2005.

O tempo verbal destas frases é o pretérito imperfeito do indicativo, na primeira, e o futuro do pretérito, na segunda. De acordo com Peres 1993, estas duas formas requerem um ponto de perspectiva temporal passado, marcando uma relação de

³³ Como atestado na literatura, estes localizadores nem sempre dependem de um TPpt presente no contexto linguístico. Vejam-se os exemplos seguintes:

(i) O Paulo vive em Lisboa desde 1980.

(ii) O Paulo ficará nos EUA até 2005.

Estas duas frases têm o verbo no presente do indicativo. Os intervalos de tempo definidos pelas expressões adverbiais nelas presentes correspondem a períodos de tempo que medeiam entre 1980 e o TPpt (aqui, o tempo da enunciação, *n*) – cf. (i) – e entre o TPpt (aqui, também o tempo da enunciação) e 2005 – cf. (ii). Assim sendo, pode-se considerar que nestes casos, apesar da natureza autónoma do seu complemento, que explicitamente define uma das fronteiras, estas expressões dependem, no que respeita à definição da segunda fronteira, do contexto da enunciação, o que as caracteriza como dêicticas.

sobreposição ou posterioridade a esse ponto, respectivamente. Como indicado anteriormente (cf. capítulo 3), as condições associadas à definição desses tempos são, respectivamente, as seguintes:

(595) [TPpt := o], [o < n], [ev ○ o]

(596) [TPpt := o], [o < n], [o < ev]

É com esse ponto de perspectiva temporal que é identificada a segunda fronteira (isto é, aquela que não é dada explicitamente) do intervalo representado por cada uma das expressões adverbiais. A dependência discursiva gera-se quando – como acontece em (593) e (594) – esse ponto, necessário ao processamento do imperfeito, é fornecido pelo contexto linguístico anterior à expressão adverbial. Note-se que as frases (593) e (594), isoladas, causam no leitor a mesma estranheza que se sente perante um caso que envolva uma TDE anafórica sem antecedente. Essa estranheza desaparece quando as frases são integradas em sequências como as que se seguem:

(597) O Paulo mudou-se para Coimbra em 1990. Vivia em Lisboa desde 1980.

(598) O Paulo mudou-se para Nova Iorque em 1992. Ficaria nos EUA até 2005.

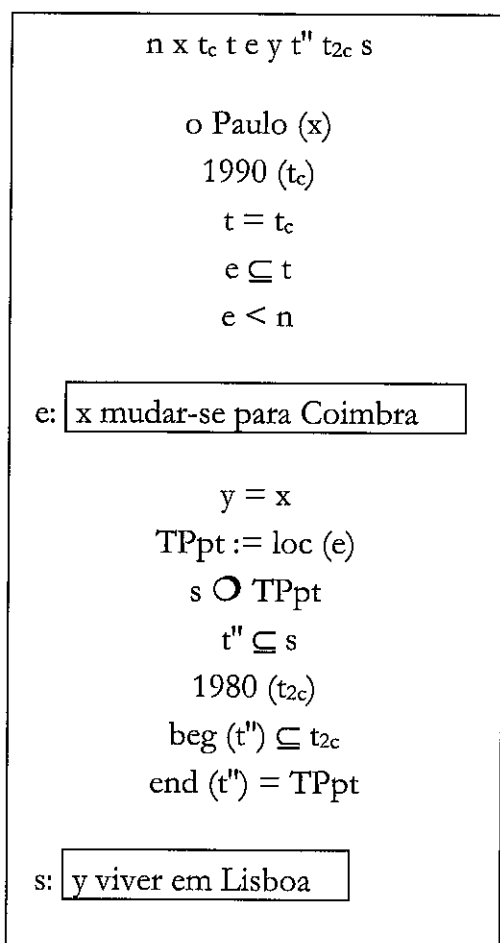
Aqui, são as situações descritas no período inicial de cada sequência – a situação de o Paulo se mudar para Coimbra e a de ele se mudar para Nova Iorque – que contribuem com o necessário ponto de perspectiva temporal, e que conseqüentemente marcam a fronteira final e a fronteira inicial dos intervalos que as expressões adverbiais representam.

Em termos de DRT, e tal como acontece nos outros tipos de anáfora, a dependência anafórica das expressões adverbiais implica uma operação de selecção, de entre os referentes discursivos já presentes no universo da DRS, de um referente discursivo apropriado. De acordo com Kamp e Reyle 1993: 604, essa selecção restringe-se a referentes discursivos introduzidos por situações e por expressões temporais.

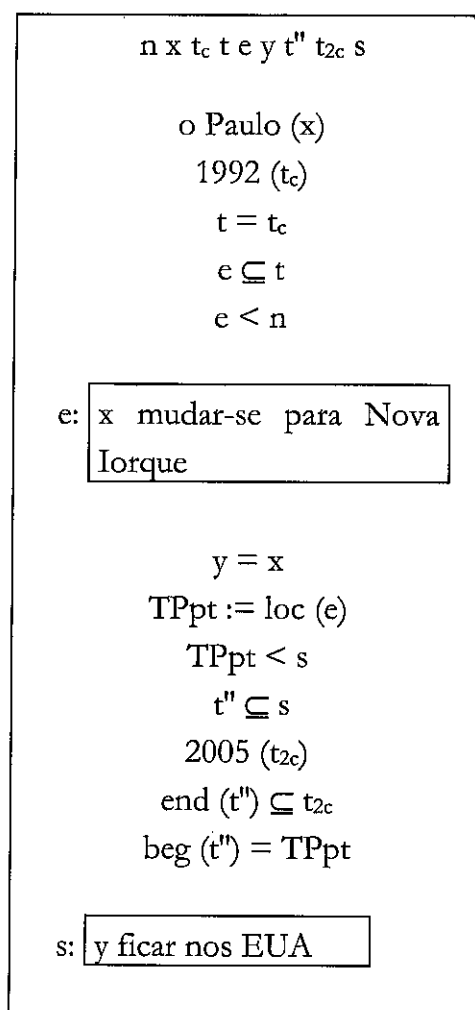
“[This time the step involves choosing for the TPpt some discourse referent other than n.] As with Rpts we stipulate that the choice is restricted to discourse referents for events and for times.”

Vejam-se abaixo as representações de (597) e (598):

DRS-(597)



DRS-(598):



5.3. Conclusões

Sucintamente, identifiquei neste capítulo dois subtipos de localizadores: os localizadores anafóricos que envolvem o processamento de uma anáfora no seu complemento, e os localizadores que, independentemente de terem ou não uma anáfora no seu complemento, exibem uma dependência face a um TPpt dado no contexto linguístico. O meu estudo centrou-se em torno dos localizadores do primeiro tipo, nomeadamente na questão da estrutura sintáctica e das propriedades semânticas das TDE anafóricas que ocorrem no seu complemento. O grau de complexidade dessas expressões é variável. A sua computação pode ser feita sem o recurso a um outro intervalo de tempo (cf. TDE absolutas) ou pode envolver ainda pelo menos mais um intervalo de tempo, explicitável ou implícito (cf. TDE relativas). No que respeita a um subtipo das primeiras, as proformas, propus uma distinção entre expressões

[+ locativo] e [- referencial] e expressões [+locativo], [+ referencial]. Quanto às TDE relativas que envolvem um segundo intervalo de tempo explicitável, distingui diversos tipos, nomeadamente ordenadoras, de identidade e de medição contagem a partir de pontos de ancoragem temporal (cf. Mória 2000). Centrei o meu estudo em torno dos dois primeiros subtipos, que suscitam questões interessantes no plano sintáctico e semântico. Trata-se de TDE que integram expressões relacionais (cf. *seguinte*, *anterior* e *mesmo*). Duas das questões abordadas foram a da reconstrução do complemento dessas expressões nos casos em que ele não está expresso e a das restrições que incidem sobre esse complemento. Quanto à primeira, propus que sempre que o complemento não está expresso há um complemento anafórico nulo. Acerca da segunda, considerei que no caso dos localizadores que identificam um intervalo de tempo de uma medida específica (dia ou mês, por exemplo), esse complemento representa um intervalo do mesmo tipo, mesmo nos casos em que o complemento é uma expressão que descreve uma situação (cf. *o dia seguinte a esse acontecimento*). A solução apontada para a primeira destas questões permitiu que casos considerados na literatura como envolvendo anáfora relacional pudessem ser considerados anáfora substitutiva. O conceito de anáfora relacional foi considerado inapropriado, tendo eu proposto que a relação anafórica é sempre de substituição. No respeitante às TDE relativas a um tempo implícito, a ideia nova que introduzi foi que a de que introduziriam na representação semântica condições de DRS redutíveis, que se desdobrariam numa pluralidade de condições de acordo com o seu significado. Quanto às TDE em geral, introduzi ainda uma distinção semântica importante: a distinção entre TDE com conteúdo predicativo e TDE sem conteúdo predicativo. As primeiras impõem restrições sobre o seu antecedente que variam de acordo com o predicado de tempo que as integra.

Parte III

Funcionamento discursivo dos localizadores temporais adverbiais anafóricos

Capítulo 6

Diversidade da localização temporal adverbial anafórica

Neste capítulo, apresento as distinções que considero relevante estabelecer no que respeita à localização temporal adverbial anafórica. Considerarei três planos de análise distintos: o plano sintático, o plano semântico e o plano discursivo. Na impossibilidade de desenvolver todos os subtipos de anáfora apresentados, optei por, a título ilustrativo, tratar de forma mais detalhada dois subtipos de anáfora reconstrutiva, a anáfora reconstrutiva situacional e a anáfora reconstrutiva de intervalos de tempo a partir de fronteiras temporais.

6.1. Diversidade da localização temporal adverbial anafórica no plano sintático

No que respeita ao nível sintático de análise, importa assinalar os subtipos de anáfora associados quer à diversidade de categorias sintáticas a que as expressões anafóricas que integram o complemento do localizador podem pertencer (cf. 6.1.1.) quer às diferentes posições em que, na estrutura do complemento do localizador temporal, ocorre a expressão anafórica que confere ao localizador no seu todo o carácter anafórico (cf. 6.1.2.).

6.1.1. Subtipos categoriais de anáforas

As expressões denotadoras de tempo anafóricas estudadas neste trabalho repartem-se pelas categorias sintáticas especificadas em (i)-(iv). Note-se que incluo nesta lista de categorias sintáticas tanto expressões básicas (cf. proformas) como expressões complexas, ou seja, TDE que já são compostas a partir de expressões básicas (cf. sintagmas preposicionais e alguns sintagmas adverbiais).

(i) sintagmas nominais

esse ano, a altura, o mesmo dia, o meio tempo, esses dois dias

(ii) proformas³⁴

então, aí, ali, lá, isso, isto, entretanto

(iii) sintagmas adverbiais

posteriormente a isso, anteriormente a isso, recentemente, ultimamente

(iv) sintagmas preposicionais

antes disso, depois disso

6.1.2. Subtipos configuracionais de anáforas

Como mencionado no capítulo 3, a estrutura básica dos localizadores temporais envolve, além de um operador, um complemento que representa um intervalo de tempo. As expressões que desempenham o papel de complemento variam no que respeita ao grau de complexidade da sua estrutura sintáctica, podendo ser simples (cf. p. ex., *então, lá*) ou complexas (cf., p. ex., *a véspera desse dia, o dia seguinte ao desse acontecimento*). Estas últimas envolvem uma expressão que selecciona também um complemento, que, por sua vez, pode ser também uma expressão complexa. As expressões anafóricas, que transmitem ao localizador a sua natureza anafórica, podem ocorrer em qualquer uma dessas posições. Vejam-se os casos apresentados em (i)-(iii):

(i) posição de complemento do operador temporal (t_c^a)

em + essa altura (cf. *nessa altura*)

enquanto + isso (cf. *enquanto isso*)

desde + então (cf. *desde então*)

(599) O Paulo mudou-se para Paris em 1988. Conheceu a Ana nessa altura.

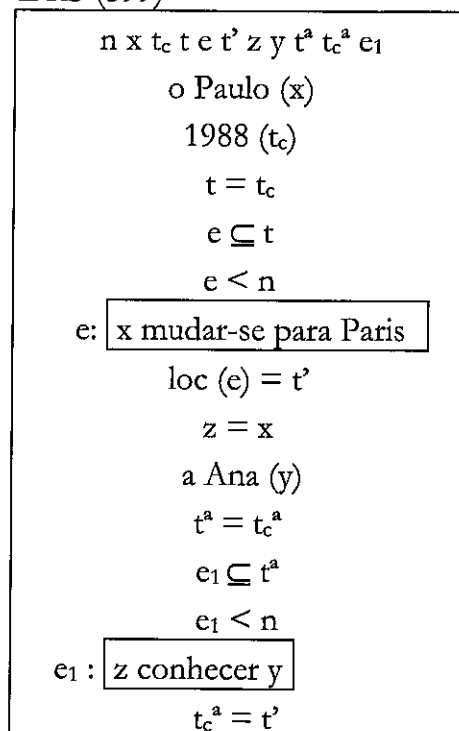
(600) O Paulo fez o jantar. Enquanto isso a Rita pôs a mesa.

(601) A Ana licenciou-se em 1987. Vive em Lisboa desde então.

Dou abaixo, e a título ilustrativo, a DRS (simplificada) que representa a sequência (599):

³⁴Note-se uma vez mais que, do ponto de vista morfológico histórico, algumas das proformas são claramente complexas. É o caso de *então* e *entretanto*.

DRS-(599)



O que interessa fazer notar é que a expressão anafórica básica, que é aquela que ocorre na condição de identidade típica das anáforas – cf. [$t_c^a = t'$] –, corresponde ao complemento do operador temporal. O mesmo não acontece com outras expressões, como mostro em (ii) e (iii).

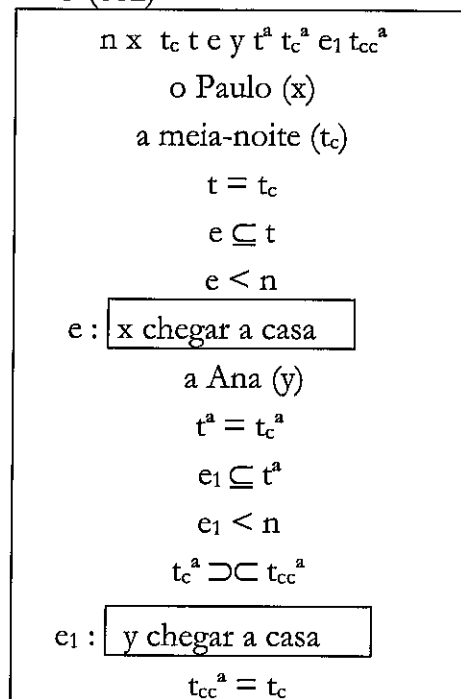
(ii) posição de complemento do t_c^a (t_{cc}^a)

- | | | | | |
|------------------|---|--------------|---|---|
| \emptyset_{em} | + | antes de | + | isso (cf. <i>antes disso</i>) |
| \emptyset_{em} | + | depois de | + | isso (cf. <i>depois disso</i>) |
| em | + | a véspera de | + | esse dia (cf. <i>na véspera desse dia</i>) |

- (602) O Paulo chegou a casa à meia noite. A Ana chegou antes disso.
 (603) O Paulo chegou a casa à meia noite. A Ana chegou depois disso.
 (604) A Ana regressou a Lisboa no dia 15 de Janeiro. O Paulo regressou na véspera desse dia.

Atente-se na representação da sequência (602):

DRS-(602)



Aqui a expressão anafórica mais básica, a que figura em [$t_{cc}^a = t$], ocorre encaixada na expressão maior que constitui o complemento do operador do tipo de \emptyset_{em} .

(iii) posição de complemento do t_{cc}^a (t_{ccc}^a)

desde + antes de + a semana anterior a + a semana desse importante acontecimento (cf. *desde antes da semana anterior à (semana) desse importante acontecimento*)

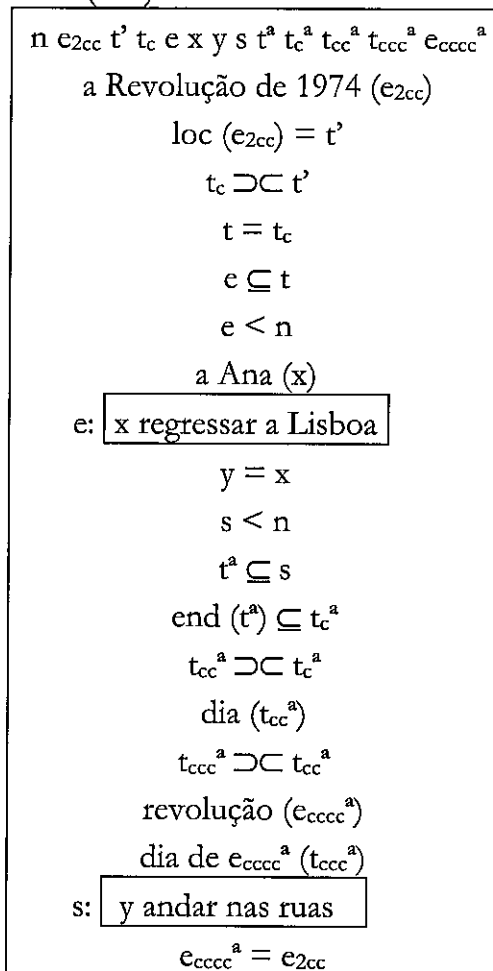
até + depois de + o dia seguinte a + (o dia de) essa revolução (cf. *até depois do dia seguinte a (o dia de) essa revolução*)

(605) A Ana regressou a Lisboa depois da Revolução. O Paulo estava em Portugal desde antes da semana anterior à (semana) desse importante acontecimento.

(606) A Ana regressou a Lisboa antes da Revolução de 1974. Andou nas ruas até depois do dia seguinte a (o dia de) essa revolução.

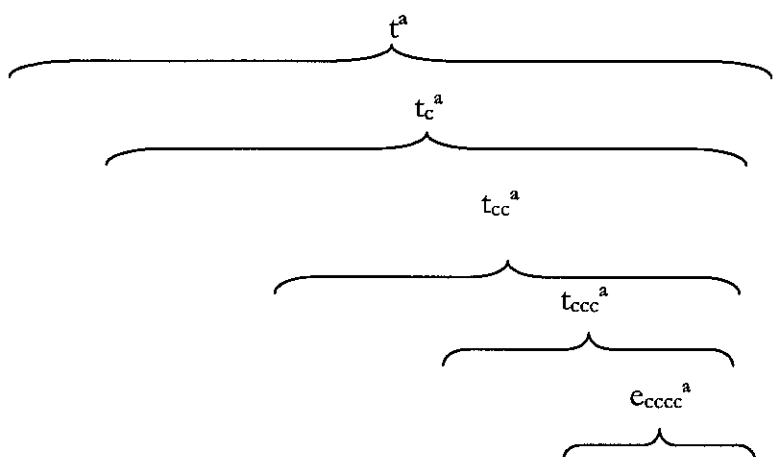
Comparemos as representações anteriores com a da sequência (606):

DRS-(606)



Repare-se que em (606)³⁵, assim como em (605), a expressão anafórica mais básica ocorre encaixada no SN que corresponde a t_{ccc}^a . Na DRS, essa expressão, ou seja, *essa revolução*, é representada pelo referente discursivo e_{cccc}^a . O seu valor anafórico, assinalado no respectivo referente discursivo por ^a, é transmitido para o localizador, representado por t^a , como se pode ver no seguinte esquema:

³⁵ Note-se que a representação não dá conta da inferência de ordem pragmática de que a Ana não começou a andar na rua antes da Revolução de 1974.



(em) até depois do dia seguinte a (o dia de) essa revolução

6.2. Diversidade da localização temporal adverbial anafórica no plano semântico

6.2.1. Subtipos de localizadores anafóricos

6.2.1.1. Localizadores com conteúdo predicativo e localizadores sem conteúdo predicativo

Começo por distinguir entre localizadores com conteúdo predicativo e localizadores sem conteúdo predicativo. Em rigor, trata-se de uma distinção que pertence em primeiro lugar ao nível das TDE. Passa deste nível para o nível dos localizadores através da TDE que figura no complemento do localizador.

(i) com conteúdo predicativo

- com predicados de intervalos de tempo : *esse ano, o mesmo dia*
- com predicados de quantidades de tempo : *esses cinco dias, esta meia hora*

(ii) sem conteúdo predicativo

até então, desde essa altura, enquanto isso

A distinção entre estes três subtipos de expressões correlaciona-se com uma outra, que estabelecerei na próxima secção da seguinte maneira: os localizadores que envolvem predicados de intervalos de tempo só podem retomar antecedentes fornecidos por TDE. Os localizadores sem conteúdo predicativo assim como aqueles que envolvem predicados de quantidade de tempo podem retomar antecedentes fornecidos por TDE e por EST.

6.2.1.2. Localizadores estritamente temporais, localizadores estritamente situacionais e localizadores mistos

A segunda distinção relaciona-se com uma propriedade dos localizadores temporais anafóricos que poderá ser definida como sensibilidade ao tipo de expressão que fornece o seu antecedente. Sabe-se já que os possíveis antecedentes dos localizadores anafóricos são referentes discursivos de tipo *t* e que a introdução destes referentes envolve ou uma expressão denotadora de tempo ou uma expressão disponibilizadora de tempo. De acordo com o tipo de antecedente que retomam, é possível agrupar os localizadores em três classes: a classe dos localizadores estritamente temporais, ou seja, que apenas retomam antecedentes associados a EDT; a classe dos localizadores estritamente situacionais, isto é, que retomam apenas referentes supridos por descrições de situações; e a classe dos localizadores mistos, ou seja, que retomam antecedentes de um tipo e de outro. Vejam-se os exemplos abaixo:

(i) localizadores estritamente temporais

no mesmo ano, nesse século

- (607) A Ana nasceu em 1980. O Paulo nasceu no mesmo ano.
- (608) A I guerra mundial teve lugar no século XX. A segunda também ocorreu nesse século.
- (609) *[A Ana esteve em Paris]*_i de 1 de Junho de 2000 a 1 de Junho de 2001. O Paulo esteve fora n[o mesmo ano]_i.
- (610) *[A Bela Adormecida dormiu]*_i durante cem anos. Nenhum príncipe foi capaz de a acordar n[esse século]_i.

(ii) localizadores estritamente situacionais

enquanto isso, paralelamente a isso, simultaneamente

- (611) O Paulo trabalhou na tese ontem à noite. Enquanto isso a Ana leu o jornal.
- (612) A Ana licenciou-se em Economia na década de 80. Paralelamente a isso tirou o curso superior de órgão.
- (613) A Ana licenciou-se em Economia na década de 80. Simultaneamente tirou o curso superior de órgão.

- (614) O Paulo trabalhou na tese [ontem à noite]*_i. Enquanto [isso]_i a Ana leu o jornal.
- (615) A Ana licenciou-se em Economia n[a década de 80]*_i. Paralelamente a [isso]_i tirou o curso superior de órgão.
- (616) A Ana licenciou-se em Economia n[a década de 80]*_i. Simultaneamente [Ø]_i tirou o curso superior de órgão.

(iii) localizadores mistos

depois disso, até então, nessa altura, durante esse tempo, durante esses trinta dias

[antecedentes fornecidos por TDE]

- (617) a. O jantar estava marcado para as 20 horas. A Ana chegou muito depois disso.
- b. O Paulo só tem lugar no avião no dia 3 de Agosto. Por isso vai ficar a trabalhar em Ponta Delgada até então.
- c. A reunião não poderá ter lugar no primeira semana de Janeiro. O presidente da empresa estará fora nessa altura.
- d. A carta chegou no período entre o dia 1 e o dia 15 de Agosto. A Ana esteve fora durante esse tempo. (Daí que a carta tenha sido devolvida.)
- e. A carta chegou no período entre o dia 1 e o dia 30 de Agosto. A Ana esteve fora durante esses trinta dias. (Daí que a carta tenha sido devolvida.)

[antecedentes fornecidos por EST]

- (618) a. O Paulo atropelou um cão no ano passado. Não voltou a conduzir depois disso.
- b. O Paulo mudou-se para Coimbra em 1988. Vivia em Lisboa até então.
- c. O Paulo foi a Londres em 1999. Visitou nessa altura o British Museum.
- d. O Paulo trabalhou na tese ontem à noite. A Ana leu o jornal durante esse tempo.
- e. A Ana esteve internada trinta dias no ano passado. A mãe tomou-lhe conta da casa durante esses trinta dias.

É importante mencionar que, ao contrário do que acontece com a distinção entre localizadores com conteúdo predicativo e localizadores sem conteúdo predicativo, a distinção apresentada nesta secção não se estabelece primeiramente no nível das expressões denotadoras de tempo. Resulta antes de restrições relativas tanto aos

operadores e cabeças de TDE complexas como aos seus complementos. Se não fosse desta forma, não seria possível explicar, por exemplo, por que-razão em alguns casos a proforma *isso* retoma antecedentes associados a TDE e a EST (cf. (617 a) e (618 a)) e noutros casos só retoma referentes associados a TDE (cf. (611) e (612)).

A distinção entre estes tipos de expressões será retomada na secção dedicada à anáfora situacional, pelo que não entrarei aqui em detalhes sobre as diferenças entre as expressões citadas em (i)-(iii).

6.2.2. Subtipos de relações anafóricas

6.2.2.1. Anáfora clássica e anáfora reconstrutiva

No Capítulo 2 fiz já referência ao modo como Kamp e Reyle 1993 tratam a anáfora. Segundo estes autores, a anáfora consiste numa relação entre uma expressão de tipo pronominal e um referente discursivo. O aspecto que me interessa tratar agora diz respeito ao modo como este referente discursivo, que representa o antecedente da anáfora, é introduzido na representação semântica. A este respeito, a literatura existente (cf., p. ex., Kamp e Reyle 1993 e Glasbey 1994) distingue pelo menos dois casos, em particular aqueles em que o contexto que precede a expressão anafórica inclui um antecedente explícito (cf. (619) e (620)) e aqueles em que o antecedente é inferido a partir desse mesmo contexto (cf. (621) e (622)).

- (619) Mary owns a donkey. She loves it.
A Mary possui um burro. Ela ama-o. (cf. Kamp e Reyle 1993: 215)
- (620) Daniel climbed Ben Nevis in July. Gareth climbed Snowdon then.
O Daniel escalou o Ben Nevis em Julho. O Gareth escalou então o Snowdon. (cf. Glasbey 1994: 5)
- (621) Fred admires Susan. They are writing a paper on plurals.
O Fred admira a Susan. Eles estão a escrever um artigo sobre plurais. (cf. Kamp e Reyle 1993: 341)
- (622) Daniel climbed Ben Nevis. Gareth was climbing Snowdon at the time.
O Daniel escalou o Ben Nevis. O Gareth estava a escalar o Snowdon na altura. (cf. Glasbey 1994: 5)

Em (619) e (620), as proformas *it* e *then* retomam anaforicamente os antecedentes introduzidos pelas expressões *a donkey* e *June*, respectivamente. Em (621) e (622), *they* e *the time*, referem-se, respectivamente, à entidade plural constituída pelo Fred e pela Susan e à localização da situação *Daniel climbed Ben Nevis*. Repare-se que estas entidades não estão representadas de forma directa no contexto linguístico que precede as anáforas, mas são reconstruídas a partir desse mesmo contexto. Podemos dizer que os dois primeiros casos são instâncias da anáfora clássica e os dois últimos instâncias de anáfora reconstrutiva. O objectivo das secções seguintes é, em primeiro lugar, mostrar que no âmbito da anáfora temporal adverbial de localização é também pertinente distinguir entre estes dois tipos de anáfora. Em segundo lugar, importa ainda chamar a atenção para a diversidade de anáfora reconstrutiva.

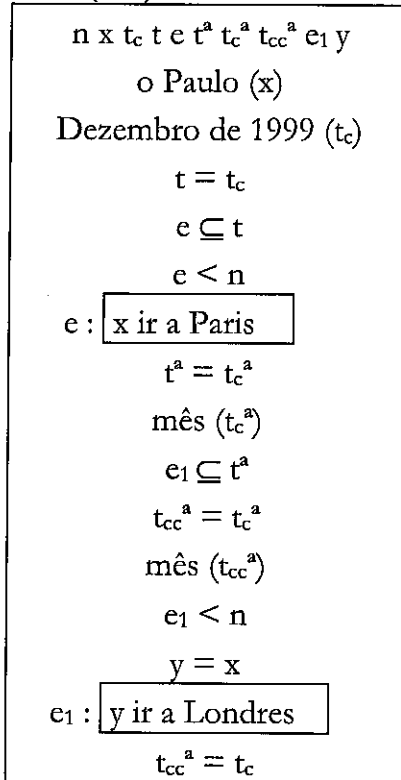
Concentremo-nos, então, exclusivamente na anáfora no domínio temporal. Atentemos nas duas sequências abaixo, que envolvem anáfora com antecedente explícito.

(623) O Paulo foi a Paris em Dezembro de 1999. Foi a Londres no mesmo mês.

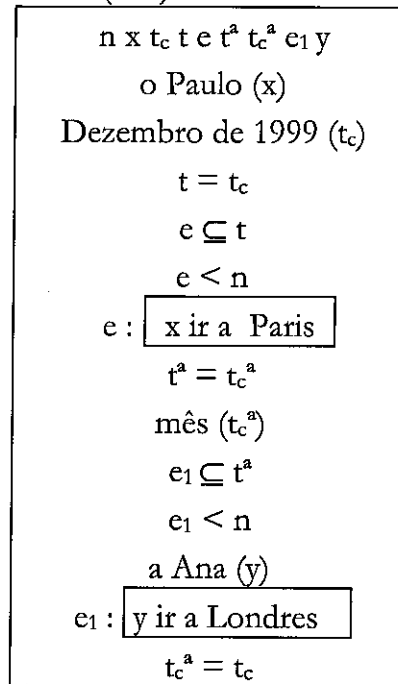
(624) O Paulo foi a Paris em Dezembro de 1999. A Ana foi a Londres nesse mês.

Os referentes associados às TDE anafóricas são identificados com o referente discursivo introduzido por *Dezembro de 1999*. Vejam-se as representações simplificadas de (623) e (624):

DRS-(623)



DRS-(624)



Nas duas DRS, é a condição [Dezembro de 1999 (t_c)] que dá conta da introdução do referente t_c tal que [$t_{cc}^a = t_c$] e [$t_c^a = t_c$], respectivamente.

Pelo contrário, nos casos que apresento de seguida, os referentes discursivos associados ao antecedente da anáfora não são introduzidos na DRT directamente a partir das representações sintácticas, mas sim inferidos e reconstruídos a partir do contexto linguístico que precede a expressão anafórica. Penso que é relevante distinguir pelo menos quatro subtipos de anáfora reconstrutiva³⁶: anáfora reconstrutiva situacional, anáfora reconstrutiva de localizadores de calendário, anáfora funcional e anáfora reconstrutiva de intervalos de tempo a partir de fronteiras temporais.

6.2.2.1.1. Anáfora reconstrutiva situacional

As descrições de situações foram apresentadas no Capítulo 5 como elementos supridores de tempo. Tal significa, recorde-se, que, não sendo as descrições de situações expressões que denotam tempo, permitem, no entanto, que se aceda ao

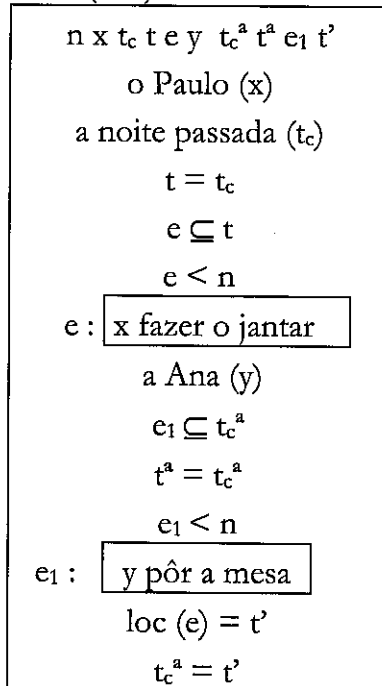
³⁶ Alguns dos subtipos de anáfora reconstrutiva aqui apresentados são abordados de forma muito superficial em Alves 2000.

intervalo que nós inferimos que elas ocupam no eixo do tempo. As sequências abaixo são ilustrativas de um subtipo de anáfora reconstrutiva que poderá ser chamada anáfora reconstrutiva situacional. Aqui, o que as expressões anafóricas referem, indirectamente, são precisamente os intervalos de tempo que as situações descritas pelo primeiro período de cada sequência ocupam no eixo temporal.

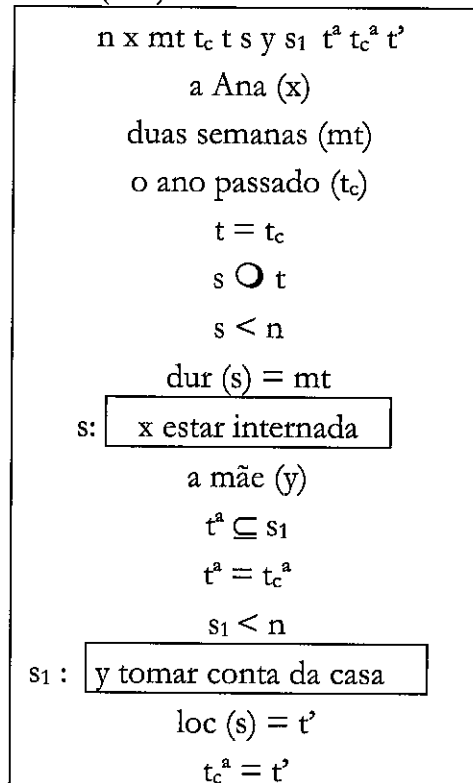
- (625) O Paulo escreveu duas cartas ontem à noite. Enquanto isso, a Ana leu o jornal.
- (626) O Paulo fez o jantar na noite passada. Entretanto, a Ana pôs a mesa.
- (627) A Ana esteve internada durante duas semanas o ano passado. A mãe tomou conta da casa durante esse tempo.

A DRT, na versão de Kamp e Reyle 1993, permite dar conta deste tipo de anáfora pelo recurso à função **loc**. Esta função extrai intervalos de tempos a partir de situações, projectando estas últimas no mais pequeno intervalo de tempo fechado que as inclui. De passagem, note-se ainda que claramente os referentes discursivos introduzidos pelas expressões temporais *ontem à noite*, *a noite passada* e *o ano passado* não são retomados pelas expressões anafóricas. Tal corresponderia a uma interpretação que as sequências em causa de forma muito óbvia não permitem. Apresento abaixo a representação simplificada das frases (626) e (627):

DRS-(626)



DRS-(627)



Atente-se nas últimas duas condições de cada DRS: de acordo com a segunda, o referente anafórico é identificado com um referente introduzido na DRS através da função **loc**, como se vê na primeira dessas duas condições.

Os principais objectivos desta secção são: identificar os localizadores que intervêm na anáfora situacional (cf. A); descrever as restrições que impõem sobre o antecedente anafórico (cf. B); por fim, discutir brevemente o processamento dos localizadores deste tipo (cf. C). Antes, porém, importa fazer duas notas. A primeira é que alguns dos localizadores em estudo neste capítulo interagem fortemente com a estrutura das situações e do discurso. É o caso, por exemplo, de *entretanto*, *enquanto isso*, *paralelamente* e *simultaneamente*. Deixarei o estudo dessa interacção para o capítulo 7 deste trabalho, dedicado à interacção dos localizadores em estudo com as relações discursivas. Em segundo lugar, importa referir que alguns dos localizadores situacionais anafóricos ocorrem dificilmente em final de frase (p. ex., *enquanto isso*). Por esta razão, e por achar que a sua posição em início de frase não interfere com as condições semânticas a eles associadas, passarei, ao contrário do que acontece com outros tipos de localizadores, a colocá-los em início de frase.

A – Identificação dos localizadores que intervêm na anáfora situacional

Os localizadores que intervêm na anáfora situacional dividem-se em duas classes principais: (i) localizadores estritamente situacionais; e (ii) localizadores mistos. As expressões anafóricas que intervêm nos localizadores de tipo (i) só retomam referentes discursivos que tenham sido introduzidos na DRS através da função **loc**. No caso dos localizadores de tipo (ii), as expressões anafóricas retomam, além de referentes obtidos pela função **loc**, referentes introduzidos na DRS por expressões denotadoras de tempo.

(i) Localizadores estritamente situacionais

- localizadores que envolvem proformas simples (que podem ser nulas) ou proformas complexas
entretanto, *nesse meio tempo*, *paralelamente (a isso)*, *simultaneamente (com isso)*, *enquanto isso*

Estas expressões especializam-se em referir intervalos associados à localização de situações, como se mostra abaixo:

- (628) a. [O Paulo fez o jantar]_i n[a terça-feira]_i*.
 b. [Entretanto]_i a Ana preparou a aula do dia seguinte.
 c. Enquanto [isso]_i a Ana preparou a aula do dia seguinte.
 d. N[esse meio tempo]_i a Ana preparou a aula do dia seguinte.
- (629) a. [A Ana licenciou-se em Economia]_i n[a década de oitenta]_i*.
 b. Paralelamente a [isso]_i ensinou educação musical num colégio particular.

Não retomam, em qualquer caso, referentes introduzidos por expressões denotadoras de tempo.

(ii) Localizadores mistos

- localizadores que envolvem proformas simples (que podem ser nulas) ou proformas complexas
desde então, depois disso, posteriormente, nessa altura, desde esse momento
- localizadores que envolvem SN com predicados de quantidade de tempo
nessa meia hora, durante esse tempo

Estes localizadores, ou, mais precisamente, as expressões que ocorrem como seu complemento tanto podem referir intervalos de tempo que correspondem à localização de situações – cf. (630)-(631) – como referir intervalos de tempo associados a expressões denotadoras de tempo – cf. (632)-(633). Veja-se:

- (630) a. [A Ana mudou-se para Paris]_i em 1980.
 b. Não a vejo desde [então]_i.
 c. Não falei com ela depois d[isso]_i.
 d. Telefonou-me posteriormente []_i para me dar a nova morada.
 e. O Paulo conheceu-a n[essa altura]_i.
 f. Nunca tinha vivido no estrangeiro até [esse momento]_i.
- (631) a. [A Ana esperou durante meia hora no consultório do dentista]_i ontem à tarde.
 b. N[essa meia hora]_i fez o trabalho de casa de Matemática.
 c. Durante[esse tempo]_i fez o trabalho de casa de Matemática.

- (632) a. A chegada do actor foi anunciada para [as 15 h]_i.
 b. O público está à espera dele desde [então]_i.
 c. Ele chegou muito depois d[isso]_i.
 d. Ele acabou por só chegar posteriormente []_i devido a um problema com o avião.
 e. O público está à espera dele desde [essa altura]_i.
 f. O público está à espera dele desde [esse momento]_i.
- (633) a. [A Ana esteve fora no período entre as 10 h e as 10.30 h.
 b. A carta chegou n[essa meia hora]_i. (Como ela não estava, foi devolvida.)
 c. A carta chegou durante[esse tempo]_i. (Como ela não estava, foi devolvida.)

A propósito destas duas classes de localizadores, importa notar a seguinte correlação, tanto quanto sei, não notada antes: enquanto o grupo dos localizadores mistos inclui tanto localizadores directos como localizadores de uma ou duas fronteiras (p. ex., *desde então, nessa altura*), os localizadores estritamente situacionais são todos localizadores directos. Então, estas últimas expressões veiculam sempre uma relação de sobreposição temporal entre as duas situações.

B – Restrições sobre a expressão a partir da qual o antecedente anafórico é reconstruído

Uma das características dos localizadores anafóricos estritamente situacionais é a sensibilidade à aktionsart da frase a partir da qual o antecedente é reconstruído. A este respeito, creio ser importante distinguir entre os localizadores que são encabeçados por *enquanto* e *durante*, ou seja, *enquanto isso* ou *durante x tempo*, e localizadores que são encabeçados por *em*, ou, hipoteticamente, por um operador invisível com o mesmo valor que esse, como, por exemplo, \emptyset_{em} *entretanto* ou \emptyset_{em} *paralelamente a isso*. Nos primeiros, a sensibilidade à aktionsart parece ter origem no operador temporal que encabeça o localizador, o que não acontece no caso dos segundos.

(i) Casos em que as restrições de aktionsart parecem ter origem no operador temporal

De acordo com os dados abaixo, *enquanto isso* e *durante esse tempo* não retomam antecedentes anafóricos associados à descrição de situações pontuais. Estes dados sugerem que estes localizadores só são compatíveis com situações não-pontuais.

- (634) a. *O Paulo atingiu o topo da montanha às cinco da tarde. {Enquanto isso / durante esse tempo} ...
 b. *O bebê soluçou. {Enquanto isso / durante esse tempo}...

Seguindo a tipologia de Moens 1987, as situações descritas nas frases (634 a, b) são, respectivamente, uma culminação e um ponto. Ambas são pontuais ou, na terminologia do mesmo autor, atômicas. As situações descritas em (635) são, pelo contrário, não-pontuais, ou alargadas. Em (635 a) a situação a partir da qual o antecedente é construído representa um estado, em (635 b) representa um processo e em (635 c) essa situação representa um processo culminado.

- (635) a. A Ana esteve internada o ano passado. {Enquanto isso / durante esse tempo}, a mãe tomou-lhe conta da casa.
 b. A Ana tocou piano ontem à tarde. {Enquanto isso / durante esse tempo} o Paulo preparou o jantar.
 c. A Ana fez um puzzle ontem à noite. {Enquanto isso / durante esse tempo}, o Paulo escreveu duas cartas.

Os exemplos acima podem ser considerados contrapartidas anafóricas daqueles que se seguem, nos quais os operadores *enquanto* e *durante* têm complementos referencialmente autónomos:

- (636) a. ...*{enquanto / durante o tempo em que} o Paulo atingiu o topo da montanha.
 b. ...*{enquanto / durante o tempo em que} o bebê soluçou.
 (637) a. ...{enquanto / durante o tempo em que} a Ana esteve internada.
 b. ...{enquanto / durante o tempo em que} a Ana tocou piano.
 c. ...{enquanto / durante o tempo em que} a Ana fez o jantar.

Paralelamente ao que acontece em caso de anáfora, a combinação de *enquanto* e *durante* com complementos pontuais não é possível – repare-se na inaceitabilidade de (636 a) e de (636 b). Em ambos os casos, a leitura que interessa é aquela em que não há comutação aspectual. No que respeita a situações não-pontuais, o paralelismo mantém-se: as três sequências de (637), que envolvem situações não-pontuais, são aceitáveis.

Note-se, no entanto, que (636 a) é aceitável na leitura em que a situação descrita na frase *o bebê soluçou* não é um ponto mas sim uma situação não-pontual.

(636')b. A mãe não deu o leite ao bebê {enquanto / durante o tempo em que} ele soluçou.

O que parece acontecer aqui é que a situação sofre uma comutação aspectual de forma a poder ser compatível com o operador temporal, ou seja, há uma coerção aspectual, o que sugere que, tal como proposto em Moens 1987 para *while*, *enquanto* actua sobre a aktionsart da situação descrita na frase que introduz.

“*while*-clauses can be combined with expressions of any aspectual type but always give these expressions a process reading.”

(cf. Moens 1987: 84)

Acerca da razão por que essa comutação não ocorre em caso de anáfora falarei adiante. Para já, o que me interessa registar é, primeiro, a sensibilidade de *enquanto isso* e *durante esse tempo* à aktionsart da frase que fornece o antecedente anafórico e, segundo, que essa sensibilidade resulta de restrições ligadas ao operador temporal. Essas restrições são visíveis quer quando *enquanto* e *durante* se combinam com complementos anafóricos quer quando se combinam com complementos autónomos. Em ambos os casos restringem esses mesmos complementos a ser de tipo não-pontual.

(ii) Casos em que as restrições de aktionsart não têm origem no operador temporal

As sequências abaixo dizem respeito a localizadores que são explicitamente encabeçados por *em* (cf. *no meio tempo* e *nessa meia hora*) e a localizadores acerca dos quais é defensável a hipótese de que são encabeçados por um operador do tipo de *em* nulo (\emptyset_{em}). A hipótese que defendo é que também estes localizadores são sensíveis à aktionsart da frase a partir da qual o antecedente anafórico se constrói. De acordo com os dados em (638), em nenhum dos casos a expressão anafórica refere um intervalo de tempo inferido a partir da descrição de situação atómica.

(638) a. *O bebé soluçou. {Entretanto / nesse meio tempo / nessa meia hora, paralelamente}...

b. *O Paulo atingiu o topo da montanha às cinco da tarde. {Entretanto / nesse meio tempo / nessa meia hora / paralelamente}...

Em contrapartida, e como se mostra em (639) e (640), as mesmas expressões referem anaforicamente intervalos de tempo que correspondem à localização de situações alargadas.

- (639) a. A Maria esteve internada uma semana o ano passado. {Entretanto / nesse meio tempo / nessa semana} a mãe tomou-lhe conta da casa.
b. A Maria tocou piano durante duas horas ontem à tarde. {Entretanto / nesse meio tempo / nessas duas horas} o Paulo preparou o jantar.
c. A Ana fez um puzzle em noventa minutos ontem à noite. {Entretanto / nesse meio tempo / nesses noventa minutos} o Paulo escreveu duas cartas.
- (640) a. A Maria foi presidente da companhia em que trabalha durante cinco anos. Paralelamente, deu aulas de Economia numa universidade privada.
b. A Ana namorou o Paulo durante seis meses. Paralelamente manteve um caso com o Francisco.
c. A Ana licenciou-se em Economia na década de oitenta. Paralelamente, deu aulas de música num colégio particular.

(iii) Bloqueio de comutações aspectuais em caso de anáfora

Em (i) acima, fiz referência à questão do bloqueio de comutações aspectuais em contexto de anáfora. Retomo aqui essa questão. Atentemos nas sequências (641)-(643):

- (641) A Monica foi a número 1 do ranking {durante o tempo em que / enquanto} ganhou o torneio de Wimbledon.
(642) O treinador Manuel Francisco teve o apoio incondicional dos adeptos {durante o tempo em que / enquanto} o FCB ganhou o campeonato nacional de futebol.
(643) A Ana perdeu peso {durante o tempo em que / enquanto} comeu apenas sopa ao jantar.

As únicas interpretações destas sequências que me parecem aceitáveis são aquelas em que, no primeiro caso, a Monica ganhou o torneio de Wimbledon durante vários anos, no segundo caso o FCB venceu o campeonato nacional de futebol também durante vários anos, e, no terceiro, a Ana apenas comeu sopa ao jantar durante vários dias. Estas interpretações supõem uma transição aspectual que envolve uma iteração das situações básicas. A iteração dessas situações e a conseqüente comutação aspectual são bloqueadas em caso de anáfora. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (644) *A Monica ganhou o torneio de Wimbledon. {Durante esse tempo / enquanto isso} foi a número 1 do "ranking".
- (645) * o FCB ganhou o campeonato nacional de futebol. {Durante esse tempo / enquanto isso} o treinador Manuel Francisco teve o apoio incondicional dos adeptos.
- (646) *A Ana comeu apenas sopa ao jantar. {Durante esse tempo / enquanto isso} perdeu peso.

Antes de avançar com uma hipótese explicativa para este contraste, recordemos o que se entende por comutação aspectual e observemos melhor os exemplos. A noção de comutação aspectual, ou seja, a ideia de que uma situação com uma dada aktionsart básica (p. ex., evento) pode ser transformada numa situação com uma aktionsart distinta (p. ex., estado) é desenvolvida, por exemplo, em Moens 1987 e em Moens e Steedman 1988, como se mostrou no capítulo 4, onde foi também apresentada a rede de transições aspectuais proposta pelos referidos autores. Nos exemplos (641)-(643), as situações básicas – uma culminação em (641) e (642) e um processo em (643) – sofrem uma comutação aspectual que as transforma num estado habitual. Sem essas comutações, as duas primeiras frases seriam inaceitáveis e a última seria bastante estranha. Quanto às sequências (644)-(646), a hipótese que proponho é que se trata de sequências inaceitáveis porque o localizador não é compatível em termos de aktionsart com situação a partir da qual é construído o antecedente da anáfora, e porque, ao contrário do que se passa nos casos em que *enquanto* e *durante* se aplicam directamente às descrições de situações, a situação não sofre a necessária comutação aspectual. Essa comutação é bloqueada em caso de anáfora. Repare-se que as sequências abaixo que envolvem as mesmas descrições de situações são aceitáveis, porque a comutação aspectual é desencadeada na própria frase que fornece o antecedente anafórico.

- (647) A Monica ganhou o torneio de Wimbledon durante cinco anos. Durante esse tempo, foi a número 1 do ranking.
- (648) O FCB ganhou o campeonato nacional de futebol nos entre 1990 e 1998. Durante esse tempo, o treinador Manuel Francisco teve o apoio incondicional dos sócios.
- (649) A Ana comeu apenas sopa ao jantar durante mais de um mês. Durante esse tempo, perdeu peso.

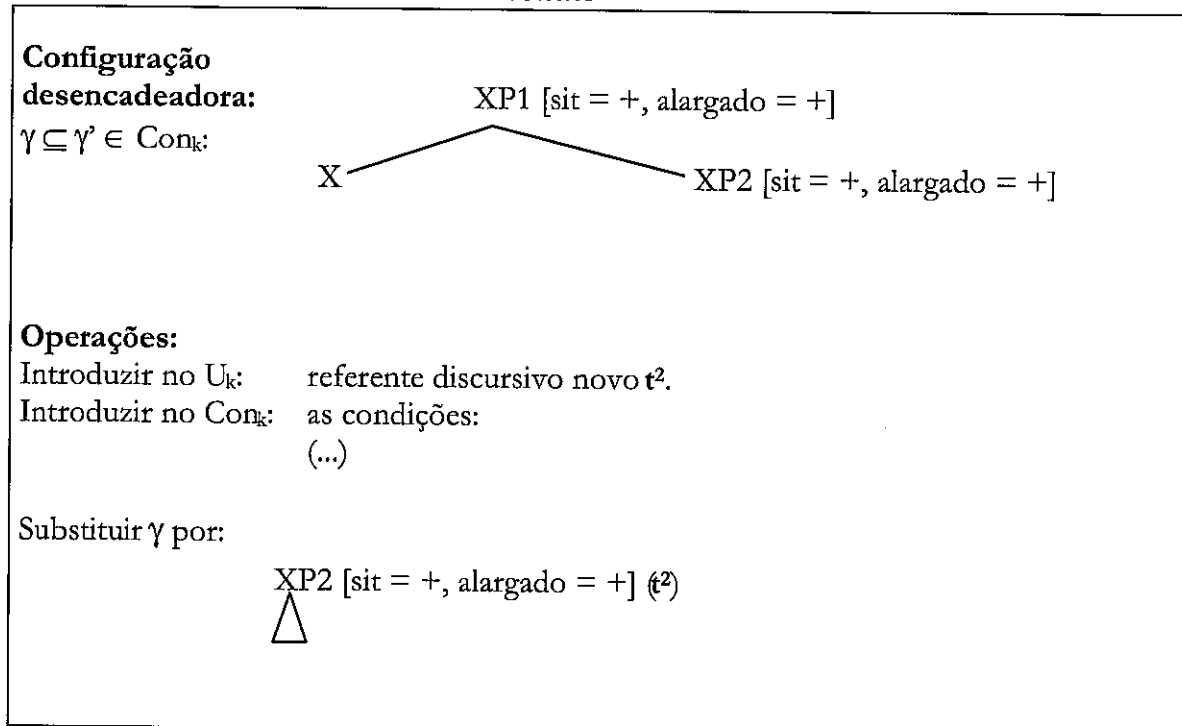
Proponho ainda que o bloqueio das comutações aspectuais em caso de anáfora é uma instância de um princípio mais geral segundo o qual as propriedades internas do

antecedente anafórico são congeladas na expressão anafórica. Essas propriedades podem ser lidas, o que dá conta da sensibilidade dos operadores temporais à aktionsart do seu complemento, mas não podem ser alteradas.

C – O processamento dos localizadores anafóricos estritamente situacionais

A distinção entre localizadores anafóricos estritamente situacionais e localizadores anafóricos ambivalentes pertence ao plano dos localizadores e não ao plano das expressões (TDE ou EST) que ocorrem como seu complemento (veja-se a secção 6.2.1.2). Tal significa que as restrições que incidem sobre o antecedente anafórico devem ser computadas no âmbito do localizador. No entanto, devem passar para a expressão anafórica mais básica, de forma a que na altura da escolha do antecedente anafórico possam ser verificadas. Para se dar conta das restrições atrás apontadas é necessária ainda uma classificação mais fina das situações. A mera distinção entre eventos e estados é insuficiente, pois não distingue, por si só, situações atómicas de situações alargadas. Deixo para investigação posterior a introdução dessa alteração, limitando-me a apresentar abaixo, e de forma muito simplificada, o mecanismo de passagem de informação do localizador (por exemplo, *enquanto isso*) para a expressão anafórica (*isso*).

RC-DRS 15. Localizadores situacionais



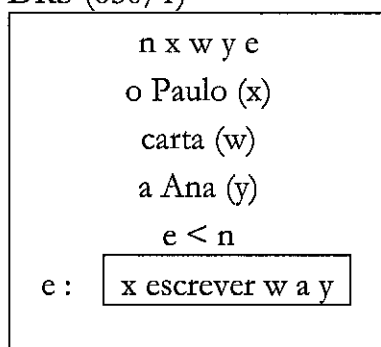
6.2.2.1.2. Anáfora reconstrutiva de localizadores de calendário

As frases abaixo ilustram um tipo de anáfora que envolve a inferência de intervalos que correspondem a unidades de tempo com que se organizam os calendários e que, nas frases em que ocorrem, têm a função de localizar uma dada entidade, no caso presente a situação descrita no primeiro período de cada sequência:

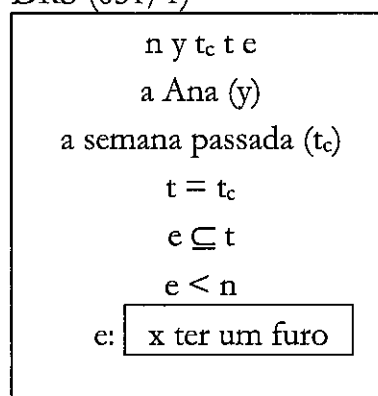
- (650) O Paulo escreveu uma carta à Ana. Ela respondeu-lhe na mesma semana.
 (651) A Ana teve um furo na semana passada. Foi a pé para a Faculdade nesse dia.
 (652) A Ana licenciou-se em Junho de 1987. Começou a trabalhar no dia seguinte.

O intervalo de tempo que as expressões anafóricas representam é estruturado por uma unidade de medida específica. Se os SN anafóricos têm por núcleo predicados de tempo que denotam intervalos que correspondem a uma dada unidade de medida – mês e dia, nestes casos –, então os seus antecedentes devem representar intervalos de tempo da mesma unidade de medida. Como se pode ver, nestas frases o contexto linguístico anterior à anáfora não contém nenhuma expressão que introduza na DRS um referente discursivo que possa ser tomado como antecedente. Repare-se na representação (simplificada) dos primeiros períodos das sequências (650) e (651), tendo em conta que apenas os referentes associados às expressões explícitas foram introduzidos nas DRS:

DRS-(650/1)



DRS-(651/1)



Não há no universo de nenhuma das duas DRS um referente discursivo com que a expressão anafórica possa ser identificada. Para adicionar ao universo das DRS os referentes necessários à resolução da anáfora, pode-se pensar em diferentes funções:

uma função, a que se poderia chamar **d-loc**, que projectasse situações nos dias em que elas ocorrem; outra função, por exemplo **m-loc**, que projectasse situações nos meses em que elas se incluem; uma terceira, **a-loc**, que projectaria situações nos anos em que estas se localizam. Essas funções permitiriam acrescentar às DRS que representam as frases (650) e (652) os referentes discursivos associados, respectivamente, à semana em que o Paulo escreveu uma carta à Ana e ao dia em que Ana teve um furo. Veja-se:

$$\begin{array}{c} \dots t_2 \dots \\ \text{s-loc}(e) = t_2 \\ \text{semana}(t_2) \\ e \subseteq t_2 \end{array}$$

$$\begin{array}{c} \dots t_2 \dots \\ \text{d-loc}(e) = t_2 \\ \text{dia}(t_2) \\ e \subseteq t_2 \end{array}$$

De acordo com estas propostas, as representações discursivas completas das mesmas seqüências são apresentadas abaixo, com algumas simplificações:

DRS-(650/2)

$$\begin{array}{c} n \ x \ w \ y \ e \ u \ z \ t^a \ t_c^a \ t_{cc}^a \ e_1 \ t_2 \\ \text{o Paulo}(x) \\ \text{carta}(w) \\ \text{a Ana}(y) \\ e < n \\ e : \boxed{x \text{ escrever } w \text{ a } y} \\ u = y \\ z = x \\ \text{semana}(t_c^a) \\ e_1 \subseteq t^a \\ t^a = t_c^a \\ t_c^a = t_{cc}^a \\ e_1 < n \\ e_1 : \boxed{u \text{ responder a } z} \\ \text{s-loc}(e) = t_2 \\ \text{semana}(t_2) \\ e \subseteq t_2 \\ t_{cc}^a = t_2 \end{array}$$

DRS-(651/2)

$$\begin{array}{c} n \ y \ t_c \ t \ e \ u \ t_c^a \ t^a \ e_1 \ t_2 \\ \text{a Ana}(y) \\ \text{a semana passada}(t_c) \\ t = t_c \\ e \subseteq t \\ e < n \\ e : \boxed{y \text{ ter um furo}} \\ u = y \\ \text{dia}(t_c^a) \\ t^a = t_c^a \\ e_1 < n \\ e_1 : \boxed{u \text{ ir a pé para a faculdade}} \\ \text{d-loc}(e) = t_2 \\ \text{dia}(t_2) \\ e \subseteq t_2 \\ t_c^a = t_2 \end{array}$$

6.2.2.1.3. Anáfora funcional

Creio que as sequências que se seguem são instâncias no domínio temporal da chamada anáfora funcional, que, como se sabe, envolve sobretudo descrições definidas.

- (653) A Ana passou o ano de 1999 em Austin. Foi a Los Angeles em Novembro.
- (654) O Paulo foi a S. Miguel no passado fim-de-semana. Foi às Furnas no domingo.

Envolvem uma função de ano para o respectivo mês de Novembro – cf. (653) – e de fim-de-semana para o respectivo dia de domingo – cf.(654). Como acontece na generalidade dos casos de anáfora funcional, as sequências acima podem ser parafraseadas como contendo, em vez de uma expressão anafórica implícita, um constituinte possessivo anafórico:

- (655) A Ana passou o ano de 1999 em Austin. Foi a Los Angeles em Novembro desse ano.
- (656) O Paulo foi a S. Miguel no passado fim-de-semana. Foi às Furnas no domingo desse fim-de-semana.

Não tratarei neste trabalho este tipo de anáfora cujo âmbito ultrapassa claramente a anáfora temporal adverbial de localização³⁷.

6.2.2.1.4. Anáfora reconstitutiva de intervalos de tempo a partir de fronteiras temporais

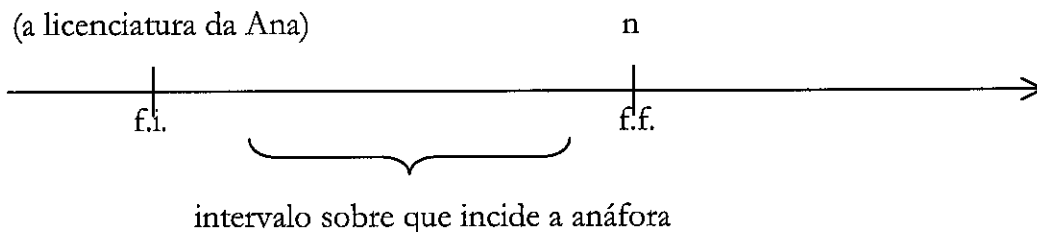
Nesta secção, deter-me-ei no estudo de um subtipo de anáfora temporal reconstitutiva, a que chamo anáfora reconstitutiva de intervalos de tempo a partir de fronteiras temporais. As expressões anafóricas que o ilustram representam intervalos cujas fronteiras inicial e final são identificadas no contexto discursivo precedente (o qual, no entanto, não faz uma representação directa desse intervalo). Tanto quanto sei, este tipo de anáfora – em que, em inglês, intervêm as expressões *in the meantime* e *in the meanwhile* e, em português, *entretanto*, *enquanto isso*, *no/neste meio tempo* e *durante/em esse*

³⁷ Veja-se FraCaS Consortium 1994 para uma breve referência à complexidade da anáfora funcional.

tempo – foi pela primeira vez notado em Alves 2000b.³⁸ Considerem-se os seguintes exemplos:

- (657) A Ana licenciou-se em 1990. Entretanto, ganhou a lotaria e abandonou a carreira.
- (658) A escola (só) contratará um novo professor em 2003. {Entretanto / enquanto isso / no meio tempo}, a Ana dá as aulas à turma A.
- (659) O Paulo deixou Lisboa em Julho e regressou em Setembro. {Entretanto / neste meio tempo}, um ladrão assaltou-lhe a casa.

Nestas sequências, nem o intervalo de tempo associado às situações descritas na primeira frase de cada sequência nem o intervalo que *1990*, *2003*, *Julho* e *Setembro* representam fornecem antecedentes apropriados às expressões anafóricas em questão. Em (657), a expressão anafórica *entretanto* representa (indirectamente) o intervalo de tempo – digamos *t* – que medeia entre a altura em que a Ana concluiu a licenciatura e o momento da enunciação. Dito de outro modo, a fronteira inicial (f.i.) deste intervalo *t* é definida a partir da frase *a Ana licenciou-se* e a sua fronteira final (f.f.) é definida a partir do ponto de perspectiva temporal, que é, neste caso, o tempo da enunciação (*n*).



Em (658), *entretanto*, *isso* e *o meio tempo* representam o intervalo de tempo *t* situado entre o momento da enunciação e o momento futuro da contratação do novo professor. Estamos, pois, perante um caso inverso ao anterior. Aqui é o início de *t* que é definido a partir do ponto de perspectiva temporal (mais uma vez, o tempo da enunciação), sendo o final de *t* definido a partir da situação expressa no período precedente, ou seja, *a escola contratará um novo professor*.

³⁸ Na generalidade dos trabalhos sobre expressões adverbiais de tempo, estes sintagmas, que também intervêm noutros tipos de anáfora, não são sequer referidos.

pode ser feita de pelo menos três formas diferentes, ilustradas nos exemplos abaixo³⁹. Note-se que nas sequências (661 a) e (662 a) o TPpt é presente ([TPpt := n]) e nas sequências (661 b) e (662 b) é passado ([TPpt := o] e [o < n]).

Subtipo 1: anáfora dependente do TPpt na fronteira final

- (661) a. A Ana licenciou-se em 1990. Entretanto, ganhou a lotaria e abandonou a carreira.
- b. Entrevistei a Ana em 1999. Ela tinha-se licenciado em 1990. Entretanto, tinha ganho a lotaria e tinha abandonado a carreira.

Subtipo 2: anáfora dependente do TPpt na fronteira inicial

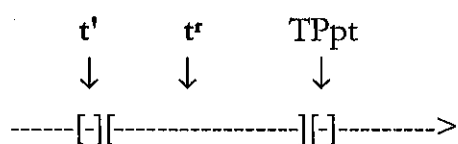
- (662) a. A escola contratará um novo professor em 2003. {Entretanto / enquanto isso / no meio tempo}, a Ana dá as aulas à turma A.
- b. A Ana entrou para a escola em 1991. A escola só contrataria um novo professor em 2003. Entretanto, ela dava as aulas à turma A.

Subtipo 3: anáfora independente do TPpt

- (663) O Paulo deixou Lisboa em Julho e regressou em Setembro. {Entretanto / neste meio tempo / durante esse tempo}, um ladrão assaltou-lhe a casa.

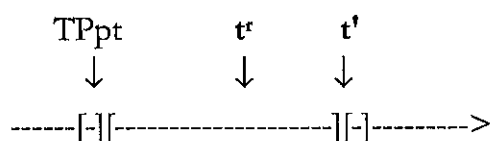
Veja-se abaixo uma representação esquemática de cada subtipo de anáfora. Repare-se que t^* representa o intervalo de tempo reconstruído:

Subtipo 1

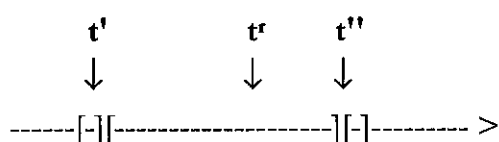


³⁹ Repare-se que em todos os casos aparece a expressão *entretanto* e que só em (662 a) e em (663) aparecem outras expressões – *enquanto isso* e *o meio tempo*. Tal deve-se a que, como explicarei na secção seguinte, nem todas as expressões podem ocorrer nos três tipos de anáfora atrás explicitados.

Subtipo 2



Subtipo 3



As fronteiras temporais podem ser marcadas seja por descrições de situações, como nos exemplos acima, seja por expressões denotadoras de tempo. Veja-se:

- (664) 2000 foi um bom ano para Sporting. Entretanto, o treinador saiu e os resultados pioraram.
- (665) Dezembro de 2003 é o primeiro mês de trabalho do novo treinador. Entretanto, o técnico adjunto fica responsável pela equipa.
- (666) 1990 e 1996 foram os anos mais marcantes da carreira do Paulo. Entretanto(?), não ganhou nenhuma competição importante.

A definição dos intervalos associados às expressões anafóricas nestes exemplos é, *mutatis mutandis*, idêntica à dos exemplos anteriores. A diferença é apenas que aqui as fronteiras do intervalo reconstruído são dadas directamente por expressões denotadoras de tempo, respectivamente, *2000*, *Dezembro de 2003*, *1990* e *1996*. O quadro 29 sintetiza os três subtipos de anáfora detectados:

Quadro 29. Subtipos de anáfora reconstrutiva de intervalos a partir de fronteiras temporais

designação	caracterização de t'		exemplo
	(o antecedente temporal reconstruído)		
<i>anáfora dependente do TP_{PT} na fronteira final</i>	uma fronteira explícita: a inicial (t')	$\text{beg}(t^r) \subseteq t', \text{end}(t^r) = \text{TPpt}$	(661)
<i>anáfora dependente do TP_{PT} na fronteira inicial</i>	uma fronteira explícita: a final (t')	$\text{beg}(t^r) = \text{TPpt}, \text{end}(t^r) \subseteq t'$	(662)
<i>anáfora independente do TP_{PT}</i>	duas fronteiras explícitas: a inicial (t') e a final (t'')	$\text{beg}(t) \subseteq t', \text{end}(t) \subseteq t''$	(663)

B – Marcação linguística dos diferentes subtipos de anáfora reconstrutiva de intervalos a partir de fronteiras temporais

Como já vimos, em português podem intervir no tipo de relação anafórica em análise neste capítulo as expressões *entretanto*, *enquanto isso*, *no meio tempo*, *neste meio tempo*, *nesse meio tempo*, *nesse tempo* e *durante esse tempo*. Aparentemente, não intervêm neste tipo de relação expressões que, noutros contextos (cf. (668)), são intersubstituíveis com estas, como *então*.

(667) A escola contratará um novo professor em 2003. { *Então / enquanto isso / entretanto / no meio tempo }, a Ana dá as aulas à turma A.

(668) [O Paulo fez o jantar]_i ontem. { [Então]_i / durante [esse tempo]_i / enquanto [isso]_i / [entretanto]_i / n[o meio tempo]_i }, a Maria pôs a mesa.

As expressões que intervêm na anáfora reconstrutiva em análise apresentam alguma especialização no que respeita ao tipo de intervalo para que podem remeter. Com efeito, nem todas elas podem ser dos três subtipos identificados na secção anterior. O quadro abaixo indica as possibilidades associadas a cada expressão

anafórica, e os dados que se lhe seguem justificam a divisão feita (tomando sempre o momento da enunciação como TP_{pt}).

Quadro 30. Subtipos de expressões anafóricas intervenientes na anáfora reconstrutiva de intervalos a partir de fronteiras temporais

subtipo da expressão anafórica	expressões anafóricas do português
<i>anáfora dependente do TP_{PT} na fronteira final</i> beg (t') ⊆ t', end (t') = TP _{pt}	<i>entretanto, este meio tempo</i>
<i>anáfora dependente do TP_{PT} na fronteira inicial</i> beg (t') = TP _{pt} , end (t') ⊆ t'	<i>entretanto, (enquanto) isso, o meio tempo</i>
<i>anáfora independente do TP_{PT}</i> beg (t') ⊆ t', end (t') ⊆ t'' (sendo t' ≠ TP _{pt} e t'' ≠ TP _{pt})	<i>entretanto, o/este/esse meio tempo, nesse tempo, durante esse tempo</i>

Subtipo 1: anáfora dependente do TP_{pt} na fronteira final

- (669) A Ana licenciou-se em Biologia em 1980.
- Entretanto, o conhecimento científico avançou muito.
 - *Enquanto isso, o conhecimento científico avançou muito.
 - {*No / neste} meio tempo, o conhecimento científico avançou muito.
- (670) A Ana telefonou-me há dois meses.
- Entretanto, fui para fora e não voltei a receber notícias dela.
 - *Enquanto isso, fui para fora e não voltei a receber notícias dela.
 - {*No / neste} meio tempo, fui para fora e não voltei a receber notícias dela.

Subtipo 2: anáfora dependente do TP_{pt} na fronteira inicial

- (671) A escola contratará um novo professor em 2003.
- Entretanto, a Ana dá as aulas à turma A.
 - Enquanto isso, a Ana dá as aulas turma A.
 - {No / neste} meio tempo, a Ana dá as aulas turma A.

- (672) O Paulo só chega de Paris em Dezembro.
- Entretanto, a Ana preside à empresa.
 - Enquanto isso, a Ana preside à empresa.
 - {No / neste} meio tempo, a Ana preside à empresa.

Subtipo 3: anáfora independente do TPpt

- (673) A Ana licenciou-se em 1980 e doutorou-se em 1995.
- Entretanto, o conhecimento científico avançou muito (o que se reflecte na sua tese.)
 - *Enquanto isso, o conhecimento científico avançou muito (o que se reflecte na sua tese.)
 - {No meio tempo / ?neste meio tempo / nesse meio tempo / nesse tempo / durante esse tempo}, o conhecimento científico avançou muito (o que se reflecte na sua tese.)

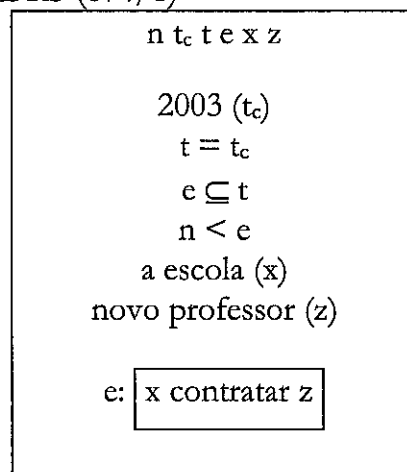
C – O processamento de seqüências com anáfora reconstrutiva de intervalos a partir de fronteiras temporais

Se voltarmos ao exemplo (658), repetido abaixo como (674), verificamos que nenhuma das expressões denotadoras de tempo presentes no contexto linguístico anterior à expressão anafórica – constituído, neste caso, pelo primeiro período da seqüência – lhe fornece um antecedente apropriado.

- (674) A escola (só) contratará um novo professor em 2003. Entretanto, a Ana dá as aulas à turma A.

Veja-se a representação do primeiro período:

DRS-(674/1)

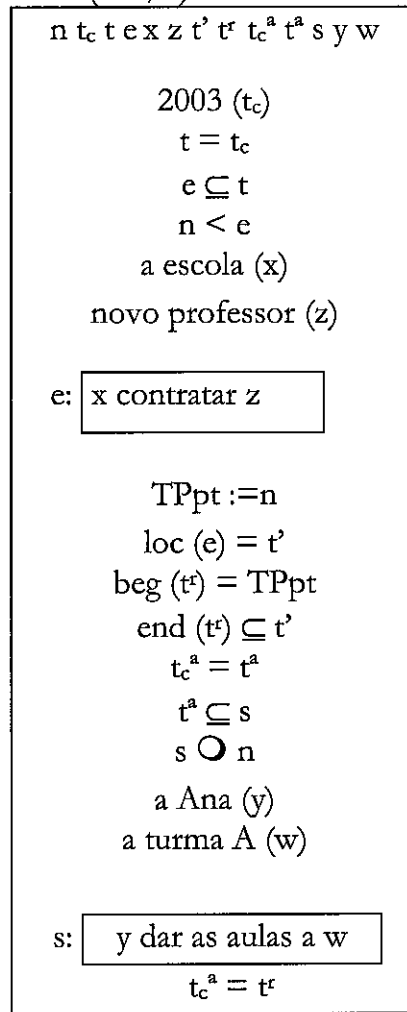


Ainda assim, a sequência das duas frases é perfeitamente aceitável, não tendo os falantes qualquer problema em identificar o intervalo de tempo representado por *entretanto* com aquele que medeia entre o momento da enunciação e a contratação futura do novo professor. A sequência é parafraseável, sem qualquer problema, do seguinte modo:

(675) A escola só contratará um novo professor em 2003. (De aqui) até lá a Ana dá as aulas à turma A.

Em termos gerais, o que parece acontecer é que a mera referência a uma situação (ou intervalo) posterior ao tempo da enunciação nos permite fazer apelo, no discurso subsequente, ao intervalo de tempo que separa essa situação do momento da enunciação. Este intervalo (t') é construído a partir do material disponível na DRS, contribuindo o contexto linguístico com a expressão que define de forma explícita a sua fronteira final (aqui, a situação descrita por *a escola contratará um novo professor*, ou seja, e na representação acima). Veja-se a representação final da sequência completa:

DRS-(674/2)



Repare-se nas condições associadas ao intervalo reconstruído (representado por t^r), que são $[loc(e) = t']$, $[beg(t^r) = TP_{pt}]$ e $[end(t^r) \subseteq t']$, e na condição associada à resolução da anáfora, $[t_c^a = t^r]$, em que t_c^a , é o referente que representa a expressão anafórica.

No que respeita à inferência do antecedente da anáfora, o que acontece com (674) repete-se *mutatis mutandis* com (676) – repetição de (657) – com a diferença de que aqui a situação descrita no período inicial da sequência contribui com a expressão que define explicitamente, não a fronteira final, mas a fronteira inicial do intervalo de tempo que a expressão anafórica representa.

(676) A Ana licenciou-se em 1990. Entretanto, ganhou a lotaria e abandonou a carreira.

Esta sequência pode ser parafraseada da seguinte forma:

- (677) A Ana licenciou-se em 1990. De lá para cá ganhou a lotaria e abandonou a carreira.

Neste caso, a DRS correspondente, que represento parcialmente a seguir, inclui as seguintes condições: $[\text{loc}(e) = t']$, $[\text{beg}(t^r) \subseteq t']$ e $[\text{end}(t^r) = \text{TPpt}]$.

DRS-(675)

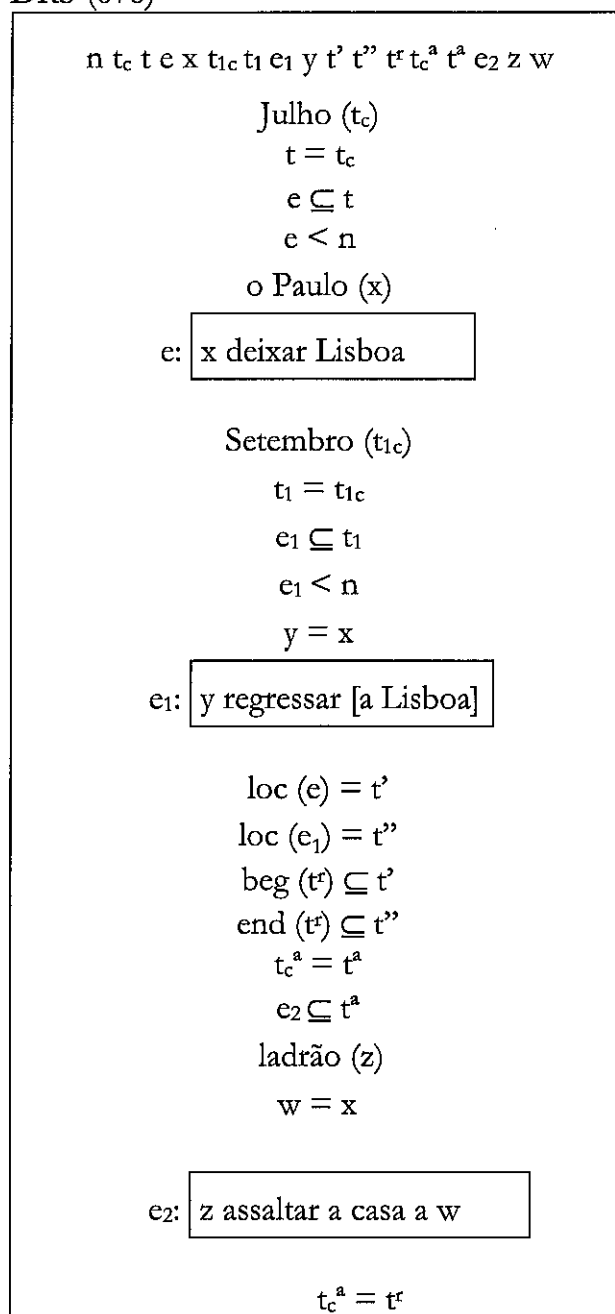


Por fim, o exemplo seguinte – idêntico ao apresentado em (659) acima – difere destes dois pelo facto de o contexto linguístico anterior incluir expressões que marcam de forma explícita a fronteira inicial e a fronteira final.

- (678) O Paulo deixou Lisboa em Julho e regressou em Setembro. Entretanto um ladrão assaltou-lhe a casa.

A fronteira inicial é definida a partir da descrição da situação *o Paulo deixou Lisboa* e a fronteira final a partir da descrição da situação *(ele) regressou (a Lisboa)*, o que é representado através das condições $[\text{beg}(t^r) \subseteq t']$, tal que $[t' = \text{loc}(e)]$ e $[\text{end}(t^r) \subseteq t']$, tal que $[t^r = \text{loc}(e_1)]$. Uma vez mais, a resolução anafórica é representada por $[t_c^a = t^r]$:

DRS-(678)



Em suma, em qualquer dos três casos analisados, o referente discursivo que constitui o antecedente da anáfora não é introduzido na DRS directamente através de uma expressão linguística, antes é construído a partir do material disponível na DRS. Daí que este tipo de anáfora seja designado como anáfora reconstrutiva, um subtipo mais abrangente, de que outros exemplos foram dados antes.

C – Processamento da anáfora reconstrutiva de intervalos a partir de fronteiras temporais

Passo agora à apresentação das regras de reconstrução do antecedente anafórico. Estas regras são do mesmo tipo das regras de **soma** e de **abstracção** de Kamp e Reyle 1993, apresentadas no Capítulo 2. Todas elas introduzem na DRS referentes discursivos que não estão associados a uma expressão directamente representada no contexto linguístico, mas que podem ser inferidos a partir do material presente nesse contexto. As regras de soma e abstracção introduzem referentes que representam entidades colectivas, e as regras que apresentarei de seguida introduzem referentes temporais.

Como se mostrou antes, para a referência temporal estão disponíveis não só os referentes explicitamente introduzidos por expressões temporais, mas também os que possam ser construídos a partir desses. Mais precisamente, nos exemplos estudados neste capítulo, observou-se que a menção a um intervalo de tempo anterior ao TP_{pt} permite que se faça referência ao intervalo de tempo – t^r – que medeia entre esse intervalo de tempo e o tempo da enunciação. Do mesmo modo, a menção a um intervalo de tempo posterior ao TP_{pt} permite que se faça referência ao intervalo de tempo – t^r – que medeia entre o TP_{pt} e esse intervalo de tempo. A regra imediatamente abaixo introduz na DRS esse t^r .

RC-DRS 16. Reconstrução do antecedente na anáfora dependente do TP_{pt}

Introdução de referentes discursivos temporais reconstruídos a partir do TP _{pt}	
Configurações	
Desencadeadoras: K' é uma sub-DRS da DRS K (possivelmente K) e t^r é um referente discursivo do universo de K , acessível a partir de K' e $\neg[TP_{pt} \subseteq t^r]$.	
Operação:	<ol style="list-style-type: none">1. Introduzir um referente discursivo novo t^r.2. Acrescente a $Con_{K'}$ as condições:<ul style="list-style-type: none">– $[beg(t^r) \subseteq t^r]$ e $[end(t^r) = TP_{pt}]$, se $t^r < TP_{pt}$– $[beg(t^r) = TP_{pt}]$ e $[end(t^r) \subseteq t^r]$, se $TP_{pt} < t^r$.

A regra que se segue introduz o t^r que representa o intervalo que medeia entre dois outros intervalos de tempo antes mencionados ou inferidos.

RC-DRS 17. Reconstrução do antecedente na anáfora independente do TP_{PT}

Introdução de referentes discursivos temporais reconstruídos a partir de outros referentes temporais	
Configurações	
Desencadeadoras: K' é uma sub-DRS da DRS K (possivelmente K) e t' e t'' , são referentes discursivos do universo K , acessíveis a partir de K' , e $\neg[t' \text{ O } t'']$.	
Operação:	<ol style="list-style-type: none">1. Introduzir um referente discursivo novo t^r.2. Acrescente a $\text{Con}_{K'}$ as condições:<ul style="list-style-type: none">– $[\text{beg}(t^r) \subseteq t']$ e $[\text{end}(t^r) \subseteq t'']$ se $t' < t''$.– $[\text{beg}(t^r) \subseteq t'']$ e $[\text{end}(t^r) \subseteq t']$ se $t'' < t'$.

Acerca destas regras, importa fazer dois comentários: em primeiro lugar, esclarecer que t' (ou t'') tanto pode representar um intervalo de tempo associado a uma TDE como o intervalo associado à localização de uma situação, caso em que é introduzido na representação através da função **loc**. Assumo que a presença de um referente de tipo **s** ou **e** na representação semântica permite de forma automática a introdução de uma condição como $[\text{loc}(e) = t']$ ou $[\text{loc}(s) = t']$. Kamp e Reyle 1993 não condicionam a introdução destas condições nas DRS, recorrendo a elas sempre que necessário, ou seja, para dar conta das frases subordinadas temporais e dos casos em que o TP_{PT} é fixado a partir de uma situação. Em segundo lugar, é conveniente lembrar que trato apenas sequências de dois períodos, pelo que os referentes discursivos t' e t'' resultam obrigatoriamente do processamento do primeiro período de cada sequência. Por esse motivo, não me preocupo com a questão de se saber se, neste tipo de anáfora, é ou não possível retomar antecedentes construídos a partir de referentes que se encontrem noutros períodos que não o que precede imediatamente aquele que contém a expressão anafórica.

6.2.2.2. Anáfora entre dois localizadores e anáfora entre um localizador e uma TDE ou EST

Em qualquer relação anafórica estão, necessariamente, envolvidos dois elementos, que, no caso presente, são referentes de tipo **t** correspondentes a dois intervalos de tempo: o intervalo de tempo associado à expressão anafórica e o intervalo associado à expressão que constitui o seu antecedente. Nesta secção, darei conta de dois subtipos

da anáfora temporal adverbial de localização que se distinguem entre si relativamente ao intervalo de tempo do antecedente da anáfora.

O tipo de anáfora em estudo neste trabalho – a localização temporal adverbial anafórica – caracteriza-se por envolver uma expressão com propriedades anafóricas que contribui, na frase em que ocorre, para a definição de um intervalo de localização. Atente-se nos exemplos (679)-(681):

- (679) A Ana visitou Paris em 1980. Visitou Londres no mesmo ano.
- (680) O Paulo licenciou-se em 1987. Vive em Coimbra desde então.
- (681) A Ana esteve doente no mês passado. A mãe ficou em casa dela durante esse tempo.

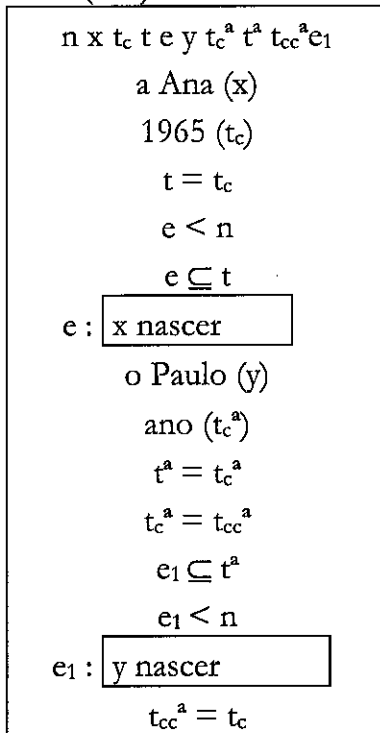
Estas sequências exibem, respectivamente, os localizadores anafóricos não-argumentais *no mesmo ano*, *desde então*, e *durante esse tempo*.

Mantendo-nos no domínio da localização temporal adverbial anafórica, centremo-nos agora na expressão que fornece o antecedente da anáfora. Vejamos os seguintes exemplos:

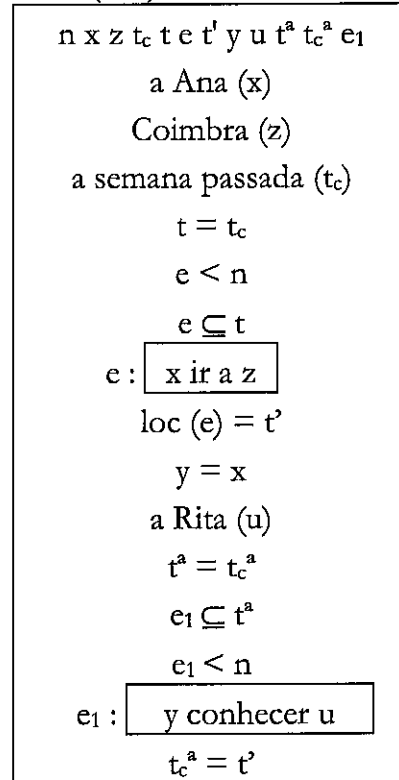
- (682) A Ana nasceu em 1965. O Paulo nasceu no mesmo ano.
- (683) A Ana foi a Coimbra a semana passada. Conheceu a Rita nessa altura.
- (684) 1999 foi o ano mais cansativo da vida do Paulo. Acabou a tese de doutoramento nesse ano.

Estes dados ilustram a existência de dois tipos de casos: em primeiro lugar, casos em que a expressão que introduz o antecedente da anáfora contribui também para a definição de um intervalo de localização na frase que integra. É o que acontece com *1965* na sequência (682). Em segundo lugar, casos em que ela corresponde a uma EST ou TDE sem qualquer papel locativo nessa mesma frase. É o caso de *a Ana foi a Coimbra* na sequência (683) e de *1999* na sequência (684). Vejam-se abaixo as DRS correspondentes às duas primeiras sequências:

DRS-(682)



DRS-(683)



Na primeira DRS, o referente que representa o antecedente da anáfora, t_c , corresponde a um intervalo localização – cf. $[t = t_c]$ e $[e \subseteq t]$ –, o que não acontece na segunda DRS. Direi que no primeiro caso a relação anafórica se estabelece entre dois intervalos de localização e que no segundo caso se estabelece entre um intervalo de localização e um intervalo de tempo não anteriormente associado à função de localização. A distinção entre estes dois tipos de anáfora é relevante para o modo como se extrai informação sobre a localização relativa das duas situações. Vejam-se as seguintes sequências:

- (685) O Paulo regressou a Lisboa no dia 1 de Maio de 1975. A Ana regressou na véspera.
- (686) O Paulo foi a Paris em 1990. A Ana foi lá foi no ano seguinte.
- (687) O Paulo foi a Paris em 1990. A Ana foi lá no mesmo ano.

Nos três casos, a relação anafórica liga expressões associadas a intervalos de localização, respectivamente, *no dia 1 de Maio de 1975* e *na véspera*, *em 1990* e *no ano seguinte*, e *em 1990* e *no mesmo ano*. Neste tipo de anáfora – ao contrário daquela que envolve um intervalo de localização e uma TDE ou EST – a informação acerca da localização relativa das situações envolvidas, quando existe, é dada de forma indirecta. Por exemplo, na sequência (686), sabe-se que a situação descrita na segunda frase – *a*

Ana foi lá [a Paris] – ocorreu depois da descrita na primeira – *o Paulo foi a Paris* –, porque se diz explicitamente que a segunda situação ocorreu no ano que se segue àquele em que ocorreu a primeira. Já no respeitante a sequências como (687), em que há uma relação de identidade entre os dois intervalos de localização, não é possível, a partir da representação, tirar nenhuma conclusão acerca da ordenação temporal das duas situações envolvidas. Comparemos a DRS (simplificada) que representa a sequência (686) com aquela (também simplificada) que representa a sequência (687):

DRS-(686)

$n \times t_c \ t \ e \ y \ t_c^a \ t^a \ e_1 \ t_{cc}^a$ o Paulo (x) 1990 (t_c) $t = t_c$ $e \subseteq t$ $e < n$ e: x ir a Paris a Ana (y) ano (t_c^a) $t^a = t_c^a$ $e_1 \subseteq t^a$ $e_1 < n$ $t_{cc}^a \supset \supset t_c^a$ ano (t_{cc}^a) e ₁ : y ir lá $t_{cc}^a = t_c$

DRS-(687)

$n \times t_c \ t \ e \ y \ t_c^a \ t^a \ e_1 \ t_{cc}^a$ o Paulo (x) 1990 (t_c) $t = t_c$ $e \subseteq t$ $e < n$ e: x ir a Paris a Ana (y) $t^a = t_c^a$ ano (t_c^a) $e_1 \subseteq t^a$ $e_1 < n$ $t_{cc}^a = t_c^a$ ano (t_{cc}^a) e ₁ : y ir lá $t_{cc}^a = t_c$

No primeiro caso, há uma condição que dá conta da ordenação temporal dos dois intervalos de localização – cf. [$t_{cc}^a \supset \supset t_c^a$] –, enquanto no segundo eles estão relacionados através de uma relação de identidade – cf. [$t_{cc}^a = t_c^a$]. No caso de sequências como (687), a ordenação das situações é por vezes possível, em particular quando o tipo de situação descrito nos deixar inferir uma relação discursiva com impacto temporal (cf. secção 6.3.).

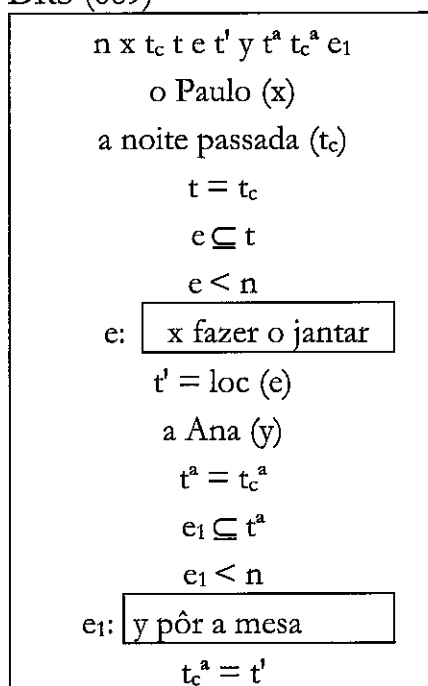
Vejamos agora casos de anáfora que envolvem uma EST e um localizador:

(688) O Paulo foi ao cinema ontem à noite. Foi à discoteca depois disso.

(689) O Paulo fez o jantar a noite passada. A Ana pôs a mesa entretanto.

Recorde-se que nestes casos, o antecedente da expressão anafórica é sempre um referente temporal obtido pela função **loc**. A relação temporal – seja ela de anterioridade, posterioridade ou de identidade – estabelece-se directamente com a situação que fornece o antecedente da anáfora. Ao contrário do sucedido no tipo de anáfora apresentado antes, aqui a representação semântica permite sempre que localizemos relativamente as duas situações, mesmo em sequências como (689): Veja-se a DRS (muitíssimo simplificada) que representa essa sequência:

DRS-(689)



Podemos, a partir desta DRS, concluir que há sobreposição entre as duas situações.

6.3. Diversidade da localização temporal adverbial anafórica no plano discursivo

Passo agora ao plano discursivo, no qual considero que se devem distinguir os casos em que a relação anafórica surge associada a relações discursivas com impacto temporal dos casos em que a relação anafórica não é acompanhada de relações desse tipo. Os dois conjuntos de sequências (690)-(691) e (692)-(694) são instâncias de anáfora envolvendo dois localizadores temporais:

(690) O Paulo foi a Paris em Maio. A Ana foi lá no mesmo mês.

(691) A Ana visitou Roma em 1999. O Paulo visitou Veneza nesse ano

- (692) A Ana teve um furo na sexta-feira passada. Chegou tarde à faculdade nesse dia.
- (693) A Ana chegou tarde à faculdade na segunda-feira. O despertador não tocou nesse dia.
- (694) A Ana licenciou-se em Junho de 1987. Começou a trabalhar no mesmo mês.

As sequências (690)-(691) contrastam com (692)-(694) no seguinte: enquanto as primeiras não deixam que se extraia nenhuma conclusão no que diz respeito à ordem pela qual as duas situações aconteceram, as segundas estão associadas à existência de relações discursivas que nos levam à inferência da localização relativa das duas situações referidas. Atentemos nos últimos três exemplos. A partir dos localizadores temporais explícitos não obtemos nenhum tipo de informação respeitante à ordem pela qual as situações descritas ocorreram. Sabemos somente que elas ocorreram no mesmo dia (cf. (692)-(693)) e no mesmo mês (cf. (694)). Contudo, independentemente da informação temporal transmitida pelos localizadores anafóricos explícitos, é possível inferir em cada caso a localização relativa das situações. Recorrendo à teoria de Lascarides e Asher 1991 e 1993, podemos inferir para cada uma das sequências uma dada relação discursiva. No primeiro caso é possível inferir uma RD de Resultado entre os dois períodos. No segundo caso, podemos inferir que o segundo período se liga ao primeiro por Explicação. E, no terceiro caso, podemos inferir uma relação de Narração. Relembro abaixo, os axiomas temporais associados as estas RD.

- (695) $\square (\text{Explicação}(\alpha, \beta) \rightarrow \neg [\text{me}(\alpha) < \text{me}(\beta)])$
- (696) $\square (\text{Resultado}(\alpha, \beta) \rightarrow \text{me}(\alpha) < \text{me}(\beta))$
- (697) $\square (\text{Narração}(\alpha, \beta) \rightarrow \text{me}(\alpha) < \text{me}(\beta))$

Dadas estas inferências, é possível obter a localização relativa das duas situações, o que ilustra o papel determinante das relações discursivas na interpretação temporal do discurso mesmo em casos com localizadores explícitos. Esta questão será retomada no capítulo 7 e no capítulo 8.

Capítulo 7

Localização temporal anafórica e relações discursivas

Os principais objectivos deste capítulo são mostrar que a generalidade dos localizadores temporais interage sistematicamente com a estrutura discursiva e descrever para os diferentes grupos de localizadores em que consiste essa interacção. Além disso, interessa também apresentar, por um lado, a importância das relações discursivas para a interpretação temporal de sequências com localizadores anafóricos e, por outro lado, o papel desses localizadores na determinação das relações discursivas.

Como se acentuou na parte I, as propostas de tratamento da interpretação temporal do discurso que fazem uso de relações retóricas (cf., por exemplo, Lascarides e Asher 1991 e 1993) dizem, quase exclusivamente, respeito a sequências sem expressões temporais de natureza adverbial, como, por exemplo, (698)-(701):

- (698) A Ana chegou a casa. A Rita estava a dormir.
- (699) O Paulo entrou na sala. Ligou a televisão.
- (700) O Bafo de Onça assaltou um banco. Foi preso.
- (701) O Bafo de Onça foi preso. Assaltou um banco.

Um dos enigmas que essas sequências apresentam tem a ver com o modo como na ausência de localizadores temporais adverbiais explícitos (ou de outros marcadores sintácticos, como, por exemplo, o pretérito mais-que-perfeito) o leitor é capaz de inferir a ordem pela qual as situações descritas aconteceram, sobretudo nos casos em que a ordem de descrição difere da ordem segundo a qual as situações tiveram lugar. Os poucos trabalhos em que se faz referência à interacção dos localizadores temporais com a estrutura das situações ou do discurso – p. ex., Moens e Steedman 1988, Glasbey 1993 e 1994 ou Bras et 2001a, apresentados no capítulo 4 – dizem respeito a determinados localizadores em particular, não permitindo que se obtenha uma visão abrangente sobre essa interacção.

Antes de iniciar a apresentação dos dados, é conveniente fazer o seguinte esclarecimento relativamente à posição dos localizadores na frase. Considero, seguindo propostas existentes na literatura, que a posição dos localizadores temporais na frase – em particular a oposição entre posição inicial e posição final – não interfere com as

condições de verdade associadas ao localizador. Comparem-se as sequências (702 a) e (703 a) com (702 b) e (703 b), respectivamente:

- (702) a. O Paulo foi a Paris em 1980. Foi a Londres no mesmo ano.
- b. O Paulo foi a Paris em 1980. No mesmo ano foi a Londres.

- (703) a. O Paulo leu escreveu uma carta ontem à noite. A Ana fez um bolo entretanto.
- b. O Paulo leu escreveu uma carta ontem à noite. Entretanto a Ana fez um bolo.

Outro tanto não pode ser dito no que respeita a questões relacionadas com a estrutura informacional da frase (cf., p. ex., Swart 1993 e 1994 ou Hitzeman 1993 e 1997). No entanto, estas questões não serão abordadas aqui. Por isso e porque alguns localizadores anafóricos (cf. *enquanto isso*, *paralelamente (a isso)* entre outros) apresentam restrições quanto à posição em final de frase, opto aqui – ao contrário do que aconteceu na parte II – por inserir alguns desses localizadores em posição inicial.

7.1. Tempo adverbial e relações discursivas – quadro geral de interacções

A análise dos localizadores temporais feita no capítulo 5 não caracteriza de forma completa essas expressões, porquanto deixa de fora a sua interacção com o discurso, não permitindo tratar nem os diversos contrastes a que elas dão origem nem as restrições de co-ocorrência que as afectam. Vejam-se os seguintes exemplos, que envolvem a RD de Elaboração:

- (704) O Paulo esteve em Paris a semana passada. Ficou hospedado no Hilton.
- (705) O Paulo esteve em Paris a semana passada. Durante esse tempo, ficou hospedado no Hilton.
- (706) *O Paulo esteve em Paris a semana passada. Enquanto isso, ficou hospedado no Hilton.

Tanto *durante esse tempo* como *enquanto isso* representam intervalos de localização que coincidem com a localização de uma situação – **loc (ev)** – previamente referida. Todavia, só o primeiro pode ser usado em sequências que envolvem Elaboração como as dadas acima.

Vejamos ainda um segundo caso, com Enquadramento e com os localizadores *nesse dia e nesse mesmo dia*.

- (707) O Paulo chegou a Lisboa no dia 1 de Janeiro. Chovia.
- (708) O Paulo chegou a Lisboa no dia 1 de Janeiro. Chovia nesse dia.
- (709) *O Paulo chegou a Lisboa no dia 1 de Janeiro. Chovia nesse mesmo dia.

A inferência que fazemos ao ler a sequência (707) é que a segunda frase se liga à primeira através da relação de Enquadramento. No entanto, das duas sequências que contêm um localizador anafórico explícito, apenas a primeira sequência é aceitável⁴⁰. Também aqui, se nos ativermos apenas às relações temporais que os dois localizadores veiculam, não podemos explicar o contraste existente entre as duas últimas sequências. Recorde-se que ambos os localizadores envolvem uma relação de identidade entre dois intervalos de localização. A observação de dados como este sugere que os localizadores em estudo interagem com as relações entre as situações e com a estrutura discursiva, questão que passo a desenvolver.

Podemos distinguir dois tipos de casos no respeitante ao modo de interacção dos localizadores temporais anafóricos com a estrutura discursiva: casos de compatibilidade e casos de incompatibilidade. Os casos de compatibilidade são aqueles em que um localizador temporal não bloqueia – isto é, preserva – a inferência de uma RD inferível na sua ausência. Os casos de incompatibilidade são aqueles em que a presença de um localizador bloqueia a inferência de uma RD inferível na sua ausência. Quanto a estes casos, é necessário ainda separar os casos de incoerência dos casos de substituição. Nos primeiros, o bloqueio de uma dada RD gera incoerência por não ser possível inferir nenhuma outra relação; nos segundos, a sequência resultante permite que se infira uma outra RD. Tanto quanto sei, o conceito de um localizador ser compatível ou incompatível com uma RD é referido pela primeira vez em Alves e Txurruka 1999, a propósito dos localizadores com *mesmo* (cf. Capítulo 8). Uma das ideias introduzidas nesta dissertação é que os localizadores interagem sistematicamente com a estrutura discursiva, ou seja, cada localizador é compatível ou incompatível com uma dada RD.

Passo agora à apresentação de exemplos de cada caso, começando pelos de compatibilidade. Vejam-se as seguintes sequências:

⁴⁰ É Glasbey 1993, 1994 quem primeiro chama a atenção para a impossibilidade de *same* (*mesmo*) ocorrer em contextos de Enquadramento. A sua proposta é apresentada no Capítulo 4.

Narração

- (710) a. Ontem à noite a Ana foi jantar fora. Foi ao cinema e à discoteca.
b. Ontem à noite a Ana foi jantar fora. Depois foi ao cinema e à discoteca.

A relação entre as situações aqui descritas não é afectada pela introdução de *depois*. A RD de Narração, inferível na sequência sem localizador – cf. (710 a) –, continua a poder ser inferida na sequência que contém o localizador anafórico – cf. (710 b). *Mutatis mutandis*, o mesmo acontece nos exemplos abaixo, que envolvem, respectivamente, Elaboração, Enquadramento, Resultado e Explicação. Veja-se:

Elaboração

- (711) a. O Paulo foi a Lisboa a semana passada. Ficou hospedado no Sheraton.
b. O Paulo foi a Lisboa a semana passada. Ficou então hospedado no Sheraton.

Enquadramento

- (712) a. A Ana visitou Roma pela primeira em 1987. Tinha 22 anos.
b. A Ana visitou Roma pela primeira em 1987. Tinha 22 anos na altura.

Resultado

- (713) a. O Paulo teve um grave acidente de automóvel em 1999. Passou a Páscoa no hospital.
b. O Paulo teve um grave acidente de automóvel em 1999. Passou a Páscoa no hospital nesse ano.

Explicação

- (714) a. O Paulo chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. Teve um furo.
b. O Paulo chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. Teve um furo nesse dia.

Vejamos agora os casos de incompatibilidade, começando pelos que geram incoerência:

Elaboração

- (715) a. O Paulo foi a Lisboa a semana passada. Ficou hospedado no Sheraton.
b. *O Paulo foi a Lisboa a semana passada. Entretanto ficou hospedado no Hilton.

Enquadramento

(716) a. A Ana visitou Roma pela primeira em 1987. Tinha 22 anos.

b. *A Ana visitou Roma pela primeira em 1987. Tinha 22 anos na mesma altura.

A adição de *entretanto* a (715 b) bloqueia a relação mereológica entre as duas situações e, conseqüentemente, a inferência da RD de Elaboração, inferível em (715 a). Como não é possível inferir nenhuma outra RD, a seqüência é incoerente. Em (716 b) a presença de *na mesma altura* bloqueia também a relação entre as duas situações e a inferência de Enquadramento, possível em (716 a). Esta seqüência é incoerente, uma vez que não é possível inferir nenhuma outra RD. O que parece acontecer em ambos os casos é que há um bloqueio da relação mereológica, que conduz necessariamente ao bloqueio de Elaboração e de Enquadramento.

Passo de seguida à apresentação do segundo tipo de casos de incompatibilidade mencionados – os de substituição. Aqui, a introdução do localizador anafórico bloqueia uma RD, mas o discurso é coerente, o que pressupõe a possibilidade de se inferir uma outra RD. Não me deterei aqui na identificação da nova RD, deixando essa questão para as secções 7.3 e 7.4. Veja-se:

Bloqueio de Narração

(717) a. O Paulo foi ao cinema ontem à noite. Foi jantar fora.

b. O Paulo foi ao cinema ontem à noite. Foi jantar fora antes disso.

(718) a. O Paulo deu uma conferência em Paris em 1990. Visitou a irmã em Toulouse.

b. O Paulo deu uma conferência em Paris em 1990. Visitou então a irmã em Toulouse.

Ao lermos as seqüências (717 a) e (718 a), podemos inferir Narração. Esta RD é bloqueada quer em (717 b) pela introdução de *antes disso* quer em (718 b) pela presença de *então*. Veja-se agora (719):

Bloqueio de Resultado

(719) a. O Paulo teve um grave acidente de automóvel em 1999. Passou a Páscoa no hospital.

b. O Paulo teve um grave acidente de automóvel em 1999. Passou a Páscoa no hospital no mesmo ano.

Ao lermos a sequência (719 a), inferimos naturalmente que a situação de o Paulo ter passado a Páscoa no hospital resultou da situação de acidente antes mencionada, o que nos leva a concluir que as duas frases estão ligadas por Resultado. No entanto, esse nexos causal e, conseqüentemente, essa relação discursiva de Resultado são bloqueados em (719 b). O mesmo acontece, *mutatis mutandis*, em (720 b) abaixo. Há bloqueio do nexos causal e, conseqüentemente, de Explicação.

Bloqueio de Explicação

(720) a. O Paulo chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. Teve um furo.

b. O Paulo chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. Teve um furo no mesmo dia.

Atente-se agora em (721):

Bloqueio de Continuação

(721) a. A Ana foi a Londres em 1980. O Paulo foi a Paris.

b. A Ana foi a Londres em 1980. Entretanto o Paulo foi a Paris.

A presença de *entretanto* na segunda sequência, ao permitir a ordenação relativa das situações, bloqueia a RD de Continuação, inferível na primeira sequência.

Os contrastes que acabei de apresentar – alguns dos quais serão retomados adiante em 7.4. – ilustram que os localizadores temporais em estudo não só são sensíveis à estrutura do discurso – ou seja, são compatíveis ou incompatíveis com ela – como também actuam sobre ela, em particular conduzindo à inferência de relações discursivas que não são inferidas na sua ausência. Perante isto, poder-se-á colocar a questão de saber se as expressões em causa são basicamente localizadores temporais, isto é, expressões que veiculam primeiramente relações temporais, com sensibilidade retórica de que é preciso dar conta, ou se são marcadores discursivos. A opção pela segunda hipótese equivale a dizer que essas expressões veiculariam basicamente uma RD, por exemplo, Enquadramento ou Narração, e que a informação temporal seria deduzida a partir dessa informação retórica. Tomarei como ponto de partida a hipótese enunciada em primeiro lugar, ou seja, que as expressões em estudo são basicamente localizadores temporais (por oposição, a marcadores discursivos), e que a sua interacção com a estrutura do discurso pode ser tratada em termos de compatibilidade ou incompatibilidade com as relações discursivas. Repare-se que, no Capítulo 5, foi possível identificar para cada localizador em estudo a relação de localização por ele expressa e os ingredientes que essa mesma relação envolve.

7.2. Função das relações discursivas na computação multifactorial de valores temporais

7.2.1. Valores temporais implícitos nas relações discursivas

A questão a abordar nesta secção é a do papel que as RD e a ordenação textual desempenham na interpretação temporal de sequências com localizadores anafóricos explícitos. Começamos pelo caso das RD. Para tal, estabelecemos uma comparação entre dois pares de sequências discursivas. Vejamos o primeiro par:

(722) O Paulo assaltou um banco. Foi preso.

(723) A Ana sentiu uma forte dor no peito a semana passada. Foi hospitalizada.

Se recorrermos à tipologia de Lascarides e Asher 1993, podemos dizer, ao ler as sequências (722)-(723) acima, que o segundo período se liga ao primeiro por meio de Resultado. A inferência dessa RD leva obrigatoriamente à conclusão de que a segunda situação descrita se segue temporalmente à primeira. Comparemos estas sequências com as do segundo par, em (724)-(725), que contêm localizadores anafóricos que veiculam uma relação de posterioridade temporal.

(724) O Paulo assaltou um banco. Foi preso uma semana depois.

(725) A Ana sentiu uma forte dor no peito a semana passada. Foi hospitalizada.

A questão que se coloca, relativamente não só a estes exemplos mas também a outros com localizadores temporais do mesmo tipo, é a de saber se continua a ser pertinente afirmar-se que a conclusão que o falante extrai acerca da relação temporal existente entre as duas situações depende da inferência de uma dada RD – que neste caso particular é a de Resultado –, uma vez que o segundo período de cada sequência exhibe um localizador temporal que explicitamente localiza a situação nela descrita num intervalo de tempo temporalmente ordenado – neste caso, por uma relação de posterioridade – relativamente àquele em que a situação descrita no primeiro período ocorre. A minha resposta é a de que essa afirmação continua a ser pertinente. No que respeita a sequências contendo localizadores temporais que relacionam as situações relevantes, a minha posição é que o falante obtém a informação temporal pelas duas

vias, a via do conhecimento sobre a estrutura das situações e do discurso discursiva e a via adverbial.

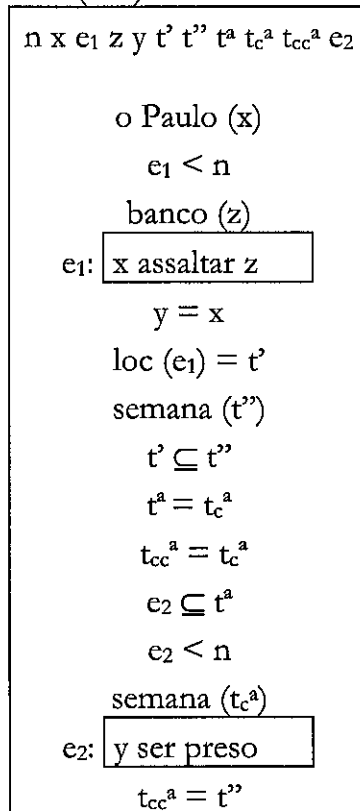
Casos como (724) e (725), em que a estrutura discursiva desempenha um papel na extracção de informação sobre como as situações estão temporalmente relacionadas, mas partilha esse papel com os localizadores explícitos, contrastam com os casos que apresentarei de seguida, em que, apesar da presença de localizadores temporais explícitos, a inferência de relações retóricas é que é determinante no processo segundo o qual o falante extrai conclusões acerca da ordenação das duas situações. Vejamos esses casos, começando pelos que envolvem os localizadores com *mesmo*, como *na mesma semana* e *no mesmo dia*.

(726) O Paulo assaltou um banco. Foi preso na mesma semana.

(727) A Ana sentiu uma forte dor no peito a semana passada. Foi hospitalizada na mesma semana.

Embora (726) e (727) contenham localizadores temporais adverbiais, a natureza destes não nos permite ordenar temporalmente as duas situações, dado que expressam uma relação de identidade entre dois intervalos de localização. Veja-se, a título de exemplo, a DRS (simplificada) da primeira destas sequências:

DRS-(726)



Repare-se que a DRS não contém nenhuma condição que nos permita inferir a ordenação das situações. A ideia de avanço temporal que qualquer falante associa a esta sequência decorre uma vez mais da inferência da RD de Resultado.

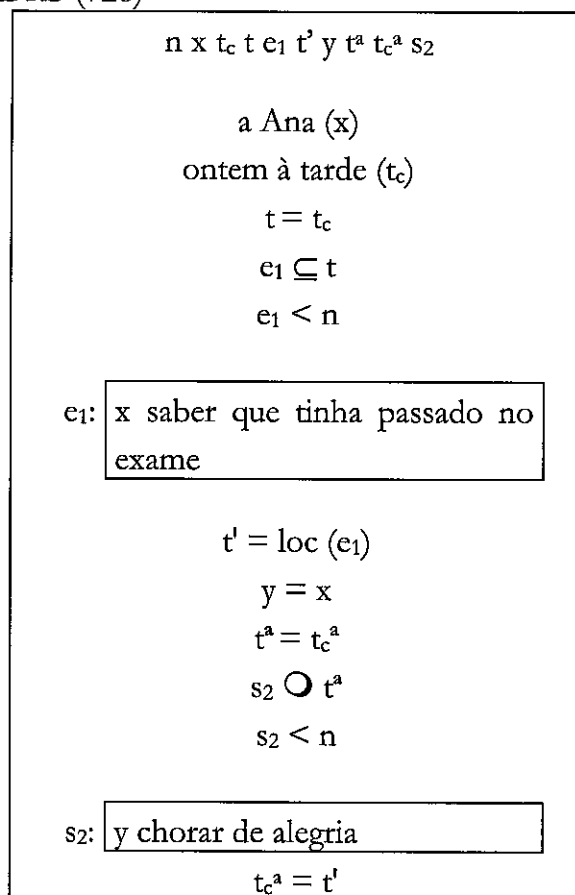
Concentremo-nos agora num segundo tipo de casos, que envolvem os localizadores *na altura*, *então* e *nessa altura*. Vejam-se (728) e (729):

(728) A Ana soube que tinha passado no exame ontem à tarde. Chorou de alegria na altura.

(729) A Ana chegou a casa à meia-noite. Telefonou {então / nessa altura} à irmã para lhe dizer que tinha chegado.

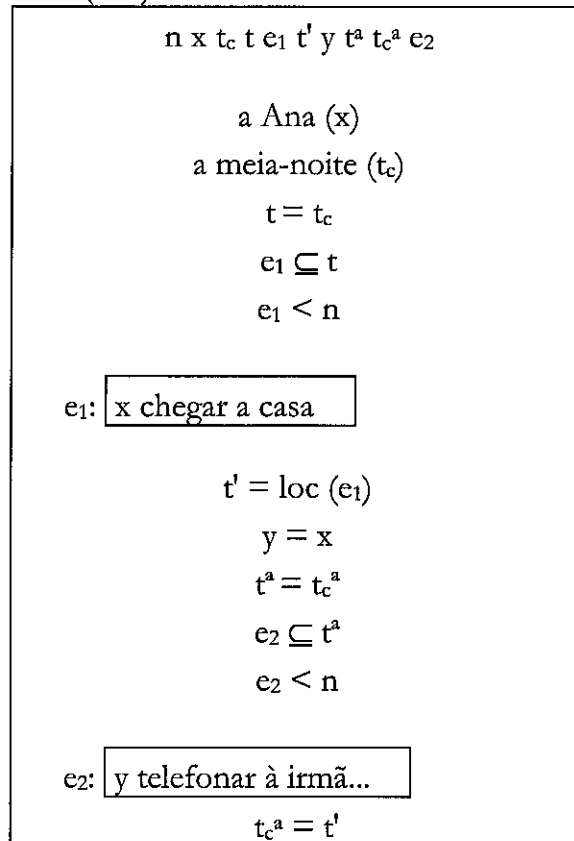
Se nos ativermos às condições semânticas associadas aos localizadores temporais *na altura*, *então* e *nessa altura*, concluímos que há sobreposição temporal entre as duas situações de cada sequência. Veja-se a representação (simplificada) do primeiro exemplo:

DRS-(728)



Como se pode observar, esta representação não dá conta do avanço temporal antes mencionado, ou seja, não podemos a partir das condições presentes nesta DRS extrair nenhuma outra que dê conta da impressão de avanço temporal que intuimos ao ler a sequência em causa. O mesmo pode ser dito relativamente à DRS que dá conta (de forma simplificada e parcelar) da sequência (729):

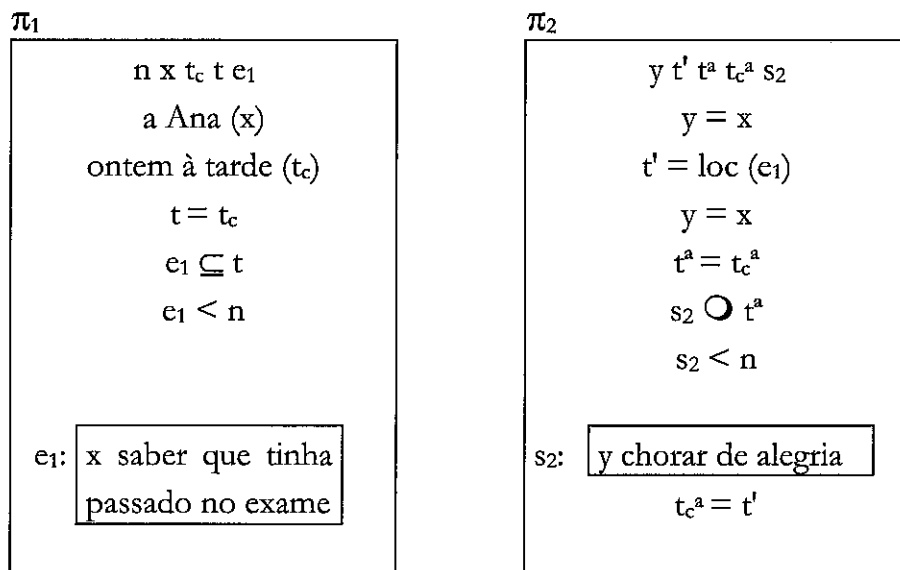
DRS-(729)



Aquilo que podemos concluir é, no caso da primeira DRS, que $[e_1 \circ s_2]$ e, no caso da segunda DRS, que $[e_2 \subseteq e_1]$. No entanto, a interpretação que damos a estas sequências corresponde a uma ordenação das situações segundo a qual a segunda situação se segue temporalmente à primeira. Trata-se de casos em que a ordenação das situações se faz claramente pela via discursiva, ou seja, resulta da inferência de Reacção no primeiro caso e de Narração no segundo caso. Não considero problemático o facto de as representações semânticas não darem conta da ordenação das situações assinalada, já que essa ordenação é de índole pragmática, isto é, obtém-se com base no conhecimento do mundo e da estrutura discursiva. Os localizadores relacionais nelas presentes não desempenham aí qualquer papel. Repare-se que é possível suprimir o localizador e continuar a inferir Reacção e avanço temporal – cf. (730) –, bem como Narração e avanço temporal – cf. (731):

- (730) A Ana soube que tinha passado no exame ontem à tarde. Chorou de alegria.
- (731) A Ana chegou a casa à meia-noite. Telefonou à irmã para lhe dizer que a viagem tinha corrido bem.

Sendo a ordenação das situações feita com base em informação de índole pragmática, deverão ser as regras respeitantes à estrutura discursiva a dar conta dela e não as representações semânticas. Vejam-se as seguintes DRS que representam (728):



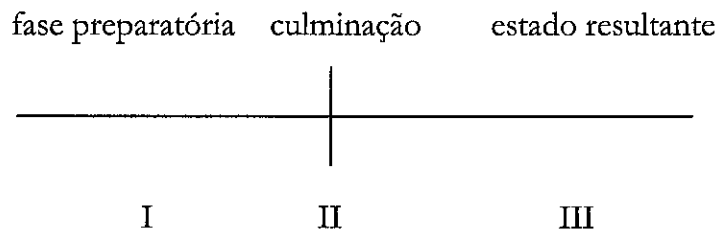
O conhecimento do mundo e as regras de inferência das RD levam a que se conclua Reacção⁴¹ (π_1, π_2). O axioma temporal associado a essa RD leva à conclusão de que $\text{beg} (e_1) < \text{beg} (s_2)$.

- | | |
|--|------------------------------|
| (732) (i) Reacção (π_1, π_2) | (Conhecimento do mundo) |
| (ii) $\text{beg} (e_1) < \text{beg} (s_2)$ | (Axioma associado a Reacção) |

No que respeita a (731), a conclusão seria, após inferência de Narração, que $e_1 < e_2$. A questão que se pode colocar é a de haver contradição entre a relação de sobreposição temporal entre as situações veiculada nas representações semânticas e a relação temporal resultante da inferência das RD e axiomas temporais associados. No primeiro

⁴¹ A caracterização desta RD é feita na secção 7.4.

caso, que envolve a RD de Reacção, não há contradição. No segundo caso há, pelo menos aparentemente, contradição. Parece-me, contudo, que estes exemplos podem ser analisados de tal forma que essa contradição deixa de existir. Isso acontece se concebermos a relação de sobreposição como envolvendo o estado resultante do evento de a Ana ter chegado a casa, ou seja, se identificarmos o intervalo de tempo que *então* retoma com o intervalo de tempo correspondente ao estado resultante da situação de a Ana chegar a casa. Isto supõe que, na linha do defendido primeiramente em Moens 1987, os eventos têm uma estrutura tripartida que, seguindo Kamp e Reyle 1993: 558, represento da seguinte forma⁴²:



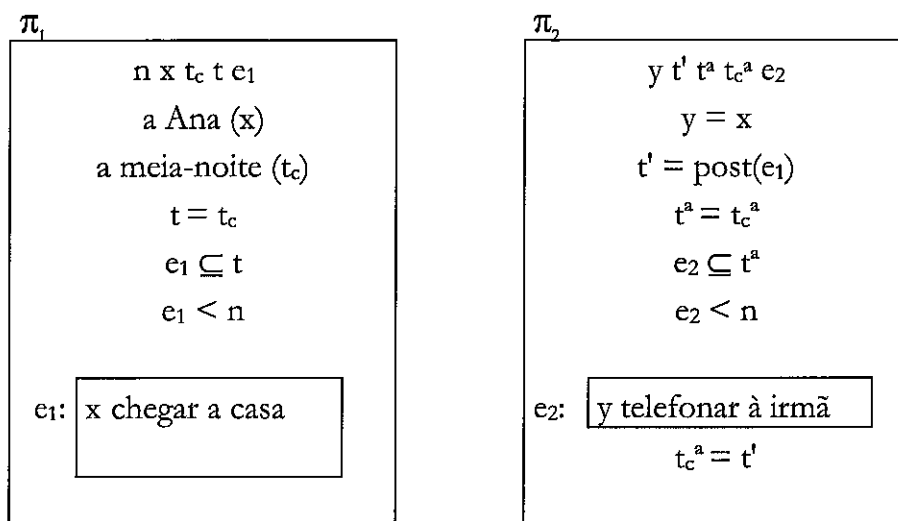
A cada parte corresponde um intervalo de tempo, o que seguindo Bras et al. 2001a: 50, pode ser representado da seguinte forma:

$$(733) \quad \text{Evento}(e) \rightarrow \text{pre}(e) \supset\subset e \supset\subset \text{post}(e).$$

Em (733), **pre(e)** representa o estado preparatório⁴³ do evento **e** e **post(e)** representa o seu estado resultante. A partir daqui podemos representar a sequência (729) do seguinte modo:

⁴² Em Moens 1987, assim como em Moens e Steedman 1988, a estrutura tripartida que representa um evento é chamada **nucleus** e as suas três partes são designadas processo preparatório, culminação e estado consequente. Adopto neste esquema os termos de Kamp e Reyle 1993, por estes me parecerem mais neutros. Note-se que a noção de estado consequente tem sido problematizada na literatura (cf. p. ex., Sandström 1993), questão que não pretendo desenvolver aqui.

⁴³ Os autores recorrem aos termos **estado preparatório** e **estado resultante** de uma situação.



As duas DRS são ligadas por meio de Narração e, conseqüentemente, pode concluir-se que $e_1 < e_2$.

- (734) (i) Narração (π_1, π_2) (Princípio Cooperativo de Grice)
(ii) $e_1 < e_2$ (Axioma temporal associado a Narração)

Desta forma, não há contradição entre a representação semântica e a inferência discursiva.

A associação de uma relação temporal de sobreposição a casos de Narração não é nova. Como acentuado no Capítulo 4, trabalhos recentes sobre o tempo em narrativas levaram a que se propusessem os axiomas (735) e (736) para dar conta de seqüências sem localizadores relacionais (cf. Bras 2001a: 50-51).

- (735) Narração (α, β) \rightarrow $\text{post}(e_\alpha) \circ \text{pre}(e_\beta)$
(736) Narração (α, β) $\rightarrow e_\alpha \supset \supset (\text{post}(e_\alpha) \cap \text{pre}(e_\beta)) \supset \supset (e_\beta)$

Note-se que o segundo é uma versão mais forte do primeiro. O primeiro expressa a mera sobreposição entre o estado resultante e o estado preparatório de dois eventos, ao passo que o segundo expressa que o estado resultante do primeiro evento se verifica pelo menos até ao começo do segundo. Possivelmente, os mesmos axiomas aplicam-se também em casos de Reacção. Note-se, a este propósito, que ambos os exemplos em análise são estranhos se em vez de um localizador que envolve sobreposição recorrermos a localizadores que indicam posterioridade.

- (737) */??A Ana soube que tinha passado no exame ontem à tarde. Chorou de alegria depois disso.
- (738) *A Ana chegou a casa à meia-noite. Telefonou à irmã para lhe dizer que a viagem tinha corrido bem depois disso.

Aceitando-se os axiomas (735) e (736) acima, poder-se-ia atribuir o bloqueio das RD de Narração e Reacção ao bloqueio dessa relação de sobreposição temporal.

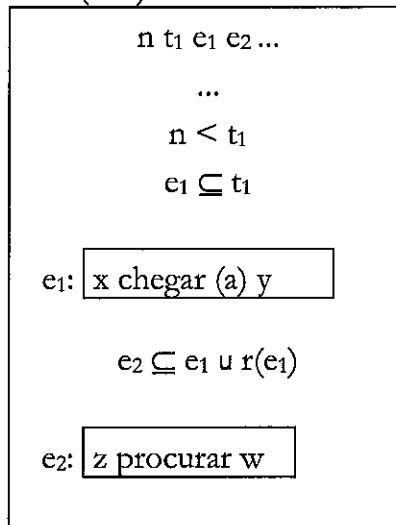
Para concluir esta questão, parece-me importante chamar a atenção para o facto de, além dos casos assinalados, haver outros em que o conhecimento do mundo leva à inferência de uma relação de posterioridade entre dois intervalos de tempo, apesar da presença de um localizador que expressa sobreposição temporal. Entre os exemplos citados na literatura contam-se os seguintes, que envolvem *when* e *quando*:

- (739) When they built the 39th Street bridge they solved most of their traffic problems.
Quando construíram a ponte da Rua 39 resolveram a maior parte dos problemas de trânsito.
- (740) Quando chegar ao pé do rio procurará a passagem entre os salgueiros.

O primeiro corresponde a um caso dado em Moens e Steedman 1988: 15 e o segundo é apresentado em Carecho 1996: 52. Relativamente ao primeiro, dada uma estrutura tripartida do evento (mais precisamente, um processo culminado) descrito na frase subordinada, estrutura essa que envolve um processo preparatório, uma culminação e um estado consequente, Moens e Steedman 1988 propõem que se localize a situação de resolução dos problemas de trânsito no estado consequente do evento descrito na frase subordinada⁴⁴. Assumindo *grosso modo* o conceito de *nucleus*, Carecho 1996 introduz na DRS que representa (740) uma entidade plural – $e_1 \cup r(e_1)$ – obtida através de uma operação booleana que envolve a culminação e o estado consequente (nos termos da autora) do evento descrito na frase subordinada, identificado na representação como e_1 (cf. Carecho 1996: 52). Veja-se a DRS:

⁴⁴ Para uma explicação mais detalhada deste exemplo, veja-se a secção 4.4.2.1.

DRS-(740)



Ainda no âmbito dos casos em que as RD desempenham um papel determinante na interpretação temporal, considero importante chamar a atenção para exemplos como (741) e (742), que envolvem as RD de Elaboração e de Enquadramento. Veja-se:

(741) A Ana foi a Londres pela primeira vez em 1980. Tinha 15 anos na altura.

(742) A Ana foi a Veneza em 1990. Andou então de gôndola.

Tal como noutros casos apresentados acima, aqui a interpretação temporal é determinada pela estrutura discursiva. Vejam-se os mesmos exemplos sem os localizadores relacionais.

(743) A Ana foi a Londres pela primeira vez em 1980. Tinha 15 anos.

(744) A Ana foi a Veneza em 1990. Andou de gôndola.

As relações temporais entre as duas situações são consequência da inferência de Enquadramento, no primeiro caso, e de Elaboração, no segundo. No entanto, aqui, ao contrário do que acontecia nos outros casos, os localizadores anafóricos não contribuem com nenhuma informação de tipo temporal para a compreensão dos enunciados. Note-se que pretendo estabelecer uma diferença entre informação sobre a ordenação temporal das situações e informação de tipo temporal. Olhemos de novo para os exemplos (726) e (727) repetidos abaixo como (745) e (746).

(745) O Paulo assaltou um banco. Foi preso na mesma semana.

(746) A Ana sentiu uma forte dor no peito a semana passada. Foi hospitalizada no mesmo dia.

Os localizadores relacionais não nos permitem ordenar as situações em causa, mas expressam a informação de tipo temporal, que não teríamos na sua ausência, de que as duas situações tiveram lugar, respectivamente, numa mesma semana e num mesmo dia. Nada do mesmo tipo acontece em (741) e (742). No que respeita a estes exemplos, possivelmente, a presença ou não presença de um localizador explícito relaciona-se com questões de tópico – foco, que, por ultrapassarem em muito o âmbito deste trabalho, não desenvolverei aqui.

Em conclusão, nas sequências com localizadores anafóricos aqui apresentadas as RD contribuem para a ordenação temporal das situações envolvidas. Em alguns casos contribuem em paralelo com os localizadores explícitos e noutros casos determinam por si só essa interpretação.

7.2.2. Valores temporais implícitos na ordenação textual

Visto o papel das RD na interpretação temporal de sequências com localizadores anafóricos, centremo-nos agora no papel da ordenação textual. Um elemento apontado como crucial na interpretação temporal de sequências discursivas é a ordem de descrição de situações. O seu uso é apresentado como uma instância da máxima de Grice “Sê ordenado.” É particularmente importante no caso das sequências narrativas, por serem precisamente estas as sequências em que a ordem de descrição das situações coincide com a ordem em que ocorreram. É nesta máxima Griceana que explicitamente se baseia a regra de Inferência da RD de Narração no sistema de Lascarides e Asher 1993. De acordo com ela, ordenamos de forma diferente as situações descritas em (747) e em (748).

(747) A Ana chegou a casa às 20 horas. Fez um óptima sopa. Preparou uma sobremesa de chocolate. Pôs a mesa.

(748) A Ana chegou a casa às 20 horas. Pôs a mesa. Fez um óptima sopa. Preparou uma sobremesa de chocolate.

No que respeita ao papel da ordem textual na interpretação temporal, uma vez mais os casos que têm sido estudados na literatura dizem quase sempre respeito a sequências sem localizadores temporais anafóricos como (747) e (748). A primeira questão que se coloca aqui é a de saber se ela também é importante em sequências com localizadores relacionais explícitos. Vejamos (749), abaixo:

- (749) a. A Rita casou em 1987. Teve um filho nesse ano.
b. A Rita teve um filho em 1987. Casou nesse ano.

De acordo com (749), a ordem textual é tão relevante para a interpretação destas sequências que contêm localizadores anafóricos quanto era para a interpretação de sequências como (747) e (748). Em (749 a), inferimos que a Rita casou primeiro e que depois teve o filho, ao passo que em (749 b) inferimos que essas situações se sucederam pela ordem inversa. Isto significa que em ambos os casos inferimos que as situações ocorreram pela ordem em que foram descritas. Tanto num caso como noutro, estamos perante casos que envolvem a inferência da RD de Narração.

7.3. Função do tempo na determinação de relações discursivas – os casos de substituição

Procedo nesta secção à análise de casos em que a presença de um localizador temporal anafórico conduz à inferência de uma RD que não é inferida na sua ausência. Retomo exemplos como os apresentados na secção 7.1. Começemos por ver (750) e (751):

- (750) a. O Paulo teve um grave acidente de automóvel em 1999. Passou a Páscoa no hospital.
b. O Paulo teve um grave acidente de automóvel em 1999. Passou a Páscoa no hospital no mesmo ano.
- (751) a. O Paulo chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. Teve um furo.
b. O Paulo chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. Teve um furo no mesmo dia.

Ao lermos a sequência (750 a), inferimos naturalmente que a situação de o Paulo ter passado a Páscoa no hospital resultou da situação de acidente antes mencionada, o que nos leva a concluir que as duas frases estão ligadas por Resultado. No entanto, esse nexos causal e, conseqüentemente, essa relação discursiva de Resultado são bloqueados em (750 b). Subsiste aqui a relação de Continuação, que não nos permite inferir qualquer relação causal e temporal entre as duas situações. É como se estivéssemos a fazer uma lista de acontecimentos infelizes que aconteceram ao Paulo.

- (752) Há cerca de três anos aconteceram uma série de azares ao Paulo: teve um grave acidente de automóvel em 1999, passou o Natal no hospital {nesse / no} mesmo ano, a casa dele foi assaltada e a irmã partiu uma perna.

Mutatis mutandis, o mesmo se aplica a (751), com o bloqueio do nexos causal (751 b), bloqueio de Explicação e conseqüente inferência de Continuação.

Vejamos agora (753) e (754):

- (753) a. O Paulo deu uma conferência em Paris em 1990. Visitou a irmã em Toulouse.
b. O Paulo deu uma conferência em Paris em 1990. Visitou então a irmã em Toulouse.
- (754) a. O Paulo deu uma conferência em Paris em 1990. Assistiu à final masculina do Torneio de Roland Garros.
b. O Paulo deu uma conferência em Paris em 1990. Assistiu então à final masculina do Torneio de Roland Garros.

A presença de *então* em (753 b) e (754 b) desencadeia a inferência de Elaboração. Esta RD não é facilmente inferida em (753 a) e (754 a). Note-se, de resto, que concorreria com a inferência de Narração. (753 a) e (754 a) contrastam com exemplos como os seguintes, que não envolvem a presença de qualquer localizador anafórico e em que naturalmente se infere Elaboração:

- (755) A Ana visitou o Louvre em 1987. Viu a Mona Lisa.
(756) O Paulo foi ao oceanário na semana passada. Viu os golfinhos.

Considero que (753)-(754) e (755)-(756) constituem instâncias de dois tipos distintos de Elaboração, Elaboração atípica, no primeiro par de seqüências, e Elaboração típica, no segundo. Na Elaboração atípica, a segunda situação descrita não faz parte do típico exemplo da primeira. Na Elaboração típica a segunda situação faz parte daquilo que pode ser considerado como o “script” ou uma versão típica da primeira. Voltemos aos exemplos acima: a situação de alguém assistir à final masculina de Roland Garros ou ir a Toulouse não faz parte do que é a situação típica de dar uma conferência em Paris. Note-se ainda que nem sequer há coincidência geográfica entre as cidades em que as duas situações referidas decorrem. Pelo contrário, uma visita ao museu do Louvre inclui tipicamente uma paragem diante da Mona Lisa do mesmo modo que uma ida ao oceanário não deixa de incluir uma visita aos golfinhos. Há também diferenças entre os dois tipos de Elaboração no que respeita à relação existente entre as situações

envolvidas. Na Elaboração típica, dados dois eventos e e e' , a relação entre eles é $e \subseteq e'$. Na Elaboração atípica, dados os mesmos dois eventos, temos que há um e'' tal que $e \subseteq e''$ e $e' \subseteq e''$.

Uma outra diferença entre os dois casos de Elaboração é a seguinte: nos casos de Elaboração atípica, a presença de *então* tem ainda um efeito idêntico ao que, segundo Spejewski 1994: 124, *then* tem em (757 b).

- (757) a. I'm going shopping and I'm going to the dry cleaners.
Eu vou às compras e vou à lavanderia.
- b. I'm going shopping and I'm going to the dry cleaners then.
Eu vou às compras e vou então à lavanderia.

De acordo com a referida autora, na frase (757 b), *then* indica não só que as duas situações decorrerão na mesma altura, como indica também uma hierarquia das intenções, ou seja, a ida às compras é a coisa mais importante a fazer. Creio que o mesmo se aplica a sequências como (753 b) e (754 b), que repito abaixo:

- (758) O Paulo deu uma conferência em Paris em 1990. Visitou então a irmã em Toulouse.
- (759) O Paulo deu uma conferência em Paris em 1990. Assistiu então à final masculina do Torneio de Roland Garros.

Claramente, concluímos aqui que a razão que leva o Paulo a Paris é a conferência que ele vai fazer. As situações de ele visitar a irmã e assistir à final de um torneio de ténis são apresentadas como secundárias relativamente à primeira. Note-se que, alternativamente, estas sequências poderiam ser reformuladas da seguinte forma: o Paulo deu uma conferência em Paris em 1990 e aproveitou a ocasião para assistir à final masculina do Torneio de Roland Garros e para visitar a irmã que vive em Toulouse. Embora concorde com a ideia de Spejewski 1994 quanto ao papel desempenhado por *then* na hierarquização de intenções em (757 b), discordo com a sua análise de que nessa frase a segunda situação seja parte da primeira. Tal como defendido para (753 b) e (754 b), creio que também em (757 b) a segunda situação não é uma sub-parte da outra. Penso antes que são as duas sub-partes de uma terceira situação.

Passo agora à apresentação de dois tipos de casos em que é também a presença de um localizador anafórico que condiciona a estrutura discursiva. Ao contrário do que acontece com os exemplos antes vistos, estes não podem ser tratados pelo recurso às

RD de Lascarides e Asher 1991 e 1993. Por este motivo, serão retomados na secção seguinte em que se procede a uma extensão desse sistema de RD.

Para o primeiro tipo de casos, vejam-se as sequências (760) e (761):

(760) a. A Ana entrou na sala. Desligou o telemóvel.

b. A Ana entrou na sala. Desligou o telemóvel antes.

(761) a. O Paulo foi ao cinema ontem à noite. Foi jantar fora.

b. O Paulo foi ao cinema ontem à noite. Foi jantar fora antes disso.

A presença em (760 b) e (761 b) dos localizadores anafóricos *antes* e *antes disso*, respectivamente, leva ao bloqueio de Narração, RD inferível em (760 a) e (761 a). O discurso resultante é, todavia, perfeitamente coerente, o que significa que o segundo período se liga ao primeiro por meio de uma RD. Das RD de Lascarides e Asher 1991 e 1993, a única que está associada ao retrocesso temporal é Explicação, que, claramente, não se aplica a estes casos.

Por último, atente-se em (762) e (763):

(762) a. A Ana foi a Londres em 1980. O Paulo foi a Paris.

b. A Ana foi a Londres em 1980. Entretanto o Paulo foi a Paris.

(763) a. A Ana foi jantar com as amigas no fim-de-semana passado. O Paulo foi ao cinema.

b. A Ana foi jantar com as amigas no fim-de-semana passado. Entretanto o Paulo foi ao cinema.

Nas sequências (762 a) e (763 a), inferimos que os dois períodos se ligam por meio de Continuação. Tenha-se em conta que em nenhum dos casos é possível inferir uma ordenação relativa das duas situações descritas. Apenas sabemos, no primeiro caso, que elas ocorreram no mesmo ano e, no segundo, que ocorreram no mesmo fim-de-semana. Contudo, a adição de *entretanto* em (762 b) e (763 b) leva a que se conclua que há uma relação de sobreposição temporal entre as duas situações, o que significa que não estamos já perante um caso de Continuação. Nenhuma das RD propostas em Lascarides e Asher 1991 e 1993 é apropriada para dar conta destes casos, que requerem também uma extensão desse sistema.

7.4. Extensão do sistema de relações discursivas

Sendo um dos objectivos deste capítulo dar conta da interacção entre os localizadores anafóricos e as relações discursivas, uma das questões a tratar é a de saber quais são as RD necessárias para caracterizar de forma suficiente esses localizadores. Tomemos como ponto de partida as cinco relações discursivas apresentadas em Lascarides e Asher 1991 e 1993: Narração, Resultado, Explicação, Elaboração e Enquadramento. Estas RD, dadas na primeira coluna do quadro 31, distinguem-se de outras definidas no quadro da SDRT pelo facto de conduzirem à inferência de axiomas temporais, apresentados na coluna da direita. Recorde-se que $me(\beta)$ representa a situação principal descrita em β e $me(\alpha)$ situação principal descrita em α .

Quadro 31. As RD de Lascarides e Asher 1991 e 1993

Relações discursivas	Relações temporais inferidas
Narração (α, β)	$me(\alpha) < me(\beta)$
Resultado (α, β)	$me(\alpha) < me(\beta)$
Explicação (α, β)	$\neg [me(\alpha) < me(\beta)]$
Elaboração (α, β)	$\neg [me(\alpha) < me(\beta)]$
Enquadramento (α, β)	$me(\alpha) \circ me(\beta)$

Estas cinco RD, utilizadas nos referidos trabalhos para dar conta de sequências sem localizadores temporais explícitos, parecem ser também ser apropriadas para dar conta de casos com localizadores explícitos. Vejam-se as sequências abaixo:

Narração

- (764) O Bafo de Onça assaltou um banco em 1980. Assaltou duas ourivesarias a seguir.

Resultado

- (765) O Bafo de Onça assaltou um banco em 1980. Foi preso dois meses depois.

Explicação

- (766) O Bafo de Onça foi preso no dia 10 de Janeiro. Assaltara um banco dois dias antes.

Elaboração

(767) A Ana foi a Paris em 1980. Visitou então o Michel.

Enquadramento

(768) A Ana trabalhou como empregada de mesa numa pizzeria em 1999. Era estudante na altura.

Vejamos agora os exemplos (769)-(771), em que há sobreposição entre as situações descritas em α e β , ou seja, $me(\alpha) \circ me(\beta)$.

(769) A Ana não foi à escola na semana passada. Esteve doente durante esse tempo.

(770) A Ana esteve doente na semana passada. Não foi à escola durante esse tempo.

(771) A Ana esteve em Londres. Ficou então hospedada no Hilton.

Embora em (769) e (770) haja sobreposição temporal entre as duas situações, os falantes são capazes de ordenar relativamente o início de cada uma delas. Essa ordenação, que é diferente em (769) e (770), é uma consequência da inferência de Explicação, no primeiro caso, e de Resultado, no segundo. No primeiro exemplo concluímos que o início da situação descrita em β é anterior ao início da descrita em α , ao passo que no segundo caso inferimos que o início da situação descrita em α é anterior ao início da descrita em β . É importante chamar a atenção para o facto de as regras de Lascarides e Asher 1991 e 1993 não darem conta do exemplo (769): Veja-se a definição de Explicação dada em Lascarides e Asher 1993:

(772) Explicação (α , β): o evento descrito em β explica por que razão o evento descrito em α aconteceu.

As situações descritas em (769) são de tipo estado. Por essa razão, a definição apresentada em Lascarides e Asher não dá conta das inferências discursivas associadas a esse exemplo e nem, consequentemente, da relação temporal existente entre as duas situações em causa⁴⁵. Assim sendo, e aceitando-se a viabilidade da inferências antes mencionadas, é necessário alterar a regra antes apresentada, mencionando

⁴⁵ A existência de relações de causa-efeito entre situações que se sobrepõem temporalmente está atestada na literatura. Veja-se, por exemplo, Heinämäki 1974.

explicitamente a possibilidade de se aplicarem a situações estativas⁴⁶. Veja-se, abaixo, a regra relevante já reformulada.

(773) Explicação (α , β): o evento ou estado descrito em β explica por que razão o evento ou estado descrito em α aconteceu.

No que respeita ao axioma temporal característico desta relação, Lascarides e Asher 1991 e 1993 apresentam o seguinte:

(774) \Box (Explicação(α , β) \rightarrow \neg [me (α) < me (β)])

(774) diz que a segunda situação não precede a primeira. Este axioma não entra em contradição com a interpretação temporal de (769). No entanto, se quiséssemos impor uma condição mais forte, e para esse tipo de casos, poder-se-ia formular o seguinte:

(775) (Explicação(α , β) & estado(me(α)) & estado(me(β)) \rightarrow me(α) \circ me(β) & beg(me(β)) < beg(me(α)))

Este garante que há sobreposição temporal entre as duas situações.

O exemplo (770) é também problemático, dado que a regra de Lascarides e Asher 1993 não prevê que α descreva uma situação de tipo estado. Quanto ao axioma temporal associado, este tem um conseqüente que não se aplica neste caso, pelo que precisa de ser revisto. Veja-se:

(776) Resultado (α , β): o evento descrito em α causa o evento ou estado descrito em β .

(777) \Box (Resultado(α , β) \rightarrow me (α) < me (β))

A nova regra e o respectivo axioma temporal são apresentados abaixo:

(778) Resultado (α , β): o evento ou estado descrito em α causa o evento ou estado descrito em β .

(779) \Box (Resultado(α , β) \rightarrow \neg [me (β) < me (α)])

Especificamente para casos como (770), poder-se-ia formular ainda um axioma como o seguinte, que garante que há sobreposição entre as situações:

⁴⁶ Não procurarei saber aqui se é pertinente ou não que esta regra dê ainda conta de situações de outro tipo de aktionsart.

(780) $(\text{Resultado}(\alpha, \beta) \ \& \ \text{estado}(\text{me}(\alpha)) \ \& \ \text{estado}(\text{me}(\beta)) \rightarrow \text{me}(\alpha) \circ \text{me}(\beta) \ \& \ \text{beg}(\text{me}(\alpha)) < \text{beg}(\text{me}(\beta)))$.

Se aceitarmos que, como anteriormente referido na literatura – p. ex., Kamp e Reyle 1993: 672 – as transições de um estado a outro que lhe é oposto podem ser vistas como correspondendo a situações de tipo evento, então podemos dizer que nos axiomas (775) e (780) aquilo que estamos a ordenar temporalmente através das condições $\text{beg}(\text{me}(\beta)) < \text{beg}(\text{me}(\alpha))$ e $\text{beg}(\text{me}(\alpha)) < \text{beg}(\text{me}(\beta))$ são, respectivamente, os eventos que marcam o início de cada um dos estados descritos.

Passemos agora à sequência (771), que repito abaixo, e que constitui um caso de Elaboração:

(781) A Ana esteve em Londres. Ficou então hospedada no Hilton.

A regra de inferência de Elaboração de Lascarides e Asher 1991 e 1993 – veja-se (782) – apenas menciona situações de tipo evento. Para tratar este exemplo, proponho a reformulação dada em (783).

(782) Elaboração (α, β) : o evento em β é parte do descrito em α (talvez por pertencer à fase preparatória de α).

(783) Elaboração (α, β) : o evento ou estado descrito em β é parte do evento ou estado descrito em α (talvez por pertencer à fase preparatória de α).

Para dar conta da sobreposição temporal inferível em (781) poder-se-ia formular um axioma mais forte do que o apresentado em Lascarides e Asher. Veja-se:

(784) $(\text{Elaboração}(\alpha, \beta) \ \& \ \text{estado}(\text{me}(\alpha)) \ \& \ \text{estado}(\text{me}(\beta)) \rightarrow \text{me}(\alpha) \circ \text{me}(\beta) \ \& \ \neg [\text{me}(\alpha) < \text{me}(\beta)])$.

Apesar das alterações introduzidas nas regras, alguns exemplos mostram que estas cinco RD não são suficientes para dar conta do conjunto de localizadores em estudo neste trabalho. Começemos por ver (785)-(786):

(785) O Paulo deixou de praticar exercício no Verão passado. Engordou nessa altura.

(786) Quando tinha 19 anos a Ana foi multada por excesso de velocidade. A mãe zangou-se com ela na altura.

Uma interpretação meramente temporal destas sequências não faz jus às intuições dos falantes, de acordo com as quais o Paulo engordou por ter deixado de praticar exercício e a mãe da Ana se zangou com a filha por ela ter sido multada. Para dar conta destas sequências, recorrerei à RD de Reacção. Esta RD que é referida – mas não formalmente definida – em Bras et al. 2001b é inspirada na relação de *response* proposta em Sandström 1993 para dar conta de algumas sequências com *quando*. Essa relação é caracterizada da seguinte forma:

"Response is the relation between an event e1 and an action e2 which it evokes in a sentient agent."

(Sandström 1993: 63)

Para ilustrar esta relação, a referida autora apresenta os exemplos abaixo:

- (787) When Emile shouted, two of them came towards him.
Quando a Emile gritou, dois deles vieram na direcção dele.
- (788) When I told him he was being stupid he hung up on me.
Quando eu lhe disse que ele estava a ser estúpido, ele desligou-me o telefone.

Note-se que, tal como é proposta por Sandström 1993, esta é uma relação entre eventos e não entre segmentos discursivos. Além disso, tal como é caracterizada, abrange apenas casos em que a reacção referida envolve um agente. No caso da relação que pretendo propor, esta seria uma relação discursiva, ou seja, entre segmentos discursivos e a sua inferência seria desencadeada mesmo em caso de reacções que não envolvem um agente como as de alguém engordar, zangar-se ou desmaiar. Creio que esta RD é importante para o estudo dos localizadores temporais (para além, como é óbvio, dos encabeçados por *when*), para dar conta das restrições que caracterizam os localizadores *na altura em que...* e *na altura*. Vejam-se, a título de exemplo, as sequências (789)-(791) abaixo. Tenha-se em conta que as sequências (789) envolvem Narração, as sequências (790) envolvem Resultado e que os exemplos (791) são, hipoteticamente, casos de Reacção.

- (789) a. *Na altura em que entrou na sala, o Paulo cumprimentou a Ana.
b. *Na altura em que chegou a casa, o Paulo telefonou à Ana.
- (790) a. *Na altura em que construíram a ponte da R. 39, resolveram a maior parte dos problemas de trânsito.
b. *Na altura em que tomou anti-depressivos, a Ana não pôde conduzir.

- (791) a. Na altura em que deixou de praticar exercício, o Paulo engordou.
b. Na altura em que o presidente entrou na sala, os estudantes levantaram-se.

A minha proposta é que *na altura em que...* é sensível à distinção entre Narração, Resultado e Reacção, sendo incompatível com as duas primeiras e compatível com a terceira. Note-se que, em termos de relação temporal, as três RD envolvem avanço temporal. Portanto, sem uma RD que envolva avanço temporal e que seja distinta de Narração e Resultado não é possível dar conta de *na altura* e *na altura em que...* e distinguir os localizadores deste tipo dos encabeçados por *quando*, que, segundo se mostra abaixo, ocorrem em contextos de Narração, de Resultado e de Reacção.

- (792) a. Quando chegou a casa, o Paulo telefonou à Ana.
b. Quando entrou na sala, o Paulo desligou o telemóvel.
- (793) a. Quando construíram a ponte da R. 39, resolveram a maior parte dos problemas de trânsito.
b. Quando esteve doente a Ana faltou à escola.
- (794) a. Quando o Paulo deixou de praticar exercício, engordou.
b. Quando o presidente entrou na sala, os estudantes levantaram-se.

O contraste existente entre as sequências com *na altura em que...* e as sequências com *quando* é mais um caso ilustrativo de como a mera descrição das relações temporais não é suficiente para uma caracterização completa dos localizadores temporais.

Para além da RD de Reacção, julgo ser necessário introduzir ainda duas outras relações discursivas, destinadas a dar conta dos dois últimos casos apresentados na secção anterior. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (795) A Ana fez o jantar ontem à noite. A Rita pôs a mesa entretanto.
- (796) A Rita escreveu duas cartas esta manhã. Enquanto isso a Ana leu o jornal.
- (797) A Rita deu aulas de Francês durante cinco anos. Ao mesmo tempo ensinou música num colégio infantil.
- (798) A Ana trabalhou como jurista numa companhia de seguros nos últimos cinco anos. Paralelamente foi consultora de uma empresa de comunicação.

Nestes casos há sobreposição temporal entre as duas situações envolvidas. Nenhuma das RD antes mencionadas parece ser adequada a este exemplo. Dado que, recorde-se uma vez mais, no âmbito do quadro teórico-formal em que estou a trabalhar, a SDRT, todo o discurso coerente supõe que os segmentos que o compõem estão ligados entre si por meio de uma relação discursiva, o que importa saber aqui é qual a RD que liga as duas frases de cada sequência. Tomemos como exemplo (795), cuja estrutura podemos representar de uma forma semi-formal do seguinte modo:

(799)

α : [a Ana fez o jantar ontem à noite]

β : [a Rita pôs a mesa entretanto]

? (α , β)

A minha proposta é que os dois segmentos sejam unidos por meio de uma RD a que chamarei de Paralelismo. Escolho esta designação por achar que o papel dos localizadores neste tipo de sequências é o de estabelecer um paralelismo temporal entre situações. A SDRT dispõe já de uma RD com a mesma designação, a RD inversa de Contraste, que passarei a designar por Similitude. Note-se que a RD de Paralelismo que aqui introduzo é uma relação discursiva e não uma relação temporal. Asher 1993 menciona a existência de vários tipos de relações discursivas que estruturariam o discurso a vários níveis. Esta inserir-se-ia num conjunto de relações retóricas que dão conta da estruturação do discurso no plano temporal, como, por exemplo, as RD de Elaboração e Enquadramento. Repare-se no efeito de *entretanto* em (800 a):

(800) a. A Ana fez o jantar ontem à noite. A Rita pôs a mesa entretanto.

b. A Ana fez o jantar ontem à noite. A Rita pôs a mesa.

c. A Ana fez o jantar ontem à noite. A Rita pôs a mesa ontem à noite.

À primeira vista, poderia parecer que (800 a), que retoma a sequência (795), seria equivalente a (800 b). Se assim fosse, estaríamos perante um caso em que a contribuição da expressão *entretanto* para a compreensão temporal da sequência seria ociosa. Note-se, no entanto, que esta sequência (800 b) tem a mesma interpretação que (800 c), e que é diferente de (800 a). O que se afirma em (800 b, c) é que as duas situações tiveram lugar na mesma noite, mas nada se diz acerca da relação temporal entre as duas situações. Imagine-se que a Ana fez o jantar entre as 19 e as 20 h e que a Rita pôs a mesa entre 20.10 e as 20.30 h. Nesse caso, as sequências (800 b, c) seriam

verdadeiras, mas a sequência (800 a) falsa. *Mutatis mutandis*, o mesmo acontece, talvez de uma forma mais evidente, dada a maior dimensão do intervalo de localização, nas sequências abaixo:

- (801) a. A Ana foi a Londres no mês passado. A Rita foi a Paris entretanto.
- b. A Ana foi a Londres no mês passado. A Rita foi a Paris.
- c. A Ana foi a Londres no mês passado. A Rita foi a Paris no mês passado.

A sequência (801 a) não é equivalente à (801 b). Esta última é equivalente à (801 c). Esta equivalência é uma instância do princípio de interpretação mencionado, por exemplo, em Kamp e Reyle 1993: 529.

“Non-initial sentences without temporal adverbs, we have said, need a contextually supplied reference point to determine the location of the eventualities they describe.”

Aqui, esse ponto de referência é dado pelas expressões *ontem à noite* e *no mês passado*. Quando se introduz a expressão *entretanto*, a situação muda, como os autores explicam a seguir:

“However, when a non-initial sentence does contain a temporal adverb, then it is the adverb which will supply the location.”

A estrutura de (800 a) pode ser completada com a introdução da RD de Paralelismo:

(802)

α : [a Ana fez o jantar ontem à noite]

β : [a Rita pôs a mesa entretanto]

Paralelismo (α , β)

A última RD que considero relevante introduzir é motivada por exemplos como os seguintes:

(803) A Ana foi às compras ontem à tarde. Foi a casa dos pais antes.

(804) A Rita foi jantar fora a noite passada. Passou por casa da irmã para devolver um livro antes disso.

Trata-se de casos em que a segunda situação precede temporalmente a primeira. Das RD propostas em Lascarides e Asher 1991 e 1993, a única que está associada a esta ordenação temporal é Explicação. Claramente, o nosso conhecimento do mundo não nos permite em nenhum dos casos estabelecer um nexos causal entre as duas situações, o que quer dizer que não podemos concluir que os dois segmentos discursivos α e β estejam ligados entre si através dessa RD. Dado que os discursos são coerentes, é necessário ligar os dois segmentos por uma dada RD. Interessa, portanto, investigar que relação é essa. Tomemos como ponto de partida as sequências acima, representadas assim:

(805) α : [a Ana foi às compras ontem à tarde]

β : [passou pelo banco antes]

? (α , β)

(806) α : [A Rita foi jantar fora a noite passada]

β : [Passou por casa da irmã para devolver um livro antes disso]

? (α , β)

Para tentar descobrir qual a RD apropriada para dar conta destas sequências, observemos qual o efeito da presença nelas de *antes* e *antes disso*. Consideremos as mesmas sequências sem o conector temporal:

(807) A Ana foi às compras ontem à tarde. Foi a casa dos pais.

(808) A Rita foi jantar fora a noite passada. Passou por casa da irmã para devolver um livro.

Uma vez mais o conhecimento que temos do mundo não nos permite inferir qualquer nexos causal ou relação mereológica entre as duas situações. Não podemos, assim, inferir outras RD que não sejam Narração ou Continuação. Um dos efeitos da presença de *antes* ou *antes disso* parece ser o de explicitamente bloquear essas duas RD. Para inferirmos a RD de Continuação, basta que encontremos um tópico comum às duas frases, que pode muito bem ser aquilo que a Ana fez ontem à tarde.

(809) A Ana foi às compras à tarde, passou por casa dos pais, foi visitar um amiga...

Nestes casos, tipicamente não há uma ordenação das situações. A ordem por que elas ocorrerem fica por especificar. Mas o que as sequências com os localizadores em análise explicitamente asserem é que as duas situações ocorrerem por uma determinada ordem – bloqueando assim Continuação – e que essa ordem é a inversa da que é característica de Narração, isto é, a ordem textual. A relação temporal imposta pelo localizador, ao afirmar o contrário do conseqüente do axioma associado a esta última RD, bloqueia a sua inferência.

- (810) Axioma associado à Narração
Narração (α , β) $\rightarrow e_\alpha < e_\beta$

Passo agora a considerar um segundo tipo de exemplos. Vejam-se as sequências (811)⁴⁷ e (812).

- (811) A Ana deitou-se cedo. Lavou os dentes antes (disso).
(812) A Ana entrou no quarto da Rita. Bateu à porta antes (disso).

Estas sequências parecem ser algo diferentes das apresentadas antes. Repare-se que em cada caso podemos mencionar a existência de um “script”. No primeiro caso, um “script” que envolve as situações de bater à porta e entrar num quarto, por esta ordem, e, no segundo, um “script” que envolve lavar os dentes e deitarmo-nos, também por esta ordem. Uma vez mais, aqui a contribuição do conector parece ser a de impor uma ordenação temporal, ordenação essa que vai ao encontro do nosso conhecimento do mundo. Uma das questões possíveis é a de saber se faz sentido dizer aqui que a presença de *antes (disso)* bloqueia de facto a Narração ou a mera listagem de situações, ou se estamos perante casos em que essas RD não seriam à partida inferidas. Para isso, vejamos os seguintes exemplos, em que foram omitidos os conectores.

- (813) A Ana deitou-se cedo. Lavou os dentes.
(814) A Ana entrou no quarto da Rita. Bateu à porta.
(815) A Ana atirou-se para cima da cama. Descalçou as botas.

De acordo com os juízos dos falantes, a interpretação de que a sequências discursivas descrevem situações de uma forma não-ordenada (cf. listagem de situações) não faz sentido. Repare-se que, ao contrário do que acontece com exemplos que não envolvem “scripts”, não faz sentido utilizar estas sequências para perguntas do tipo de “O que fez a Ana ontem à noite?”

⁴⁷ Este exemplo é inspirado na sequência *Paul frappa à la porte. Il entra*. Esta sequência é apresentada em Bras et al. 2001b para ilustrar a RD de Ocasão (Occasion).

- (816) a. O que fez a Ana ontem à noite?
b. *Entrou no quarto da Rita. Bateu a porta.
c. *Deitou-se cedo. Lavou os dentes.
d. *Atirou-se para cima da cama. Descalçou as botas.

Assim sendo, parece que a relação de Continuação está excluída à partida, e a sua exclusão não depende da presença do conector. Importa ainda verificar se, também no caso destes “scripts” que envolvem sequências típicas de acções, a presença de *antes* (*disso*) é necessária para o bloqueio de Narração, ou se, pelo contrário, o conhecimento do mundo é suficiente para contradizer ordem de apresentação das situações, como acontece, com a RD de Explicação, que pode ser inferida sem a presença de um marcador explícito. Para isso, atentemos de novo nas sequências (813)-(815). De acordo com os juízos dos falantes, em nenhuma destas sequências a hipótese de sucessão temporal é excluída. No caso dos dois primeiros exemplos, dada a raridade das ordenações propostas ela é talvez mais difícil de inferir. Mas, mesmo assim, os falantes consultados concordaram que num contexto em que sabemos que a Ana está doente e não pode sair do quarto e num contexto que nos informa de que a Rita está tão absorta no trabalho que não deu pela entrada da Ana, então essa leitura é perfeitamente possível. Em (815), porém, segundo os juízos dos falantes consultados, a interpretação preferencial é aquela em que primeiro a Ana se atira para cima da cama e só depois descalça as botas. Em qualquer dos casos, as interpretações de precedência parecem requerer, talvez entre outras possibilidades, uma entoação especial na locução da segunda frase. Em suma, as sequências são ambíguas e o conhecimento do mundo não bloqueia a Narração. Se pretendermos obter a ordem inversa, a presença do conector é obrigatória.

O segundo aspecto para que quero chamar a atenção relaciona-se com um efeito não temporal de *antes* e *antes disso*. Além das restrições que impõem sobre a estrutura temporal, creio que as expressões *antes* e *antes disso* têm ainda um outro efeito, não temporal, que vale a pena referir. Vejam-se as seguintes sequências:

- (817) A Ana foi às compras ontem à tarde.
Foi a casa dos pais antes (disso).
- (818) A Rita foi jantar fora a noite passada.
Passou por casa da irmã antes (disso).

Pelo menos em sequências de dois períodos como estas, que estão a ser lidas sem qualquer contexto especial, a presença de *antes* e *antes disso* parece ainda ter o efeito, não temporal, de nos levar a inferir que das duas situações em causa a que mencionamos

primeiro é a principal e a outra a secundária, e que a primeira foi planeada, ou seja, não é um resultado da segunda ou de alguma sequência de situações de que a segunda faça parte. Nas sequências em análise, na tarde de ontem, ir às compras teria sido um plano da Ana e na noite desse dia o plano da Rita teria sido ir ao cinema. Atentemos agora nas sequências seguintes, de quatro períodos, que não incluem as expressões *antes* e *antes disso*:

(819)a. A Ana foi às compras ontem à tarde.

- b. Foi a casa dos pais.
- c. A mãe estava deprimida.
- d. Decidiram ir sair.

(820) a. A Ana foi jantar fora a noite passada.

- b. Passou por casa da irmã para devolver um livro.
- c. A irmã estava sem gás.
- d. Convidou-a para um restaurante indiano.

Numa das leituras possíveis, a situação descrita em (819 a) e (820 a) resulta da proposição complexa (também internamente estruturada) que é constituída pelos segmentos (819 b-d) e (820 b-d), respectivamente. Tal significa que (819 b-d) e (820 b-d) se ligam a (819 a) e (820 a) por meio de Explicação, ou seja, a ida da Ana às compras resulta da sua ida a casa dos pais e da depressão da mãe, e o jantar fora resulta da sua ida a casa da irmã, de ela estar não ter gás, e, por isso, a ter convidado para ir jantar fora. Intuitivamente, o que concluímos é que a situação descrita em (819 a) e (820 a), ao contrário do que acontece em (817) e (818), não foi planeada e se deve apenas à sucessão de acontecimentos descritos nas frases seguintes. Comparemos a interpretação destas sequências com a interpretação daquelas que exibem os localizadores relacionais *antes* e *antes disso*.

(821) a. A Ana foi às compras ontem à tarde.

- b. Foi a casa dos pais antes disso.
- c. A mãe estava deprimida.
- d. Decidiram ir sair.

(822) a. A Rita foi jantar fora a noite passada.

- b. Passou por casa da irmã para devolver um livro antes disso.
- c. A irmã estava sem gás.
- d. ??Convidou-a para um restaurante indiano.

Começamos pela sequência (821). A inferência da RD de Explicação entre (821 a) e (821 b-d) não é possível. Em termos intuitivos, entendemos que a ida da Ana às compras como algo que foi planejado, e que foi planejado antes de ela ir a casa dos pais. Logo, não resulta da sua ida a casa deles. *Mutatis mutandis* o mesmo acontece em (822), onde também não é possível inferir que a situação de a Ana ir jantar fora resulta da sua ida a casa da irmã. Por isso, a sequência é estranha.

Repare-se que este efeito de hierarquização das situações e planejamento de uma situação não acontece com os exemplos que envolvem “scripts”.

(823) A Ana entrou no quarto da irmã. Bateu à porta antes

(824) A Ana deitou-se cedo. Lavou os dentes antes.

Dada a natureza das situações, não faz qualquer sentido dizer que uma das situações é principal e a outra secundária.

Para dar conta dos exemplos com *antes* e *antes disso* como os atrás apresentados, uma solução é propor a existência de uma nova RD, a que se poderia chamar Retro-Narração e que pertenceria ao mesmo grupo de RD que a de Paralelismo antes proposta.

(825) α : [a Ana foi às compras ontem à tarde]

β : [passou pelo banco antes]

Retro-Narração (α , β)

(826) α : [A Rita foi jantar fora a noite passada]

β : [Passou por casa da irmã para devolver um livro antes disso]

Retro-Narração (α , β)

A introdução desta RD levaria a que a RD de Narração passasse, por uma questão de simetria, a ser designada por Epi-Narração. Podemos talvez estabelecer um paralelo entre, por um lado, o par de RD constituído por Epi-Narração e Resultado e, por outro lado, o par composto por Retro-Narração e Explicação. Do mesmo modo que no primeiro caso há uma RD que, no que respeita às relações existentes entre as duas situações, envolve apenas sucessão temporal e outra, considerada mais forte, que lhe junta um nexos causal, no segundo caso haveria também uma que envolve mera anterioridade e outra que lhe associa um nexos causal. Comparem-se os exemplos (827 a) e (828 a) com (827 b) e (828 b), abaixo:

- (827) a. O Paulo foi ao cinema ontem à noite. Depois foi jantar fora.
 b. O Paulo assaltou um banco. Foi preso.

- (828) a. O Paulo foi ao cinema ontem à noite. Foi jantar fora antes.
 b. O Paulo foi preso. Assaltou um banco.

As regras de inferência das novas RD são dadas em (829), (831) e (832). A primeira diz respeito a Reacção.

(829) $\langle\langle\tau, \alpha, \beta\rangle$ e a situação descrita em β é provocada pela situação descrita em α \rangle Reacção (α, β) .

(830) Reacção $(\alpha, \beta) \rightarrow \text{beg}(\text{me}(\alpha)) < \text{beg}(\text{me}(\beta))$

Intencionalmente, em (829) não especifico a *aktionsart* das situações envolvidas. Podemos imaginar reacções que correspondem a situações como correr, fugir, desmaiar, corar, chorar, engordar, cair, ou seja, situações que se incluem em diversas classes de *aktionsart*. Quanto ao axioma temporal, opto também por formulá-lo de forma a que dê conta de situações de vários tipos aspectuais.

Vejamos agora as regras que dizem respeito a Paralelismo e Retro-Narração.

(831) $\langle\langle\tau, \alpha, \beta\rangle \wedge [\text{entretanto}] \beta\rangle$ \rangle Paralelismo (α, β) .

(832) $\langle\langle\tau, \alpha, \beta\rangle \wedge [\text{antes(disso)}] \beta\rangle$ \rangle Retro-Narração (α, β) .

Note-se que *entretanto* e *antes (disso)* não são os únicos localizadores que induzem Reacção e Paralelismo, respectivamente. À frente, em 7.5.1. e 7.5.2. serão indicados outros localizadores que podem desempenhar a mesma função. A alteração das regras de forma a dar conta deles é trivial. Note-se ainda que, nestes casos, não há necessidade de axiomas temporais adicionais, já que os conectores presentes dão conta da ordenação das situações.

Apresento abaixo o quadro resultante da extensão do sistema de RD de Lascarides e Asher 1993:

Quadro 32. Extensão do conjunto de RD de Lascarides e Asher 1991 e 1993

Relações discursivas	Relações temporais associadas
Epi-Narração (α, β)	$me(\alpha) < me(\beta)$
Retro-Narração (α, β)	$me(\beta) < me(\alpha)$
Reacção (α, β)	$beg(me(\alpha)) < beg(me(\beta))$
Resultado (α, β)	$\neg [me(\beta) < me(\alpha)]$
Explicação (α, β)	$\neg [me(\alpha) < me(\beta)]$
Enquadramento (α, β)	$me(\alpha) \circ me(\beta)$
Paralelismo (α, β)	$me(\alpha) \circ me(\beta)$
Elaboração (α, β)	$\neg [me(\alpha) < me(\beta)]$

Introduzidas três RD novas, procedo de seguida à caracterização de cada uma delas. No capítulo 2, foi apresentada a distinção entre RD de subordinação e RD de coordenação. A distinção entre estes dois tipos de RD é relevante para a questão da identificação num discurso dos pontos aos quais se pode ligar um novo período. A minha proposta inicial é que as novas RD, ou seja, Reacção, Retro-Narração e Paralelismo são de coordenação e não de subordinação. Não apresento justificação para a primeira, que está próxima da de Resultado, limitando-me pois às outras duas. Consideremos as sequências (833)-(836) abaixo. (833)-(834) envolvem Retro-Narração entre o primeiro e o segundo período e (835)-(836) envolvem Paralelismo entre os mesmos períodos.

(833) a. A Ana foi às compras ontem à tarde.

b. Foi a casa dos pais antes.

c. *Comprou dois vestidos e uma saia.

(834) a. A Rita foi jantar fora a noite passada.

b. Passou por casa da irmã para devolver um livro antes disso.

c. *Comeu carne assada.

(835) a. A Ana foi às compras ontem à tarde.

b. Entretanto o Paulo preparou o jantar.

c. *Comprou dois vestidos e uma saia.

(836) a. A Rita foi jantar fora a noite passada.

b. Entretanto o Paulo foi ao cinema.

c. *Comeu carne assada.

Repare-se que em nenhum caso é possível ligar a terceira frase à primeira, o que significa que a segunda frase mantém com a primeira uma RD de coordenação e não de subordinação.

No entanto, dados como os que apresento a seguir podem suscitar alguma dúvida relativamente à proposta de que a RD de Retro-Narração é uma RD de coordenação. Veja-se:

- (837)a. A Ana deitou-se.
b. Lavou os dentes antes.
c. Pegou num livro.
d. Leu cinco páginas.
e. Adormeceu.
- (838) a. A Ana entrou no quarto da irmã.
b. Bateu à porta antes.
c. Entregou-lhe o livro que lhe tinha comprado.
d. Lembrou-lhe que iam jantar fora.
e. Saiu.

Note-se que se se considerar que o segundo período se liga ao primeiro por uma RD de coordenação, não se pode ligar o terceiro período ao primeiro. No entanto, nestes exemplos, é isso que parece acontecer. Intuitivamente, interpretamos as sequências (837 a, c-e) e (838 a,c-e) como constituindo sequências epi-narrativas. Em termos formais, inferimos sucessivas vezes a RD de Epi-Narração, quer na ligação das últimas três proposições entre si, quer na ligação da terceira à primeira. Veja-se abaixo a representação de (838):

(839)

- α : [a Ana entrou no quarto da irmã.]
 β : [Bateu à porta antes]
 γ : [Entregou-lhe o livro que tinha comprado]
 δ : [Lembrou-lhe que iam jantar fora.]
 ϵ : [Saiu.]

? (α , β)

Epi-Narração (α , γ)

Epi-Narração (γ , δ)

Epi-Narração (δ , ϵ)

Repare-se que há uma diferença entre estes casos e os casos (833)-(834). Em (837)-(838), mas não em (833)-(834), as situações descritas nas duas primeiras frases podem ser consideradas como fazendo parte de um script – *lavar os dentes e deitar-se*, no primeiro caso, e *bater à porta e entrar num quarto*, no segundo caso. A minha proposta é que nestes casos a RD que liga (α, β) está mais próxima dos casos de Elaboração. Considero que este tipo de sequências teria afinidades com aquelas que incluem uma proposição α descrevendo uma situação principal e uma proposição β descrevendo uma situação que está no seu estado preparatório, como (840) e (841):

(840) A Ana foi a Londres. Comprou o bilhete na TAP.

(841) A Rita deu uma festa a semana passada. Convidou as pessoas duas semanas antes.

Altero, assim, a proposta feita acima relativamente à inferência de Retro-Narração em casos que envolvem “scripts”. A estrutura da sequência (838) seria a seguinte:

(842)

α : [a Ana entrou no quarto da irmã.]

β : [Bateu à porta antes]

γ : [Entregou-lhe o livro que tinha comprado]

...

Elaboração (α, β)

Epi-Narração (α, γ)

...

Desta forma, dar-se ia conta de (837)-(838), não através da regra de inferência de Retro-Narração, mas sim através da seguinte regra:

(843) $(\langle \tau, \alpha, \beta \rangle \wedge \text{Ocasão}(\beta, \alpha) \wedge [\text{antes}(\text{disso})] \beta) > \text{Elaboração}(\alpha, \beta)$.

7.5. Novo quadro geral de interações

Nas próximas secções concentro-me no modo como os localizadores em estudo interagem com as RD a que recorro neste trabalho. Começarei por aqueles que

envolvem sobreposição temporal, passando depois aos que expressam uma relação de posterioridade ou de anterioridade.

7.5.1. Os localizadores que expressam sobreposição temporal

O quadro que se segue dá conta da possibilidade de os diferentes localizadores anafóricos ocorrerem em períodos que se ligam ao contexto discursivo anterior através de uma dada RD. Os casos em que um localizador pode ocorrer com uma RD correspondem a situações de compatibilidade ou substituição e os casos em que não podem ocorrer com uma dada RD constituem situações de incompatibilidade.

Quadro 33. Interacção dos localizadores que expressam sobreposição temporal com as relações discursivas

Localizadores	Expl.	Narr.	Result.	Elab.	Enquadr.	Reacção	Paralel.
Ø _{em} então	-	+	+	+	+	+	+
nessa altura	-	+	+	+	+	+	+
quando-F	-	+	+	+	+	+	+
na altura	-	-	-	-	+	+	-
na altura em que...	-	-	-	-	+	+	+
durante esse tempo	-	-	+	+	-		+
enquanto-F	-	-	+	+	-	+	+
enquanto isso	-	-	+	-	-	-	+
Ø _{em} entretanto	-	-	-	-	-	-	+
nesse meio tempo	-	-	-	-	-	-	+
Ø _{em} paralelamente...	-	-	-	-	-	-	+
Ø _{em} simultaneamente....	-	-	-	-	-	-	+

[A designação de algumas RD é dada de forma abreviada: Expl – Explicação; Narr. – Epi-Narração; Result. – Resultado; Elab. – Elaboração; Enquadr. – Enquadramento; Paralel – Paralelismo.]

Vejam-se os seguintes exemplos:

- (844) A Ana esteve em Londres o ano passado. Durante esse tempo ficou hospedada no Hilton.

- (845) *A Ana esteve em Londres o ano passado. Enquanto isso ficou hospedada no Hilton.

O primeiro caso ilustra a possibilidade de *durante esse tempo* ocorrer num contexto de Elaboração; o segundo ilustra a impossibilidade de *enquanto isso* ocorrer no mesmo contexto. Além dos localizadores anafóricos, o quadro contém ainda informação relativa a alguns localizadores não-anafóricos, os localizadores com *quando*, os localizadores do tipo de *na altura em que...*, *durante o tempo em que...*, e *enquanto-F*. Relativamente aos primeiros, a sua presença no quadro justifica-se pelo facto de neste trabalho se retomar e desenvolver a ideia, proposta antes na literatura, de que há um paralelismo entre *quando* e *então*. Relativamente aos outros, interessa mostrar que, contrariamente ao que se poderia julgar *a priori*, nem sempre os localizadores anafóricos são meras versões anafóricas dos seus correspondentes não-anafóricos. É o que acontece, segundo proporei abaixo, com os pares *enquanto-F* e *enquanto isso/isto* e *na altura em que...* e *na altura*. Importa ainda referir que Lascarides e Asher 1991 e 1993 bem como Asher 1993 se concentram apenas em sequências de frases independentes. Tanto quanto é do meu conhecimento, não há na literatura nenhuma proposta de orientação formal que diga respeito à análise discursiva de casos envolvendo subordinação como as seguintes:

- (846) Enquanto esteve em Paris a Ana partilhou um apartamento com o Michel.
(847) Na altura em que a Ana comprou o apartamento as casas em Lisboa eram baratas.

Também não desenvolverei uma análise formal para este tipo de sequências – que envolvem localizadores que estão fora do âmbito deste trabalho. No entanto, considero ser possível fazer uma extensão da teoria proposta por Lascarides e Asher de forma a dar conta destes casos (e outros similares) e dizer que em (846) estamos perante um caso de Elaboração e em (847) perante um caso de Enquadramento.

Relativamente à informação que se pode extrair do quadro dado, ela é reveladora da existência de diferentes grupos de localizadores. Podemos considerar que um primeiro grupo é constituído pelos localizadores que podem ocorrer em contextos de Epi-Narração, um segundo por localizadores que ocorrem no contexto de uma RD mereológica ou envolvendo umnexo causal e, por último, um grupo que integra os localizadores *entretanto*, *nesse meio tempo*, e os que envolvem *paralelamente* e *simultaneamente*. Estes localizadores não são compatíveis com nenhuma das seis primeiras RD. De acordo com o proposto na secção anterior, introduzem a RD de Paralelismo. Todos os

localizadores são incompatíveis com a RD de Explicação, a única das RD presentes que envolve retrocesso temporal.

Ainda antes de avançar para a apresentação dos dados, considero importante fazer dois comentários acerca dos casos de incompatibilidade. O primeiro diz respeito à sistemática incompatibilidade destes localizadores com Explicação. Uma justificação plausível para essa incompatibilidade seria a de que o retrocesso temporal associado a essa RD é incompatível com a sobreposição expressa pelos localizadores. No entanto, essa explicação não é satisfatória, pelo menos para aqueles localizadores que podem ocorrer com RD que envolvem avanço. Relativamente a estes localizadores, há a notar a seguinte assimetria: podem ocorrer em contextos em que se infere avanço temporal, mas não em contextos em que se infere retrocesso. Não me deterei aqui no estudo desta questão, mencionada na literatura acerca dos localizadores com *when* (cf. p. ex., Sandström 1993), relegando-a para investigação posterior. O segundo comentário diz respeito aos casos de incompatibilidade com Enquadramento e Elaboração, por um lado, e com Reacção e Resultado, por outro lado. Em termos intuitivos, essa incompatibilidade parece ficar a dever-se à quebra da relação mereológica, no caso do primeiro par de RD, e à quebra do nexos causal, no caso do segundo par. Este tipo de incompatibilidade será abordado no capítulo 8, relativo aos localizadores com *mesmo*. Quanto aos outros localizadores, o seu estudo terá de ficar para investigação futura. Para dar conta dos casos de incompatibilidade em termos formais, é necessário recorrer a axiomas do tipo dos apresentados abaixo para *entretanto*:

- (848) $\langle\langle\tau, \alpha, \beta\rangle \wedge [\text{entretanto}] \beta\rangle \rightarrow \neg \text{Explicação.}$
(849) $\langle\langle\tau, \alpha, \beta\rangle \wedge [\text{entretanto}] \beta\rangle \rightarrow \neg \text{Epi-Narração.}$
(850) $\langle\langle\tau, \alpha, \beta\rangle \wedge [\text{entretanto}] \beta\rangle \rightarrow \neg \text{Resultado.}$
(851) $\langle\langle\tau, \alpha, \beta\rangle \wedge [\text{entretanto}] \beta\rangle \rightarrow \neg \text{Elaboração.}$
(852) $\langle\langle\tau, \alpha, \beta\rangle \wedge [\text{entretanto}] \beta\rangle \rightarrow \neg \text{Enquadramento.}$
(853) $\langle\langle\tau, \alpha, \beta\rangle \wedge [\text{entretanto}] \beta\rangle \rightarrow \neg \text{Reacção.}$

Por se tratar sempre do mesmo tipo de regras e por a sua construção a partir do quadro acima ser automática, dispense-me de apresentar aqui as regras relativas a cada um dos localizadores.

Apresento de seguida os dados relativos ao quadro 33. Por simplificação, e nos casos relevantes, refiro os localizadores sem a indicação de que incluem um operador nulo. Por a incompatibilidade dos localizadores *enquanto isso*, *enquanto-F*, *durante esse tempo*, *durante o tempo em que...*, *entretanto*, *nesse meio tempo*, *paralelamente...* e *simultaneamente...* com Epi-Narração ser demasiado óbvia, dispense-me de apresentar, caso a caso, dados que a ilustrem. Vejam-se apenas as seguintes sequências:

- (854) {Enquanto / durante o tempo em que o Paulo} leu o jornal, escreveu uma carta.
- (855) O Paulo leu o jornal. {Enquanto isso / entretanto / durante esse tempo / nesse meio tempo / paralelamente / simultaneamente} escreveu uma carta..

Em caso algum estas sequências podem ser interpretadas como envolvendo Epi-Narração.

(i) então

Os localizadores do tipo de \emptyset_{em} *então* ocorrem em sequências como as que se seguem:

- (856) O Paulo foi a Paris no mês passado. A Ana arrumou-lhe então o escritório, que estava uma confusão.

Além de ocorrerem em contextos de Paralelismo, como aqui, estes localizadores podem ocorrer ainda em casos de Narração, Resultado, Elaboração e Enquadramento. Vejam-se os dados abaixo:

Epi-Narração

- (857) A Ana chegou a casa à meia-noite. Ligou então a televisão.
- (858) A Ana chegou à festa às 10 da noite. Cumprimentou então os convidados.

Resultado

- (859) A câmara construiu o viaduto da Av. da República em 1987. Resolveu então os problemas de trânsito nessa via.
- (860) A Ana atropelou um cão há dois anos. Deixou então de guiar.

Elaboração

- (861) A Ana visitou o Louvre em 1987. Viu então a Mona Lisa.
- (862) O Paulo foi ao oceanário na semana passada. Viu então os golfinhos.

Enquadramento

- (863) A Ana visitou Roma em 1987. Tinha então 22 anos.
- (864) A Rita leu *Os Maias* pela primeira vez em 1980. Era então estudante do secundário.

(ii) *nessa altura*

O localizador *nessa altura* pode ser considerado uma paráfrase de \emptyset_{em} *então*, já que apresenta restrições de co-ocorrência idênticas às desse localizador. Vejam-se os seguintes exemplos:

Epi-Narração

- (865) A Ana chegou a casa à meia-noite. Ligou *nessa altura* a televisão.
(866) A Ana chegou à festa às 10 da noite. Cumprimentou *nessa altura* os convidados.

Resultado

- (867) A câmara construiu o viaduto da Av. da República em 1987. Resolveu *nessa altura* os problemas de trânsito *nessa via*.
(868) A Ana atropelou um cão há dois anos. Deixou *nessa altura* de guiar.

Elaboração

- (869) O Paulo viveu em Paris durante cinco anos. Conheceu a Rita *nessa altura*.
(870) A Ana foi a Londres há dois anos. Visitou *nessa altura* o British Museum.

Enquadramento

- (871) A Ana chegou a casa à meia-noite. Ligou *nessa altura* a televisão.
(872) A Ana chegou à festa às 10 da noite. Cumprimentou *nessa altura* os convidados.

No que respeita a estes dados, importa mencionar a ideia, defendida na literatura por pelo menos dois autores – Spejewski 1994 e Glasbey 1994 –, de que há um paralelismo entre as contrapartidas inglesas de *quando* e *então* em posição final. A primeira autora estabelece um paralelo entre *when* e *then* final que se baseia no facto de algumas sequências com *when* poderem ser parafraseadas por sequências com *then*. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (873) Len visited his daughter in western Massachussets. He met her boyfriend **then**.
(874) **When** Len visited his daughter in western Massachussets, he met her boyfriend.

- (875) Nancy attended a conference on neural networks in the fall. She saw a demonstration on robotic learning by the founder of a software company. She saw many other demonstrations **then**, too.
- (876) Nancy attended a conference on neural networks in the fall. **When** she saw a demonstration on robotic learning by the founder of a software company, she saw many other demonstrations, too.

(cf. Spejewski 1994: 134-135)

Spejewski 1994 não analisa estes conjuntos de frases em termos de RD. Contudo, se o fizermos, concluímos que se trata de casos que envolvem, respectivamente, as RD de Elaboração e de Paralelismo.

Quanto a Glasbey 1994, esta autora apresenta os seguintes exemplos para demonstrar a existência de um paralelismo entre *when* e *then* final:

- (877) a. Mary wrote a paper.
b. John took the children to Aviemore then.
- (878) John took the children to Aviemore when Mary wrote her paper.
- (879) a. Emily was born.
b. The Falklands war was in progress then.
- (880) The Falklands war was in progress when Emily was born.

(877) e (878) constituem casos de Elaboração e (879) e (880) constituem casos de Enquadramento. A autora não desenvolve a questão, mas sugere a existência de um paralelismo entre o valor não temporal de *when* sugerido por Moens e a sua própria análise de *then* em sequências como estas. Segundo essa análise, *then* é, nestes casos, um marcador de relações discursivas entre situações.

Creio que os dados apresentados em (856)-(872) reforçam a ideia de que há um paralelismo entre as duas expressões portuguesas equivalentes a *when* e a *then* em posição final. A minha proposta para o português é que, no respeitante às propriedades retóricas, os localizadores do tipo \emptyset_{em} *então* podem ser considerados contrapartidas anafóricas dos que são introduzidos por *quando*, uma vez que apresentam idênticas restrições de co-ocorrência com as diversas RD. Além dos exemplos apresentados acima, vejam-se ainda os seguintes:

- (881) Os Santos inauguraram a casa nova com uma grande festa no Verão passado.
- Convidaram {então / nessa altura} dois ex-ministros.
 - Serviram {então / nessa altura} o *champagne* em taças de cristal italiano.
 - Receberam {então / nessa altura} os maiores elogios dos principais cronistas sociais.
 - A Ana estava {então / nessa altura} em Paris (e perdeu essa festa).
 - Tiveram então de contratar uma empresa especializada para tratar da relva do jardim que os convidados deixaram em mau estado.
- (882) Quando os Santos inauguraram a casa nova,
- convidaram dois ex-ministros.
 - serviram o champagne em taças de cristal italiano.
 - receberam os maiores elogios dos principais cronistas sociais.
 - a Ana estava em Paris (e perdeu essa festa).
 - tiveram então de contratar uma empresa especializada para tratar da relva do jardim que os convidados deixaram em mau estado.

(iii) *na altura em que... e na altura*

Os localizadores do tipo de *na altura em que...* e *na altura* representam intervalos de tempo de duração vaga construídos a partir de descrições de situações. Vejam-se as sequências (883) e (884) abaixo:

- (883) Na altura em que a Ana se licenciou o Paulo vivia em Paris.
(884) A Ana licenciou-se em 1986. Tinha 23 anos na altura.

De acordo com o quadro, nenhum destes dois localizadores ocorre em contextos de Epi-Narração, Resultado e Elaboração. Vejam-se os dados abaixo.

Epi-Narração

- (885) a. *Na altura em que chegou a casa, a Ana ligou a televisão.
b. *A Ana chegou a casa à meia-noite. Ligou a televisão na altura.
- (886)a. *Na altura em que entrou na sala, a Ana cumprimentou os convidados.
b. *A Ana entrou na sala antes de o espectáculo começar. Cumprimentou os convidados na altura.

Resultado

- (887) a. ??Na altura em que esteve internada a Ana dormiu muito mal.
b. *A Ana esteve internada há uns anos. Dormiu muito mal na altura.
- (888) a. *Na altura em que tomou anti-depressivos a Ana não pôde conduzir.
b. *A Ana esteve doente na semana passada. Faltou à escola na altura.

Elaboração

- (889) a. *Na altura em que foi a Londres, a Ana ficou hospedada no Hilton.
b. *A Ana foi a Londres em 1999. Na altura ficou hospedada no Hilton.
- (890) a. *Na altura em que viveu em Paris, a Ana partilhou um apartamento com o Michel.
b. *A Ana viveu em Paris em 1998. Na altura partilhou um apartamento com o Michel.

Tanto *na altura em que...* como *na altura* ocorrem em contextos de Enquadramento, como os exemplos abaixo ilustram:

Enquadramento

- (891) a. Na altura em que construíram o viaduto da Av. da República estava na moda ladrilhar essas obras.
b. A Engil construiu o viaduto da Av. da República na década de noventa. Na altura estava na moda ladrilhar essas obras.
- (892) a. Na altura em que me licenciiei era fácil conseguir um emprego no secundário.
b. Licenciiei-me na década de oitenta. Na altura era fácil conseguir emprego no secundário.

Estes localizadores são ainda compatíveis com a RD de Reacção. Vejam-se os seguintes exemplos, que envolvem localizadores do tipo de *na altura em que...*:

Reacção

- (893) a. Na altura em que o professor entrou, os alunos levantaram-se.
b. Na altura em que recebeu a notícia de que tinha sido despedido, o Paulo desmaiou.
c. Na altura em que soube que tinha sido transferida para Coimbra, a Ana ficou muito aborrecida.
d. Na altura em que foi despedido, o Paulo ficou muito deprimido.

Em todos os casos, podemos dizer que a segunda frase descreve uma situação que é uma resposta à descrita na primeira frase. Vejam-se agora os exemplos relativos ao localizador anafórico *na altura*:

- (894) a. *O professor entrou na sala. Os alunos levantaram-se na altura.
b. *O Paulo recebeu a notícia de que tinha sido despedido inesperadamente. Desmaiou na altura.
c. A Ana soube que tinha sido transferida para Coimbra há três meses. Ficou muito aborrecida na altura.
d. O Paulo foi despedido em 1999. Ficou muito deprimido na altura (mas acabou por vencer a depressão e conseguir um emprego muito melhor).

Como se pode observar, há um contraste de aceitabilidade entre (893 a) e (894 a) e entre (893 b) e (894 b). (893 a) e (894 a) são aceitáveis, ao passo que (893 b) e (894 b) são inaceitáveis. Note-se ainda que, quanto aos terceiro e quarto exemplos, não há contraste entre os casos que envolvem *na altura em que-F* e os casos com o localizador anafórico *na altura*. Os falantes consultados explicam que (894 c) e (894 d) são aceitáveis com a implicatura de que o estado de aborrecimento da Ana e o estado de depressão do Paulo não se verificam no momento presente. As sequências (894 a) e (894 b) seriam inaceitáveis porque não permitem uma implicatura desse tipo. A razão por que nuns casos essa implicatura é possível e noutros não está certamente relacionada com o tipo de reacção presente em cada caso. O que parece acontecer, em termos intuitivos, é que o localizador *na altura* só é aceitável quando as reacções apontadas são de um tipo tal que podem ser consideradas passageiras ou temporárias. Tomemos como exemplo as situações *estar triste*, *zangar-se*, *ficar aborrecido* e *ficar deprimido*. Podemos conceber cada uma delas como envolvendo uma alteração relativamente a um outro estado que podemos considerar o *estado normal* – normalmente, a generalidade das pessoas não está num permanente estado de tristeza, de zanga, de alegria ou de pânico. Seria esse estado que se verificaria no momento da enunciação

das sequências (894 c) e (894 d). A situação é diferente no que respeita a reacções como a de alguém se levantar perante a entrada na sala de uma pessoa ou a de alguém desmaiar quando recebe uma má notícia. Não podemos conceber as situações envolvidas aqui como uma alteração temporária relativamente a uma outra situação que se verificaria no momento da enunciação das sequências. Isto sugere que, para dar conta da diferença entre *na altura em que...* e *na altura*, seria necessário distinguir dois subtipos de Reacção. Os localizadores do tipo de *na altura em que...* seriam compatíveis com os dois subtipos de Reacção. O localizador *na altura* seria compatível apenas com um deles. Não procederei neste trabalho à distinção formal destes dois subtipos de RD, deixando-a para investigação posterior.

(iv) *enquanto-F e enquanto isso/isto*

Concentrar-me-ei agora nas restrições associadas aos localizadores com *enquanto*. Terei em conta tanto os localizadores directos – designação que utilizarei para me referir aos casos do tipo de (895) em que o operador *enquanto* se aplica directamente a frases – como os anafóricos, ilustrados em (896). Vejam-se os exemplos abaixo, relativos à RD de Paralelismo:

(895) A Ana leu o jornal enquanto o Paulo fez o jantar.

(896) O Paulo fez o jantar. Enquanto isso a Ana leu o jornal.

Considero que, embora o objecto de estudo deste trabalho sejam os localizadores anafóricos, nos casos em que tal é possível, uma comparação entre estes e as suas contrapartidas não anafóricas pode ser reveladora das relações temporo-discursivas que estão associadas a um dado conector. Repare-se, a título de exemplo, no contraste existente entre os dois pares de frases abaixo.⁴⁸

(897) O Paulo consertou o relógio enquanto a Ana fez o jantar.

(898) A Ana fez o jantar. Enquanto isso o Paulo consertou o relógio.

(899) A Ana partilhou um apartamento no Quartier Latin com o Michel enquanto esteve em Paris.

(900) *A Ana esteve em Paris (em 1998). Enquanto isso partilhou um apartamento no Quartier Latin com o Michel.

⁴⁸ Tanto quanto é do meu conhecimento, este tipo de contraste foi notado pela primeira vez em Alves 1998.

O primeiro par de frases, que envolve Paralelismo, mostra que a partir de uma frase com *enquanto-F* é possível construir uma equivalente com *enquanto isso*. No segundo par de frases, contudo, essa transformação é impossível, já que o resultado final é uma frase inaceitável. Este contraste será retomado mais à frente, nesta secção.

Relativamente aos localizadores com *enquanto*, o quadro apresentado dá-nos as seguintes informações: das RD assinaladas, *enquanto-F* é compatível com Resultado e Elaboração, ao passo que *enquanto isso* só é compatível com Resultado. Concluimos daqui que, no tocante à compatibilidade destes localizadores com as RD em estudo, há uma discrepância entre os localizadores directos e os anafóricos. Vejamos os dados relevantes:

Elaboração

- (901) Enquanto estive em Londres, a Ana ficou hospedada no Hilton.
- (902) Enquanto viveu em Paris, a Ana partilhou um apartamento com o Michel.

A interpretação mais natural, se não mesmo a única, destas sequências é aquela em que as situações descritas na frase chamada principal são consideradas como fazendo parte daquelas que são descritas na frase subordinada. Creio que nenhuma das sequências admite uma leitura de mera coincidência temporal das duas situações. Vejamos ainda os exemplos (903)-(904):

Resultado

- (903) Enquanto tomou anti-depressivos, a Ana não pôde conduzir.
- (904) Enquanto estive doente, a Ana faltou à escola.

Também aqui a interpretação mais natural é aquela em que a situação descrita na frase principal resulta de algum modo daquela que é descrita na frase com *enquanto*. Uma interpretação destas sequências de acordo com a qual as duas situações estão ligadas apenas por uma relação temporal não se coaduna, parece-me, com as intuições dos falantes acerca delas. No que respeita à possibilidade de, em sequências com o operador em estudo, a frase principal se ligar à subordinada por meio da RD de Enquadramento, as sequências abaixo mostram que tal não é possível.

Enquadramento

- (905) *Enquanto vivi em Lisboa as casas na capital eram acessíveis.
- (906) *Enquanto fui estudante era fácil conseguir um emprego no secundário.

Os localizadores directos encabeçados por *enquanto* não permitem uma interpretação segundo a qual o estado rodeia temporalmente a situação a partir da qual constroem o intervalo de localização que representam.

Passemos agora aos dados relativos a *enquanto isso/isto*. Começemos por ver sequências com a RD de Resultado.

Resultado

- (907) A Ana tomou anti-depressivos durante cinco anos. Enquanto isso não pôde conduzir.
- (908) A Ana esteve doente na semana passada. Enquanto isso faltou à escola.

A maior parte dos falantes consultados considera que as sequências acima são aceitáveis. Considera ainda que o mesmo localizador não é compatível com Elaboração e Enquadramento. Veja-se:

Elaboração

- (909) *A Ana esteve em Londres em 1988. Enquanto isso ficou hospedada no Hilton.
- (910) *A Ana viveu em Paris durante cinco anos. Enquanto isso partilhou um apartamento com o Michel.

Enquadramento

- (911) *Vivi em Lisboa durante cinco anos. Enquanto isso, as casas na capital eram acessíveis.
- (912) Fui estudante durante quatro anos. Enquanto isso era fácil conseguir um emprego no secundário.

Em resumo, o conjunto dos exemplos apresentados permite-nos concluir que só em casos que envolvem Paralelismo e Resultado, é possível passar de sequências com *enquanto-F* para sequências com *enquanto isso* e continuar a obter sequências aceitáveis. Revejam-se os seguintes exemplos, que envolvem Paralelismo:

- (913) a. O Paulo fez o jantar enquanto a Ana leu o jornal.
b. A Ana leu o jornal. Enquanto isso o Paulo fez o jantar.

Creio que isto é surpreendente dado que a única diferença visível entre os dois tipos de localizadores consiste em uns terem como complemento uma frase e os outros terem uma expressão anafórica que retoma essa frase. Tomo o contraste existente entre os dois grupos de localizadores como um indício de que, contrariamente àquilo que

uma observação superficial possa fazer pensar, os localizadores *enquanto isso* e *enquanto isto* não são meras contrapartidas anafóricas de localizadores do tipo de *enquanto-F*. Trata-se de dois tipos de localizadores distintos. A distinção situa-se no plano das propriedades discursivas. Os localizadores *enquanto isso* e *enquanto isto* só ocorrem em contextos de Resultado e Paralelismo, ao passo que os outros ocorrem nestes contextos e ainda nos de Elaboração.

(v) Os localizadores *durante o tempo em que...* e *durante esse tempo*

Os localizadores do tipo *durante o tempo em que...* e as suas contrapartidas anafóricas, os localizadores do tipo *durante esse tempo*, comportam-se como os localizadores *enquanto-F* no que respeita às relações discursivas que se podem estabelecer entre a frase matriz e a frase temporal, no primeiro caso, e entre a frase com o localizador anafórico e a frase que fornece o antecedente deste, no segundo caso. Como se viu na parte II, os localizadores do tipo de *durante o tempo em que...* e *durante esse tempo* envolvem a sobreposição temporal das situações em causa, a situação a localizar e a situação a partir da qual é construído o intervalo de localização. Vejam-se os seguintes casos, que envolvem Paralelismo:

- (914) A Ana leu o jornal durante o tempo em que o Paulo fez o jantar.
(915) O Paulo esteve internado em Maio. A mãe tomou-lhe conta da casa durante esse tempo.

Tal como acontece com os localizadores do tipo de *enquanto-F*, estes localizadores ocorrem quer em casos de Resultado quer em casos de Elaboração. Veja-se:

Resultado

- (916) a Durante o tempo em que tomou anti-depressivos, a Ana não pôde conduzir.
b. A Ana tomou anti-depressivos durante seis meses. Durante esse tempo não pôde conduzir.
(917) a. Durante o tempo em que esteve doente, a Ana faltou à escola.
b. A Ana esteve doente a semana passada. Durante esse tempo, faltou à escola.

Elaboração

- (918) a. Durante o tempo em que esteve em Londres, a Ana ficou hospedada no Hilton.
b. A Ana esteve em Londres o mês passado. Durante esse tempo ficou hospedada no Hilton.
- (919) a. Durante o tempo em que viveu em Paris, a Ana partilhou um apartamento com o Michel.
b. A Ana viveu em Paris em 1988. Durante esse tempo partilhou um apartamento com o Michel.

No que respeita à RD de Enquadramento, e também de forma idêntica ao que acontece com os localizadores *enquanto-F*, ela é claramente bloqueada. Vejam-se as sequências abaixo.

Enquadramento

- (920) a. *Durante o tempo em que vivi em Lisboa os andares nessa cidade eram acessíveis.
b. *Vivi em Lisboa na década de oitenta. Durante esse tempo os andares nessa cidade eram acessíveis.
- (921) a. *Durante o tempo em que fui estudante era fácil conseguir um emprego no secundário.
b. *Fui estudante durante cinco anos. Durante esse tempo era fácil conseguir emprego no secundário.

(vi) Os localizadores *entretanto, nesse meio tempo, paralelamente... e simultaneamente...*

De acordo com o apresentado na parte II, os localizadores anafóricos *entretanto, nesse meio tempo, paralelamente...* e *simultaneamente...* representam – em alguns casos entre outras hipóteses – um intervalo de localização que é coincidente com a localização de uma situação não-pontual anteriormente referida. Veja-se:

- (922) A Ana tirou o curso de Economia na Universidade Católica.
a. Entretanto deu aulas de música num colégio (para poder pagar as propinas).
b. Nesse meio tempo deu aulas de música num colégio (para poder pagar as propinas).

- c. Paralelamente deu aulas de música num colégio (para poder pagar as propinas).
- d. Simultaneamente deu aulas de música num colégio (para poder pagar as propinas).

Trata-se de casos em que a relação entre as situações é apenas de sobreposição temporal e em que se infere Paralelismo. Como indicado no quadro, estes localizadores não ocorrem em contextos de Resultado, Elaboração ou Enquadramento. Começemos por ver os dados relativos à primeira destas RD:

Resultado

(923) A Ana esteve doente na semana passada.

- a. *Entretanto faltou à escola.
- b. *Nesse meio tempo faltou à escola.
- c. *Paralelamente faltou à escola.
- d. *Simultaneamente faltou à escola.

(924) A Ana tomou anti-depressivos no ano passado

- a. *Entretanto não pôde conduzir.
- b. *Nesse meio tempo não pôde conduzir.
- c. *Paralelamente não pôde conduzir.
- d. *Simultaneamente não pôde conduzir.

Em nenhum caso, é possível inferir umnexo causal entre a situação de a Ana estar doente e a situação de a Ana faltar à escola ou entre a situação de a Ana tomar anti-depressivos e a situação de ela não poder conduzir. Vejamos agora os dados relativos à RD de Elaboração:

Elaboração

(925) A Ana foi a Londres o ano passado.

- a. *Entretanto ficou hospedada no Hilton.
- b. *Nesse meio tempo ficou hospedada no Hilton.
- c. *Paralelamente ficou hospedada no Hilton.
- d. *Simultaneamente ficou hospedada no Hilton.

(926) A Ana esteve hospitalizada o ano passado.

- a. *Entretanto dividiu um quarto com uma mulher russa.
- b. *Nesse meio tempo dividiu um quarto com uma mulher russa.

- c. *Paralelamente dividiu um quarto com uma mulher russa.
- d. *Simultaneamente dividiu um quarto com uma mulher russa.

Também em nenhum caso é possível inferir a existência de uma relação mereológica entre as duas situações referidas em cada sequência. O mesmo pode ser dito acerca dos exemplos seguintes, que dizem respeito à RD de Enquadramento.

Enquadramento

(927) A Ana licenciou-se em 1988.

- a. *Entretanto era fácil conseguir emprego.
- b. *Nesse meio tempo era fácil conseguir emprego.
- c. *Paralelamente era fácil conseguir emprego.
- d. *Simultaneamente era fácil conseguir emprego.

(928) A Ana comprou casa em Lisboa em 1990.

- a. *Entretanto as casas na capital eram baratas.
- b. *Nesse meio tempo as casas na capital eram baratas.
- c. *Paralelamente as casas na capital eram baratas.
- d. *Simultaneamente as casas na capital eram baratas.

7.5.2. Os localizadores que expressam posterioridade temporal e os que envolvem anterioridade temporal

O quadro que se segue dá conta da possibilidade de os localizadores que expressam directamente uma relação de posterioridade ocorrerem ou não em contextos de Epi-Narração⁴⁹ Fraca e Resultado. Relativamente aos localizadores que expressão uma relação de anterioridade, o quadro indica se eles podem ou não ocorrer em contextos de Retro-Narração e Explicação.

⁴⁹ Note-se que adopto aqui o termo Epi-Narração introduzido antes neste mesmo capítulo para substituir o termo Narração. As RD Narração Fraca e Narração Forte, apresentadas no Capítulo 4, passam a designar-se Epi-Narração Forte e Epi-Narração Fraca, respectivamente.

Quadro 34. Interação dos localizadores que envolvem posterioridade temporal e dos que envolvem anterioridade temporal com as relações discursivas

Localizadores	Epi-Narração fraca	Resultado	Retro-Narração	Explicação
depois disso	+	+		
na semana seguinte	+	+		
depois	+	-		
mais tarde	+	-		
antes disso			+	-
antes			+	-
na semana anterior			+	+

Em primeiro lugar, gostaria de chamar a atenção para o facto de, no que respeita à RD de Epi-Narração, me limitar aqui ao subtipo de Epi-Narração Fraca. De acordo com o explicado no capítulo 4, trata-se da Epi-Narração que envolve apenas sucessão temporal. Em segundo lugar, importa dizer que os localizadores *na semana seguinte* e *na semana anterior* são aqui exemplificativos da classe dos localizadores com conteúdo predicativo à qual pertencem ainda *dois dias depois*, *duas horas mais tarde*, *na véspera* e *cinco dias antes* entre outros.

Em todos os casos, os localizadores que envolvem sucessão temporal podem ocorrer em contextos de Epi-Narração, do mesmo modo que todos aqueles que expressam anterioridade temporal podem ocorrer em contextos de Retro-Narração. No que respeita às RD de Resultado e Explicação, o que se pode observar é que só alguns localizadores ocorrem associados à sua inferência. Se compararmos estes dados com os relativos aos localizadores que envolvem sobreposição temporal, podemos concluir que em ambos os casos o que acontece é que a generalidade dos localizadores podem ocorrer no contexto da RD mais fraca, ou seja, aquela que tem menos pré-condições. No casos dos localizadores que expressam sobreposição temporal, essa RD é Paralelismo. Os localizadores que podem ocorrer no contexto de uma RD mais forte são em menor número.

Apresento abaixo os dados relativos ao quadro 34:

Epi-Narração Fraca

- (929) a. A Maria foi ao cinema. Depois disso foi jantar com uma amiga
b. A Maria foi a Paris na primeira semana de Maio. Na semana seguinte foi a Londres.
c. A Maria foi ao cinema. Depois foi jantar com uma amiga.
d. A Maria foi ao cinema. Mais tarde foi jantar com uma amiga.
- (930) a. A Maria arrumou a sala. Depois disso arrumou o escritório.
b. A Maria comprou um carro na primeira semana de Maio. Na semana seguinte comprou uma mobília de quarto.
c. A Maria arrumou a sala. Depois arrumou o escritório.
d. A Maria arrumou a sala. Mais tarde arrumou o escritório.

Resultado

- (931) O Zé Maria assaltou um banco no dia 15 de Janeiro.
a. *Foi preso depois.
b. Foi preso depois disso.
c. Foi preso na semana seguinte.
d. *Foi preso mais tarde.
- (932) O Paulo atropelou um cão no dia 15 de Janeiro.
a. *Deixou de guiar depois.
b. Deixou de guiar depois disso.
c. Deixou de guiar no dia seguinte.
d. *Deixou de guiar mais tarde.

Vejamos agora os dados relativos às RD que envolvem anterioridade temporal, ou seja, Retro-Narração e Explicação.

Retro-Narração

- (933) a. O Paulo saiu com a Ana ontem à noite.
b. Saiu com a Rita antes.
c. Saiu com a Rita antes disso.
d. Tinha saído com a Rita na semana anterior.

- (934) a. O Paulo esteve em Londres na segunda semana de Janeiro.
b. Tinha estado em Paris antes.
c. Tinha estado em Paris antes disso.
d. Tinha estado em Paris na semana anterior.

Explicação

- (935) a. O Zé Maria foi preso às 15 horas de segunda-feira.
b. #Tinha assaltado um banco antes.
c. #Tinha assaltado um banco antes disso.
d. Tinha assaltado um banco na semana anterior.
- (936) a. O Paulo foi despedido no dia 15 de Janeiro.
b. # Tinha desviado dinheiro da empresa antes.
c. # Tinha desviado dinheiro da empresa antes disso.
d. Tinha desviado dinheiro da empresa na semana anterior.

Relativamente aos dados apresentados, interessa chamar a atenção para a diferença entre *depois* e *depois disso*. Os dados mostram que só o segundo destes localizadores é compatível com a RD de Resultado. O primeiro destes localizadores tem um valor meramente temporal, ou seja, indica apenas posterioridade temporal e não pode ocorrer em sequências narrativas. Esta diferença entre *depois* e *depois disso* não tem paralelo no par composto por *antes* e *antes disso*. Nenhum dos localizadores deste último par é compatível com a RD que envolve nexos causal, ou seja, Explicação.

7.6. Conclusões

Ao analisar o modo como os localizadores temporais adverbiais anafóricos interagem com as RD, concluí que estas expressões não só são sensíveis à estrutura do discurso – podendo ser compatíveis ou incompatíveis com ela – como também actuam sobre ela, induzindo a inferência de uma RD não inferível antes. No que respeita à interpretação temporal de sequências discursivas com estes localizadores, verifiquei que ou as RD contribuem em paralelo com os localizadores para a ordenação das situações descritas ou as RD desempenham um papel determinante nessa ordenação.

Capítulo 8

Os localizadores com *mesmo*⁵⁰

Tratarei neste capítulo dos localizadores com *mesmo*. Terei em conta tanto os que envolvem SN definidos – p. ex., *no mesmo ano* e *na mesma altura* – como os que envolvem SN com demonstrativos – p. ex., *nesse mesmo dia* e *nesse mesmo ano* –, não me detendo no estudo de eventuais diferenças entre estes dois tipos de localizadores. Também não prestarei especial atenção à diferença entre os casos de anáfora clássica e os de anáfora com antecedente inferido ou anáfora reconstrutiva. Como os exemplos (937) e (938) abaixo documentam, quer os localizadores com definidos quer os localizadores com demonstrativos podem ocorrer nesses dois tipos de anáfora e as eventuais diferenças que possam existir entre um tipo de anáfora e outro não parecem interagir com as questões que pretendo tratar. Vejam-se os exemplos:

- (937) a. O Paulo escreveu à Ana na segunda-feira passada. Ela respondeu-lhe no mesmo dia.
b. O Paulo teve um furo na segunda-feira passada. Foi a pé para a Faculdade nesse dia.
- (938) a. O Paulo escreveu à Ana na semana passada. Ela respondeu-lhe no mesmo dia.
b. O Paulo teve um furo na semana passada. Foi a pé para a Faculdade nesse dia.

As sequências (937) constituem casos de anáfora clássica, ao passo que as sequências (938) constituem casos de anáfora reconstrutiva. Os localizadores com SN definidos ocorrem em ambos os casos – vejam-se as sequências (937 a) e (938 a) – e os localizadores com demonstrativos também – vejam-se as sequências (937 b) e (938 b).

Concentrar-me-ei nos efeitos que os localizadores com *mesmo* têm sobre a estrutura do discurso, em particular quando comparados com as suas contrapartidas sem *mesmo*, ou seja, os localizadores como *esse dia*, *essa altura* ou *a altura*. Em 8.1. farei uma apresentação do modo como *mesmo* interage com a estrutura discursiva. Primeiro, apresentarei casos em que *mesmo* é um elemento indutor de coerência discursiva.

⁵⁰ No seu essencial, a proposta apresentada neste capítulo é idêntica à apresentada em Alves e Gómez Txurruka 2001.

Depois, considerarei dois tipos de casos: casos em que os localizadores com *mesmo* são compatíveis com uma relação discursiva (cf. casos A) e casos em que os localizadores com *mesmo* são incompatíveis com uma relação discursiva (cf. casos B). Quanto a estes últimos, é ainda possível distinguir dois subtipos: o dos casos em que a presença de localizadores com *mesmo* sistematicamente bloqueia uma RD que é inferida na sua ausência, e o daqueles em que a presença dos localizadores em estudo só algumas vezes bloqueia a inferência de uma RD. Em 8.2., proponho uma hipótese de explicação para os casos em que *mesmo* bloqueia uma RD. Em 8.3., revejo de forma breve as propostas de Carlson 1987 e Glasbey 1994 para dar conta de *same*, a expressão inglesa correspondente a *mesmo*. Trabalharei no quadro da SDRT, apresentada no capítulo 2, e recorrerei ao sistema de regras e axiomas designado por Discourse and Commonsense Entailment (DICE), introduzido em Lascarides e Asher 1991 e apresentado também neste capítulo.

8.1. A interacção de *mesmo* com a estrutura discursiva

Os dados apresentados a seguir mostram que *mesmo* pode, em certos casos, ser o elemento responsável pela coerência discursiva. Vejam-se as sequências (939) e (940):

- (939) a. A Ana licenciou-se em 1980.
b. ??A Rita licenciou-se nesse ano.
c. A Rita licenciou-se nesse mesmo ano.
d. A Rita também se licenciou nesse ano.

- (940) a. A Ana foi a Paris em 1999.
b. ??A Rita foi lá nesse ano.
c. A Rita foi lá nesse mesmo ano.
d. A Rita também lá foi nesse ano.

As sequências (939 a-b) e (940 a-b) são bastante estranhas, se não incoerentes. Contrastam com (939 a-c) e (940 a-c), que são perfeitamente aceitáveis. Aqui, *mesmo* parece desempenhar um papel idêntico ao da expressão *também* – vejam-se (939 a-d) e (940 a-d). Segundo Asher e Lascarides 1998, esta expressão assinala a RD de Similitude/Paralelismo, que é a inversa de Contraste. Não pretendendo entrar aqui em

detalhes acerca da definição formal destas RD, limito-me a reproduzir a descrição informal dada em Asher 1993: 285. Veja-se⁵¹:

“Parallelism involves a pairing of constituents in a SDRS and their parts such that each pair contains two semantically and structurally similar objects. Contrast also involves a pairing between constituents and their parts, in which at least some pair contain structurally similar but semantically dissimilar objects.”

De acordo com Alves e Gómez Txurruka 2001, *mesmo* é um indutor de Pseudo-Paralelismo (ou Pseudo-Similitude). Em outros casos, como se verá já a seguir em (941), este adjectivo não é intersubstituível com *também*.

A – Casos de Compatibilidade

Os dados apresentados em (941) e (942), a seguir, mostram que *mesmo* é compatível com a RD de Contraste e com a de Epi-Narração.

- (941) a. A Ana foi a Paris em 1980.
b. O Paulo foi a Londres nesse ano.
c. O Paulo foi a Londres nesse mesmo ano.
d. Mas o Paulo foi a Londres nesse mesmo ano.
e. *O Paulo também foi a Londres nesse ano.

A RD de Contraste é inferível em em (941 a-b) e continua a sê-lo em (941 a-c). Note-se que a inferência dessa RD é possível mesmo sem a presença de um marcador explícito – cf. (941 a-b) e (941 a-c) –, mas esse marcador, ou seja, *mas*, pode estar expreso, como se vê em (941 a-d). Repare-se ainda que, como seria de esperar, neste contexto *mesmo* não é intersubstituível com *também*, que induz a RD inversa de *mas*.

Os exemplos dados abaixo são instâncias de sequências discursivas que se ligam por meio de Epi-Narração:

- (942) a. A Ana chegou de férias no dia 30 de Agosto. Começou a trabalhar na tese nesse dia.
b. A Ana chegou de férias no dia 30 de Agosto. Começou a trabalhar na tese nesse mesmo dia.

⁵¹Asher 1993: 285 apresenta os seguintes exemplos para ilustrar, respectivamente, Similitude/Paralelismo e Contraste: (i) A girl that I met envies Sam. I envy him too; (ii) A girl that I met dislikes Sam. But I like him.

- (943) a. A Ana licenciou-se em Maio de 1988. Conseguiu trabalho nesse mês.
b. A Ana licenciou-se em Maio de 1988. Conseguiu trabalho nesse mesmo mês.

Essa relação é inferível nas sequências (942 a) e (943 a), que não exibem nenhum localizador com *mesmo*. É ela que leva à inferência do avanço temporal, isto é, à inferência de que a ordem por que os eventos são descritos reflecte a ordem pela qual eles aconteceram. Continua a poder ser inferida na presença de *mesmo*, como se pode ver nas sequências (942 b) e (943 b), o que mostra que essa RD é compatível com *mesmo*.

Parece, contudo, haver alguma diferença entre as sequências com *mesmo* e aquelas em que essa expressão não está presente. Claramente, essa diferença não está no plano semântico, já que em termos de condições de verdade não há diferenças entre as sequências com *mesmo* e as suas contrapartidas sem este adjectivo. A questão que se coloca, então, é a de saber qual é, em casos como estes, a contribuição de *mesmo*. De acordo com o sugerido em Alves e Gómez Txurruka 2001, o que parece acontecer é que, embora o efeito de avanço temporal se mantenha na presença de *mesmo*, ele é relegado para o segundo plano (“background”)⁵² da informação a transmitir. O que está no primeiro plano (“foreground”) dessa informação é a proximidade temporal da localização das duas situações mencionadas em cada sequência, é a ideia, expressa em termos intuitivos, de que o intervalo que separa as duas situações é curto. É esta a informação mais importante que o falante quer veicular. Isso torna-se particularmente evidente quando integramos (942 b) e (943 b) em sequências de três períodos como as seguintes:

- (944) a. A Ana é muito trabalhadora.
b. Chegou de férias no dia 30 de Agosto.
c. Começou a trabalhar na tese nesse mesmo dia.
- (945) a. A Ana teve imensa facilidade em conseguir emprego.
b. Licenciou-se em Maio de 1988.
c. Conseguiu trabalho nesse mesmo mês.

⁵² Traduzi *foreground* e *background* por *primeiro plano* e *segundo plano*, respectivamente. Erteschik-Shir 1997 desenvolve uma noção pragmática de ordenação da informação que está no primeiro plano e da que está no segundo plano, à qual se pode recorrer aqui.

Acerca da sua estrutura discursiva, podemos afirmar que as sequências (944 b-c) e (945 b-c) contribuem para a crença expressa, respectivamente, em (944 a) e (945 a). Em termos discursivos, as sequências (944 b-c) e (945 b-c) ligam-se ao segmento discursivo que as precede através da RD de Evidência⁵³: acreditamos que a Ana é muito trabalhadora e que teve muita facilidade em conseguir trabalho porque, no primeiro caso, há uma identidade entre o dia em que ela veio de férias e o dia em que começou a trabalhar na tese, e, no segundo caso, há uma identidade entre o mês em que ela se licenciou e o mês no qual conseguiu arranjar trabalho, ou seja, porque em qualquer dos casos há proximidade temporal entre as duas situações relevantes. Esta proximidade é o aspecto relevante para a conclusão expressa nas frases (944 a) e (945 a). Se suprimirmos *mesmo* e tentarmos inferir a mesma RD de Evidência, obteremos sequências que, não constituindo um discurso incoerente, constituem um discurso muito menos fluente do que as sequências anteriores. Vejam-se (946) e (947):

- (946) a. A Ana é muito trabalhadora.
b. Chegou de férias no dia 30 de Agosto.
c. ?Começou a trabalhar na tese nesse dia.

- (947) a. A Ana teve imensa facilidade em conseguir emprego.
b. Licenciou-se em Maio de 1988.
c. ?Conseguiu trabalho nesse mês.

Em suma, de acordo com os dados apresentados, a presença de *mesmo* não bloqueia, mas relega para segundo plano, a inferência de Epi-Narração. Tal sugere a necessidade de dar conta na representação formal da estrutura discursiva de uma ordenação entre o significado de *mesmo* e as RD. Trata-se, porém, de uma questão que não será desenvolvida aqui.

B – Casos de incompatibilidade

(i) Casos em que as relações discursivas são sempre bloqueadas

Um dos efeitos dos localizadores com *mesmo* consiste no bloqueio sistemático das relações discursivas mereológicas, ou seja, daquelas que envolvem a existência de uma relação de “parte-de” entre duas situações, como Enquadramento, Elaboração e Generalização. Além destas RD, é ainda bloqueada a relação discursiva de Correção.

⁵³ Esta RD não é formalmente definida em Asher 1993, mas é-o em Mann e Thompson 1987: 10.

Recorde-se que, como apontado no Capítulo 4, a impossibilidade de *mesmo*, ou mais precisamente a sua contrapartida em inglês – *same* – ocorrer em casos de Enquadramento e Elaboração foi primeiramente assinalada em Glasbey 1993 e 1994.

Começemos pelos casos de Enquadramento, ilustrados nas sequências imediatamente abaixo. Comparemos (948 a) com (948 b) e (949 a) com (949 b). Repare-se que a única diferença entre as duas sequências de cada conjunto de exemplos consiste na presença, na segunda sequência, de *mesmo*.

(948) a. A Ana comprou um andar em Lisboa em 1990. Os andares na capital eram baratos na altura.

b. *A Ana comprou um andar em Lisboa em 1990. Os andares na capital eram baratos na mesma altura.

(949) a. A Maria conheceu a Ana em 1980. Tinha dezasseis anos na altura.

b. *A Maria conheceu a Ana em 1980. Tinha dezasseis anos na mesma altura.

Como se vê, as sequências (948 a) e (949 a) são aceitáveis. Há em ambos os casos a inferência de Enquadramento. (948 b) e (949 b), pelo contrário, são claramente incoerentes. *Mesmo* bloqueia essa RD, não sendo possível concluir que as duas frases estejam ligadas através de nenhuma outra relação.

Vejam agora sequências que envolvem a relação de Elaboração. Atente-se na diferença entre (950 a) e (950 b) (951 a) e (951 b):

(950) a. A Ana esteve em França em 1980. Visitou o Louvre nessa altura.

b. ??A Ana esteve em França em 1980. Visitou o Louvre nessa mesma altura.

(951) a. A Rita foi ao Brasil em 1999. Viajou com a Varig nessa altura.

b. ??A Rita foi ao Brasil em 1999. Viajou com a Varig nessa mesma altura.

Em (950 a) e (951 a), é naturalmente inferida a RD de Elaboração entre os dois segmentos discursivos. No que diz respeito a (950 b) e (951 b), essa RD é claramente bloqueada. Uma outra leitura em que, acerca de duas situações distintas, se expressa apenas a identidade dos anos em que elas tiveram lugar é também difícil de obter. Nessa leitura, a expressão anafórica referiria os intervalos associados a 1980 e 1999 e não os associados à descrição das situações. A dificuldade na obtenção de tal leitura deve-se, possivelmente entre outros factores, ao conhecimento que temos de que o Louvre se situa em França e de que a Varig é uma companhia de aviação brasileira.

Os exemplos apresentados a seguir são alusivos à terceira relação discursiva que envolve uma relação mereológica entre as situações, ou seja, a RD de Generalização.

- (952) a. O Paulo doutorou-se em Junho de 1980. Doutoraram-se três biólogos nesse mês.
b. O Paulo doutorou-se em Junho de 1980. Doutoraram-se três biólogos no mesmo mês.
- (953) a. Maria licenciou-se em Junho de 1987. Licenciaram-se três sobrinhas da Ana nesse mês.
b. A Maria licenciou-se em Junho de 1987. Licenciaram-se três sobrinhas da Ana no mesmo mês.

Segundo a interpretação mais natural – se não a única – das sequências (952 a) e (953 a), a situação descrita no primeiro período é uma das três situações a que se faz referência no segundo. Essa interpretação corresponde à relação discursiva de Generalização⁵⁴, aqui de eventos. No entanto, as sequências com *mesmo*, isto é, (952 b) e (953 b), embora aceitáveis, não têm a interpretação que se pretende, que é aquela em que a situação descrita em primeiro lugar faz parte do conjunto de situações que a segunda frase refere. Na única leitura possível dessas sequências, isso não acontece, ou seja, o Paulo não é um dos três biólogos mencionados nem a Maria é sobrinha da Ana.

Além das relações discursivas de tipo mereológico, a presença de *mesmo* bloqueia de forma sistemática ainda outra RD, possivelmente de outro tipo, que é a de Correção. Em termos informais⁵⁵, esta RD envolve a correção de informação veiculada num segmento discursivo. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (954) a. O Paulo doutorou-se em Junho de 1980. Não, a Ana doutorou-se nesse mês.
b. *O Paulo doutorou-se em Junho de 1980. Não, a Ana doutorou-se nesse mesmo mês.
- (955) a. A Ana esteve em Itália em 2001. Não, o Paulo esteve em Itália nesse ano.
b. *A Ana esteve em Itália em 2001. Não, o Paulo esteve em Itália nesse mesmo ano.

⁵⁴ Esta RD é apresentada em Asher 1993: 300 como inversa da RD de Instância, mas não é formalmente definida. A RD de Instância é caracterizada em Olman 1998.

⁵⁵ Para mais informação sobre a RD de Correção, veja-se, por exemplo, Asher e Gómez Txurruka 1995.

A inferência da RD de Correção ocorre nas sequências (954 a) e (955 a). Se acrescentarmos *mesmo* – cf. (954 b) e (955 b) – esta relação discursiva é bloqueada, gerando uma situação de incoerência, uma vez que não é possível inferir nenhuma outra RD.

(ii) Casos em que as relações discursivas nem sempre são bloqueadas

Passo seguidamente à apresentação de um terceiro tipo de dados, constituído por exemplos em que uma dada relação discursiva é bloqueada nuns casos mas subsiste noutros. Tal sucede com as RD que envolvem um nexos causal, ou seja, Resultado e Explicação. Um dos contrastes mais intrigantes é o que se verifica entre as sequências (956)-(957) e as sequências (958)-(959) abaixo. Atentemos primeiro nos exemplos (956)-(957):

- (956) O Bafo de Onça assaltou um banco em Novembro. Foi preso no mesmo mês.
- (957) O Paulo escreveu um artigo brilhante sobre as mulheres árabes em Novembro. Foi promovido no mesmo mês.

Na leitura de qualquer uma destas sequências, os falantes naturalmente inferem que há um nexos causal entre as duas situações – a prisão do Bafo de Onça resulta do assalto ao banco por ele praticado e a promoção do Paulo fica a dever-se ao brilhante artigo que escreveu. Em termos discursivos, há uma relação de Resultado entre os dois períodos. Se atentarmos agora nos exemplos abaixo, envolvendo de forma idêntica localizadores com *mesmo*, vemos que essa relação discursiva não é inferida.

- (958) A Ana teve um furo na segunda-feira passada. Chegou tarde ao trabalho no mesmo dia.
- (959) O Paulo atropelou uma criança na semana passada. A mãe teve um colapso nervoso no mesmo dia.

Ao lermos estas frases, não é possível concluir que o atraso da Ana se deveu ao furo nem que o colapso da mãe do Paulo se deveu ao atropelamento. Tal que equivale a dizer que não é possível inferir a existência de um nexos causal entre as duas situações. Interpretamos cada uma das sequências como uma mera enunciação de acontecimentos que têm em comum o facto de terem acontecido num mesmo dia.

- (960) Na semana passada a Ana teve uma série de pequenos contratemplos: teve um furo na segunda-feira, chegou tarde ao trabalho no mesmo dia, perdeu as chaves do escritório...
- (961) Nem imaginas o que aconteceu ao Paulo: atropelou uma criança na semana passada. A mãe dele teve um colapso nervoso no mesmo dia, a irmã partiu uma perna...

Se quisermos veicular a ideia de que a segunda situação resulta da primeira, ou omitimos o localizador anafórico – vejam-se (962 a) e (963 a) – ou o substituímos por outro como, por exemplo, *nesse dia* – vejam-se (962 b) e (963 b):

- (962) a. A Ana teve um furo na segunda-feira. Chegou tarde ao trabalho.
b. A Ana teve um furo na segunda-feira. Chegou tarde ao trabalho nesse dia.
- (963) a. O Paulo atropelou uma criança na semana passada. A mãe teve um colapso nervoso.
b. O Paulo atropelou uma criança na semana passada. A mãe teve um colapso nervoso nesse dia.

Perante estes dados, a questão que se coloca é a de saber por que razão em alguns casos não há bloqueio do nexos causal (cf. (956)-(957)) e em outros casos o há (cf. (958)- (959)).

Vejamos ainda dados análogos aos apresentados, mas que em vez de Resultado envolvem a RD de Explicação. Vejam-se (964) e (965):

- (964) A tia da Ana foi hospitalizada na segunda-feira. Sentiu uma forte dor no peito nessa mesma manhã.
- (965) A Ana fez uma grande festa no Sábado. O chefe anunciara-lhe nesse mesmo dia que ela iria ser promovida.

Na interpretação mais natural destas sequências, concluímos que a hospitalização da tia da Ana é uma consequência da dor no peito – cf. (964) – e que o motivo da festa da Ana foi o anúncio da sua promoção – cf. (965). Em termos de estrutura discursiva, tal significa que ligamos a segunda frase à primeira através da RD de Explicação. No entanto, as sequências (966) e (967), apresentadas abaixo, claramente não admitem uma leitura segundo a qual a segunda situação descrita causa a primeira.

- (966) A Ana passou a Páscoa no hospital em 1999. Teve um grave acidente de automóvel no mesmo ano.
- (967) A Ana chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. Teve um furo no mesmo dia.

Note-se que nem mesmo forçando – através do uso do pretérito mais-que-perfeito – uma ordenação temporal em que a segunda situação precede a primeira é possível inferir um nexos causal entre as duas situações. Só interpretamos estas sequências como uma enumeração de situações.

- (968) A Ana passou a Páscoa no hospital em 1999. Tinha tido um grave acidente de automóvel no mesmo ano.
- (969) A Ana chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. Tinha tido um furo no mesmo dia.

Uma vez mais importa tentar explicar a oposição entre os casos de bloqueio e os casos de não bloqueio da RD.

Em suma, nesta secção mostrou-se que *mesmo* pode interagir com a estrutura discursiva de três formas distintas. Pode contribuir para a coerência discursiva, pode ser compatível com uma dada RD inferida na sua ausência ou pode bloquear uma RD que é inferida quando não está presente. Sugeriu-se ainda que, em alguns dos casos que envolvem compatibilidade, há uma ordenação entre o significado de *mesmo* e a RD inferida. Esta ordenação pode ser expressa em termos do que está no primeiro e no segundo plano da informação comunicada pelo falante.

8.2. O efeito de *mesmo*

Apresento nesta secção uma explicação para os casos em que *mesmo* bloqueia uma RD como os apresentados em B. Considero que os casos em que *mesmo* uma vez bloqueia uma dada RD e outras não – cf. as sequências que envolvem Resultado e as que envolvem Explicação – são reveladores daquele que, na linha do defendido em Alves e Gómez Txurruga 2001, considero ser o efeito de *mesmo*. Uma análise mais detalhada dos exemplos em B leva-nos a concluir o seguinte: os casos em que a relação de causa-efeito é bloqueada pela presença de *mesmo* são casos em que a inferência de um nexos causal entre as situações é indissociável da coincidência temporal entre os intervalos de localização envolvidos na relação expressa por *mesmo*. A título de exemplo, pensemos nas situações *ter um furo* e *chegar tarde à Faculdade*, que ocorrem no exemplo (967). Faz sentido inferir um nexos causal entre uma situação de furo e uma

situação de atraso, se as duas situações tiverem ocorrido no mesmo dia. Não parece possível inferir o mesmo tipo de nexos entre uma situação de furo e uma situação de chegar tarde ao trabalho que ocorre dias ou meses depois desse furo. Veja-se:

- (970) ??A Ana teve um furo na segunda-feira. Chegou tarde à Faculdade {no dia seguinte / dois dias depois}.

Trata-se, pois, de um caso em que a inferência de um nexos causal entre duas situações envolve uma identidade entre os dias em que estas ocorreram.

Vejamos agora um caso em que a inferência de um nexos causal não depende de uma identidade temporal dos intervalos relevantes. Pensemos, por exemplo, nas situações de assaltar um banco e ser preso. Faz sentido inferir uma relação de causa-efeito entre um assalto a um banco e uma ida para a prisão mesmo que as duas situações estejam temporalmente separadas por vários dias ou meses. Vejam-se os exemplos abaixo, que envolvem os localizadores *no mês seguinte*, *no dia seguinte* e *dois meses depois*.

- (971) O Bafo de Onça assaltou um banco em Novembro. Foi preso {no mês seguinte / dois meses depois}.

Como se pode ver, não é problemática a inferência de uma relação de Resultado entre os dois períodos da sequência. Como referido acima, o que parece acontecer é que uma RD é bloqueada por *mesmo* nos casos em que a identidade temporal é obrigatória, e não é bloqueada nos outros casos. Compare-se (972) com (973):

- (972) A Ana teve um furo na segunda-feira passada. Chegou tarde ao trabalho no mesmo dia.
(973) O Bafo de Onça assaltou um banco em Novembro. Foi preso no mesmo mês.

A mesma análise é extensiva a casos de Explicação. Veja-se:

- (974) A Ana chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. Tinha tido um furo.
(975) O Bafo de Onça foi preso em Novembro. Assaltara um banco.

No primeiro caso, uma vez mais a inferência de um nexos causal entre as duas situações supõe que elas ocorreram no mesmo dia. Pelo contrário, no segundo caso, a inferência

de um nexu causal não supõe que o assalto e a prisão tenham tido lugar no mesmo mês. Vejam-se (976) e (977):

(976) ??A Ana chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. Tinha tido um furo uns dias antes.

(977) O Bafo de Onça foi preso em Novembro. Assaltara um banco uns meses antes.

Na sequência desta diferença, veja-se também que no primeiro caso o nexu causal é bloqueado por *mesmo*, mas no segundo não é:

(978) A Ana chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. Tinha tido um furo no mesmo dia.

(979) O Bafo de Onça foi preso em Novembro. Assaltara um banco no mesmo mês.

Passo agora à apresentação de uma proposta de explicação da interacção entre *mesmo* e as RD. Como sugerido em Alves e Gómez Txurruka 2001, pode dizer-se que o efeito de *mesmo* é o de assinalar uma identidade temporal inesperada, ou seja, uma identidade que não é logicamente implicada pelo contexto discursivo. Essa identidade não é logicamente implicada pelo contexto discursivo (de que a estrutura discursiva é uma parte fundamental), se e só esse contexto permitir a existência de alternativas a essa identidade. Quando *mesmo* é usado em casos em que a estrutura discursiva não inclui alternativas a essa identidade, a estrutura discursiva é bloqueada. Nessa altura, o falante tenta encontrar uma estrutura discursiva que seja compatível com a relação temporal expressa pelo localizador e que permita a existência de alternativas. No caso de tal não ser possível, o discurso é incoerente. Formalmente, o efeito de *mesmo* é expresso em (980). O símbolo \rightarrow_R lê-se “Reescreve-se como”.

(980) $mesmo(t', t) \rightarrow_R (\text{para qualquer } \Delta, (\Gamma \cup \Delta) - \{t' = t\} \neq t' = t)$

O que a regra significa é que, para qualquer RD Δ , o contexto resultante da subtracção da condição que representa a relação expressa por *mesmo*, $(\Gamma \cup \Delta) - \{t' = t\}$, não implica logicamente essa relação⁵⁶.

Para ilustrar esta proposta, vejamos dois exemplos em que há alternativas à identidade temporal e em que *mesmo* não leva ao bloqueio da RD, e depois casos em

⁵⁶ A fundamentação lógica da regra é dada em Alves e Gómez Txurruka 2001: 159.

que não há alternativas a essa identidade e em que, conseqüentemente, *mesmo* leva ao bloqueio da RD. Vejam-se as sequências (981) e (982):

- (981) a. O Paulo desviou dinheiro da empresa em que trabalhava. Foi despedido no mesmo mês.
 - b. O Paulo desviou dinheiro da empresa em que trabalhava. Foi despedido nesse mês.
 - c. O Paulo desviou dinheiro da empresa em que trabalhava. Foi despedido.
-
- (982) a. O Paulo enviou uma mensagem de parabéns à Ana. Ela agradeceu-lhe no mesmo dia.
 - b. O Paulo enviou uma mensagem de parabéns à Ana. Ela agradeceu-lhe no dia
 - c. O Paulo enviou uma mensagem de parabéns à Ana. Ela agradeceu-lhe.

As sequências (981 a) e (982 a), com *mesmo*, envolvem respectivamente a inferência de uma RD de Resultado e de Narração. Trata-se de casos em que não há bloqueio, isto é, casos em que *mesmo* preserva uma RD inferida na sua ausência – cf. (981 b) e (982 b). A presença de *mesmo* assinala a existência de alternativas à identidade expressa, com as quais a inferência destas RD é compatível. Vejam-se, por exemplo, as sequências (981 c) e (982 c), que envolvem as mesmas RD e em que é lícito inferir alternativamente que as duas situações ocorreram, respectivamente, em meses e em dias diferentes. Vejam-se ainda as sequências seguintes, que retomam, respectivamente, as sequências (981) e (982) e em que uma das alternativas à identidade temporal assinalada em (981 a, b) e (982 a, b) é explicitada:

- (983) O Paulo desviou dinheiro da empresa em que trabalhava. Foi despedido no mês seguinte.
- (984) O Paulo enviou uma mensagem de parabéns à Ana. Ela agradeceu-lhe dois dias depois.

Como há alternativas à identidade expressa por *mesmo*, as sequências com esse adjectivo são coerentes.

Vejamos agora dois casos em que *mesmo* leva ao bloqueio de uma RD, o primeiro dos quais envolve Resultado:

- (985) a. A Ana perdeu o comboio na segunda-feira. Chegou tarde à Faculdade nesse mesmo dia.

- b. A Ana perdeu o comboio na segunda-feira. Chegou tarde à Faculdade nesse dia.
- c. A Ana perdeu o comboio na segunda-feira. Chegou tarde à Faculdade.

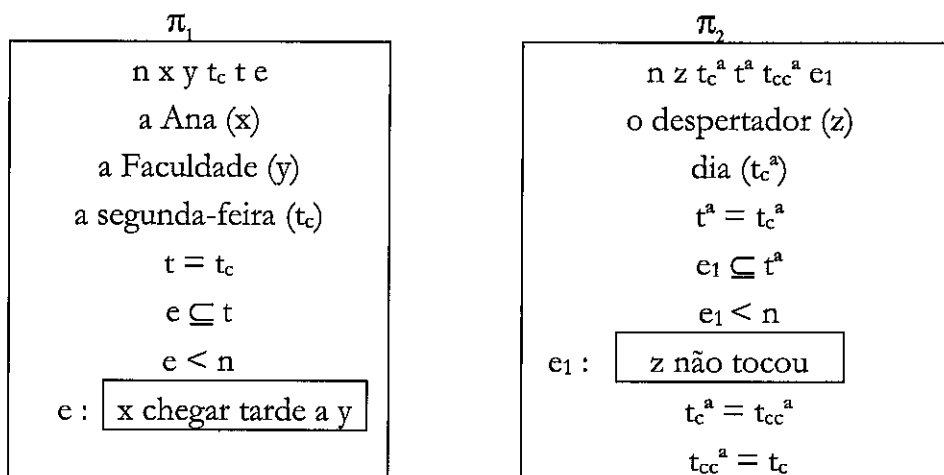
Ao lermos uma sequência como (985 a), não é possível inferir que o segundo período se liga ao primeiro por Resultado. A presença de *mesmo* bloqueia a inferência dessa RD – compare-se (985 a) com (985 b). *Mesmo* bloqueia essa RD, porque assinala a existência de alternativas à identidade temporal expressa por *esse mesmo dia*. No entanto, nenhuma alternativa é compatível com a RD de Resultado. Repare-se que na sequência (985 c), em que se omitiu o localizador com *mesmo*, a identidade temporal existente entre o dia em que a Ana perdeu o comboio e o dia do atraso é naturalmente inferida. Dado que não há alternativas, e de acordo com a proposta feita, *mesmo*, ao ser utilizado neste contexto, leva ao bloqueio da RD assinalada. A sequência é re-interpretada em termos de estrutura discursiva, sendo os falantes capazes de inferir a RD de Continuação.

Vejam agora o segundo caso de bloqueio, desta vez da RD de Explicação:

- (986) a. *A Ana chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. O despertador não tocou nesse mesmo dia.
- b. A Ana chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. O despertador não tocou nesse dia.
- c. A Ana chegou tarde à Faculdade na segunda-feira. O despertador não tocou.

Em (986 a) *mesmo* bloqueia a RD de Explicação inferida na sua ausência – veja-se (986 b). Uma vez mais esse bloqueio dá-se porque a inferência dessa RD só é compatível com a identidade temporal assinalada. Veja-se que essa identidade é inferida em (986 c), que não contém nenhum localizador temporal anafórico. Não há, consequentemente alternativas. Uma vez mais, *mesmo* bloqueia a estrutura discursiva e, como o falante não encontra nenhuma outra RD que possa ligar as duas frases, o discurso é incoerente.

A título de exemplo, apresento abaixo a representação do conflito entre o significado de *mesmo* e a inferência de identidade temporal extraída a partir da estrutura discursiva, conflito esse que, segundo o proposto, explica o bloqueio da RD de Explicação em (986 a). As DRS π_1 e π_2 , representam, respectivamente, o primeiro e o segundo período da sequência (986 a):



Construídas as DRS, podemos concluir o seguinte :

- (i) Explicação (π_1, π_2) (Conhecimento do mundo, >)
- (ii) loc (e₁) < loc (e) ((i), Axioma Temporal associado a Explicação)
- (iii) e ⊆ t (cf. π_1)
- (iv) e₁ ⊆ t^a (cf. π_2)
- (v) t_c^a = t_{cc}^a (→ [t^a = t]) (cf. π_2)

Se suprimirmos de π_2 a condição de identidade introduzida por *mesmo*, continua a ser possível inferir, a partir da estrutura discursiva, ou seja a partir da inferência de Explicação, a informação dada na linha (v). Veja-se novamente (1986 c). Isto entra em conflito com a regra (980) acima – repetida em (987) – que dá conta do significado de *mesmo*.

$$(987) \quad \textit{mesmo}(t', t) \rightarrow_R (\text{para qualquer } \Delta, (\Gamma \cup \Delta) - \{t' = t\} \mid \neq t' = t)$$

A regra diz, recorde-se, que a identidade assinalada por *mesmo*, depois de subtraída ao contexto discursivo, não é logicamente implicada pelo contexto discursivo resultante dessa subtração.

Para dar conta deste conflito Alves e Gómez Txurruka 2001 propõem o padrão de raciocínio do senso comum abaixo apresentado, e que é frequentemente usado comum na interpretação das línguas naturais. Chamam a esse padrão de raciocínio Prioridade de Significado (MP_r).

(988)

(MP_r) Dado um conjunto de premissas Γ que codificam as DRS, e um conjunto de premissas Δ que codificam a informação acerca da estrutura discursiva que normalmente se segue de Γ , se $(\Gamma \cup \Delta) \not\models A$ e $(\Gamma \cup \Delta) \models A$, então Δ deve ser cancelado.

[cf. Alves e Gómez Txurruka 2001: 162]

O que este padrão de raciocínio expressa é o seguinte: se a partir das condições de DRS e da informação sobre a estrutura discursiva que delas se deduz for possível extrair duas informações contraditórias, então cancele-se a informação relativa à estrutura discursiva. Voltemos à sequência em análise, (986 a). De acordo com este princípio, a inferência de Explicação deve ser cancelada, o que de facto acontece. Como não é possível inferir nenhuma outra RD, a sequência é incoerente.

A hipótese atrás formulada sobre o significado de *mesmo* permite ainda dar conta da incompatibilidade entre *mesmo* e as RD de Enquadramento, de Elaboração e Generalização. Recorde-se o tipo de exemplos relevantes:

- (989) A Ana conheceu a Rita em 1980. Vivia em Coimbra na altura.
- (990) A Ana foi a Paris em 1980. Visitou o Louvre nessa altura.
- (991) O Paulo doutorou-se em Janeiro de 1999. Doutoraram-se três biólogos nesse mês.

Repare-se que em nenhum dos casos é possível introduzir *mesmo* e continuar a inferir a mesma RD, isto é, Enquadramento, Elaboração e Generalização, respectivamente:

- (992) *A Ana conheceu a Rita em 1980. Vivia em Coimbra na mesma altura.
- (993) *A Ana foi a Paris em 1980. Visitou o Louvre nessa mesma altura.
- (994) O Paulo doutorou-se em Janeiro de 1999. Doutoraram-se três biólogos nesse mesmo mês.

Tal acontece porque qualquer uma dessas relações discursivas implica necessariamente a identidade temporal assinalada por *mesmo*. As sequências (992) e (993) são inaceitáveis, porque não é possível inferir mais nenhuma outra relação. No caso da sequência (994), a relação de Generalização é bloqueada. A sequência não é, no entanto, inaceitável porque é possível inferir Continuação.

Os dados e os contrastes apresentados ao longo deste capítulo mostram que, ao contrário do que seria esperar à partida, localizadores como *nesse ano*, *nessa altura* e *na altura* podem funcionar de forma bastante diferente dos localizadores *nesse mesmo ano*, *nessa mesma altura* e *na mesma altura*. De algum modo, as diferenças existentes entre os dois tipos de localizadores legitimam a distinção estabelecida no Capítulo 5 entre as TDE do tipo de *esse ano* e *a altura* e as TDE com *mesmo*, como *o mesmo ano* e *a mesma altura*. Por esta razão, e antes de concluir esta secção, considero importante recordar a categorização desses dois tipos de TDE proposta nesse capítulo. As do primeiro tipo foram classificadas como TDE absolutas e as do segundo como TDE relativas, mais especificamente como TDE de identidade. As TDE relativas distinguem-se das absolutas por na sua computação intervir, além do intervalo de tempo denotado pela TDE, um outro intervalo de tempo. Apresento abaixo as condições de DRT introduzidas por *esse ano* e por *esse mesmo ano*.

(995) *esse ano*

- a. esse ano (t_c^a)
- b. [ano (t_c^a)], [$t_c^a = ?$]

(996) *esse mesmo ano*

- a. esse mesmo ano (t_c^a)
- b. [ano (t_c^a)], [$t_c^a = t_{cc}^a$], [ano (t_{cc}^a)], [$t_{cc}^a = ?$]

Em (995) podemos ver que *esse ano* introduz apenas uma condição de tipo predicativo e uma condição de identidade característica das anáforas. Em (996), além destas condições temos uma condição que expressa a relação de identidade existente entre o intervalo de tempo denotado pela TDE e o segundo intervalo de tempo interveniente na sua computação, representado por t_{cc}^a , ou seja, a condição – [$t_c^a = t_{cc}^a$]. A diferença reside na presença desta condição de identidade. É esta condição que expressa a relação que, segundo se propôs acima, deve ser inesperada, isto é, não pode ser logicamente implicada pelo contexto discursivo precedente nem pelo conhecimento dos falantes.

Por fim, repare-se que, se deixarmos o domínio temporal, encontramos contrastes de que se pode dar conta recorrendo a uma versão não-temporal do efeito atribuído a *mesmo*. Atente-se as seguintes frases:

- (997) a. A Ana e a Rita visitaram as nove ilhas dos Açores.
- b.*A Ana e a Rita visitaram as mesmas nove ilhas dos Açores.

- (998) a. O Paulo e a Ana passaram férias na capital italiana.
b. *O Paulo e a Ana passaram férias na mesma capital italiana.

Sendo do conhecimento geral que as ilhas dos Açores são nove e que a Itália tem uma única capital, então se a Ana e a Rita visitaram as nove ilhas dos Açores necessariamente visitaram ambas as mesmas ilhas, e se o Paulo e a Ana passaram férias na capital italiana necessariamente passaram férias na mesma cidade. Tal significa que também aqui não há alternativa à identidade. De acordo com o efeito atribuído a *mesmo*, tal adjectivo não pode ser usado neste contexto. Isto explica a inaceitabilidade das frases (997 b) e (998 b).

8.3. Trabalhos anteriores sobre *mesmo*

Apresento de seguida, e de forma muito sucinta, os aspectos essenciais de dois trabalhos⁵⁷ sobre *mesmo* que incluem propostas distintas da apresentada aqui. Esses trabalhos são Carlson 1987 e Glasbey 1994.

Carlson 1987 concentra-se em exemplos como os apresentados em (999) abaixo:

- (999) a. John and Mary threw the captain overboard.
O John e a Mary atiraram o capitão pela borda fora.
b. John and Mary threw the same captain overboard.
O John e a Mary atiraram o mesmo capitão pela borda fora.

A frase (999 a), sem *mesmo*, é ambígua entre uma leitura grupal – na qual o John e a Mary, agindo em conjunto, atiraram o capitão pela borda fora – e uma leitura distributiva, em que cada um por si atirou o capitão pela borda fora. A frase (999 b), com *mesmo*, tem apenas uma leitura distributiva. A existência de uma leitura grupal não parece ser compatível com a presença de *mesmo*. Repare-se que a leitura grupal supõe a existência de um único evento, ao passo que a leitura distributiva supõe a existência de dois. Segundo o referido autor, o facto de em (999 b) *mesmo* ser legitimado na leitura distributiva dessa frase deve-se à existência nesse caso de dois eventos distintos, ou seja, é a pluralidade de situações que legitima o adjectivo em estudo.

⁵⁷ Outros trabalhos que versam sobre *mesmo* são Alves 1992 e Kamp e Reyle 1993. Por não apresentarem propostas que se possam aplicar aqui, não procedo à sua apresentação.

Glasbey 1994⁵⁸ estuda a interacção de *at the time* e *at the same time* com a estrutura discursiva. A referida autora concentra-se apenas em sequências envolvendo Elaboração – cf. (1000) – e Enquadramento – cf. (1001). Veja-se:

- (1000) a. Emily climbed Ben Nevis.
A Emily escalou o Ben Nevis.
b. *She achieved her ambition at the same time.
*Realizou a sua ambição {ao mesmo tempo / na mesma altura}.
- (1001) a. Emily climbed Ben Nevis.
A Emily escalou o Ben Nevis.
b. *Fiona was a girl at the same time.
*A Fiona era uma rapariga na mesma altura.

Relativamente a estas sequências o que interessa é explicar a inaceitabilidade de (1000 a-b) e de (1001 a-b). Antes de apresentar a sua proposta de explicação é necessário dizer que ela envolve a noção de “time role”, importada da semântica de situações e que pode ser entendida como equivalente aos intervalos de tempo que a DRT extrai, através da função *loc*, das descrições de situações. A sua proposta para explicar a inaceitabilidade de (1000 a-b) situa-se na linha da avançada em Carlson 1987. De acordo com a referida autora, a legitimação de *at the same time* depende da existência de dois “time roles” distintos, o que por sua vez depende da existência de dois eventos conceptualmente distintos. Esses dois eventos não existem em (1000 a-b), caso em que a segunda situação é parte da primeira. Quanto à sequência (1001 a-b), a não legitimação de *at the same time* deve-se também, segundo a autora, à não existência de dois “time roles” distintos. Glasbey considera que uma situação descrita por uma frase que mantém com a frase anterior uma RD de Enquadramento – como no caso em análise – não introduz um “time role”. Como só há um “time role” – o introduzido pela primeira frase da sequência – *same* não é legitimado. Nem Carlson 1987 nem Glasbey 1994 desenvolvem a noção de “eventos distintos”.

Repare-se que, independentemente da dificuldade existente em dar conta formalmente do conceito intuitivo de “eventos distintos” – não é fácil dizer quando é que duas situações são distintas ou são a mesma⁵⁹ – uma proposta de análise com base nesse conceito não consegue dar conta de todos os casos com *mesmo* apresentados na secção 8.2.. Em particular, não permite dar conta dos casos em que *mesmo* umas vezes

⁵⁸ No Capítulo 4, é feita uma apresentação mais pormenorizada desta proposta.

⁵⁹ Veja-se o comentário de Kamp e Reyle 1993: 505-6 acerca desta questão.

bloqueia e outras vezes não uma dada RD, casos estes que não são sequer referidos em Glasbey 1994.

8.4. Conclusões

Mostrou-se, neste capítulo, que para além das de Elaboração e Enquadramento mencionadas em Glasbey 1993 e 1994, os localizadores anafóricos com *mesmo* interagem com outras RD, como, por exemplo, Generalização, Correção, e Narração. Interagem ainda e de forma muito particular com as RD que envolvem nexos causais, ou seja, Resultado e Explicação, já que em alguns casos preservam a sua inferência e noutros bloqueiam-na. Para dar conta dos casos de bloqueio, foi proposto que o significado de *mesmo* é o de assinalar uma identidade temporal inesperada, ou seja, uma identidade temporal para a qual existem alternativas, razão por que esse adjectivo bloqueia as RD em que essas alternativas não existem.

Conclusões principais

O estudo sobre a localização temporal adverbial anafórica levado a cabo na presente dissertação centrou-se em duas grandes questões: a primeira é a da identificação e computação das expressões que intervêm nesse tipo de localização, isto é, os localizadores temporais adverbiais anafóricos (parte II); a segunda é a do funcionamento discursivo dessas expressões, ou seja, a apresentação dos subtipos de anáfora em que os localizadores podem ocorrer e a descrição do modo como interagem com a estrutura discursiva (parte III).

No que respeita à primeira questão, considere-se que existem duas grandes classes de localizadores anafóricos:

- (i) a classe dos que envolvem o processamento de uma anáfora no seu complemento:

nesse ano, nessa altura, no mesmo dia, então;

- (ii) a classe dos que, podendo não conter uma anáfora no seu complemento, dependem de um ponto de perspectiva temporal dado pelo contexto linguístico:

desde 1980, até 2005;

(cf. O Paulo mudou-se para Coimbra em 1999.

{Vivia em Lisboa em 1980/ Ficaria lá até 2005}.)

Concentrei-me sobretudo nos localizadores anafóricos do tipo (i), tendo investigado a estrutura sintáctica e as propriedades semânticas das expressões denotadoras de tempo que podem ocorrer como seu complemento. Essas expressões podem dividir-se em três grupos:

- (i) o das TDE anafóricas absolutas:
nesse ano, nessa altura, então;
- (ii) o das TDE anafóricas relativas a um tempo explicitável:
na véspera desse dia, no dia seguinte a esse;
- (iii) o das TDE anafóricas relativas a um tempo implícito:
havia quinze dias, recentemente;

Foquei de forma particular as expressões do grupo (ii), que envolvem expressões relacionais, como, por exemplo, *véspera*. Vejam-se as seguintes seqüências:

- (1002) a. O Paulo chegou a Lisboa no dia da revolução.
- b. A Ana chegou na *véspera* desse dia.
- c. A Ana chegou na *véspera*.
- d. A Ana chegou na *véspera* desse acontecimento.

A frase (1002 b) exibe o localizador *na véspera desse dia*, no qual o complemento da expressão relacional está lexicalmente realizado, o mesmo não acontecendo em (1002 c). Relativamente a casos como este último, a minha proposta foi a de que a expressão relacional – aqui, *véspera* – tem aí um complemento nulo com propriedades anafóricas, que se pode representar como \emptyset_r – cf. *na véspera* \emptyset_r . De acordo com esta análise, não só são salvaguardadas as propriedades de subcategorização de *véspera* como também pode ser desencadeada – pela presença de uma anáfora – a introdução na representação semântica de uma condição do tipo de [$t^a = ?$]. Fica claro que é a anáfora nula que leva à introdução de um referente discursivo anafórico, já que nenhuma das outras expressões presentes no localizador tem, só por si, propriedades anafóricas. Considerarei ainda que tanto em (1002 c) quanto em (1002 d) o complemento anafórico representa, tal como em (1002 a), um intervalo de tipo *dia*. Tal significa que o processamento de (1002 d) envolve a inferência de um intervalo de tempo desse tipo que inclui a situação que *esse acontecimento* retoma. *Mutatis mutandis*, estas conclusões são válidas para localizadores como *no ano seguinte*, *na semana anterior* etc. A análise proposta para dar conta da estrutura sintáctica destes localizadores tem a grande vantagem de permitir unificar pelo menos dois subtipos de anáfora propostos na literatura: a anáfora relacional e a anáfora substitutiva. Se se aceitar que o localizador *na véspera* integra uma anáfora nula – cf. *na véspera* \emptyset_r –, então a relação entre a anáfora e o seu antecedente é uma relação de substituição idêntica à que existe entre, por exemplo, *segunda-feira* e *esse dia*.

Acerca das TDE de tipo (i), as TDE absolutas, procedi de forma mais detalhada ao estudo das proformas, quer simples quer complexas. Propus que estas expressões se subdividem, mediante um sistema de traços, em:

- (i) proformas [+ locativo, – referencial]:
então, entretanto, aí, lá;
- (ii) proformas [+ locativo, +referencial]:
essa altura, esse tempo.

As primeiras apenas ocorrem em contextos de localização, ao contrário das segundas que podem ser usadas em contexto de mera referência a intervalos de tempo.

Quanto às TDE do tipo (iii), as TDE relativas a um intervalo de tempo implícito, a ideia nova que introduzi neste trabalho relaciona-se com a sua representação semântica. Em vez de as considerar não analisáveis – o que significaria que introduziriam na DRS uma condição do tipo [TDE (t)] irreduzível – considereirei que se poderia reduzir essa condição a outras por forma a dar conta do seu significado. Por exemplo, *recentemente* foi representada como designando um intervalo de tempo que é anterior ao Ponto de Perspectiva Temporal e cuja fronteira final confina com ele.

Acerca da classificação dos localizadores anafóricos com base nas suas propriedades semânticas, propus diversas distinções relevantes para uma semântica descritiva e computacional das expressões em estudo:

- (i) localizadores com conteúdo predicativo *vs.* localizadores sem conteúdo predicativo;
- (ii) localizadores ordenadores *vs.* localizadores de identidade.

Ambas as distinções pertencem primeiramente ao plano das TDE. A primeira dá conta da existência quer de expressões anafóricas com predicados de intervalos de tempo (cf., p. ex., *esse ano*) ou com predicados de quantidade tempo (cf., p. ex., *esses dois anos*) quer de expressões anafóricas sem qualquer conteúdo predicativo (cf. *então*). A segunda diz respeito à oposição entre expressões que identificam um intervalo de tempo através da sua ordenação relativamente a um outro intervalo e expressões que identificam um intervalo por meio de uma relação de identidade com outro intervalo.

Acerca do funcionamento discursivo dos localizadores em estudo – parte III –, desenvolvi três questões principais: a anáfora reconstrutiva situacional, a anáfora reconstrutiva de intervalos a partir de fronteiras temporais e a interação dos localizadores com as relações discursivas.

A anáfora reconstrutiva situacional foi estudada em sequências do tipo da que se segue:

- (1003) O Paulo foi às compras ontem à tarde. {Entretanto / enquanto isso}, a Ana foi lanchar com uma amiga.
- (1004) A Ana viveu em Paris durante seis meses. Durante esse tempo, partilhou um apartamento com o Michel.

As principais conclusões a que cheguei foram as seguintes:

- (i) há localizadores – a que chamei estritamente situacionais – que se especializam neste tipo de anáfora, no que contrastam os estritamente temporais, que nunca podem ocorrer neste contexto, e ainda com os mistos, que ocorrem neste contexto e noutros tipos de anáfora;
- (ii) os localizadores estritamente situacionais são sensíveis à *aktionsart* da situação a partir da qual o antecedente da anáfora é reconstruído;
- (iii) pelo menos alguns casos de comutação aspectual são bloqueados em caso de anáfora, o que considerarei ser uma instância de um princípio mais geral segundo o qual as propriedades internas do antecedente estão “congeladas” na anáfora, podendo ser lidas mas não alteradas.

A anáfora reconstrutiva de intervalos a partir de fronteiras temporais é ilustrada em (1005) e (1006):

- (1005) A escola contratará um novo docente em 2005. Entretanto o Paulo dá as aulas à turma A.
- (1006) O Paulo telefonou-me há um mês. Entretanto fui para fora e não voltei a receber notícias dele.

O seu estudo veio revelar o seguinte:

- (i) a referência a uma situação/intervalo de tempo anterior ao ponto de Perspectiva Temporal ou a referência a uma situação/intervalo de tempo posterior a esse mesmo ponto permite que, no discurso subsequente, se faça apelo, respectivamente, ao intervalo de tempo que medeia entre essa situação/intervalo e o TPpt e ao intervalo que medeia entre o TPpt e essa situação/intervalo; similarmente, a referência a duas situações/intervalos de tempo separados temporalmente permite que se mencione o intervalo que medeia entre essas situações ou intervalos;
- (ii) só alguns localizadores podem ocorrer neste tipo de anáfora e, desses, alguns especializam-se num dos subtipos de anáfora descritos em (i).

Quanto à interação dos localizadores com as relações discursivas considerarei duas questões principais, a da estrutura discursiva e a da interpretação temporal. Relativamente à primeira, e na linha de sugestões dadas na literatura de que alguns localizadores temporais não têm um valor exclusivamente temporal, podendo, por exemplo, veicular também relações de causalidade entre as situações, propus que os localizadores temporais anafóricos interagem de forma sistemática com as relações

entre as situações e com as relações discursivas. Essa interação assume uma das seguintes três formas:

- Compatibilidade – um localizador preserva a inferência de uma relação discursiva que é inferida na sua ausência.

- (1007) a. A Ana teve um furo na segunda-feira. Chegou tarde ao trabalho.
b. A Ana teve um furo na segunda-feira. Chegou tarde ao trabalho nesse dia.

Aqui a relação de causa-efeito entre as situações e a relação discursiva de Resultado que liga os dois períodos não são alteradas pela presença de *esse dia*

- Incompatibilidade – um localizador bloqueia a inferência de uma relação discursiva que é inferida na sua ausência, dando origem a um de dois casos:

◊ Incoerência – não é possível inferir nenhuma outra RD, e o discurso incoerente.

- (1008) a. A Ana esteve em Londres no Verão passado. Ficou hospedada no Hilton.
b. *A Ana esteve em Londres no Verão passado. Entretanto ficou hospedada no Hilton.

A relação mereológica entre as situações é bloqueada por *entretanto*, conduzindo ao bloqueio da RD de Elaboração.

◊ Substituição – a RD bloqueada é substituída por outra compatível com o localizador presente.

- (1009) a. O Paulo teve um grave acidente de automóvel em 1999. Passou a Páscoa no hospital.
b. O Paulo teve um grave acidente de automóvel em 1999. Passou a Páscoa no hospital no mesmo ano.

A presença de *no mesmo ano* em (1009 b) bloqueia a relação de causa-efeito entre as situações inferível em (1009 a). No entanto, o discurso é coerente, já que é possível inferir Continuação. Este caso ilustra ainda o papel dos localizadores temporais na

determinação das relações discursivas, ou seja, mostra que os localizadores temporais não só são sensíveis à estrutura do discurso (revelando compatibilidade ou incompatibilidade com ela), como também a influenciam.

Ainda no âmbito da mesma questão, dei especial atenção aos localizadores com *mesmo*, como *no mesmo ano*, *nesse mesmo ano* ou *na mesma altura*. Para dar conta da interacção destes localizadores com a estrutura discursiva, e como havia sido proposto em Alves e Gómez Txurruka 2001, foi sugerido que *mesmo* assinala uma "identidade inesperada", ou seja, indica que o contexto discursivo inclui alternativas à relação de identidade que esse adjectivo expressa. Sempre que uma RD não é compatível com a existência de alternativas a essa identidade, essa relação é cancelada, gerando-se um caso de substituição ou de incoerência.

A questão da interpretação temporal de sequências com localizadores temporais anafóricos é suscitada por casos como (1010 b) e (1011 b):

- (1010) a. A Ana acabou o curso em 1990. Foi dar aulas para um liceu de Lisboa.
- b. A Ana acabou o curso em 1990. Foi dar aulas para um liceu de Lisboa dois meses mais tarde.
- (1011) a. A Ana levantou-se ao meio-dia no sábado passado. Deitara-se tardíssimo.
- b. A Ana levantou-se ao meio-dia no sábado passado. Deitara-se tardíssimo na véspera.

Com a introdução de localizadores temporais anafóricos em sequências discursivas como (1010 b) e (1011 b), o falante passa a dispor de uma nova fonte de informação para a interpretação temporal, não disponível em (1010 a) e (1011 a). Considerei que em sequências com localizadores, como estas, o falante procede à interpretação temporal recorrendo em paralelo à informação veiculada pelas RD e à expressa pelos localizadores. Mostrei ainda que, em alguns casos, a informação que as RD transmitem é determinante na ordenação temporal das situações:

- (1012) O Bafo de Onça assaltou um banco em 1999. Foi preso na mesma semana.
- (1013) A Ana soube que tinha ganho o concurso na segunda-feira de manhã. Deu saltos de alegria na altura.
- (1014) O Paulo chegou a casa às 10 h. Ligou então a televisão.

No primeiro caso, o localizador *na mesma semana* apenas dá a informação de que as duas situações ocorreram numa mesma semana, não contribuindo em nada para a sua localização relativa. Nos dois últimos casos, os localizadores *na altura* e *então* expressam uma relação de sobreposição entre as situações. A conclusão, comum aos três casos, de que a segunda situação se segue à primeira é extraída através da inferência de Resultado, Reacção e Narração, respectivamente.

Sucintamente, creio que os principais contributos que este trabalho traz para o estudo do tempo são a associação à localização temporal adverbial anafórica de expressões até aqui não mencionadas na literatura a este respeito, a proposta apresentada para o seu tratamento composicional e a descrição da sua interacção com as relações discursivas. Ao concluí-lo, tenho mais do que nunca a consciência de que são mais as questões que ficam por tratar do que aquelas que aqui foram resolvidas. Todavia, por razões de tempo, essas questões terão de ser remetidas para investigação futura.

Referências bibliográficas

- ALVES, Ana Teresa: 1992, *Alguns Aspectos da Semântica das Construções com diferente e mesmo*, tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ALVES, Ana Teresa: 1998, "Sentential Anaphora and Restrictions on Temporal Operators", *New Approaches to Discourse Anaphora: Proceedings of the Second Colloquium on Discourse Anaphora and Anaphor Resolution (DAARC2)*, Lancaster.
- ALVES, Ana Teresa e Isabel Gómez Txurruka: 1999, "Blocking Discourse Relations – Same in Anaphoric Temporal Adverbials", *Actes – Théories sémantiques et pragmatiques: le temps, l'espace et le mouvement, du lexique, au discours et au dialogue*, 6^{ème} Conférence Anuelle sur le Traitement Automatiques des Langues Naturelles, 12-17 Julho de 1999, Córsega, 5-16.
- ALVES, Ana Teresa: no prelo, "On the Semantics and Pragmatics of Situational Anaphoric Temporal Locators in Portuguese and in English", comunicação apresentada à Second International Conference in Contrastive Semantics and Pragmatics (SIC-CSP 2000), Universidade de Cambridge, Inglaterra, Setembro de 2000.
- ALVES, Ana Teresa: 2000, "Sobre a Anáfora Temporal Reconstitutiva", *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2001, pp. 79-90.
- ALVES, Ana Teresa e Isabel Gómez Txurruka: 2001, "The Meaning of same in Anaphoric Temporal Adverbials", *Semantic and Pragmatic Issues in Discourse and Dialogue: Experimenting with Current Dynamic Theories*, Elsevier, Oxford, 147-181.
- ASHER, Nicholas: 1993, *Reference to Abstract Objects in Discourse*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht.
- ASHER, Nicholas, Michel Aurnague, Myriam Bras and Laure Vieu: 1995, "Spatial, Temporal and Spatio-Temporal Locating Adverbials in Discourse", in Pascal Amsili, Mario Borillo and Laure Vieu (eds.), *Workshop Notes of the 5th International Workshop on Time, Space and Movement TSM'95*, 101-119.
- ASHER, Nicholas e Michel Morreau: 1991, Common Sense Entailment: A Model Theory of Nonmonotonic Reasoning, in J. Mylopoulos e R. Reiter (eds.) *Proceedings of the 12th IJCAI*, Morgan Kaufman, Los Altos, 387-392.
- ASHER, Nicholas e Isabel Gómez Txurruka: 1995, *Extending SDRT to Integrate a Theory of the Informational Partition*, San Sebastián, ILCLI Report No. ILCLI-95-LIC-3.
- ASHER, N. and A. Lascarides: 1998, "The Semantics and Pragmatics of Presupposition", *Journal of Semantics*, **15**, Oxford University Press, Oxford, 239-299.
- BARWISE, Jon e John Perry 1983: *Situations and Attitudes*, MIT Press, Cambridge, Massachussets.

- BENNETT, Michael and Barbara Partee: 1978, *Toward the Logic of Tense and Aspect in English*, Indiana University Linguistics Club, Bloomington (revisão de um manuscrito de 1972).
- BORILLO, Andrée: 1983, "Les Adverbes de Reference Temporelle dans la Phrase et dans le Texte", *DRLAV Revue de Linguistique* **29**, 109-131.
- BRAS, Myriam: 1990, *Calcul des Structures Temporelles du Discours*, tese de Ph.D, Université Paul Sabatier de Toulouse.
- BRAS, Myriam, Anne Le Draoulec e Laure Vieu: 2001b, "French Adverbial *Puis* between Temporal Structure and Discourse Structure", *Semantic and Pragmatic Issues in Discourse and Dialogue: Experimenting with Current Dynamic Theories*, Elsevier, Oxford, 109-145.
- BRAS, Myriam, Anne Le Draoulec e Laure Vieu: 2001a, "Temporal Information and Discourse Relations in Narratives: the role of French connectives *puis* and *un peu plus tard*", Workshop Proceedings: Temporal and Spatial Information Processing, 39th Annual Meeting and 10th Conference of the European Chapter of Association for Computational Linguistics, Toulouse, 2001, 49-56.
- CAENEPEEL, Mimo: 1989, Aspect, Temporal Ordering and Perspective in Narrative Fiction, tese de Ph.D, Universidade de Edimburgo.
- CARECHO, Judite: 1996, *Sobre a Semântica das Construções com quando*, tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CARLSON, Greg: 1981, "Aspect and Quantification", in P. J. Tedeschi and A. Zaenen (eds.), *Syntax and Semantics*, vol. 14: *Tense and Aspect*, Academic Press, New York, 31-64.
- CARLSON, Greg: 1987, "Same and Different: Some Consequences for Syntax and Semantics", *Linguistics and Philosophy* **10**, 531-566.
- CUNHA, Celso and Luís Filipe Lindley Cintra: 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- CUESTA, Pilar Vásquez e Maria Albertina Mendes Luz: 1971, *Gramática da Língua Portuguesa*, Tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos, Edições 70, Lisboa, 1980, 3.^a Edição.
- DOWTY, David R.: 1979, *Word Meaning and Montague Grammar*, D. Reidel, Dordrecht.
- DOWTY, David: 1986, "The Effects of Aspectual Class on the Temporal Structure of Discourse: Semantics or Pragmatics?", *Linguistics and Philosophy* **9**, 37-61.
- ERTESHIK-SHIR N. 1997, *The Dynamics of Focus Structure*, Cambridge Studies in Linguistics 84, Cambridge.

- FERREIRA, Aurélio B. H. (1975), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª ed. revista e aumentada, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.
- FraCaS Consortium, The: 1994, "Specification of Linguistic Coverage", FraCaS, A Framework for Computational Semantics, Deliverable D2, March 1994.
- GEACH, Peter T.: 1962, *Reference and Generality*, University of Cornell Press, Ithaca.
- GLASBEY, S. R.: 1992, *'The Same' in Situation Semantics and DRT*, DAI Research Paper No. 588, DAI, Universidade de Edimburgo.
- GLASBEY, S. R.: 1993, "Distinguishing between events and times: some evidence from the semantics of *then*", *Natural Language Semantics* **1**, 285-312.
- GLASBEY, S. R.: 1994, *Event Structure in Natural Language Discourse*, tese de Ph.D., Universidade de Edimburgo.
- GROSZ, Barbara J. e Candace L. Sidner: 1986, "Attention, Intentions and the Structure of Discourse", *Computational Linguistics* **12**, 175-204.
- HEINÄMÄKI, Orvokki: 1974, *Semantics of English Temporal Connectives*, Ph.D. thesis, University of Texas, Austin (reproduced by the Indiana University Linguistics Club, Bloomington, 1978).
- HINRICHS, Erhard: 1981, *Temporale Anaphora im Englischem*, Masters Thesis, Universidade de Tübingen.
- HINRICHS, Erhard 1986, *Tempora Anaphora in Discourses of English Linguistics and Philosophy* **9**, 63-82.
- HITZEMAN, Janet: 1993, *Temporal Adverbials and the Syntax-Semantics Interface*, Ph.D. thesis, University of Rochester, Rochester, New York.
- HITZEMAN, Janet: 1997, "Semantic Partition and the Ambiguity of Sentences Containing Temporal Adverbials", *Natural Language Semantics* **5**, 87-100.
- HOBBS, Jerry: 1985, "On the Coherence and Structure of Discourse", Report No. CSLI-85-7, Center for the Study of Language and Information, Universidade de Salford.
- HOBBS, Jerry: 1979, "Coherence and Coreference", *Cognitive Science* **3**, 67-90.
- HOEKSEMA, J.: 1984, *Categorial Morphology*, tese de Ph.D., Universidade de Groningen
- KAMP, Hans: 1981, "A Theory of Truth and Semantic Representation", in Jeroen Groenendijk, T. Jansenn and Martin Stokhof (eds.), *Formal Methods in the Study of Language*, Mathematical Centre, Amsterdam (reprinted in Jeroen Groenendijk, T. Jansenn and Martin Stokhof (eds.), *Truth, Interpretation and Information*, Foris, Dordrecht, 1984).
- KAMP, Hans and Uwe Reyle: 1993, *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Kluwer, Dordrecht.

- KAMP, Hans and Christian Rohrer: 1983, "Tense in Texts", in Rainer Bäuerle, Christoph Schwarze and Arnim von Stechow (eds.), *Meaning, Use, and Interpretation of Language*; Walter de Gruyter, Berlin/New York, 250-269.
- KAMP, Hans and Michael Schiehlen: 1998, "Semantics of Some Temporal Expressions", Institut für Maschinelle Sprachverarbeitung, University of Stuttgart, *ms.*
- LASCARIDES, Alex and Jon Oberlander: 1993, "Temporal Coherence and Defeasible Knowledge", *Theoretical Linguistics* 19, 1-37.
- LASCARIDES, Alex e Nicholas Asher: 1993, "Temporal Interpretation, Discourse Relations and Common Sense Entailment", *Linguistic and Philosophy* 16, 437-493.
- LASCARIDES, Alex e Nicholas Asher: 1991, "Discourse Relations and Defeasible Knowledge", *Proceedings of the 29th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics*, Universidade da Califórnia, 1991, 55-62.
- MACHADO, José Pedro (coord.): 1991, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Publicações Alfa, Lisboa
- MANN, W. and S. Thompson: 1987, "Rhetorical Structure Theory: a Theory of Text Organization", ISI REprint Series: ISI-RS-87-190.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Brito, Inês Duarte and Isabel Faria: 1989, *Gramática da Língua Portuguesa*, 2nd edition, Editorial Caminho, Lisboa.
- McCAWLEY, James D.: 1971, "Tense and Time Reference in English" in C. Fillmore e T. Langendoen (eds.), *Studies in Linguistic Semantics*, Holt, Rinehart and Winston, Nova Iorque, 96-113.
- MOENS, Marc: 1987, *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Ph.D. thesis, University of Edinburgh (reproduced by the Centre for Cognitive Science, University of Edinburgh).
- MOENS, Marc and Mark Steedman: 1988, "Temporal Ontology and Temporal Reference", *Computational Linguistics* 14.2, 15-28.
- MÓIA, Telmo: 2002, "Subdomínios de Significação Associados ao Tempo, Uma Panorâmica Geral", (versão *draft*), *ms.*, a publicar em *Miscelânea Mateus, Livro de Homenagem à Prof.^a Maria Helena Mira Mateus*.
- MÓIA, Telmo: 2000, *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*, tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MÓIA, Telmo: 1997, "On the Expression of Duration and Temporal Location through Adverbials Containing Predicates of Amounts of Time", *Proceedings of the XVIth International Congress of Linguists* (Paris, Julho 1997), Elsevier Science, 1998.

- MÓIA, Telmo: 1998, "On the Semantics of Temporal Operators Expressing Anteriority and Posteriority", presented at the Conference *The Syntax and Semantics of Tense and Mood Selection*, University of Bergamo, Italy, July 1998 (to be published).
- MOLINÈS, Frédérique: 1989, *Acceptabilité et Acceptation des Adverbiaux de Localisation Temporelle: Grammaire ou Dictionnaire*, Mémoire de DEA en Sciences du Langage, Université de Toulouse Le Mirail.
- MOURELATOS, Alexander: 1978, "Events, Processes and States", *Linguistics and Philosophy* 2, 415-434.
- OLIVEIRA, Fátima: 1986, "Algumas Considerações sobre o Pretérito Imperfeito", in *Actas do 2.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 78-96.
- OLIVEIRA, Fátima and Ana Cristina Lopes: 1995, "Tense and Aspect in Portuguese", in Rolf Thieroff (ed.), *Tense Systems in European Languages II*, Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 95-115.
- OLMAN, Linda: 1998, Evidence for Iconicity: The Instance Relation in Informational Exposition. Tese de Mestrado, Universidade do Texas em Austin.
- PARTEE, Barbara: 1973, "Some Structural Analogies between Tenses and Pronouns in English", *The Journal of Philosophy* LXX-18, 601-609.
- PARTEE, Barbara: 1984, "Nominal and Temporal Anaphora", *Linguistics and Philosophy* 7, 243-286.
- PERES, João Andrade: 1993, "Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese (First Draft)", *Cadernos de Semântica* 14, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PERES, João Andrade: 1995, "Reconsidering Perfectives in DRT or Being Fair to the Past Participle", paper presented at the Conference on (Preferably) Non-Lexical Semantics, Université de Paris VII, June 19-22, 1996, *Cadernos de Semântica* 19, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PERES, João Andrade: 1996, Notas de curso da disciplina de Semântica III, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996-1997, ms.
- PERES, João Andrade: 1998, "Elementos sobre a Semântica do Tempo em Português", in Peres, João A. (org.), *Representação Semântica e Inferência – Tempo e Conexões Discursivas* (PCSH/C/LIN/936/95). *Materiais sobre Tempo e Modo* (deliverable Fase 2 / M-1), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- POLANYI, Livia: 1988, "A Formal Model of the Structure of Discourse", *Journal of Pragmatics* 12, 601-638.
- REICHENBACH, Hans: 1947, *Elements of Symbolic Logic*, Macmillan, New York.

- SANDSTRÖM, Görel: 1993, *When-clauses and the temporal interpretation of narrative discourse*, tese de Ph.D., Universidade de Umeå.
- SCHA, Remko: 1981, "Distributive, Collective and Cumulative Quantification", in Jeroen Groenendijk, T. Jansenn and Martin Stokhof (eds.), *Formal Methods in the Study of Language*, Mathematical Centre, Amsterdam, 483-512.
- SCHANK, R. C. e R. Abelson: 1977, *Scripts, Plans, Goals and Understanding*, Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, New Jersey.
- SMITH, Carlota: 1991, *The Parameter of Aspect*, Kluwer, Dordrecht.
- SMITH, Carlota: 1980, "Temporal Structure in Discourse" in *Time, Tense and Quantifiers*, Niemeyer, Tübingen, 355-374.
- SPEJEWSKI, Beverly: 1994, *Temporal Subordination in Discourse*, tese de Ph.D., Universidade de Rochester.
- SWART, Henriëtte de e Henk Verkuyl: 1999, *Tense and Aspect in Sentence and Discourse*, material de apoio ao seminário sobre tempo e aspecto dado entre 9 e 13 de Agosto de 1999 no âmbito da European Summer School in Logic, Language and Information.
- SWART, Henriëtte de: 1994, Position and meaning: time adverbials in context. Ms., Junho de 1994.
- SWART, Henriëtte de: 1993, *Adverbs of Quantification. A Generalized Quantifier Approach*, Garland Publishing, Inc., New York/London (originally published as the author's doctoral thesis, Rijksuniversiteit Groningen, 1991).
- SWART, Henriëtte de: 1998, "Aspect Shift and Coercion", *Natural Language and Linguistic Theory* 16, 347-385.
- TER MEULEN, Alice: 1983, "The Representation of Time in Natural Language", in Alice ter Meulen (ed.), *Studies in Modeltheoretic Semantics*, Foris, Dordrecht, 177-191.
- VENDLER, Zenon: 1967, *Linguistics in Philosophy*, Cornell University Press, Ithaca, New York.
- VERKUYL, Henk: 1972, *On the Compositional Nature of the Aspects*, Ph.D. thesis, University of Utrecht (publicado por D. Reidel, Dordrecht).
- VERKUYL, Henk: 1993, *A Theory of Aspectuality. The Interaction between Temporal and Atemporal Structure*, Cambridge University Press, Cambridge.
- VLACH, Frank: 1993, "Temporal Adverbials, Tenses and the Perfect", *Linguistics and Philosophy* 16, 231-283.
- WEBBER, Bonnie Lynn: 1991, Structure and Ostension in the Interpretation of Discourse Deixis, *Language and Cognitive Processes* 6, 107-135.